DEUSES DO EGITO – LIVRO I
COLLEEN HOUCK
AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE
O DESPERTAR DO PRÍNCIPE
ARQUEIRO

O DESPERTAR DO PRÍNCIPE

O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

DEUSES DO EGITO – LIVRO I

COLLEEN HOUCK

O DESPERTAR DO PRÍNCIPE

ARQUEIRO

Para Bill, meu pai, que nos deixou cedo demais

O vinho do amor

Antigo poema egípcio de amor

Ah! Quando minha dama chega
E com amor eu a enlaço
Tomo-a junto a meu coração pulsante
E a envolvo em meus braços;
Meu coração se enche de alegria divina
Pois eu sou dela e ela é minha.
Ah! Quando seus suaves abraços
Completam minha ternura,
Os perfumes da Arábia
Me ungem com sua doçura;
E, quando seus lábios estão aos meus colados,
O vinho dispenso, de tão embriagado.

PARTE I

Na grandiosa cidade de Itjtawy, o ar denso e pesado refletia a disposição dos homens presentes no templo, sobretudo a expressão do rei e o terrível fardo que lhe oprimia o coração. Em pé atrás de uma pilastra, observando as pessoas reunidas, o rei Heru ponderava se a resposta que seus conselheiros e sacerdotes tinham lhe dado significava a salvação de seu povo ou, pelo contrário, sua total destruição.

Mesmo que a oferenda tivesse sucesso, o povo com certeza sofreria uma perda aterradora, e para ele, pessoalmente, não haveria recuperação possível.

Apesar do calor escaldante do dia, ele tremia na sombra do templo, com certeza um mau presságio. Preocupado, correu uma das mãos pela cabeça raspada e largou a cortina. Para acalmar os nervos, começou a andar de um lado para outro do tablado liso e encerado do templo e a avaliar suas alternativas.

Heru sabia que, mesmo desafiando as exigências propostas, precisava de alguma ação drástica para apaziguar o temível deus Seth. Se ao menos houvesse alguma escapatória, pensou. Submeter a proposta ao povo era algo que nenhum rei jamais tinha feito.

Um rei ocupava sua posição justamente porque era seu direito, e dever, prover as necessidades de seu povo, e um rei incapaz de tomar uma decisão sensata, por mais difícil que fosse, era um forte candidato à deposição. Heru sabia que, se deixasse a população decidir, estaria se revelando um fraco, um covarde, mas mesmo assim não via outra saída que lhe permitisse viver com as consequências.

Vinte anos antes da época do rei Heru, todo o povo do Egito sofria. Anos de uma seca terrível, tornados ainda mais difíceis por devastadoras tempestades de areia e pestes, haviam quase destruído a civilização. Saqueadores e velhos inimigos aproveitaram-se da fraqueza do Egito. Vários dos povoados mais antigos tinham sido inteiramente dizimados.

Em um ato de desespero, o rei Heru convidou os líderes das principais cidades que haviam sobrevivido a visitá-lo em sua casa. O rei Khalfani, de Asyut, e o rei Nassor, de Waset, concordaram em se reunir por uma semana, e os três, junto com seus sacerdotes mais poderosos, desapareceram atrás de portas fechadas.

O resultado desse encontro foi uma decisão que desestabilizou o equilíbrio no panteão dos deuses. Cada cidade venerava um deus distinto: os moradores de Asyut, que abrigava os mais famosos mágicos, cultuavam Anúbis; os de Waset, conhecida pela tecelagem e pela construção de navios, Khonsu; e os súditos do rei Heru, versados em cerâmica e na arte de esculpir a pedra, veneravam Amon-Rá e seu filho Hórus. Os reis foram convencidos por seus sacerdotes

de que seus padroeiros os haviam abandonado e que deveriam se reunir e fazer oferendas para apaziguar um novo deus – Seth –, o deus obscuro, de modo a garantir a segurança e o bem-estar do povo.

E assim os reis fizeram. Naquele ano, as chuvas foram abundantes. O Nilo transbordou de suas margens e criou terras férteis para o plantio. Os rebanhos prosperaram e se multiplicaram por três. No ano seguinte, mulheres deram à luz mais bebês saudáveis do que jamais se tivera registro. Mais espantoso ainda foi quando as rainhas das três cidades, as mais loquazes opositoras da troca de divindade, acalmaram-se ao descobrir que elas também haviam concebido.

Quando cada uma das três rainhas deu a seu marido um filho cheio de saúde, elas reconheceram as bênçãos recebidas, sobretudo a esposa de Heru, que nunca tivera filhos e já passara havia muito da idade fértil. Embora em seus corações as novas mães ainda prestassem homenagem aos deuses de antigamente, concordaram que, dali em diante, nunca mais falariam mal do deus obscuro. O povo se regozijou.

O povo prosperou.

Os três reis choraram de gratidão.

Em uma era de paz e harmonia, os filhos das três rainhas foram criados como irmãos, na esperança de que um dia pudessem unir o Egito inteiro sob um único líder. O culto a Seth se tornou a norma, e os templos antigos foram praticamente abandonados.

Os filhos consideravam os três reis como pai, e as três rainhas como mãe. Os reis os amavam. Seu povo os amava. Eles eram a esperança no futuro, e nada podia separar os três.

Agora, mesmo agora, no dia mais sombrio da vida de seus pais, os três rapazes estavam ali, juntos, à espera do anúncio surpresa que os reis fariam.

Em poucos instantes, os três governantes iriam pedir o impensável. Um favor que nenhum rei, nenhum pai deveria pedir ao filho. Aquilo fazia o sangue de Heru gelar e o assombrava com imagens infernais de que o seu coração, ao ter o peso comparado com o da pena da verdade no dia do juízo final, seria considerado indigno.

Os três reis saíram à luz ofuscante do sol que se refletia nas pedras brancas do templo. Heru ficou no meio enquanto os dois outros o ladeavam. Ele não só era o mais alto dos três como também o orador mais eloquente. Erguendo as mãos, começou:

– Meu povo, e visitantes de nossas muito amadas cidades rio acima, como todos sabem, nós, seus reis, estávamos reunidos com nossos sacerdotes para determinar por que motivo o rio, que nos últimos vinte anos banhou nossas margens tão gentilmente, não prospera como deveria nesta estação tão importante. Segundo Runihura, nosso principal sacerdote, o deus Seth, que temos venerado com tanto fervor nos últimos anos, exige agora um novo sacrifício.

O filho do rei Heru deu um passo à frente.

– Sacrificaremos o que o senhor julgar necessário, pai – disse ele.

O rei ergueu a mão para fazer o filho calar e lhe dirigiu um sorriso triste antes de se virar novamente para a multidão.

– O que Seth está nos pedindo em sacrifício este ano não é um touro de boa estirpe, nem sacos de cereais, tecidos nobres ou mesmo nossos frutos de melhor qualidade. – Fez uma pausa e esperou o povo se aquietar. – Não. Segundo Runihura, Seth nos deu muito, e em troca de tudo que recebemos devemos oferecer aquilo que nos é mais precioso.

Após uma breve pausa, concluiu:

– O deus Seth exige que três jovens de sangue real sejam sacrificados a ele para lhe servir eternamente na vida após a morte. – Heru suspirou pesadamente. – Caso contrário, ele jura que fará chover destruição sobre todo o Egito.

Templo das Musas

– Quinze e cinquenta – cobrou o taxista com um sotaque carregado.

– Aceita cartão de crédito? – perguntei educadamente.

– Não. Nada de cartão.

Com um leve sorriso para os olhos encimados por grossas sobrancelhas que me encaravam pelo retrovisor, peguei a carteira. Por mais vezes que já houvesse andado nos táxis de Nova York, ainda não tinha me acostumado com o comportamento dos taxistas; aquilo me irritava sempre. Mas era aturar isso ou o motorista particular da minha família, que me seguiria por toda parte e informaria meus pais sobre todos os meus movimentos. No final das contas, eu preferia mil vezes a independência.

Entreguei uma nota de vinte ao taxista e abri a porta. Quase no mesmo instante, ele arrancou a toda, o que me obrigou a fazer um esforço para manter o equilíbrio ao mesmo tempo que tossia em meio à nuvem de fumaça cinza do cano de descarga que ele deixou em seu rastro.

– Idiota – resmunguei, enquanto alisava a calça capri e me abaixava para ajeitar a tira da sandália de couro italiana.

– Precisa de ajuda, moça? – perguntou um jovem que passava.

Eu me aprumei e o olhei de cima a baixo. O jeans comprado em loja de departamentos, a camiseta com os dizeres EU ❤ NOVA YORK e a aparência meio desleixada de rapaz comum me fizeram saber na hora que ele não era da cidade. Nenhum nova-iorquino que se prezava, pelo menos que eu conhecesse, usaria uma camiseta daquelas. Ele não era feio, mas, quando levei em conta sua estadia provavelmente temporária na cidade, aliada ao fato de que ele certamente não seria aprovado pelos meus pais, concluí que prolongar aquele diálogo seria perda de tempo. Ele não era o meu tipo.

Eu ainda não havia descoberto exatamente qual era o meu tipo, mas imaginava que fosse saber quando o encontrasse.

– Não, obrigada. – Sorri. – Está tudo bem.

Com passo decidido, andei na direção da escadaria do Metropolitan Museum of Art, o Met. As meninas da minha escola me achariam uma idiota por deixar passar um gatinho/namorado em potencial – ou, no pior dos casos, uma distração divertida.

Era mais fácil não fazer nenhuma promessa que eu não planejasse cumprir, principalmente para alguém que não preenchia nenhum dos meus pré-requisitos do cara perfeito. A lista ainda não estava completa, mas eu a vinha aumentando desde a idade em que começara a me interessar por meninos. Acima de tudo, era cuidadosa e ponderada nas minhas escolhas.

Embora eu fosse muito exigente, usasse só roupas de grife e o valor da minha mesada fosse maior do que tudo que a maioria das pessoas da minha idade ganhava em um ano, eu estava longe de ser esnobe. Meus pais tinham determinadas expectativas em relação a mim, e o dinheiro era usado como um meio de torná-las realidade. Aprendi que a imagem que alguém exibe, embora não seja cem por cento precisa, indica o tipo de pessoa que ela é. Apesar de meus esforços para encontrar provas de que nem sempre era esse o caso, entre os jovens com quem eu estudava e saía isso em geral se confirmava.

Meu pai, advogado bem-sucedido na área de finanças internacionais, sempre dizia que "Os banqueiros confiam primeiro no terno, depois no homem", sua versão de "Vista-se para o sucesso". Ele e minha mãe – que passava a maior parte do tempo em uma sala no arranha-céu onde funcionava um dos maiores grupos de mídia da cidade, ditando ordens para sua assistente – haviam me ensinado que imagem é tudo.

Eles quase sempre me deixavam em paz, contanto que eu fizesse o que esperavam de mim, o que incluía, entre outras coisas, comparecer a diversos eventos, me apresentar como filha amorosa e só tirar nota 10 no meu colégio particular para moças. E, é claro, não namorar o tipo errado de rapaz, regra que eu conseguia cumprir não namorando ninguém. Em troca, eu recebia uma generosa mesada e liberdade para explorar Nova York, algo que eu valorizava muito, sobretudo naquele dia, o primeiro das férias de primavera.

O Met era um dos meus esconderijos preferidos. Além de meus pais aprovarem a instituição, uma vantagem clara, o museu era um ótimo lugar para observar pessoas. Eu não tinha certeza ainda do que queria para o meu futuro, mas precisaria decidir naquela semana. Já havia sido aceita em várias universidades aprovadas pelos meus pais. Eles – que detestavam ser chamados de mamãe e papai – queriam que eu me formasse em algo que lhes desse orgulho, como medicina, administração ou ciência política, mas nada disso me interessava.

O que eu gostava mesmo era de estudar gente. Pessoas do passado, como aquelas sobre as quais eu aprendia no Met, ou simplesmente as pessoas nas ruas de Nova York. Na verdade, eu tinha um caderninho cheio de anotações sobre os homens e mulheres mais interessantes que via.

Só não fazia ideia de como transformar em carreira esse hobby, que eu mesma reconhecia ser meio estranho. Meus pais jamais aceitariam que eu virasse psicóloga, sobretudo por acharem que as pessoas deviam zelar pela própria saúde mental e superar, com a simples força de vontade, qualquer obstáculo que tivessem pela frente. Conviver com

gente que consideravam estar abaixo do meu nível não era algo que eles incentivassem, mas, apesar disso, psicóloga era a carreira que fazia mais sentido para mim.

Sempre que eu pensava no futuro, meus pais me vinham à mente. O que eles haviam planejado vivia martelando a minha consciência, e se eu cogitasse me desviar de seus planos, por uma fração de segundo que fosse, ficava cheia de culpa, o que acabava sufocando e matando qualquer sementinha de rebelião.

Uma dessas sementes era a localização das universidades às quais eu iria me candidatar. Tecnicamente não se tratava de uma insubordinação, pois eles sabiam. Eu podia me inscrever nas instituições que me interessassem, contanto que mandasse também a documentação para aquelas que meus pais preferiam. É claro que eles ficaram radiantes quando fui aceita em todas, mas não restava dúvida de que estavam me empurrando em certa direção.

Agora as férias de primavera do meu último ano de ensino médio tinham finalmente chegado. Era uma época que a maioria dos adolescentes adorava, mas que eu via com grande apreensão. Se ao menos eu não tivesse que decidir tudo agora... Minha mãe e meu pai tinham me dado até o fim da semana para escolher a universidade na qual iria estudar e a carreira que iria seguir. Começar em um lugar e resolver depois não era uma alternativa.

Parei no balcão, mostrei minha carteira de sócia vitalícia e passei depressa pelas cordas que demarcavam a entrada do museu.

– Olá, senhorita Young – disse o velho guarda com um sorriso. – Veio passar o dia?

Fiz que não com a cabeça.

– Só metade, Bernie. Vou almoçar com as garotas.

– Quer que eu fique de olho para avisar quando elas chegarem?

– Não precisa.

– Certo – disse ele, recolocando a corda no lugar atrás de mim e voltando para ajudar com a fila de visitantes.

Decididamente, havia algumas vantagens em ter pais que faziam doações anuais para o Met. Como eu era filha única, tinha a sorte de poder aproveitar os "benefícios" integrais de suas doações financeiras, de seu conhecimento e de sua experiência. E eles eram amorosos também, se o amor fosse definido como uma rígida fachada de orgulho e aprovação. Mas eu frequentemente me sentia sozinha, e às vezes encurralada.

Sempre que começava a achar que precisava estar com uma mulher realmente maternal com quem pudesse assar biscoitos, pedia para visitar minha avó paterna, que morava em uma pequena fazenda em Iowa e para quem meus pais telefonavam religiosamente de dois em dois meses. Eles a visitavam uma vez por ano, mas ficavam hospedados em uma cidade próxima, trabalhando a distância, enquanto eu dormia na fazenda com ela.

Falando em avós, no banco à minha frente estava sentada uma mulher mais velha de ar muito interessante, admirando uma das minhas fotos preferidas: *Ela nunca confessou seu amor*, de Henry Peach Robinson. A obra era controversa. Segundo os críticos, era indecente

e indelicado fotografar uma mulher à beira da morte, mas eu achava aquela fotografia dramática e romântica. Diziam que o fotógrafo estava tentando ilustrar uma cena de *Noite de reis*, de Shakespeare. Eu sabia de cor a citação que figurava na descrição da foto:

ELA NUNCA CONFESSOU SEU AMOR,
MAS DEIXOU QUE O SEGREDO,
QUAL VERME EM UM BOTÃO DE FLOR,
DEVORASSE SUA FACE ROSADA.
NOITE DE REIS, 2.4.110-112

Tuberculose. Supostamente era disso que a mulher na foto estava morrendo. Eu achava adequado. Morrer de um coração partido devia ser como uma espécie de tuberculose. Eu imaginava que fosse uma dor sufocante, que envolvia a pessoa como uma sucuri e ia apertando, apertando, esmagando o corpo até não restar nada além de uma casca seca.

Por mais fascínio que a foto me despertasse, eu estava ainda mais fascinada pela mulher que a observava. As bochechas flácidas pendiam, assim como o corpo pesado. Fios grisalhos sem vida soltavam-se de um coque malfeito. Ela segurava uma bengala gasta, o que significava que era muito usada, e trajava um vestido de estampa florida que parecia da década de 1970. Tinha os pés plantados no chão, afastados, calçados com tênis de solado grosso e fecho de velcro. Inclinada para a frente, com as mãos pousadas no alto da bengala e o queixo apoiado nas mãos, estudava a foto.

Passei quase uma hora sentada a certa distância, observando-a e fazendo um esboço da sua silhueta no meu caderno. Em determinado momento, uma lágrima escorreu por seu rosto e ela finalmente se moveu, remexendo em uma gigantesca bolsa de crochê para pegar um lenço de papel. *O que a teria feito chorar?*, me perguntei. Será que ela também havia perdido um amor no passado? Alguém a quem jamais revelara seus sentimentos? As possibilidades e perguntas giravam na minha cabeça enquanto eu ajeitava a mochila e percorria a galeria, fazendo as sandálias estalarem no piso de mármore. Vi um segurança conhecido e parei.

– Oi, Tony.

– Tudo bem, senhorita Young?

– Tudo. Escute, preciso fazer um trabalho importante. Tem algum lugar mais tranquilo por aqui, onde eu possa ficar sossegada antes de encontrar minhas amigas para o almoço? As pessoas me distraem muito.

– Hum. – Tony esfregou o queixo e escutei o barulho áspero de lixa, indício de que ele não fizera a barba de manhã. – A seção egípcia está interditada – disse ele. – Estão instalando umas peças novas. Mas acho que hoje não vai ter ninguém trabalhando lá. A chefona está em um seminário, e nada neste museu acontece sem ela.

– Você acha que eu poderia ficar lá? Prometo que não toco em nada. Só preciso de um

lugar tranquilo.

Depois de pensar um pouco, com a testa franzida, as sobrancelhas de Tony se afastaram e ele disse:

– Tudo bem. Mas tome muito cuidado. Não deixe os visitantes verem você lá, senão vão querer entrar também.

– Obrigada, Tony.

– De nada. Venha falar comigo de novo quando tiver um tempinho.

– Claro – respondi e comecei a andar na direção da saída das exposições temporárias. De repente, parei e me virei. – Tony, tem uma senhora na seção de fotografias. Pode ir dar uma olhada nela daqui a pouquinho? Faz tempo que ela está lá.

– Pode deixar, senhorita Lilliana.

– Tchau.

Passei depressa pela parede com fotos e desci a escada até o andar principal. A seção de arte medieval e a sala dos claustros, cheia de tapeçarias, estátuas, relevos, espadas, crucifixos e joias, conduziam à loja do museu e depois, finalmente, à seção egípcia.

Quando não havia ninguém olhando, passei por baixo da corda de tecido. Apesar do ar condicionado, a poeira milenar tinha um cheiro forte o suficiente para se destacar. Talvez a reforma recente daquele setor tivesse liberado séculos de poeira no ar, criando o efeito de coisas antigas novamente despertadas para a vida.

As luzes do teto estavam desligadas, mas o sol entrava pelas grandes janelas e iluminava os objetos expostos enquanto eu avançava. Eram dezenas de milhares de artefatos abrigados em quase quarenta salas, organizados em ordem cronológica. Senti-me à deriva em um oceano negro de história, cercada por pequenas caixas de vidro que ofereciam vislumbres desbotados de tempos antigos.

Vitrines com estojos de cosméticos, vasos canópicos, estátuas de deuses e deusas, papiros funerários e blocos esculpidos retirados de templos – cada objeto reluzindo com sua respectiva história secreta – chamavam minha atenção. Era como se os artefatos estivessem apenas esperando alguém aparecer e, com um sopro, remover a poeira de arenito que cobria sua superfície.

Um pássaro reluzente atraiu meu olhar. Era a primeira vez que o via, e me perguntei se ele fazia parte da nova exposição ou se estava apenas sendo exibido por rodízio. A imagem, um lindo falcão dourado que representava o deus egípcio Hórus, chamava-se *Hórus, o Dourado*.

Após encontrar um cantinho confortável e suficientemente iluminado para que eu conseguisse enxergar, sentei-me com as costas apoiadas na parede e abri meu caderno em uma página em branco para listar todos os possíveis cursos e combinações de disciplinas básicas/optativas que meus pais aprovariam. Estava tentando encaixar minhas três primeiras opções nas universidades de sua preferência quando ouvi algo ser arranhado.

Perguntando-me se algum visitante teria me seguido, agucei os ouvidos por alguns

minutos. Nada. Aquela ala do museu estava silenciosa como uma tumba. Rindo de meu próprio clichê idiota, voltei às anotações e estudei o lustroso folheto de uma das universidades.

Antes de conseguir passar da primeira página, ouvi um baque, seguido pelo mesmo ruído de algo sendo arranhado. Embora me considerasse uma pessoa racional, que não se assustava com facilidade, um arrepio desceu do meu couro cabeludo e percorreu a espinha, como se dedos gelados estivessem acariciando minhas vértebras.

Pousei o lápis e o caderno com cuidado, tentando não fazer nenhum barulho, e me pus a escutar, cada vez mais tensa, os ruídos de algo arranhando e esfregando e os grunhidos distintamente não humanos vindos do outro lado da parede. Com certeza havia alguém ou algo ali. Invoquei meu lado racional para afastar o medo e pensei que talvez os sons estivessem sendo produzidos por algum animal.

Um gemido sinistro fez minhas mãos tremerem, e a visão de meus dedos trêmulos me deu coragem. Eu estava sendo uma boba.

– Oi? – arrisquei baixinho. – Tem alguém aí?

Fiquei de pé e avancei alguns passos. Os barulhos cessaram de repente e meu coração gelou. Alguém estava se escondendo? Um funcionário do museu teria me respondido.

Engoli em seco, trêmula, e dobrei a esquina, mas deparei apenas com uma cortina de plástico. *Deve ser esta a parte que eles estão reformando*, pensei. Estava escuro demais para distinguir qualquer silhueta do outro lado, de modo que fiquei ali parada por um minuto inteiro, tomando coragem.

Corri os dedos pelo plástico grosso até achar uma abertura e arquejei quando vi uma figura me encarando a poucos centímetros de onde eu estava. Mas a moça assustada que segurava a cortina de plástico era apenas eu mesma: longos cabelos castanhos levemente ondulados e bem cuidados, pele clara, blusa branca de grife agora suja de poeira. Sim, era eu. A placa abaixo do grande artefato dizia ESPELHO DE COBRE ANTIGO. Balancei a cabeça enquanto tentava discernir o que mais havia naquela sala.

O piso encerado estava protegido por um pano grosso coberto de serragem e várias tábuas cortadas em diversos formatos espalhavam-se sem ordem pelo chão. Usei uma delas para sustentar a cortina de plástico e deixar entrar um pouco de luz, e avancei mais para dentro da sala.

Formas e estátuas escuras ocupavam prateleiras improvisadas e caixotes empilhados bloqueavam todos os caminhos. Sabendo que aquele lote de objetos era recente, racionalizei o barulho que havia escutado: devia ser um rato que havia fixado residência dentro de uma das caixas. Isso explicaria o silêncio desde que eu entrara na sala.

Não vi nada que parecesse estranho em um museu. Uma caixa de ferramentas aqui, uma serra circular ali. Caixotes abertos cheios de tesouros egípcios acomodados sobre palha. Cumprindo o que havia prometido, não toquei em nada, e percorri o espaço com cuidado e

em silêncio até meu olhar ser atraído por uma luz dourada atrás de algumas caixas. Deixei escapar um leve arquejo ao deparar com um imenso sarcófago.

A tampa, pousada de viés sobre a metade inferior do caixão, era esplendorosa. Enquanto eu me concentrava em todos os pequenos detalhes – o belo rosto em relevo, com pedras verdes polidas no lugar dos olhos, o cetro e o açoite dispostos em cruz diante do peito, o acabamento em ouro que indicava se tratar de alguém importante –, meus dedos coçavam para pegar o lápis e o caderno.

Percebi de imediato os padrões com o número três: três pássaros, três deuses, três pares de asas, três braçadeiras. Perguntei-me o que isso significaria e comecei a inventar explicações possíveis ao mesmo tempo que seguia explorando. A etiqueta pregada no caixote do mesmo tamanho do sarcófago ali perto dizia:

MÚMIA DESCONHECIDA

ENCONTRADA EM 1989

VALE DOS REIS

EGITO

Apesar do meu fascínio com a futura exposição, não percebi nada fora do normal. Não vi nenhum rabo nem cocô de rato. Nenhum camundongo escondido num canto guinchou. Não vi nenhum ladrão de túmulos nem múmia amaldiçoada. Nem mesmo funcionários do museu.

Ao me virar para ir embora, olhei para baixo e de repente percebi duas coisas: primeiro, que o sarcófago cheio de palha não continha nenhuma múmia; segundo, que a serragem exibia outro conjunto de pegadas além das minhas, pegadas deixadas por pés descalços e que *se afastavam* do sarcófago.

Fui tomada por uma intensa curiosidade. Ignorando minhas reservas, comecei a seguir as pegadas, que me conduziram por um caminho entre caixas e caixotes até eu chegar a um ponto de onde não podia mais passar. Nenhuma música de suspense de cinema começou a tocar. Nenhum fedor rançoso de putrefação ou morte agrediu minhas narinas. Nenhum monstro sinistro me espiava da escuridão.

Reconhecendo que havia me deixado levar pela imaginação, comecei a voltar na direção da cortina de plástico. Estava passando pelo espelho de cobre quando a mão surgiu da escuridão e agarrou meu braço. Meu grito sufocado ecoou, as notas agudas reverberando nas relíquias. Os deuses dourados nas estátuas de pedra, porém, mantinham os olhos gélidos focados à frente, tão imóveis e mortos quanto tudo à sua volta.

Um estranho em terra estrangeira

A mão, que estava bem quente e sem antigas ataduras de múmia, me soltou no instante em que gritei. Passei correndo pela cortina de plástico e virei a esquina para pegar a lata de spray de pimenta que sempre carregava na bolsa. Fiquei parada, com a lata apontada e o dedo na válvula, enquanto os pés descalços que despontavam por baixo da cortina tornavam a mergulhar na escuridão.

O barulho de algo sendo remexido logo se tornou evidente quando a pessoa misteriosa começou a abrir caixas. Alguma coisa, mais provavelmente uma caixa, desabou no chão, e um estalo metálico indicou que um tipo de objeto precioso também tinha sido descuidadamente derrubado.

– Estou avisando: eu estou armada – ameacei.

Quem quer que estivesse lá dentro parou de se mover e disse algumas palavras que não entendi antes de voltar ao que estava fazendo, fosse o que fosse.

– O quê? O que você falou? – perguntei. Como não obtive resposta, tentei outra estratégia: – *Qui êtes-vous? ¿Quién es usted?* – A única resposta foi um grunhido frustrado e o som inconfundível de um caixote sendo jogado de lado. – Olhe, eu não sei quem você é nem o que está fazendo nesta sala – continuei, voltando ao meu idioma ao mesmo tempo que me ajoelhava e começava a guardar meus papéis na bolsa –, mas não deveria estar aqui, não mesmo.

Pus a bolsa no ombro sem me dar ao trabalho de fechar o zíper e mantive os olhos grudados na cortina de plástico à minha frente enquanto avançava lentamente em direção à entrada. Escondi-me atrás das vitrines até chegar ao corredor principal, ainda com o spray de pimenta na mão para o caso de o desconhecido pular em cima de mim. Quando cheguei perto da cortina de plástico, olhei em volta à procura de alguma forma sinistra, mas nada surgiu na área interditada.

Será que a pessoa estava se escondendo? Será que eu estava sendo seguida?

– Por favor, venha aqui e se explique – chamei, corajosa.

Com as costas apoiadas na parede, aguardei uma resposta.

O que eu deveria ter feito era ir embora e denunciar o invasor aos seguranças; no entanto, fiquei ali, dominada pela curiosidade, sem conseguir sair. Se a pessoa quisesse me atacar, já tinha deixado passar várias oportunidades.

Talvez ela estivesse perdida. E se fosse um sem-teto, que tinha entrado na sala de exposição e estava tentando tirar uma soneca? Podia ser um funcionário. A pessoa podia estar ferida. Abaixei o braço dolorido e voltei devagar na direção da cortina de plástico.

– Oi? Está precisando de ajuda? – ofereci.

Minha voz não soou tão segura quanto eu esperava.

Ouvi um suspiro quando alguém veio na minha direção. Embora não estivesse mais apontando a lata de spray, continuei a segurá-la, traçando, nervosa, pequenos círculos com o polegar sobre a válvula.

– Quem é você? – tornei a indagar baixinho, mais para expressar o pensamento em voz alta do que por esperar uma resposta.

A mesma mão segurou a cortina, afastou-a e a pessoa que me inspirava tanto medo quanto curiosidade apareceu, murmurando uma série de palavras que me pareceram xingamentos em outra língua. Ele, pois com certeza era alguém do sexo masculino, parou logo depois da cortina, largou o plástico e me encarou com expressão irritada.

Embora estivéssemos no trecho mais escuro daquela seção, pude distinguir com clareza a saia pregueada que terminava na altura dos joelhos e a larga superfície de um peito bronzeado e nu. Os pés descalços estavam cobertos de serragem. Parecia jovem, talvez poucos anos mais velho do que eu, no entanto era careca.

Cruzando os braços musculosos sobre o peito largo, ele me examinou de cima a baixo sem pudor, e tive a sensação de que me achou ao mesmo tempo uma surpresa e uma decepção.

– Fique aí – ordenei, erguendo a lata de spray de pimenta e me sentindo uma idiota por me meter naquela situação.

Ele apenas arqueou uma sobrancelha e abriu um sorriso irônico, parecendo me provocar.

Esticou um dedo para mim e disse algo que soou como uma ordem.

– Desculpe. Não estou entendendo você – respondi.

Claramente frustrado, ele repetiu o que tinha dito, dessa vez mais devagar, como se estivesse falando com uma deficiente mental.

Retruquei da mesma forma lenta: primeiro apontei para mim mesma e disse “eu”, em seguida balancei a cabeça, “não estou entendendo”, e por fim apontei para ele, “você”.

Com um grito de irritação, ele ergueu as duas mãos no ar e as manteve ali. Nesse exato instante, as luzes do teto se acenderam. Um guincho me escapou da garganta quando vi direito, pela primeira vez, o homem que eu pensara estar morando no meio das relíquias. Ele com certeza *não* era um sem-teto.

Quem é você?, perguntei em pensamento enquanto examinava aquela pessoa, que não chegava a ser um homem, mas tampouco era um adolescente. Ele parecia… não ter idade.

Olhos sombrios cor de avelã, naquele momento mais verdes do que castanhos, me encararam por baixo de sobrancelhas fartas e uma testa imponente com um ar ao mesmo tempo inteligente e quase predatório. Senti-me um rato diante de um falcão que desce do céu, sabendo que a morte se aproxima mas totalmente incapaz de desgrudar os olhos de tamanha beleza.

Seu esplendor físico era inegável: olhar profundo, muitos e muitos músculos sob uma pele lisa e dourada e lábios carnudos que fariam qualquer garota desmaiar. Havia, no entanto, algo mais profundo por trás de sua beleza, algo muito diferente, que fez meus dedos comicharem por papel e lápis. Eu nem sequer tinha certeza se conseguiria representar aquela coisa indescritível que sentia quando olhava para ele, mas queria muito tentar. Por mais que achasse fácil encaixar pessoas em categorias com base no que observava – as roupas, o modo de se movimentar, seu círculo de convivência ou seus padrões de comunicação –, pensei que para aquele sujeito talvez tivesse que inventar um novo sistema. Ele não pertencia a nenhum grupo específico. Era único.

Pisquei e reparei que ele estava exibindo outra vez o mesmo sorriso convencido. Ainda que o restante fosse um mistério, aquela expressão eu sabia identificar. Já tinha conhecido dezenas de caras com expressões como aquela. Estrangeiros ou não, eles eram todos iguais: achavam que a sua riqueza e beleza os tornavam poderosos. Aquele cara exalava poder por todos os poros. *Com certeza não é o meu tipo.*

– Mas o que você é, afinal? – disparei, sentindo o rosto arder em reação à arrogância dele. – Um modelo internacional que estava posando para fotos aqui e agora não consegue mais achar a calça? – Resmunguei, apontando sua roupa, ou melhor, sua falta de roupa. – Bem, para seu governo... – continuei, usando minha voz mais condescendente e pontuando cada palavra com um gesto dramático para dar mais ênfase – ... ninguém olharia duas vezes para você, então pode... pode ir andando.

Com um suspiro, o Modelo resmungou algumas palavras enquanto girava os dedos no ar. De repente, senti um gosto esquisito na boca, uma espécie de gás, como se uma bala efervescente houvesse acabado de se dissolver na minha língua. A sensação logo desapareceu, e eu ainda estava tentando entender o que o cara estava fazendo quando ele disse uma palavra que finalmente entendi:

– Identificar.

– Identificar? – repeti, feito uma idiota. – Está perguntando o meu nome?

Ele meneou a cabeça uma vez.

Mudei de posição e respondi, tensa:

– Lilliana Young. E o seu?

– Ótimo. Venha, jovem Lily, preciso do seu auxílio – disse ele, movendo os lábios para pronunciar as palavras como se estas deixassem um gosto amargo em sua boca e ignorando por completo a minha pergunta.

Supondo que eu o seguiria, ele se virou e tornou a mergulhar do outro lado da cortina de

plástico. Após uma breve hesitação, minha insaciável bisbilhotice venceu e, incapaz de pensar em outra boa alternativa, afastei a cortina e o segui. Todos os cantos da sala antes escura estavam agora iluminados, e encontrei o Modelo revirando objetos dentro de um caixote e descartando os indesejados como se fossem lixo.

– O que exatamente você está fazendo? Por que está vestido assim? E como é que de repente sabe falar inglês?

– Perguntas de mais, jovem Lily. Por favor, escolha uma.

Ele tirou da caixa um vidro pesado. Fechou os olhos e começou a entoar baixinho palavras melódicas em outra língua. Após alguns instantes, balançou a cabeça, devolveu o vidro e escolheu outro.

– O que está fazendo? – perguntei, enquanto ele repetia a cantilena.

– Procurando meus jarros da morte.

– Jarros da morte? – Fiquei calada por alguns instantes. – Vasos canópicos, você quer dizer? E como assim, “meus”?

– Chega de perguntas, jovem Lily.

– Quer dizer que você está procurando vasos canópicos, também conhecidos como jarros da morte – balbuciei, tentando ganhar tempo para entender o que estava acontecendo. – Li há pouco tempo sobre eles na *National Geographic*. São usados para as múmias. É onde ficam guardados os órgãos delas.

– Isso.

– Você vai roubá-los?

Ele passou para outro caixote.

– Não posso roubar o que me pertence.

Eu me agachei e olhei para o seu rosto. Eu era bastante boa em ler pessoas, de modo que em geral sabia quando alguém estava mentindo. Aquele cara não estava. Ou seja, das duas, uma: ou ele acreditava mesmo que tinha algum direito àquelas relíquias egípcias ou então era doido. Eu estava inclinada a escolher a segunda opção.

– Olhe aqui – eu disse baixinho. – Esses objetos pertencem ao museu. Você não deveria estar tocando neles. Não pode simplesmente entrar em um museu e pegar o que quiser.

– Museu?

– É, museu. Um lugar que reúne antiguidades, onde ficam expostos documentos antigos e obras de arte de grande valor.

Ele tirou a tampa de outro caixote e se agachou para examinar o conteúdo.

– Ah – falou. – Um Templo das Musas.

– Um o quê?

Ele me ignorou, e após um breve exame do conteúdo da caixa levantou-se com um grunhido frustrado.

– Não estão aqui.

– Os jarros da morte? – indaguei.

– Sim. Estes são réplicas. Elas não contêm minha força vital.

– Força vital, certo.

Doido, com certeza.

Balbuciando algumas desculpas, comecei a me afastar, mas ele me seguiu.

– Sem minha força vital, eu não passo de uma sombra errante cujo tempo está contado – afirmou, grave.

Seus olhos se cravaram nos meus de um modo decidido que me deixou perturbada, enquanto eu recuava, nervosa.

– Preciso de substância, jovem Lily – disse ele, avançando.

– Substância. Certo. – *Por favor, não deixe o Modelo estrangeiro virar o Hannibal Lecter.* – Bom, tem vários lugares onde você pode comer alguma coisa. Posso recomendar o Café do Terraço, no último andar do museu, que tal?

Enquanto lhe ensinava o caminho, recuei e dei a volta em uma pilha de caixotes, mas ele continuou a avançar.

– Não fuja, jovem Lily.

– Fugir? – Dei uma risadinha nervosa. – Eu não estou fugindo. Mas, falando em fugir, se o terraço for longe demais, tem também o café da Ala Americana. Fica bem ao lado desta exposição sobre o Egito. Não tem erro. Bom, eu tenho um compromisso. Preciso mesmo ir andando.

– Você não está entendendo. Sem os meus jarros, eu preciso compartilhar da sua força vital.

– Compartilhar da minha... Bom, olhe só, é que neste momento eu estou usando a minha força vital, entende? Sério, eu queria poder te ajudar, de verdade – falei, e percebi que ele havia me encurralado junto a uma parede de caixotes. Quando meu bumbum bateu nos caixotes, ele sorriu. Sem hesitar, borrifei spray de pimenta no seu rosto. Ele uivou e dobrou o corpo. Ao mesmo tempo, um vento começou a rodopiar à sua volta, erguendo no ar partículas de serragem e material de construção.

Em pânico, girei nos calcanhares e saí correndo em direção à cortina. Antes de chegar lá, porém, as luzes se apagaram e bati o joelho no sarcófago dourado. Cambaleei, tentando me equilibrar, e ouvi que ele vinha na minha direção.

– Volte aqui, jovem Lily – grunhiu. – Eu preciso de você.

Sem chance. Não houve tempo para meus olhos se acostumarem. Segurando a bolsa com uma das mãos, tateei pelo sarcófago até dar a volta no volumoso objeto, então saí correndo o mais depressa que pude. Ele me seguiu, emergindo do outro lado da cortina alguns segundos depois de mim.

Minha bolsa aberta balançava, e canetas e lápis se espalharam pelo chão. Quando meu caderno caiu, tive que parar para pegá-lo, apesar do perigo. Arrisquei uma olhada para trás.

O Modelo maluco estava parado, com os braços erguidos, de olhos fechados. Como antes, entoava uma cantilena, e sua voz ecoava pela sala de exposição enquanto eu corria em

direção à saída. Um vento misterioso levantou meus cabelos, soprou-os em volta do meu rosto e me cegou enquanto eu corria. As palavras dele penetraram minha consciência como hieróglifos sendo gravados em pedra. Ele entoou:

Proteja-me, deus do sol nascente.
Afaste aqueles que tramam o mal.
Reverta esta calamidade.
Com o poder da minha boca,
O poder do meu coração,
Lanço este encantamento.
Assim como nossas formas estão ligadas hoje,
Nossas vidas também o serão.
Incansável, ela vai me servir
Enquanto eu sirvo ao Egito.
Enquanto eu percorrer esta terra,
Torne leves as minhas plumas,
Velozes as minhas asas,
Firme o meu coração.
Capturo a força do corpo dela,
E, ao fazê-lo,
Prometo retribuir a dádiva concedida.
Onde eu for desconhecido, ela comparecerá.
Onde eu estiver sozinho, ela estará.
Onde eu estiver fraco, ela me sustentará,
Até mesmo na morte.
Que a escuridão possa ser contida
E todas as coisas permaneçam na luz do eterno sol.
Meu coração é firme.
Minha alma, triunfante.
Meu serviço, eterno.

Eu havia chegado às portas da sala de exposição, mas, no instante em que ele terminou de falar, fui empurrada para trás sobre o chão de lajotas.

Não fazia ideia do que estava acontecendo. Tudo o que sentia era dor. Meu coração batia descompassado e minha barriga estremeceu de náusea quando meus pulmões não conseguiram sorver nenhum ar.

Será que ele atirou em mim? Enquanto tentava encher os pulmões, levei a mão às costas. Não havia sangue. Nem buraco de bala. Com cuidado, levantei-me. Precisava ir embora dali depressa.

Quando cheguei à saída lateral do museu, olhei para o relógio. Onze e trinta e cinco. Só estava alguns minutos atrasada para meu compromisso. Se eu faltasse àquele almoço quase obrigatório, meu pai usaria isso contra mim para sempre. Ele queria que eu ficasse amiga das filhas de algumas pessoas importantes com as quais desejava "trabalhar" no futuro, ou seja, conviver socialmente.

Esquivei-me entre os pedestres até entrar em um dos meus restaurantes preferidos, onde fui conduzida a uma mesa junto a grandes janelas com vista para a rua. Afundei na cadeira e soltei o ar enquanto três pares de olhos críticos me encaravam. Minhas colegas de escola. Seus lábios perfeitos realçados com gloss formaram pequenos Os quando elas baixaram os cardápios para me examinar.

– O que houve com você? – perguntou a Ruiva.

– Está parecendo algo que o gato trouxe da rua – comentou a Loura.

– Depois de o gato morder, arranhar, cuspir e fazer xixi em cima, talvez – acrescentou a Mais Loura Ainda.

As três riram.

– Não, melhor ainda – disse a Loura. – Você parece uma turista despenteada pelo vento que ficou tempo demais no segundo andar aberto de um ônibus de city tour. Ah... perdeu seu mapa? – arrematou com uma voz melosa.

– Sério, quem arrumou seu cabelo hoje de manhã? Albert Einstein?

– É, e essas roupas... – A Mais Loura Ainda torceu o nariz. – Eu já vi shar-peis menos amassados.

A Ruiva se inclinou e tocou minha blusa.

– O que é isso? Serragem?

– É – respondi com uma careta.

– Eu sabia! – A Loura deu um arquejo fingido. – Lilliana está tendo um caso secreto com um palhaço de rodeio.

As três explodiram em gargalhadas.

– Bom, então o cabelo está explicado – comentou a Ruiva.

– Tudo bem, chega. Eu tive uma manhã complicada, ok? – Peguei o cardápio e tentei discretamente ajeitar os cabelos e limpar um pouco da serragem das roupas. – Tive um incidente no museu – balbuciei por trás do cardápio.

– Em frente ao museu, você quer dizer? – perguntou a Ruiva fingindo preocupação.

Minha boca tremeu de constrangimento.

– Não. Eu quis dizer dentro do museu.

A Mais Loura Ainda arquejou de verdade, e em seguida baixou a voz:

– Você foi... assaltada?

Em um instante, as três ficaram seriíssimas à menção daquele medo tão arraigado que todas compartilhavam: ter a bolsa roubada. A crença de que todas as outras pessoas do mundo queriam pôr as mãos no seu dinheiro era quase um pré-requisito entre as alunas do meu colégio particular de elite.

– Coitadinha – disse a Loura, estalando a língua, enquanto a Ruiva esfregava minhas costas por alguns segundos e em seguida limpava os dedos rapidamente no guardanapo. – Pode ficar tranquila. Vamos cuidar de você.

Enquanto a Loura discorria sobre os méritos de um novo estilista que adorava, fiquei olhando pela janela, distraída. Senti um nó na barriga e meus músculos se contraíram quando minha respiração se acelerou sem motivo aparente. Então, pelo canto da janela, a figura de um homem surgiu. Um homem que estava parando o tráfego. Um homem careca de saia branca pregueada e descalço.

Embora os nova-iorquinos estejam acostumados com quase qualquer coisa, o sujeito estava causando uma comoção. As pessoas lhe abriam caminho enquanto ele virava a cabeça para o céu, girando em círculos para olhar os prédios em volta como se nunca tivesse visto coisa igual. Quando ele entrou no meio do tráfego, não consegui me segurar e levantei da cadeira.

Então um táxi o atropelou.

– Cassie, Christy, Courtney, desculpem, mas preciso ir.

Em pânico, peguei a bolsa e saí correndo do restaurante para a rua. Uma estranha compulsão me atraía para aquele cara que me provocava ao mesmo tempo fascínio e terror, e eu não tinha certeza se queria encontrá-lo ainda entre os vivos.

Coração de esfinge

Avancei desesperada, empurrando as pessoas, e cheguei a derrubar uma criança para alcançá-lo. *O que está acontecendo comigo?* Era como se alguém houvesse tomado conta do meu corpo e eu estivesse só acompanhando.

Quando finalmente consegui chegar ao lado do sujeito, o que vi me fez esquecer tudo em relação ao nosso primeiro encontro. O impacto do táxi o fizera rolar para o meio do trânsito e ele fora atingido pelo menos mais duas vezes. O sangue escorria de sua boca e de um talho grande na cabeça. A lateral do corpo havia se ralado no asfalto, e os pés estavam cobertos de cortes.

Uma das mãos estava esmagada, o abdome perfeito já exibia sinais de hematomas e o ombro direito estava dilacerado. As pessoas que passavam pareciam não saber o que fazer exceto tirar fotos com o celular.

– Para trás! – gritei para a multidão, o que não era do meu feitio.

Comecei a me afastar um pouco quando alguns deles viraram as câmeras na minha direção. Para ser justa, eles provavelmente não sabiam como proceder em relação àquele rapaz. Ora, eu mesma não sabia. O fato de ele estar consciente me espantou, considerando seu estado físico.

Desde o instante em que ele me viu, seus olhos, agora mais cor de âmbar do que verdes, não desgrudaram do meu rosto. Ele estava assustado, confuso e com dor. Pude sentir as emoções emanarem dele em ondas, e a empatia que isso me despertou foi tangível e fez correr pela minha pele um calor de pânico. Foi como se o meu próprio corpo tivesse acabado de passar pela mesma dolorosa experiência. Eu precisava ajudá-lo.

Embora muito ferido, ele tentou se sentar quando me aproximei.

– Achei você, jovem Lily – disse ele, e as palavras pareceram conter mais peso, mais significado do que apenas o óbvio. Ele parecia um guerreiro antigo agonizando em um campo de batalha de concreto.

Ajoelhando-me ao seu lado, toquei de leve a pele lisa do seu braço e, apesar da hesitação, eu disse delicadamente:

– Achou mesmo. E olhe só o que você arranjou.

O fato de ele estar ferido, talvez até à beira da morte, aliado à minha estranha e recente

compreensão dos seus sentimentos, dissipou todos os pensamentos amedrontados que eu ainda tinha em relação a ele, como pequenas bolhas que estouram e evaporam sob a luz forte do sol.

Ele continuava doido, quanto a isso não havia dúvida, mas eu agora acreditava que fosse mais um doido digno de pena do que do tipo que se deve temer. A ameaça sombria e as qualidades sinistras exageradas que eu havia associado a ele mais cedo agora me pareciam uma bobagem. Caído ali na rua, ele tinha uma aparência totalmente inofensiva.

Com um gemido, ele mudou de posição, então soltou um grito de dor. Imaginei que sua perna ou mesmo a bacia talvez estivesse fraturada. Peguei meu celular e já tinha começado a digitar o número da emergência quando ele ergueu a mão que não estava esmagada.

– Me ajude – implorou.

Apontei para o telefone.

– É o que estou fazendo.

– Não.

Ele balançou a cabeça, fechando os olhos ao cerrar os dentes. Depois de arquejar por alguns segundos, tornou a cravá-los em mim. Encarei aqueles olhos e senti um fascínio inexplicável. O barulho de Nova York desapareceu. O mundo além de nós dois deixou de existir. Por um instante, imaginei-me afundando nos lagos profundos dos seus olhos e me perdendo para sempre. *Ai, caramba, onde é que eu fui me meter?*

– Me ajude – repetiu ele.

Suas palavras me tiraram daquele transe estranho, que parecia um sonho, e os ruídos da cidade tornaram a assaltar meus ouvidos. Automaticamente, deixei o celular cair na calçada, mal percebendo quando a capa saiu, e estendi a mão para a dele.

Um choque queimou meus dedos e penetrou minhas veias, e a dor fez lágrimas brotarem nos meus olhos; perguntei-me se aquela seria a sensação de ser eletrocutado. Gritei entre os dentes que batiam enquanto um cheiro estranho invadia minhas narinas; parecia perfume queimado ou incenso. Com a mesma rapidez com que havia surgido, a dor começou a diminuir até se transformar em uma sensação de calor e formigamento que fez meus cabelos se erguerem na raiz e os fios fininhos flutuarem com uma descarga de energia estática. Parecia haver uma barreira invisível entre nós e a multidão. Embora as pessoas continuassem a tirar fotos, ninguém se aproximou.

Meus músculos tremiam com os efeitos do choque. Senti-me exaurida, como se tivesse sido jogada dentro de uma secadora e centrifugada como uma pilha de roupas quente e amarrotada. Alguém apertou minha mão.

Abri os olhos de supetão e, lembrando-me de repente de onde estava, soltei minha mão da dele.

– O que foi *isso?* – perguntei. A euforia de fazer uma boa ação havia se evaporado de forma abrupta, substituída pelo choque diante do que acabara de acontecer entre nós. – O que você fez? – indaguei, num misto de pergunta e acusação.

Tinha a sensação de haver sido atacada, mas eu na verdade não conseguia entender por quê, e a incerteza trouxe novas lágrimas aos meus olhos.

O rapaz me estudou por alguns instantes e tive a nítida impressão de que estava arrependido do que tinha feito. Sem se dignar a me responder, ele deu um suspiro, limpou o sangue da boca e, com todo o cuidado, se levantou, testando cada perna como se não tivesse certeza de que fosse sustentá-lo. As pessoas à nossa volta arquejavam, assombradas, e tiraram mais dezenas de fotos daquele homem milagroso.

O fato de ter se recuperado o suficiente para andar não foi nem de longe tão surpreendente quanto a maneira como ele lidou com a multidão. O rapaz tinha estatura de modelo, e como eu ainda estava ajoelhada, tive que levantar a cabeça para vê-lo. O sol estava bem acima da sua cabeça, e da minha perspectiva isso criava o efeito de um halo tão brilhante que eu mal conseguia olhar para ele.

Parecendo gostar da atenção que havia atraído, ele cumprimentou as pessoas com a cabeça e sorriu enquanto girava lentamente em um círculo para olhar todas elas.

Quando ficou satisfeito, estendeu a mão de modo imperioso.

– Venha, jovem Lily – chamou, com voz grave. – Há muito a fazer.

Eu estava a ponto de lhe dizer onde ele podia enfiar aquela atitude arrogante e seu sotaque sexy quando ele me lançou outra vez o mesmo olhar penetrante. Minha visão se embaçou e tudo à nossa volta adquiriu um aspecto onírico; a ânsia de brigar me abandonou com a mesma rapidez com que surgira. Sentindo-me muito diferente do que eu na verdade era, peguei o celular como se não tivesse a menor preocupação neste mundo, enfiei-o na bolsa e deixei que ele me ajudasse a ficar em pé.

Levantar de modo tão súbito me deixou tonta, e ele pôs a mão nas minhas costas para me amparar. Sua presteza me deixou pouco à vontade, e tentei me afastar dele e abrir meu próprio caminho pela multidão, mas ele não deixou.

– Você vai ficar do meu lado, jovem Lily.

Ele pegou minha mão, pousou-a em seu braço como se estivesse me acompanhando a um baile e então começou a andar. As pessoas abriam caminho feito o mar Vermelho, e ele seguia por entre elas com a mesma segurança e o mesmo ar régio de um profeta. Sua saia plissada agora imunda e rasgada condizia com o papel.

Enquanto caminhávamos, tentei me concentrar. Sabia que havia algo muito estranho acontecendo e que o meu comportamento não estava normal, mas por algum motivo não conseguia me afastar dele nem da névoa que me rodeava. Mesmo assim, prometi a mim mesma que, independentemente da sua recuperação milagrosa, se aquele rapaz imaginava que eu iria me transformar em uma fiel seguidora estava muito enganado, apesar de os meus atos demonstrarem o contrário.

Quando chegamos à calçada, passamos pelo meu trio de colegas boquiabertas e com o nariz colado à vidraça do restaurante.

– Desculpe meter você nisto, jovem Lily, mas é necessário – disse ele quando já

estávamos a alguns quarteirões do local do acidente.

– Me meter em quê, exatamente? – sibilei, ainda pouco à vontade na sua companhia e ansiosa para fugir, embora ao mesmo tempo compelida a ficar ao seu lado.

Ele cobriu minha mão com a sua agora curada e deu um suspiro.

– Há coisas de mais para explicar, e aqui não é o lugar certo.

– Então que lugar você acharia bom para me dar uma explicação?

Ele franziu os lábios e olhou em volta, encarando os arranha-céus com expressão de assombro.

– Não sei – falou, balançando a cabeça.

– Que espécie de resposta é essa? E como você se curou? O que fez lá atrás?

Com um grunhido frustrado, ele me puxou para a sombra de um prédio com violência suficiente para me fazer dar um encontrão nele. Meu coração começou a bater de um jeito intrigante: a meio caminho entre o medo e a empolgação, muito diferente do meu normal. Minha mão livre estava espalmada em seu peito e minha pele latejava nos pontos em que tocava a dele. Meu corpo parecia sugar o calor do seu. Ele estava pegando fogo. Literalmente. Talvez estivesse com febre.

O fato de eu agora também estar me sentindo febril me deixou irritada. Eu não gostava de caras perigosos, principalmente de sujeitos carecas de saia que eu não conseguia entender. Aquele homem era diferente de qualquer outro que eu já tivesse conhecido.

Enquanto me segurava pelos ombros para me ajudar a recuperar o equilíbrio, ele murmurou:

– Você faz perguntas de mais, Lily. Seu pensamento é excessivamente agitado. Isso é uma distração a mais para mim em um mundo já repleto de caos. – Ele deu alguns tapinhas delicados no meu ombro. – Tente acalmar sua mente. Não quero fazer mal a você.

– Isso deve ser o que todos os sequestradores alienígenas dizem – resmunguei, perguntando-me por que os pensamentos sarcásticos que eu sempre controlava estavam de repente escapulindo de minha boca.

– Preciso descansar alguns instantes – explicou ele com naturalidade, e então me soltou quando me contorci para me desvencilhar.

Afastou-se alguns centímetros, até seu corpo ficar totalmente banhado pelo sol quente, então se recostou e fechou os olhos, confiando que eu não iria embora. Sorri, segurei a bolsa com mais força e me preparei para sair correndo, mas constatei que não conseguia erguer os pés. *O que está acontecendo?*, pensei. Eu precisava me acalmar. Quando enfim parei de pensar em ir embora, consegui dar um passo.

Passei vários minutos testando minha capacidade de me locomover. Eu conseguia andar em círculos, sentar em um banco ali perto, ir até uma lixeira, mas, quando me afastava demais dele, meu corpo empacava. Era como se uma corrente invisível me prendesse a ele. *Alguma coisa está muito errada comigo!*

Tentei abordar alguém para explicar que era uma espécie de prisioneira, mas as palavras

saíam sempre erradas. Em vez de implorar por ajuda, eu pedia uma caneta emprestada. Quando tentei denunciar o rapaz a um policial que passava, falei:

– Que dia bonito, não é, seu guarda?

Eu precisava me afastar dele. *Não. Isso está errado. Por que iria querer me afastar dele?* Minha mente parecia estar me pregando peças. Depois de algum tempo, aceitei o fato de que, por enquanto, precisava ficar com ele. Quando isso aconteceu, tive a sensação de conseguir respirar com mais facilidade e meus pensamentos ficaram mais focados. Sentando-me no banco de madeira, comecei a examiná-lo enquanto aguardava, tentando entender que tipo de domínio ele tinha sobre mim.

Se eu fosse como as outras meninas do meu colégio, estaria em prantos, mas, em vez disso, minha mente se encheu de perguntas. Era assim que eu lidava com situações estressantes. Analisava tudo com calma até encontrar uma solução.

Como um cara que acaba de sofrer um acidente sério se cura tão depressa dos ferimentos? Quem é ele? Que poder estranho é esse que usa para me manipular? O que ele quer de mim? Esfreguei o ombro. Precisava de um analgésico. Uma dor de cabeça daquelas estava a caminho; já podia senti-la subir pela nuca. *E por que estou com a sensação de ter sido atropelada por um caminhão? Eu não sei nem o nome desse sujeito.*

Depois de vários minutos observando-o reclinado contra a parede, fui ficando inquieta. Peguei o caderno e a caneta na bolsa, abri uma página em branco e então parei, sem saber por onde começar. Ou ele não se importava ou então não reparou que eu o estava estudando, então me demorei examinando seu rosto.

Ele era bonito, mas sua beleza parecia... de outro mundo. Mesmo quando uma nuvem que passava lançou uma sombra sobre ele, seu corpo parecia brilhar. Não como um letreiro de neon, nada disso; era imperceptível, a menos que se estivesse prestando realmente atenção, mas ele irradiava um leve brilho, como se estivesse o tempo todo debaixo de um refletor.

Levantei a cabeça para começar a fazer seu retrato, mas deparei com ele me observando com seus olhos verdes tranquilos.

– Hora de ir, Lily – anunciou ele.

– Ir para onde? – perguntei.

Ele endireitou os ombros largos, empertigou-se até estar completamente ereto e olhou para os prédios em volta. Estudou os dois lados da rua como se estivesse avaliando nossas alternativas.

– Não sei. É a primeira vez que vejo monumentos desse tamanho. – Inclinando a cabeça, ele perguntou: – Qual é a distância daqui até Tebas?

– Tebas? – Dei uma risadinha. – Hã, bom, digamos que é um pouco mais longe do que eu andaria com estas sandálias.

Tapei a boca com as duas mãos, chocadíssima por ter dito exatamente o que estava pensando. Comentários sarcásticos e ácidos com certeza não tinham a aprovação da minha

mãe, e eu havia me esforçado muito ao longo dos anos para desenvolver o hábito de aguardar alguns instantes antes de responder.

Havia tempos eu aprendera que minha reação natural à maioria das situações era o humor, sob uma forma ou outra, e nos círculos que meus pais frequentavam não havia lugar para uma filha espirituosa.

Alheio a meus pensamentos, ele baixou os olhos para minhas sandálias e franziu o cenho.

– Muito bem. Vamos arrumar outro meio de transporte.

Ele se afastou da parede e se aproximou de mim com uma graça felina e a mão estendida. Virei a cara com um movimento brusco, o que pareceu magoá-lo.

– Fique parada – disse ele suavemente, acariciando meu rosto de leve.

As pontas de seus dedos pareciam cobertas de sol liquefeito, e, ao seu toque, o calor pareceu se infiltrar em minhas faces. Tive a nítida impressão de que ele estava avaliando meu corpo, e não como um cara que confere as curvas de uma garota.

– Você está enfraquecida – disse ele por fim. – O acidente diminuiu nossa força. Nós dois precisamos de substância.

– De novo essa palavra.

Inclinando a cabeça, ele perguntou:

– Você prefere outra?

– Não, tudo bem, contanto que eu não seja um item do seu cardápio – brinquei, pouco à vontade.

– Eu não consumo carne humana. Essa prática é comum na sua cidade?

– Hã, não.

Ele pareceu aliviado.

– Que bom. Eu preferiria passar fome durante minha estadia aqui.

– Bom, pelo menos eu posso riscar "canibal" da lista. Estava com medo de que você fosse me picar em pedacinhos e então sacar uma frigideira.

Suas sobrancelhas se abaixaram enquanto ele se concentrava, depois se ergueram quando sua boca se curvou para cima em um sorriso genuíno. Foi uma expressão tão solar, tão cheia de contentamento, que me peguei querendo me banhar naquele sorriso. Era como se o sol tivesse estado coberto por nuvens de tempestade mas naquele breve instante houvesse aparecido, aquecendo-me de um jeito que me fez querer vê-lo sorrir outra vez.

Minha primeira avaliação a seu respeito estava muito equivocada. Aquele rapaz não era um modelo de capa de revista, um doido, um assassino psicopata, nem qualquer uma das outras etiquetas que eu tentara colar nele. O poder que pairava sobre seus ombros não provinha de riqueza ou de beleza, embora fosse evidente que ele tinha pelo menos uma dessas qualidades. Não, a confiança daquele rapaz não tinha por base um complexo de superioridade. Não era uma coisa superficial.

– Quem sabe mais tarde – disse ele, com um sorriso torto. – Me diga uma coisa, que

colheitas se faz nesta cidade de ferro? Não estou vendo nenhuma plantação, mas sinto cheiro de comida por toda parte.

Colheitas?

Ele me segurou pela mão, me puxou do banco e perguntou:

– Você me ajuda a encontrar comida, Lily?

Tive a sensação de que ele estava pedindo muito mais do que indicações sobre como chegar à lanchonete mais próxima, e de repente tive certeza de algumas coisas. Primeiro, ele estava fora do seu ambiente, era literalmente um estranho em uma terra estrangeira. Segundo, embora sem dúvida se sentisse à vontade no próprio corpo, estava tendo momentos de confusão e dúvida, o que o deixava inseguro e hesitante, sentimentos que o incomodavam. Em terceiro lugar, parecia mesmo precisar de mim. Isso, mais do que tudo, estava claríssimo.

Talvez a solução não fosse difícil. Quem sabe se eu simplesmente lhe comprasse um hambúrguer e indicasse a direção que ele devia seguir, aquela história de pseudo-hipnose acabasse, nós nos despedíssemos amigavelmente e eu pudesse ir para casa tentar entender tudo aquilo. Cogitei a hipótese de alguma força desconhecida ter nos unido, e de que o meu papel como seu anjo da guarda logo chegaria ao fim. Se não fosse isso, eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

Muitas vezes eu descobria que a solução mais óbvia era a certa. Ele queria comer, então eu iria lhe dar comida e depois veria o que fazer.

– Bom... – Olhei em volta à procura de um lugar para comer ali por perto. – ... em Nova York existe um pouco de tudo.

– Esta cidade se chama Nova York?

– Sim – falei devagar, observando sua expressão.

Se ele fingia não saber onde estava, era um ator exemplar.

– Excelente – disse ele. – Então me leve para comer um pouco de tudo.

Olhei para sua saia.

– Hum, acho que o único lugar para o qual você está vestido adequadamente é uma barraquinha de cachorro-quente.

Ele franziu o nariz e exclamou:

– Vocês comem... cachorro? É quase tão ruim quanto comer gente!

– Não! – Eu ri. – Cara, você é *mesmo* de outro mundo. Cachorro-quente é feito de carne de porco ou de boi.

– Ah, entendi. Então vou querer um cachorro... quente.

– Agora mesmo, Ali Babá.

– Por que está me chamando assim?

– Preciso chamá-lo de alguma coisa. Você ainda não me disse o seu nome.

Vi uma barraca de comida do outro lado da rua e fiz um gesto para ele me seguir até a

faixa de pedestres. Ele obedeceu calmamente e, enquanto esperávamos para atravessar, falou:

– Amon. Meu nome é Amon.

– Certo. Amon. – Ele não pronunciava o nome do jeito mais simples, *Amon*. Sua versão, *Ah-mun*, era bem mais propensa a fazer as moças desmaiarem, contanto, é claro, que as moças em questão estivessem dispostas a desmaiar por um cara que obviamente tinha uns parafusos a menos. – Bom, muito prazer, Amon de Tebas.

– Eu não sou de Tebas.

– Ah, não?

– Nasci em Itjtawy, na época do reinado do Obscuro.

– Certo. E Itjtawy fica em que país, exatamente?

– Você provavelmente conhece a minha terra como Egito.

Sério, por que os caras bonitos e interessantes sempre precisam ter um parafuso a menos?

– Então eu devo te chamar de faraó Amon ou de rei Amon? – provoquei, entrando na brincadeira.

– Era para eu ter sido rei, mas a época dos faraós veio depois da minha.

– Arrã. – Aquilo estava ficando mais fácil. Finalmente tive a sensação de estar retomando o controle da situação. – Bom, tudo bem. Não precisa ficar mal por causa disso. Um título não é tudo na vida, certo?

Amon cruzou os braços em frente ao peito e me encarou.

– Você está rindo de mim.

– Nunca. Eu jamais zombaria de um quase-rei/não-faraó.

Ele exibiu uma expressão duvidosa e um pouco astuta demais para o meu gosto, mas deixou passar e voltou a atenção para o que estava acontecendo na rua. Parecia fascinado pelo tráfego, pelos sons: buzinas, barulhos, acenos, pneus cantando. Era quase como se nunca tivesse visto um carro na vida. O que era impossível. Só devia existir uma meia dúzia de pessoas no mundo inteiro, se tanto, que não sabiam o que era um carro.

Quando o sinal abriu, Amon esperou o tráfego parar. Só se mexeu quando segurei sua mão.

– Vamos! – chamei. – O sinal vai fechar logo, e os motoristas nem ligam se você ainda estiver atravessando.

Ao me ouvir mencionar a possibilidade de outro acidente, ele avançou depressa, apertando a minha mão e me puxando enquanto serpenteava apressado entre os outros pedestres até chegar ao outro lado com segurança.

– Não confio nessas carruagens douradas – declarou, olhando com desagrado para os táxis.

– É, bom, viajar de carruagem dourada é essencial aqui em Manhattan.

– Pensei que você tivesse dito que a gente estava em Nova York – disse ele enquanto eu o guiava até a barraquinha de cachorro-quente.

– E está mesmo. Manhattan é o nome da ilha.

– Ilha? – balbuciou ele. – Aqui é mesmo longe de Tebas.

– É, sim – falei com um tom exagerado, como se estivesse me dirigindo a uma criança. Delicadamente, dei alguns tapinhas em seu braço como se ele fosse um inválido. – Então vamos comprar um cachorro-quente para você, consertar meu celular e ligar para o serviço social para eles virem buscá-lo.

Até então eu não havia decidido o que fazer, mas aquela decisão me pareceu ser a certa. Eu me sentia exausta. Aquele cara precisava de mais ajuda do que eu podia dar, e eu queria remediar a situação quanto antes.

– Por que existe um serviço para buscar as pessoas? Eu consigo andar. Ah... uma liteira, você quer dizer? Sim, seria adequado.

– Seria, mesmo.

Sorri para ele, totalmente confusa com aquela conversa.

– O que vai ser? – perguntou bruscamente o vendedor de cachorro-quente depois de olhar Amon de cima a baixo.

– Dois completos e um refrigerante – respondi.

Amon, se é que era mesmo esse o seu nome, ficou parado bem atrás de mim, como se estivesse me protegendo das pessoas que passavam. Curioso, observou o vendedor preparar meu pedido. Quando os sanduíches ficaram prontos, entreguei-os junto com a bebida a Amon antes de tirar da carteira uma nota de dez dólares. Depois de enfiar o troco na caixinha do vendedor, conduzi-o até o banco vazio e pus minha bolsa entre nós dois enquanto ele começava a tentar tirar o papel que envolvia o cachorro-quente.

Amon deu uma mordida e pareceu gostar do sabor, mas quando abri a tampa da garrafa de refrigerante foi que as coisas ficaram realmente interessantes. Ele tomou um gole da bebida e, um segundo depois, se engasgou com o gás: o refrigerante saía por toda parte enquanto seus olhos lacrimejavam.

Peguei uns guardanapos na barraquinha e comecei a limpar o refrigerante do peito e dos braços dele.

Ele me olhava com uma expressão entre frustrada e divertida.

– Posso cuidar disso, jovem Lily.

Ele segurou minha mão e tirou o bolo de guardanapos dos meus dedos enquanto eu enrubescia intensamente e me desculpava.

– Sinto muito, foi sem querer.

Ele não se abalou nem com o refrigerante pegajoso nem com as minhas palavras atrapalhadas. Mesmo assim, forcei-me a olhar para outro lado enquanto ele terminava de se limpar, porque estava gostando um pouco demais da cena. Sentir-me atraída fisicamente pelo Sr. Quase-Rei/Não-Faraó simplesmente não era aceitável, e eu me recusava a deixar uma só semente de interesse criar raízes.

Quando terminou de limpar o peito, Amon empurrou a garrafa de refrigerante para as

minhas mãos.

– Essa bebida é horrível. Não tem suco de uva ou água?

– Espere aí. – Saí e voltei instantes depois com uma garrafa d'água. – Tome. Agora, por que não me conta como veio parar em Nova York sem nunca ter ouvido falar desta cidade?

Em vez de me responder, ele tomou a água toda.

Ergueu a garrafa vazia e exclamou:

– Esta água é mais deliciosa do que os beijos suaves de uma dúzia de donzelas núbeis.

De repente, não consegui mais me lembrar do que havia acabado de lhe perguntar. Ao ver que minha única reação era encará-lo como se houvesse desaprendido a pensar, o que no caso não estava muito longe da verdade, ele acenou com uma das mãos para chamar minha atenção.

– Posso beber mais um pouco de água, Lily? Estou com a garganta seca feito uma tempestade no deserto.

Que coincidência. A minha garganta também tinha secado.

– Ah... claro.

Deixei a bolsa no banco ao lado dele, peguei um pouco de dinheiro e fui novamente até a barraquinha. Quando me virei, com as mãos cheias de garrafas, vi um sujeito de capuz agarrar minha bolsa e começar a correr. *Sério mesmo? É este o dia que estou tendo? Só pode ser brincadeira!*

– Ei! – gritei, e na mesma hora deixei cair as garrafas; duas se quebraram e derramaram o conteúdo nos meus pés. Sem hesitar, saí correndo atrás do ladrão. – Pega ladrão! – gritei, e fiquei grata ao ver vários pedestres tentarem interromper sua fuga.

Antes de eu chegar até ele, porém, o homem estacou de forma abrupta, como se não tivesse mais controle sobre o próprio corpo. Virou-se de frente para mim, enquanto uma voz às minhas costas dizia:

– Você vai devolver os pertences dela.

Dei um grunhido.

– Agora não, Amon. Deixe que eu resolvo isso. – Dirigi-me ao ladrão: – Se você devolver, eu não chamo a polícia.

O sujeito aquiesceu, com os olhos vidrados, e me entregou a bolsa. Em seguida estremeceu como quem desperta de um sono e mergulhou na multidão, desesperado para dar o fora dali. Lancei um breve olhar para Amon, balancei a cabeça com incredulidade e abri o zíper da bolsa para conferir o conteúdo.

Mais uma vez havia se juntado gente à nossa volta, e Amon começou a interagir com as pessoas. Algumas chegaram a aplaudir e ele ergueu as mãos, parecendo satisfeito com os elogios.

Depois de constatar que nada havia sumido, fechei o zíper, zangada, e pus a bolsa no ombro.

– Inacreditável – murmurei para mim mesma. – Não, falando sério. Caramba, não dá

para acreditar! É o dia *mais louco* da minha vida!

Com forte necessidade de me afastar de todos, girei nos calcanhares. Amon logo me alcançou.

– Para onde estamos indo, jovem Lily?

– Não sei para onde você está indo, mas eu vou para casa.

– Para a *sua* casa?

– É.

Ele não teve dificuldade para acompanhar meu ritmo, embora àquela altura eu já estivesse quase correndo. Na esquina, levantei a mão para chamar um táxi e na mesma hora um encostou.

Quando puxei a porta, Amon disse, cauteloso:

– Não confio nas carruagens douradas.

Dei um suspiro e tornei a me virar.

– Olhe, o melhor que você tem a fazer é voltar para o museu. É só descer direto uns seis quarteirões. Peça para falar com o Tony. Ele é meu amigo. Diga que está tentando voltar para Tebas e eles vão ajudar você. Ele pode te comprar outro cachorro-quente e pôr na minha conta.

– Não estou entendendo, jovem Lily. Você quer que eu a deixe sozinha?

– Quero. Preciso ir para casa, tomar um banho e dormir bastante.

– Então eu vou junto.

– Não, você...

– Ei, vocês vão entrar ou não? – perguntou o taxista, impaciente.

– Espere um pouco! – gritei de volta, acrescentando ao meu novo repertório o ato de gritar com taxistas.

O motorista calou a boca e depois disso se contentou em me lançar olhares de irritação.

Diante da expressão de expectativa de Amon, não consegui me segurar. Já estava suficientemente sob pressão sem contar com ele. Chegara a hora de saltar do trem dos malucos. Última parada. Desembarque obrigatório.

Esfregando as têmporas, expliquei:

– Eu sinto muito, mesmo, mas não posso fazer isso, seja lá o que *isso* for. Minha cabeça está doendo. Quase fui assaltada. Eu tinha que almoçar com as Três Irmãs Esquisitas. Canalizei tanta eletricidade estática que minha boca está com gosto de marshmallow queimado. Para completar, estou acompanhando o Capitão da Doidolândia por Nova York. Dá para entender por que preciso ir para casa?

Amon acariciou minha bochecha com a ponta de um dedo, como tinha feito mais cedo, e assentiu com a cabeça de forma muito dócil.

– Sim. Entendo. Esta noite você precisa descansar.

– Você vai ficar bem?

– Nada de ruim vai acontecer comigo, Lily.

– Ótimo. – O peso da responsabilidade que eu sentia em relação a ele foi como um grosso cobertor que de repente escorregasse dos meus ombros. Apesar disso, mordi o lábio e, quando ele deu as costas, chamei-o de volta: – Espere!

Buscando na carteira, peguei várias notas de vinte e as pus na sua mão.

– Se ficar com fome ou com sede, entregue uma dessas notas ao homem do cachorro-quente.

– *Hakenew* – disse ele, cerrando o punho e amassando as notas todas no meio dele. Ao ver minha cara de incompreensão, esclareceu: – Agradecido.

– Ah. Bom, então tchau. E boa sorte.

– Que a sorte acompanhe você também – respondeu ele.

Entrei no táxi, fechei a porta e pedi ao motorista que seguisse para o Central Park. Enquanto ele esperava que o tráfego lhe permitisse sair, Amon segurou a porta, cuja janela estava aberta, e se aproximou para falar comigo.

– Jovem Lily? – perguntou.

– Sim?

Ele me dirigiu um daqueles seus sorrisos luminosos especiais.

– Você tem o coração de uma esfinge.

Eu estava a ponto de lhe perguntar o que isso queria dizer quando o taxista saiu com o carro. Amon ficou me encarando enquanto a distância entre nós aumentava e, apesar da certeza da minha decisão de largá-lo ali, permaneci desconfortavelmente virada no banco, olhando para ele até vê-lo ser tragado pelo turbilhão de pessoas que se moviam feito formigas pela selva escura de Manhattan.

Os laços que prendem

Quando o motorista dobrou a esquina e o Central Park tornou a surgir, pedi-lhe que me deixasse no Hotel Helios, onde eu morava. Quando eu era pequena, morávamos no subúrbio e meus pais pegavam o trem diariamente até Manhattan. No entanto, quando minha mãe ganhou sua grande promoção e meu pai, muito dinheiro com uma transação, eles trocaram nossa casa chique no subúrbio, com mais quartos do que conseguíamos usar, por uma cobertura ainda mais elegante e esnobe que custava pelo menos dez vezes mais e tinha ainda mais cômodos que nunca usávamos.

Com certeza viver em Manhattan tinha lá suas vantagens, e morar em um hotel mais ainda: arrumadeira, serviço de quarto a qualquer hora, porteiros, camareiros, acesso a piscina, sauna e academia. Mas, apesar de tudo isso, eu achava difícil pensar naquele lugar como meu lar.

As ruas de Nova York eram constantemente barulhentas. Uma cacofonia de furadeiras, britadeiras, buzinas, apitos dos guardas de trânsito, ruídos de ônibus e chiados de canos de descarga que nunca diminuía. Além disso, havia também o fato de que os "lares" de Nova York tinham números de apartamento e dividiam paredes com vários estabelecimentos de comida ou, no meu caso, tinham vários andares e serviço de quarto. Acrescente-se ainda o fato de meus pais preferirem manter nossa casa com um visual impecável, de revista, como se ninguém morasse ali. Eu não cobiçava um lugar onde a grama fosse mais verde… poxa, só um pedacinho de grama já estaria bom. Não era de espantar que vivesse meio desencantada com tudo.

Para mim, um lar era um lugar tranquilo com quintal, cerca e cachorro. E não um daqueles cachorros ridículos que as pessoas carregam na bolsa. Uma casa de verdade precisava de um cachorro de verdade, tipo pastor-alemão ou dobermann, um cão grande, capaz de babar o dono todo, cavoucar o quintal e esperar pacientemente junto à janela o dono voltar do trabalho.

A fazenda onde minha avó morava era, aí sim, o lugar perfeito para um cachorro. Eu tinha boas lembranças de perseguir seus diversos bichos de estimação por campos de mato alto, de seus focinhos frios fuçando minhas mãos, do cheiro de sol, vento, madeira e pelo de bicho quando os beijava no alto da cabeça e brincava com suas orelhas. Minha avó tinha tido

muitos cachorros ao longo dos anos, mas o último, Bilbo, morrera de velhice recentemente, e ela ainda não tivera coragem de arrumar outro.

Assim que o taxista encostou, Herb, o porteiro do hotel, aproximou-se para abrir a porta para mim.

– Teve um bom dia, senhorita Young? – perguntou, educado.

Aceitei sua ajuda para saltar.

– Herb, hoje foi um dos piores dias de toda a minha existência. Se eu contasse, você nem acreditaria – falei, apertando sua mão.

Com uma risadinha, Herb me acompanhou até as portas douradas do hotel.

– Eu acreditaria em qualquer coisa que a senhorita me contasse. Sei que não é dessas moças que vivem fazendo drama para chamar atenção.

Eu ri.

– Bom, Herb, o drama às vezes pega a gente desprevenida. Hoje recebi mais atenção do que jamais poderia querer. O resultado é uma enxaqueca de matar e uma vontade louca de comer chocolate. Boa noite para você.

– Igualmente, senhorita Young. Desejo melhoras.

Ele me olhou com um ar intrigado antes de abrir a porta.

– Obrigada – retruquei sobre o ombro ao entrar no hotel.

Quando foi que as luzes ficaram assim tão fortes? Semicerrei os olhos para tentar minimizar a dor lancinante atrás dos globos oculares enquanto atravessava o lobby em direção aos elevadores privativos, onde Stan estava a postos e me permitiu subir até o 52º segundo andar.

O lugar em que eu morava não tinha nada de modesto. Meus pais eram donos do andar inteiro e não haviam poupado esforços ao decorá-lo com peças que seguiam as últimas tendências: tapetes selecionados por decoradores famosos, obras de arte escolhidas a dedo não só para complementar os ambientes mas também para mostrar a potenciais clientes, com muito bom gosto, quanto dinheiro nós tínhamos, e uma geladeira – grande o suficiente para a pessoa se perder lá dentro – disfarçada de armário caro; eram todos objetos tão frios e impessoais quanto os cômodos em si. Meu quarto era a única exceção, o único lugar em que eu me sentia suficientemente à vontade para tirar os sapatos e largar as chaves em cima da mesa.

Uma das únicas aquisições de meus pais de que eu realmente gostava era um lustre de Chihuly que ficava na sala de jantar. A peça me parecia ter um certo ar caótico, sensação muito diferente da minha vida tão engessada em todos os outros quesitos. As bolas douradas que irradiavam uma luz suave, as fitas em forma de arabescos e as conchas retorcidas possuíam uma beleza selvagem que me convidava a ultrapassar minhas próprias fronteiras, a usar o calor da experiência para moldar os grãos de areia do deserto emocional que era minha vida na forma de algo tão rico e precioso quanto o vidro artesanal daquele artista.

Ao entrar na cozinha, chamei:

– Marcella? Você está aí?

O único som que ouvi em resposta foi o eco da minha voz se perdendo naquela casa que parecia uma tumba vazia. Peguei na geladeira um refrigerante diet gelado na medida certa e fui para o quarto, meu santuário no que eu gostava de chamar de “palácio de gelo”. Ao entrar, larguei a bolsa pesadamente no chão e me abaixei para soltar as fivelas das sandálias.

Eu adorava meu quarto. Tinha decorado o ambiente em tons de creme, marfim e rosa bem clarinho. A cama e a mesa de cabeceira eram de um dourado vistoso, esculpidas em um estilo que lembrava o da Inglaterra vitoriana. As colunas nos quatro cantos da cama se curvavam para formar lindos arcos, e cortinas diáfanas pendiam delas em dobras suaves.

Um dos lados do quarto tinha janelas que iam do chão até o teto e davam para minha varanda particular, com uma vista esplêndida para o Central Park. A parede oposta era repleta de formas geométricas: quadrados de vidro fosco e retângulos de vários tamanhos, todos iluminados por trás por discretas luzes rosadas.

Ao ver de relance meu reflexo no imenso espelho dourado, me convenci de que um banho era uma necessidade absoluta antes de ir para a cama. Atravessei o quarto descalça, sentindo os pés afundarem no tapete felpudo. Cambaleei na direção do banheiro enquanto massageava a nuca.

Sentia os ombros rígidos e doloridos, sobretudo o esquerdo. O latejar na cabeça estava piorando e, para completar, minha pele parecia levemente inchada e irritada. Passei a língua pelos lábios e senti um sabor metálico, como se estivesse sangrando. *Talvez eu seja alérgica a alguma coisa*, pensei. *Deve ser a toda aquela poeira antiga lá no museu.*

Engoli comprimidos de analgésico e então estudei meu reflexo, constatando de perto, sob todos os ângulos, quanto estava abatida.

– As Irmãs Tortas tinham razão. Pareço ter saído da boca do gato.

Rezando para o remédio operar depressa sua magia, afundei na luxuosa banheira e comecei a me esfregar. A água quente e borbulhante me fez perceber como estava cansada. Com a cabeça apoiada em uma grossa toalha, peguei no sono. Não parecia ter dormido muito tempo quando meus olhos se abriram de repente.

Por questões de privacidade, as janelas eram de vidro fosco, para deixar passar a luz, impedir a entrada do calor, mas não permitir que ninguém visse o interior. O chuveiro em estilo spa, localizado dentro de um boxe de vidro jateado, funcionava da mesma forma: deixava passar a luz, mas só permitia que se tivesse uma visão opaca da pessoa que estava tomando banho.

Eu não tinha me dado ao trabalho de acender a luz, pois queria aproveitar o calor do sol poente, privilégio raro em uma cidade repleta de arranha-céus. Essa era uma das maiores vantagens de se morar em um prédio alto perto do Central Park. Só que a luz que caía devia estar pregando peças nos meus olhos, porque por alguns instantes me pareceu que havia alguém ali movendo-se nas sombras.

Depois de passar um minuto inteiro olhando fixamente para o mesmo ponto, decidi que

o que estava causando o movimento nas sombras deviam ser as nuvens; ou isso ou as sombras compridas dos prédios do outro lado do parque. Tornei a recostar a cabeça na toalha.

– E a paranoia, vai bem? – balbuciei.

Tentei relaxar e aproveitar, mas a água, apesar de morna, me deixou gelada. A escuridão pareceu absorver toda a luz do banheiro e, em vez de me sentir reclinada em uma espaçosa banheira, de repente tive a sensação de estar presa dentro de um grande sarcófago. Um forte cheiro de incenso se misturou ao gosto acre e metálico de sangue. Ouvi um barulho fraco de alguém soluçando, então um grito. Com um arquejo, sentei-me, fazendo a água se agitar em violentas ondas que se derramaram pela borda sobre a plataforma de mármore.

Com um surto de energia, saí da banheira atabalhoadamente e fiquei olhando para ela, horrorizada. Trêmula, com a água empoçando aos meus pés, afastei dos olhos os cabelos que pingavam e tentei acalmar a respiração e diminuir o ritmo cardíaco. *Qual é o problema comigo?* Eu nunca tinha ouvido falar que enxaqueca causasse alucinações, mas imaginei que fosse possível. E uma explicação mais lógica ainda seria que eu tinha pegado no sono e tido um pesadelo.

Vai ver estou com hipoglicemia. Eu só tinha tomado um chá antes de sair para o museu. *Deve ser isso. Baixo nível de açúcar no sangue*, racionalizei, atribuindo a experiência a alucinações provocadas pela fome, mas, mesmo depois de afastar do pensamento as coisas malucas que tinham me acontecido naquele dia, não pude negar que algo muito estranho estava ocorrendo.

Destampei o ralo e, deixando o trabalho de dar um jeito no banheiro para Marcella, nossa empregada – atitude muito anormal para mim, e para a qual eu sabia que ela iria inventar uma punição secreta mais tarde –, enrolei os cabelos em uma toalha grossa, vesti o roupão atoalhado, fui para o quarto e me sentei em frente à escrivaninha.

A primeira coisa que fiz foi pegar os diversos papéis que tinha enfiado na bolsa ao sair às pressas do museu. Depois de separá-los, arrumá-los em pequenas pilhas e colocá-los no canto da escrivaninha para consulta fácil, eu me senti bem melhor. Algo naquelas pilhas, somado às listas cheias de símbolos em negrito e calendários com dias inteiros riscados, me proporcionou uma sensação de controle e, mais ainda, de realização.

Talvez eu fosse mais filha dos meus pais do que quisesse reconhecer. Meu lado organizado e meticuloso de soldadinha obediente se encaixava com perfeição no estilo de vida deles, e eu parecia encontrar certo conforto nessa rotina. Embora no fundo ansiasse por um pouco de caos e aventura, a verdade era que eu em grande parte dependia da ordem para funcionar direito.

Abri meu caderno e achei a página em que havia iniciado o esboço de Amon. Tentei começar a desenhar seu rosto, mas apaguei várias vezes os traços, frustrada por não conseguir acertar.

Não sabia por que estava sendo tão exigente em relação a Amon. Depois de algum

tempo, desisti e desenhei apenas o contorno de sua cabeça.

Ouvi o sinal do elevador, seguido pelos estalos secos de saltos altos que indicavam a chegada de minha mãe. Havia passado bem mais tempo do que imaginava concentrada no desenho de Amon. Minha mãe enfiou a cabeça pelo vão da porta do quarto e seu perfume floral fez cócegas no meu nariz.

– Mãe – falei, sem erguer os olhos do desenho.

Ela entrou no quarto e pousou uma das mãos no meu ombro coberto pelo roupão.

– Como foi seu dia? Herb comentou que foi difícil.

Em resposta, dei de ombros e tentei lembrar que Herb estava só pensando no meu bem-estar enquanto minha mãe pegava um dos folhetos das universidades, escolhendo justamente a que considerava menos desejável. Quase pude ouvir o efeito do cenho franzido nas suas palavras enquanto ela passava os olhos pelo documento.

– Estou vendo que você andou avaliando alternativas.

– É. Mas ainda não decidi nada.

Antes de falar, ela apertou meu ombro de um jeito que considerei mais controlador do que reconfortante.

– Tenho certeza de que vai escolher a melhor. – Ela abriu o fecho do colar e começou a tirar as pulseiras enquanto continuava a conversa: – Como foi a reunião do seu projeto final do colégio?

– Acabou de forma abrupta.

– Fiquei sabendo.

Virei-me na cadeira para encará-la e perguntei:

– Quem ligou para você?

– A mãe da Cassie. Cassie ficou preocupada. Disse que você abandonou o almoço para ajudar um rapaz na rua. É verdade?

Para quem visse de fora, minha mãe pareceria genuinamente preocupada, mas pude sentir a alfinetada amarga de sua reprovação, e na mesma hora tentei aplacá-la:

– Não foi tão dramático quanto ela deu a entender.

– É? – foi a resposta de minha mãe.

Uma única sílaba incluída na conversa que transmitia por si só uma infinidade de significados. Aquilo era um velho truque de produtores de TV para deixar os entrevistados pouco à vontade e levá-los a preencher o silêncio, e potencialmente se enforcarem ao fazer isso. Apesar de conhecer a tática de entrevista da minha mãe, mordi a isca:

– Ela disse a verdade, tinha mesmo um rapaz na rua, mas o que ela não disse foi que ele sofreu um acidente. Ficou muito ferido.

– E você foi tentar ajudar – completou minha mãe com as sobrancelhas arqueadas.

Era mais uma acusação do que uma pergunta.

– Não senti que tivesse escolha – observei; uma resposta direta, embora não totalmente sincera.

– Não tinha nenhum policial por perto? Ninguém chamou uma ambulância?
– Não sei. Ele sumiu antes de a polícia chegar.
– Pensei que estivesse muito ferido.
– E estava. Mas... ele foi embora cambaleando.
Minha voz se perdeu, nada convincente.
Os olhos atentos de minha mãe encontraram meu caderno; ela o puxou mais para perto e correu o dedo pela página.
– É este o seu rapaz misterioso?
Assenti enquanto punha o braço em cima das anotações que fizera sobre ele no pé da página, torcendo para meu gesto ser interpretado como casual, e não dissimulador.
– Hum. Quem sabe eu devesse dar uns telefonemas e tentar localizar esse rapaz para ele poder receber cuidados médicos.
Ela estava caminhando para levar Amon a virar um assunto seu, e eu não podia permitir que isso acontecesse. Não que minha mãe fosse fazer alguma coisa para prejudicá-lo, mas ela nutria sentimentos muito fortes por pessoas que precisavam ser colocadas no que ela julgava ser o seu devido lugar.
Sob os seus cuidados, Amon provavelmente iria parar em um hospício. Eu mesma não tinha certeza de que não fosse esse o seu lugar, mas pensar nele internado me parecia muito errado. Como precisava concordar para despistar minha mãe, engoli em seco e falei, com voz aguda:
– Tenho certeza de que ele está precisando muito.
Tive um instante de pânico ao vê-la hesitar com os olhos pregados no meu caderno. Se decidisse confiscá-lo, eu não sabia o que faria. Mas não: ela o fechou e empurrou até o canto da escrivaninha.
– Você sabe como eu sou tolerante em relação aos seus pequenos hobbies – começou ela. – Só espero que não tenha se atirado em uma situação perigosa só para documentar uma pessoa... nova?
A frase foi em parte uma ordem, em parte um alerta, em parte um pedido. Sorri de volta e balancei a cabeça como se aquilo não fizesse o menor sentido.
Após alguns dolorosos instantes sob o escrutínio de minha mãe, durante os quais tive certeza de que ela de algum jeito estava conseguindo ler minha mente e descobrir cada pensamentozinho secreto, ela mudou de assunto e me exibiu seu sorriso de mídia social. Uma pequena parte de mim entrou em pânico, apavorada que ela fosse pesquisar imagens do incidente com Amon.
Contanto que me movesse com cuidado, eu conseguia cruzar com segurança a fronteira entre o mundo no qual meus pais viviam e o mundo que eu havia criado para mim. O incidente com Amon era a coisa mais perigosa, e sem dúvida a mais empolgante, que já havia me acontecido, e por mais que eu quisesse que ele encontrasse a sua casa, algo que ele

sem dúvida conseguiria fazer com a ajuda dos meus pais, também queria guardar os acontecimentos daquele dia só para mim.

– Bom, então nós temos uma pequena agente humanitária na família, não é?

Transformei rapidamente minha careta em um leve sorriso e torci para minha mãe não reparar na diferença.

– Só não se esqueça de remarcar o almoço – continuou ela. – Você sabe como é importante para o seu pai.

– Claro. Sei, sim. Vou dar uma ligada hoje à noite para as Irmãs Esqui... para as meninas.

Ela estreitou os olhos, astuta. Apesar de ter pescado meu ato falho sarcástico, foi magnânima e decidiu ignorá-lo.

– É assim que eu gosto.

Sorriu e me deu uns tapinhas na bochecha como se eu fosse um pônei premiado, antes de virar as costas e sumir pelo resto da noite.

Com um profundo suspiro de alívio pelo fato de o interrogatório ter acabado, levantei-me e grunhi, levando a mão à base das costas para uma massagem. Sentia-me uma senhora de idade. Pior, uma senhora de idade atropelada por um carro. Leves pontadas de dor brotavam nas minhas costas e faziam arrepios doloridos subirem e descerem pelo meu corpo, dando-me a sensação de que era um porco-espinho jogado de um lado para outro por um tigre – eriçado, tonto e levemente mordiscado.

Decidi pular o jantar e me deitar cedo para impedir a ação do vírus que provavelmente tinha contaminado meu organismo. Subi na cama de dossel e me deitei, torcendo por um sono longo e rejuvenescedor. Em vez disso, tive sonhos estranhos. Grandes besouros coloridos subiam pelos meus braços e, por mais que os espantasse, não paravam de aparecer. Afundei em um rio lamacento cheio de crocodilos que tentavam me morder. Então, quando pensei que não conseguiria mais suportar os pesadelos, fui arrastada para um lugar escuro onde um mal invisível tentava levar embora algo precioso e perfeito.

Acordei abruptamente quando o ar se moveu acima da cama e senti um movimento junto às janelas. As cortinas diáfanas esvoaçavam na brisa, e escutei os barulhos reconfortantes das buzinas dos caminhões vários andares abaixo. *Devo ter aberto a porta da varanda ontem à noite*, pensei.

Esfregando os braços, calcei um par de chinelos macios e fui até a porta. Os móveis de ferro forjado da varanda estavam cobertos de orvalho. Saí e senti o cheiro das flores plantadas nas jardineiras suspensas, inspirando com força enquanto olhava para o parque.

Alisei a cabeça do grande falcão de pedra que o hotel tinha posto ali muito antes de nos mudarmos. Embora jamais fosse admitir isso, achava que esse gesto me dava sorte. Um

pássaro montava guarda em cada um dos lados do hotel: norte, sul, leste e oeste. Aquele meu falcão parecia vigiar o Central Park, protegendo-o feito uma gárgula, e às vezes eu gostava de pensar que estava me protegendo também.

Raios rosados de sol tocaram minha pele e, embora meu corpo ainda doesse e minha cabeça latejasse torturantemente, eu podia jurar que o simples fato de ficar em pé ali ao sol estava levando embora parte da dor. Ouvi um farfalhar de asas atrás de mim, e teria enxotado os pombos na mesma hora se a sensação daquele banho de sol não fosse tão perfeita.

Segurei a balaustrada, fechei os olhos e me entreguei àquela sensação, esquecendo por um instante o ambiente à minha volta até escutar uma voz bem conhecida:

– O sol nos deixa fortes, jovem Lily. Assim como eu estou ligado a ele, você está ligada a mim.

Um banquete no novo reino

Girando nos calcanhares, com voz incrédula, sussurrei:

– Amon? O que você está fazendo aqui em cima? Espere. Não. Mais importante ainda: como você chegou aqui em cima?

Mantive a voz baixa enquanto olhava nervosa para a porta do meu quarto. Era improvável que meus pais ou Marcella viessem falar comigo tão cedo, mas, por outro lado, eles gostavam de mudar a rotina de vez em quando para me pegar desprevenida.

– Eu preciso de você, Lily – disse ele simplesmente.

– O que você precisa mesmo é ir para casa – retruquei. – Olhe, que tal eu ligar para a polícia e ver se eles conseguem localizar alguém que conheça você?

Virei-me para a porta da varanda.

– Não.

Aquela ordem dita em voz baixa me deteve, e senti um brilho quente e conhecido se infiltrar em minha mente, como quando eu não conseguira me afastar dele na rua. No momento em que tomei a decisão mental de não ligar para a polícia, recuperei o controle dos meus membros.

Ergui os olhos para os de Amon com um ar questionador e senti as emoções dele brotarem dentro de mim.

– Você não tem mais casa, não é?

– Minha casa virou pó há muito tempo.

Inclinando a cabeça, perguntei:

– Você está me controlando com hipnose?

– O que é hipnose?

– Você sabe, dominar minha mente, me transformar no seu Renfield.

Ele se concentrou nos meus olhos e, em seguida, arqueou as sobrancelhas como se tivesse descoberto a resposta a uma pergunta.

– Ah, entendi – disse. Andando de um lado para outro atrás do sofá, uniu as mãos às

costas. – A resposta que eu poderia lhe dar é: não exatamente. Não tenho a intenção de transformar você em escrava da minha vontade, jovem Lily.

A luz da aurora se derramava sobre seu corpo e imprimia à pele um brilho cálido. Embora com certeza fosse estranho – para não dizer errado sob vários aspectos – encontrá-lo não só no prédio em que eu morava como no mesmo andar *e* na varanda do meu quarto, fiquei surpresa com a felicidade que senti ao vê-lo, fosse ele ou não um maluco que estivesse me perseguindo.

Se eu fosse agir movida pela lógica, estaria bolando um jeito de avisar à polícia, ou no mínimo à segurança do prédio, mas o meu desejo de fazer isso era bem fraco e eu não conseguia me forçar a sentir outra coisa que não alívio. Amon também pareceu reconfortado ao ver que eu estava bem.

Eu tinha que admitir, é claro, que sua resposta à minha pergunta sobre Renfield tinha sido "não exatamente", ou seja, eu de alguma forma *estava* ligada a ele como Renfield ao conde Drácula. Era totalmente possível que ele próprio estivesse pondo na minha cabeça aqueles pensamentos tranquilizadores. Será que eu confiava mesmo nele ou será que ele estava só me forçando a sentir isso? Ao mesmo tempo, se eu não podia confiar na minha própria reação emocional, *em que* poderia confiar?

Dei alguns passos à frente, então parei; minha mente travava uma batalha com meus sentimentos. A luz do sol se intensificava em volta de Amon, e eu quase podia ver o calor se irradiar do seu corpo. Apesar do grosso edredom sob o qual havia me enfiado ao deitar, o frio que tinha penetrado meu corpo desde o banho não desaparecera, mas Amon fazia lembrar tudo o que era quente – um dia de verão na praia misturado a uma brisa tropical, enrolado em um cobertor aquecido.

Ele pareceu saber o que eu estava pensando e sorriu; quando estendeu a mão, seus dentes muito brancos reluziram em contraste com a pele dourada. Por alguns instantes, perguntei-me se aquele seu calor também iria me invadir caso eu a segurasse. Cerrei os dentes, porém, decidida a não deixar que ele me manipulasse, e resisti.

Cruzei os braços diante do peito, reprimi um calafrio e sibilei:

– Responda à minha pergunta. Como chegou aqui em cima?

Amon abaixou a mão e franziu o cenho.

– O homem que cuida da gaiola dourada me mostrou onde encontrar você.

– Stan? – Balancei a cabeça. – Não. Impossível.

Ele me fitou com um olhar demorado e suspirou.

– Há muito mais coisas possíveis do que você pode imaginar, Lily.

Parece que sim. E agora o meu bom senso me dizia que eu precisava fugir. Recuei alguns passos e me aproximei um pouco mais da porta de vidro aberta.

– O que você quer de mim, afinal? Por que está me seguindo?

– Nós estamos... ligados, Lily.

– Ligados – repeti, sem entonação.

– É. Eu lancei um encantamento que uniu meu *ka* ao seu.

– Seu *ka?* Que diabo é isso?

– O *ka* é como...

Ele bateu com a mão espalmada na cabeça e se afastou, fazendo o saiote branco esvoaçar em volta das coxas musculosas.

Com ele de costas, pude ter uma boa visão de seus ombros largos e braços fortes, que me distraíram um pouco menos do que o peito largo e o abdome definido. Sacudi a cabeça para clarear os pensamentos. Será que ele era mesmo o cara mais atraente que eu já vira ou estaria apenas me manipulando para eu *acreditar* que fosse?

Amon se virou depressa e, embora não tenha parecido reparar no meu olhar que se redirecionou de seu corpo para seu rosto, minhas bochechas arderam. Dessa vez não tive a impressão de que ele estivesse consciente da atração que eu sentia. Franzi o cenho ao reconhecer que essas sensações tinham vindo da minha própria cabeça, não da dele.

– É como uma força vital – continuou ele. – Minha força vital está ligada à sua.

– Ainda não entendi. Está querendo dizer que nós somos companheiros de alma?

– Companheiros? – Foi a *sua* vez de enrubescer. – Não. Nós não temos esse tipo de relação.

Não pude evitar uma risadinha. Mordi o lábio e me perguntei se deveria ficar aliviada ou ofendida pelo fato de ele não se interessar por mim dessa forma.

De repente, Amon pareceu nervoso e baixou os olhos.

– Os seus... – Ele fez um gesto em direção à minha barriga. – ... órgãos internos, suas vísceras, estômago, pulmões, intestinos, até mesmo o seu coração, estão ligados aos meus. Essa conexão lhe causou dor. Sinto muito por isso, mas eu estava desesperado. Não vou conseguir sobreviver por muito tempo neste mundo sem meus vasos da morte, sabe, e como eu...

Levantei uma das mãos.

– Espere... um... instante – eu disse, destacando cada palavra. – Está dizendo que você pegou emprestado os meus “órgãos internos” porque não conseguiu encontrar seus vasos canópicos?

– Isso.

– E está falando sério?

– Estou.

Não havia sequer um indício em seu rosto que sugerisse algo além de sinceridade. *Tudo bem*. Decidi aceitar a loucura só por alguns instantes e tentar entender o que exatamente estava se perdendo naquela conversa. Pelo menos agora eu obtinha *algumas* respostas.

– Então você está dizendo que eu ando me sentindo mal por causa desse encantamento que você lançou.

– Seus pensamentos estão corretos.

– Então... você é o quê, exatamente? Um vampiro de órgãos?

Um vampiro invasor de mentes eu podia compreender, embora não acreditasse nessas coisas.

– Não entendo a palavra “vampiro”.

– Ah, uma criatura que chupa sangue, sabe? Que não suporta alho. Que se transforma em morcego. Um demônio brilhante que evita a luz do sol. Esse tipo de coisa.

– Eu não evito a luz do sol; o sol me fortalece. Também não bebo sangue.

– Arrã. Então nesse caso você é um...

Usei o mesmo truque da minha mãe e esperei que ele preenchesse a lacuna, mas ele simplesmente ficou parado me encarando.

– Tudo bem – falei, abraçando meu sarcasmo interior. – Então escolha a resposta que melhor se aplica a você. “Eu sou (a) maluco, (b) viciado em bronzeamento e malhação, (c) um ex-assassino à procura de um lugar para guardar seus órgãos, ou (d) produto da imaginação muito criativa de Lily.”

Ele franziu o cenho.

– Minha mente está sã, Lily. Não entendo o que significa “bronzeamento”, e as únicas vidas que já tirei foram a de homens maus.

Estava prestes a fazer uma pergunta sobre a morte de homens maus quando Amon avançou decidido na minha direção. Mais uma vez, constatei que não conseguia me mexer, embora sua proximidade cada vez maior tenha disparado vários alarmes no meu cérebro. Com delicadeza, ele encostou a palma da mão na minha bochecha e me encarou com olhos mais verdes que a grama da Irlanda.

No mesmo instante, tomei consciência de seu cheiro singular: âmbar liquefeito, com um toque de caxemira e uma leve sugestão de mirra aquecida ao sol. Gostei desse cheiro. Muito. Não queria gostar. Minha bochecha ardia no ponto em que a palma dele a tocou, e constatei que não conseguia lhe virar as costas.

Com toda a sinceridade, ele indagou:

– Meu toque prova a você que sou um homem de verdade, e não alguém que só existe nos seus sonhos?

Minha garganta havia secado de repente. Fiz um esforço para engolir e responder, mas em vez disso me concentrei nos seus lábios carnudos e apenas fiz que sim com a cabeça, sobretudo ao perceber que na verdade não sabia como responder àquela pergunta.

A mão dele desceu pelo meu rosto e segurou meu queixo, e ele estudou minha expressão por alguns instantes antes de dizer:

– Não precisa ter medo de mim, Lily. Você está sofrendo por causa dos meus atos. Por favor, me deixe ajudar.

Depois que ele disse isso, consegui me concentrar outra vez no latejar que sentia na nuca, na dor dos meus membros e no tremor nauseante no estômago. Assenti, naquele momento confusa mas confiante, apesar de a outra metade da minha mente protestar dizendo o contrário.

Amon deu um passo mais para perto até toda a extensão de seu peito nu estar a poucos centímetros de mim, e senti um formigamento de calor percorrer meu corpo, como se houvesse sido atingida por pequenas flechas de luz do sol.

Ele fechou os olhos, levou as mãos ao meu pescoço e o envolveu delicadamente. Ocorreu-me por um instante que eu talvez estivesse prestes a ser estrangulada, mas ele me segurou com o cuidado que se dedica a uma borboleta. Então começou a murmurar, e suas mãos me queimaram como se estivessem cobertas de pomada descongestionante. Minha pele ardeu quando o calor percorreu meu corpo, eliminando a dor e deixando em seu rastro um abençoado entorpecimento.

Quando Amon levantou a cabeça e cambaleou alguns passos para trás, pude sentir quanto havia lhe custado o que acabara de fazer. A pele dourada agora exibia um tom acinzentado, e seus olhos brilhantes tinham um ar cansado e estavam mais castanhos do que verdes.

Ele desabou no sofá da varanda e enterrou o rosto nas mãos. Seu peito começou a subir e descer depressa, a respiração acelerada, como se ele houvesse corrido.

– O que você fez? – perguntei, tentando entender o que havia acontecido.

– Devolvi um pouco da energia que roubei de você. Infelizmente, jovem Lily, é só um alento temporário.

– Temporário?

– Sim. A dor vai voltar, mas eu vou dividir o fardo dela com você quanto puder. Precisa acreditar que fazer você compartilhar o meu destino nunca foi minha intenção.

– Olhe, no que diz respeito ao destino, não estou entendendo muito bem. Então vou partir do princípio de que você me aplicou alguma espécie de hipnoterapia e deu certo. Nesse caso, obrigada. Estou me sentindo bem melhor.

Após um breve instante de hesitação, afundei na almofada ao seu lado. Suas emoções tinham um sabor amargo. Supondo que ele estivesse dizendo a verdade e estivéssemos de fato ligados um ao outro, o que eu estava sentindo podia, teoricamente, estar vindo dele. Dor. Fraqueza. E alguma outra coisa... algo abaixo da superfície. Finalmente me ocorreu o que era: solidão. Assim que entendi isso, a emoção desapareceu.

– Não mergulhe muito fundo, jovem Lily. – Amon reclinou a cabeça no encosto. – Talvez não goste do que vai encontrar – acrescentou, suave.

Fechou os olhos e os longos cílios projetaram sombras em seus malares. Hesitante, encostei as costas da mão em sua testa. A pele, poucos instantes antes repleta de calor, havia se tornado fria como gelo.

– Você está congelando – declarei.

Entrei correndo no quarto e peguei o edredom de plumas, parando para fechar e trancar a porta só para o caso de meus pais ou Marcella resolverem vir ver como eu estava, e tornei a sair para a varanda. Depois de ajeitar o edredom em volta de Amon, perguntei:

– Você estava falando sério quando disse que o sol o fortalece?

– Estava, Lily.

– Então vamos pôr você ao sol de novo.

Apesar de eu não entender o que estava acontecendo entre nós, a fraqueza dele tinha gerado uma atração tangível ainda mais forte. Era uma coisa suave, mas persistente, que me chegava em pequenas ondas e ia aos poucos minando minha força.

– Seus pensamentos estão corretos – disse Amon enquanto eu o fazia andar até um banco banhado de sol. – Mas vou tentar usar o mínimo possível da sua energia.

– Você consegue ler meus pensamentos?

– Eu entendo você do mesmo jeito que você me entende – explicou ele, críptico. – Obrigado, Lily – murmurou depois de se acomodar.

O sol de fato o fez reviver. A diferença era perceptível e inegável. A atração que ele exercia sobre mim diminuiu até eu quase não conseguir sentir mais nada. Após observá-lo por alguns instantes, eu disse:

– Muito bem, estou pensando o seguinte: você deve ter algum problema de saúde. Como uma daquelas alergias raras ao sol, só que no seu caso é o contrário. Você tem um problema com a sombra. – Se fosse mesmo isso, porém, como é que ele havia me transmitido sua estranha doença ligada ao sol? – Amon... você disse que estava compartilhando a minha energia.

– Sim. É isso mesmo – respondeu ele.

– Então ontem, quando se feriu, você pegou minha energia emprestada para se curar. Foi isso?

– Em parte. Você é o meu vínculo com este mundo. Como a âncora de um barco. Só vou ter acesso à totalidade do meu poder quando estiver completamente formado. Enquanto não retornar à minha estrutura correta, preciso continuar ligado a você.

Aquilo estava ficando mais esquisito a cada segundo.

– Ok, deixe-me ver se estou entendendo. O seu corpo funciona como um painel solar, com o sol exercendo uma cura milagrosa pessoal. Você precisa urgentemente de um transplante de órgãos, e por enquanto eu tenho que ser o seu coelhinho da Duracell.

Só reparei que estava gesticulando quando ele segurou minhas mãos.

– Lily, suas palavras estão me deixando confuso. Embora eu obtenha energia a partir do sol, isso não basta para fazer as coisas que preciso fazer no tempo de que disponho. Sem os jarros que contêm o restante da minha essência, eu logo vou morrer.

– Você está morrendo?

Ele assentiu.

– Mas ainda não está na hora. Preciso permanecer neste mundo até ter cumprido meu objetivo.

Ah. Minhas tentativas semiconscientes de minimizar seus sintomas desapareceram, sufocadas pela gravidade de sua situação. A Lilliana sensata e prática passou para o primeiro plano. Apertei sua mão.

– É claro que precisa. Você é jovem demais para morrer.

De repente, todas as peças se encaixaram. Ele ainda estava perdido, mas agora eu sabia que estava também acometido por uma doença terminal.

A questão dos órgãos devia ser porque seu organismo estava entrando em colapso, e ele devia estar tomando remédios muito fortes, o que explicava o fato de parecer um pouco louco.

Testar tratamentos alternativos poderia explicar sua obsessão pela cura e a transferência de energia. Alguém provavelmente tinha falhado ao vigiá-lo, e ele havia fugido usando apenas um lençol branco, talvez proveniente do seu leito de hospital. Isso também explicava os pés descalços e a perda de cabelos em um rapaz tão jovem. Perguntei-me se ele tinha ido ao museu porque esse era seu último desejo antes de morrer.

– Lily?

O simples ato de ele pronunciar meu nome fez as engrenagens dentro da minha cabeça pararem de girar por completo.

– Sim, Amon – respondi baixinho, com uma espécie de sorriso de desculpas.

– Eu posso sentir seus pensamentos. Embora seja verdade que meu corpo está enfraquecido, não há doença alguma na minha mente. Eu não tenho muito tempo no seu mundo, e a cerimônia precisa se realizar enquanto eu tiver forças. Se conseguir despertar meus irmãos, eles vão me ajudar a terminar o que preciso fazer, mas para isso eu preciso da sua ajuda para encontrá-los.

– Quer que eu o ajude a encontrar seus irmãos?

– Quero.

O alívio me inundou.

– Claro. Farei tudo o que puder. Eles estavam no museu com você?

Ele fez que não com a cabeça.

– Estão perdidos, como eu.

Então ele queria retomar contato com os irmãos. Bem, se precisava de ajuda com a lista de coisas que desejava fazer antes de morrer, nisso eu podia ser útil. Deixando-o ali ao sol, entrei novamente no quarto e voltei com um bloquinho e minha lapiseira confiável.

– Muito bem, vamos começar com os nomes.

Ele concordou.

– Um deles se chama Asten.

Escrevi *Asten*.

– É filho de Khalfani.

– Certo. Sobrenome Khalfani.

– Não. O nome do pai dele é Khalfani.

– Ok, ótimo. Está muito bem, Amon. – Dei um sorriso radiante. – Qual é o sobrenome dele? – perguntei devagar.

Amon estreitou os olhos, mas respondeu à pergunta:

– Ele é conhecido só como Asten, mas às vezes também é chamado de Mágico Celeste ou Sonhador Cósmico.

– Humm... ok.

Anotei *possível mágico/checar Las Vegas* e em seguida perguntei sobre o outro irmão.

– O nome dele é Ahmose, e ele era o príncipe de Waset.

– Waset. Isso é um país?

– Waset já foi uma grande cidade.

– Certo. Pode continuar – falei, enquanto anotava *possível político*.

– Ele é o Grande Curandeiro, e é o Mestre tanto dos Animais quanto da Tempestade.

– Entendi.

Reformulei minhas anotações: risquei *possível político* e escrevi *veterinário, ou talvez meteorologista*.

– Qual foi a última vez que você viu algum deles?

– Faz um milênio.

– Arrã.

Durante alguns instantes, o único barulho que se ouviu foi o da minha lapiseira arranhando o papel.

Fechei o bloco com um estalo e disse:

– Acho que tenho um bom lugar para começar. – Pousei a mão no ombro nu de Amon e o apertei de leve. – Prometo fazer o melhor que puder para encontrar seus irmãos e levar você até onde precisa estar.

– Obrigado, jovem Lily.

– De nada. E agora, que tal um pouco de substância? – Fiz uma breve pausa antes de arrematar: – Você pode comer coisas sólidas?

Eu nunca deveria ter dado um cachorro-quente a um paciente com câncer. Onde estava com a cabeça?

– Tem cachorro-quente? – perguntou ele, como se estivesse lendo meus pensamentos.

– Cachorro-quente não é um alimento muito nutritivo, e acho pouco provável ter isso aqui em casa, mas vou pedir alguma coisa para você. Alguma coisa macia, fácil de digerir.

– Eu tenho dentes fortes. Não preciso comer mingau. Minha chegada em geral é celebrada com banquetes e música, mas você pode cantar para mim outro dia. Confesso que no momento estou tão faminto quanto um chacal expulso da matilha, e não trocaria um banquete por nenhum tipo de entretenimento, por mais extasiante que fosse.

– Ok. Vou deixar os cantos extasiantes para outro dia. Mas um banquete eu posso providenciar. Fique aqui ao sol até eu voltar.

Ele assentiu. O cansaço em seu rosto era evidente.

Fechei com cuidado a porta e as cortinas da varanda, peguei meu roupão e fui até a cozinha, parando no caminho para verificar meu reflexo no espelho. Os cabelos escuros

caíam pelas minhas costas em grossas ondas despenteadas. Os olhos azuis que me encaravam de volta estavam brilhantes, e eu tinha as faces coradas de sol.

Com certeza não parecia a menina altiva, elegante e controlada que geralmente era. Estava com um aspecto animado, selvagem, um pouco descontrolado. Fazendo um esforço consciente para me acalmar e ajeitar os cabelos, avancei devagar até a cozinha. Não havia ninguém ali. Meus pais deviam ter saído cedo. Então me ocorreu que aquele dia também era a folga de Marcella. Perfeito.

Liguei para o serviço de quarto, fiz o pedido e em seguida voltei para a varanda.

– Já absorveu sol suficiente? – perguntei.

– Tudo o que posso absorver por enquanto.

– Ótimo. Então vamos entrar.

Ele me seguiu quarto adentro e me observou com interesse catar um sutiã de renda preta do encosto de uma cadeira e jogá-lo junto com o edredom em uma pilha toda amarfanhada sobre a cama.

– Então... seu café da manhã está vindo, mas vai demorar uma meia hora. Vou procurar umas roupas para você no closet do meu pai. Enquanto isso, quer tomar uma ducha?

– Ducha?

– A não ser que prefira um banho de banheira.

– Ah, sim. Eu iria gostar de uma boa esfregada.

– Ótimo. Então vou pegar as roupas, e o banheiro fica logo aqui.

Antes de entrar no banheiro, Amon me lançou um olhar de quem não estava entendendo. Deixei-o se virar sozinho enquanto ia arrumar alguma coisa para ele vestir.

O quarto e o banheiro dos meus pais eram ainda maiores que os meus, e seu closet era gigantesco. Eu sabia que meu pai tinha umas camisetas e jeans velhos nas gavetas do fundo. Desencavei um par de tênis, meias, uma camiseta de malhar, uma calça de moletom e um casaco leve, e estava retornando ao quarto dos meus pais quando me ocorreu que Amon talvez precisasse de uma cueca.

Mexer na gaveta de roupas íntimas do meu pai era algo que eu nunca pensara ter que fazer, mas fiquei ainda mais sem jeito quando comecei a ponderar qual cueca serviria melhor em Amon. Acabei escolhendo uma boxer genérica e voltei para o meu banheiro.

Quando entrei, era como se as Cataratas do Niágara estivessem despencando de uma montanha bem dentro do meu quarto. Todas as torneiras estavam abertas no máximo. Em pé junto à pia, Amon encarava o próprio reflexo com um ar de fascínio.

– Este banheiro é único – disse ele, testando a palavra.

Fechei a torneira da pia.

– Acho que sim. Tome... as roupas. Decidiu se vai tomar uma ducha ou um banho?

– Onde fica a ducha? – perguntou ele.

Quando apontei para o chuveiro em estilo spa, que no momento jorrava água por todos

os sprays e jatos, Amon olhou nessa direção, mas em vez disso se virou para a banheira e estendeu a mão para o saiote. Começou a desamarrar uma cordinha em um dos lados.

Levantei as mãos, virei de costas e dei um gritinho involuntário quando continuei a vê-lo pelo espelho tentando tirar a roupa. Fechei os olhos depressa e disse:

– Caramba. Dá para esperar eu sair, pelo menos?

– Por que você sairia?

– Hã... por causa de uma coisinha chamada pudor?

– Pu... dor?

– É. Sabe? Não mostrar o que os deuses do Egito lhe deram. Essas coisas.

– Não entendi. Então quem vai me esfregar?

Uma gargalhada me escapou da garganta antes que eu conseguisse contê-la.

– Hum, você mesmo, que tal? – Ainda de olhos fechados, tateei até a pia e de lá até a porta. – Amon, eu entendo que provavelmente devia haver enfermeiras no hospital que davam banho em você com esponja e tal, mas eu não estou preparada para dar esse passo com você. Ok?

Ouvi o barulho inconfundível de uma roupa caindo no chão, em seguida o barulho da água quando ele entrou na banheira.

– Tudo bem, Lily. Pode ficar com o seu... pudor.

– Obrigada.

Recuei até que a única coisa que conseguisse ver fosse sua cabeça, então abri os olhos.

– Tome. – Joguei-lhe uma toalhinha e um sabonete. – Se quiser ligar a hidromassagem, é só apertar aquele botão ali na lateral. – Saí e fechei a porta antes de completar aos gritos: – E saia daí vestido, por favor!

Arrumei o quarto rapidamente e pouco depois o telefone tocou: a comida tinha chegado. Fui receber o garçom no elevador, assinei a nota e peguei o carrinho.

– Eu ligo quando for para vir buscar, ok?

– Certo, senhorita.

Empurrei o carrinho até a cozinha, arrumei dois lugares e peguei leite, várias garrafas de suco e duas canecas para o chocolate quente que tinha pedido. Depois de arrumar as travessas na mesa, gritei:

– Amon! O café está na mesa! Já se vestiu?

Sobressaltei-me ao ouvir sua voz logo atrás de mim.

– Estou com um probleminha...

– Que susto você me deu. – Ao me virar, deparei com ele segurando os tênis em uma das mãos e a calça de moletom na cintura com a outra. – Ficou tão folgada assim? – perguntei.

Para demonstrar, ele soltou a peça, e a calça escorregou perigosamente pelo quadril. Não vi a boxer branca.

– Hã... Amon? Cadê o resto das roupas que peguei para você?

– Eu escolhi esta. É a que cobre mais.

– Ah, entendi. Boa escolha, mas a minha intenção era que você usasse todas as roupas.

– Todas? – Ele correu os olhos pelo meu corpo ainda vestido com o pijama. – Mas você não usa tantas assim.

– Não, para dormir não, mas quando eu me vestir para o dia vou usar roupas como as que dei a você.

– Tudo bem. Posso comer primeiro, Lily?

– Claro. Sente-se.

Enquanto ele se sentava, destampei os pratos. Um vapor de aromas deliciosos espalhou-se pelo ar quando ergui cada uma das redomas.

– Pronto. Agora coma enquanto eu vou me vestir. Vou trazer suas outras roupas também.

Amon encarou a comida de olhos arregalados e a única resposta que conseguiu dar foi assentir com a cabeça.

Quando me virei para ir embora, sorri. Meus pais iriam estranhar quando vissem a quantidade de comida que eu havia pedido para apenas uma refeição, mas valia a pena só para ver a expressão de Amon. Ele havia solicitado um banquete, e era isso que eu tinha lhe dado. Um banquete digno da lista de desejos de qualquer pessoa.

Ele agora estava cercado por ovos preparados de oito maneiras diferentes, batatas *rösti* e fritas, presunto curado, linguiça, bacon, biscoitos com mel e manteiga derretida, panquecas com maçã caramelizada e chantilly, rabanada de *crème brûlée*, *waffles* com xarope maltado, uma travessa de frutas e uma cesta repleta de croissants, doces e *muffins* de mirtilo com farofa crocante. Se nisso tudo não conseguisse encontrar nada de que gostasse, não havia esperança para ele.

Vesti-me no estilo que costumo chamar de casual chique e sorri ao me olhar no espelho. Embora meus olhos ainda brilhassem, eu estava bem mais parecida com a versão altiva, calma e controlada de mim mesma. Quando voltei à cozinha, larguei as roupas de Amon na cadeira ao seu lado, pus as mãos nos quadris e ri ao ver a cena à minha frente.

– Do que você gostou mais?

– De tudo – balbuciou Amon, de boca cheia. – Venha, Lily. Sente-se aqui. – Ele puxou uma cadeira, segurou meu braço e me puxou até eu me sentar. – Coma.

Pus umas frutas no prato e fiquei mordiscando enquanto ele tornava a se servir. Na metade do prato, ele parou e olhou para mim.

– Por que não está comendo?

– Essas coisas têm carboidrato demais.

– O que é carboidrato?

– Hã, uma coisa que engorda.

– Você não é gorda. – Amon me olhou de cima a baixo de um jeito que me fez sentir levemente desconfortável. – É magra demais. Coma.

Pegou uma colher e começou a encher meu prato até não caber mais nada.

– Chega! – Ergui as mãos. – Já está bom.

Ele voltou a comer com um grunhido, mas ficou me vigiando, e apontava para meu prato sempre que eu pousava o talher.

Quando cutucou meu braço pela terceira vez, falei:

– Não consigo mais comer. Em geral, de manhã só tomo chá.

– Chá não é comida.

– Para mim basta.

– Basta nada. Uma mulher precisa de mais do que chá – afirmou Amon, encarando-me.

De repente me senti muito exposta, como se estivéssemos falando sobre mais do que um simples café da manhã. Tive a nítida impressão de que ele estava me estudando por dentro e por fora e que conseguia ver todas as minhas inseguranças. Nesse instante, fome e alimento pareceram adquirir outro significado.

– É, acho que sim – respondi, desviando os olhos.

Quando ele por fim terminou de comer, afastou-se da mesa e declarou que estava pronto para começar a busca pelos irmãos. Como lutava para vestir a camiseta, ajudei-o a virá-la. Ao fazê-lo, minhas mãos roçaram naquele peito bonito. Fiquei vermelha e me virei para pegar o casaco. Depois de jogá-lo nas mãos dele, reparei que a calça de moletom estava novamente ameaçando escorregar do seu quadril.

Pigarreei. Embora examinasse o capuz do casaco com uma expressão curiosa, ele ergueu os olhos.

– É que... hã, a sua calça... tem um cordão, está vendo? Na cintura. É só puxar e amarrar.

Amon largou o casaco, encontrou o cordão e o puxou de um dos lados, depois do outro. Deixei-o terminando de se vestir e voltei ao quarto para pegar a bolsa, na qual coloquei tudo de que poderíamos precisar.

Peguei o laptop, o celular e o carregador, meu caderno e a carteira. Então voltei para a cozinha e acrescentei algumas garrafas de água mineral. Amon pôs dentro da bolsa maçãs e laranjas, e eu, um pacote de *cream crackers*. Depois de passar a alça da bolsa pelo pescoço, ajoelhei-me aos pés dele para ajudá-lo a amarrar os tênis, e então comecei a pensar em para onde poderíamos ir.

Pela lógica, o primeiro passo seria levá-lo até o hospital perto do Met e ver se alguém o reconhecia, mas mordi o lábio ao perceber que ele talvez não tivesse oportunidade de encontrar os irmãos se fizéssemos isso. Depois da sua fuga, as chances de eles o trancafiarem no hospital eram grandes. Levá-lo de volta para lá me pareceu errado.

– Está pronta, jovem Lily?

Amon estendeu a mão para me ajudar a me levantar.

– Obrigada. Sim, estou pronta quando você estiver.

– Certo.

Sem largar minha mão, ele se aproximou de mim. Enlaçou-me pela cintura e disse:

– Segure-se bem firme em mim.

– Amon... o que você está...

Minha pergunta se transformou em um grito quando um vento se ergueu ao redor de nossos corpos e senti areia áspera espetar minha pele como se fossem milhares de agulhas. Observei horrorizada meu próprio corpo se desintegrar, pedaço por pedaço, até se juntar ao turbilhão, e meu grito foi interrompido porque eu não tinha mais garganta, quanto mais voz.

Em pânico, estendi a mão para segurar alguma coisa e tomei consciência de outra presença ao meu lado. Amon respondeu ao meu medo. Tentou me tranquilizar, me sustentando, mas eu sabia que o que estava sentindo não eram os seus braços. Com a tempestade rodopiando à nossa volta, fomos descendo rumo a um lugar que ia se tornando mais escuro a cada segundo.

Então afundei na areia movediça.

A revelação da verdade

A luz penetrou a escuridão, e onde eu antes não sentia nada pude perceber a pressão do braço de Amon à minha volta e de sua mão apertando a minha. A areia começou a rodopiar mais devagar e a se unir, e nesse processo seus grãos tornaram a constituir meus braços, pernas e tronco. Correndo o risco de me sentir horrorizada diante da visão da própria carne, abri os olhos e fiquei imensamente aliviada ao ver que minha pele ainda estava presa ao corpo. Além de não haver nenhuma ferida aberta ou arranhão, a pele reluzia de saúde. Entendi então que a tempestade de areia devia ter esfoliado meu corpo inteiro, ideia que provocou em mim uma leve sensação de tontura.

Estávamos em um parque – no Central Park, na verdade –, em uma trilha que eu já tinha percorrido muitas vezes ao longo dos anos. Não havia ninguém por perto para ver quando nos materializamos, e eu não sabia muito bem se isso era bom ou ruim, mas uma coisa era certa: Amon com certeza não era a pessoa que eu acreditava que fosse.

Ao longe, pude distinguir o contorno do Hotel Helios. O peito de Amon arfava sob minha mão espalmada. Ele tinha a cabeça inclinada em direção ao sol e os olhos ainda fechados.

– Amon?

Ele abriu os olhos, me encarou, então observou nosso entorno com uma expressão confusa que logo se transformou em outra coisa.

– *Mehsehhah ef yibehu hawb!* – gritou, e ergueu as duas mãos em um gesto de intensa frustração.

Girou lentamente no próprio eixo enquanto murmurava consigo mesmo em outro idioma. Ao reconhecer o hotel, algumas outras palavras que desconfiei serem palavrões escaparam de seus lábios.

Uma emoção impossível de conter crescia dentro de mim. Minha vida tão estruturada estava fugindo ao controle.

Eu era inteligente. Era culta e sensata. Me dava bem com os adultos. Era o retrato de uma menina tranquila, calma e controlada. E nunca, *nunca* perdia o controle. Eu, Lilliana Jailene Young, estava correndo o risco de perder a cabeça por causa de um cara, um cara maluco, fascinante, inexplicável, impossível de entender.

Depois de algum tempo, ele tornou a se virar para mim e disse:

– Meus poderes estão enfraquecidos, e meus irmãos estão longe demais. Nós vamos precisar de ajuda.

– Ajuda? – disparei, e então comecei a gritar, incrédula: – Ajuda? Sério mesmo? Você acha isso? Porque eu, pessoalmente, estou achando que nada nem ninguém pode me ajudar!

Era a primeira vez na vida que eu gritava com toda a força dos meus pulmões. Desde que havia conhecido Amon, gritar parecia ter se tornado um novo hábito para mim, mas o lado positivo era que fazer isso na verdade me proporcionava uma sensação boa.

Ele me encarou como se a louca de hospício fosse *eu*.

– Jovem Lily, acalme-se.

– Que me acalmar o quê! – exclamei.

– Lily, a gente precisa...

– A gente não precisa nada! Eu não sei quem você é nem que tipo de droga maluca andou me dando, mas chega. Essa história entre a gente acabou. Entendeu bem? Eu *não vou mais* te ajudar.

Virei-me em direção à minha casa e saí pisando firme, ato que me provocou intensa satisfação. Cada passo, cada pequena unidade de distância que eu abria entre nós dois contribuía para eu me controlar e me sentir normal outra vez. Mudei a bolsa de posição para que não balançasse tanto e torci para Amon não estar me seguindo.

Os poucos transeuntes com quem cruzei se afastaram para eu passar, enfurecida, murmurando coisas sobre caras perdidos, condenados à morte, bonitos demais para o seu próprio bem. Não conseguia descrever o que acabara de acontecer sem usar referências a *Star Trek*.

Já tinha tentado racionalizar tudo o que havia ocorrido, guardar cada fato estranho bem guardadinho dentro de uma pequena caixa, mas o que Amon acabara de fazer havia disparado uma bomba no meu escritório mental tão bem-arrumado. Aquele acontecimento não iria caber ali. Na verdade, não cabia em caixa nenhuma. O melhor a fazer era me afastar um pouco e tentar entender o que estava acontecendo comigo, porque eu claramente não estava raciocinando direito. Perguntei-me se Amon viria atrás de mim. Se viesse, eu iria gritar e pronto. O parque normalmente vivia cheio de gente, e alguém com certeza me escutaria.

– Lily!

Falando no capeta do sol... Amon estava *mesmo* vindo atrás de mim.

– Jovem Lily, venha aqui agora! – chamou ele, como se eu fosse um cachorrinho desobediente.

– Me deixe em paz, senão eu vou gritar! – berrei de volta, aumentando o ritmo da caminhada até quase começar a correr.

Dava para ouvi-lo me seguindo, e inspirei fundo para gritar por socorro quando, em tom imperioso, ele bradou:

– Lily, pare agora!

Minhas pernas congelaram com um choque tão súbito que a bolsa passou para a frente do meu corpo e me desequilibrou. Desabei na grama, sem saber muito bem o que tinha acabado de acontecer. Nos poucos segundos que levei para catar os objetos caídos da bolsa, Amon chegou ao meu lado e me estendeu a mão. Quando recusei, teimosa, ele tornou a usar aquela voz controladora:

– *Lily*, segure a minha mão.

Dessa vez, fiz um esforço consciente para não obedecer à ordem, e fui recompensada com dor; parecia que eu estava sendo apunhalada, que alguém estava girando uma faca nas minhas entranhas. A dor me fez dar um arquejo, e tive certeza absoluta de que era Amon quem havia causado aquilo, de uma forma ou de outra. Desobedecê-lo me causava dor. Quando minha determinação enfraqueceu e a dor me dominou, gemi baixinho e desisti. Minha mão traidora se ergueu, e ele me puxou. *Ressentimento* é uma palavra fraca demais para descrever o que senti por ele naquele momento.

– Agora você *vai* sentar e conversar comigo – ordenou ele.

Cerrei os dentes, dei alguns passos desafiadores e cambaleei, dobrando o corpo, tomada por uma agonia excruciante. A raiva que eu sentia aumentava a cada segundo. Meu corpo inteiro se sacudia por causa dela, e nesse instante não havia uma só pessoa ou coisa no mundo que eu odiasse mais do que ele. Eu estava fervendo de ódio, e jamais tinha sentido isso por ninguém. Nunca em toda minha vida.

– Me solte! – sibilei enquanto ele me conduzia a um banco ali perto.

– Não. Você não vai fugir e não vai gritar.

Lágrimas de raiva encheram meus olhos, e eu as deixei escorrer silenciosamente pelo rosto, desesperada por não lhe dar a satisfação de ver o efeito que suas ações tinham sobre mim, mas incapaz de fazer qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

– O que você vai fazer comigo? Isso é um sequestro? Um ataque?

Ele olhou para o meu rosto e viu as lágrimas. Com um gesto hesitante, enxugou uma delas em minha bochecha com o polegar, sua expressão demonstrando arrependimento.

– Sente-se – disse ele, mas então seu tom de voz mudou: – Por favor.

Amon pegou a bolsa do meu ombro, pousou-a no banco ao meu lado, depois passou alguns instantes andando de um lado para outro na minha frente.

– Sinto muito usar meu poder para controlar suas ações. Sei quanto você detesta isso, mas…

– Você não sabe nada sobre mim – cuspi.

Ele deu um suspiro.

– Sei mais sobre você a cada minuto que passa, jovem Lily. Mesmo sem a nossa conexão, posso ver como você despreza a ideia de submeter sua vontade a outra pessoa, mas precisa entender que eu não posso deixá-la ir embora. Não precisa ter medo de mim. Não tenho o menor desejo de machucá-la.

– Não entendo o que você está fazendo para me controlar, mas vou resistir. Na verdade... vou odiar você para sempre por isso.

Na realidade eu nunca tinha dito essas palavras para ninguém antes, e não tinha total certeza de que poderia cumprir a ameaça. Jamais tivera motivo algum para sentir ódio.

É claro que havia pessoas de quem eu não gostava, mas simplesmente as categorizava em caixinhas com as etiquetas Carentes, Baixa Autoestima, Agressivas. Aquilo nunca me afetava de um ponto de vista emocional. Eu sempre conseguia me distanciar e manter as emoções sob controle, mas com Amon era diferente. A ideia de que o rapaz que eu havia acolhido pudesse me manipular me magoava mais do que eu pensava ser possível.

Amon adotou uma expressão dura.

– Então me odeie. Resista. Me xingue. Rebele-se a cada passo, mas não vai adiantar. Você só vai causar mais dor a si mesma. Já falei, Lily, você está ligada a mim e vai permanecer ao meu lado enquanto eu assim quiser.

A indignação e a raiva que senti se dissolveram em uma terceira coisa. Meu corpo tremeu e eu me senti como um cachorro que tivesse levado um chute do dono.

– Que forma bonita de agir quando tudo que eu fiz foi ajudar você – falei.

Ele deu de ombros como se não ligasse para o que eu sentia, mas pude ver que ligava, sim, o que me deixou ainda mais confusa.

– É necessário – reconheceu ele por fim.

– Mas por quê? Por que eu não posso ir embora? O que você quer de mim?

Funguei bem alto e, com um grunhido frustrado, vasculhei a bolsa até achar um pacote de lenços de papel.

– Já falei. Preciso encontrar meus irmãos.

– Você não deve mesmo ter coração, para tirar vantagem desse jeito da bondade de uma desconhecida. – Lágrimas se prenderam aos meus cílios, deixando a imagem de Amon borrada. Por que eu estava chorando? Eu nunca chorava. Chorar era feio. Era um sinal de ingratidão. Minhas emoções estavam excessivamente à flor da pele. Tentando contê-las, assoei o nariz e enxuguei os olhos. – Você tem câncer, afinal?

Amon se ajoelhou na minha frente, pegou outro lenço para limpar minhas bochechas molhadas e suspirou.

– Descobri ao longo dos séculos que o meu coração me serve de muito pouca coisa.

Ele deslizou a ponta do dedo pela curva da minha bochecha, e um calor começou a penetrar minha pele. Por um breve instante, entreguei-me ao seu toque delicado, mas então me imobilizei, e percebi que ele também tinha se paralisado.

Sua mão caiu junto à lateral do corpo, e senti que ele havia ficado tão surpreso com o próprio gesto quanto eu. Ele era encrenca. Era meu inimigo. *Ou será que não?* Uma coisa era certa, porém: ele tinha me feito... sentir. E eu não estava à vontade com isso.

Amon já era atraente o bastante por si só, mas percebi que havia mais além da minha simples atração física por ele. Eu nunca tinha sido afetada por um garoto daquele jeito antes,

e a sensação era perturbadora. Não de um jeito sinistro, como em um filme de terror, mas o tipo de perturbação que me deixava com a sensação de estar à deriva. Ele havia me tirado de uma vida muito confortável, e estava segurando meu frágil corpo na palma da mão.

Apesar disso, ao estudar aquele rosto bonito, admiti que parte de mim, uma parte que eu não queria ter que reivindicar nem reconhecer, ansiava pelo calor proporcionado pelo seu toque. Que, mesmo que eu não estivesse à vontade com as emoções que ele despertava, jamais me sentira tão viva. Mais como uma garota de verdade e menos como a boneca de porcelana que meus pais haviam moldado.

Amon parecia ter ao mesmo tempo a capacidade de provocar confusão e de desfazê-la. Estar com ele era empolgante e assustador; ao mesmo tempo que me dava uma sensação de poder, me deixava inteiramente fraca. O resultado era que eu me sentia desequilibrada e nervosa, com uma pontada de culpa.

– Não gosto desse poder que você tem sobre mim – eu disse baixinho. – Fico sentindo que não sou mais eu mesma. Como se não tivesse controle sobre o meu próprio corpo.

– Sinto muito por isso. Como já disse, não gostaria de exercer esse poder, mas não posso seguir meu caminho sem você. Eu preciso de você. Nem imagina quanto. – Ele segurou minhas mãos e alisou os nós dos dedos com os polegares. – Lily, por favor, saiba que eu não desejo deixar você triste nem lhe fazer mal nenhum. Pode acreditar pelo menos nisso?

Passei vários instantes encarando seus olhos cor de avelã. Amon era muitas coisas, e havia diversas partes dele que eu simplesmente não entendia, mas de algum modo eu sabia que ele não era um mentiroso. Podia sentir isso.

– Consigo – respondi, a contragosto. – Eu acredito em você.

– Ótimo. – Ele aquiesceu. – Agora, o que é câncer?

– Uma doença das células. Como é que você pode não saber o que é câncer?

Ele deu um suspiro.

– Quantas perguntas você tem...

Fechei a boca, recostei-me no banco, virei a cabeça e dei de ombros.

– Por que você faz isso?

– Isso o quê?

– Você se fecha.

– Como assim? Não estou entendendo.

Ele estudou meu rosto, e por fim falou:

– Não quis ofender. Suas perguntas são bem-vindas. Talvez eu possa respondê-las e pedir em troca algumas respostas...

Hesitei, mas concordei.

– Em primeiro lugar, existem muitas coisas no seu mundo que eu não entendo, mas sei que o meu corpo não está doente.

Comecei a rir e logo em seguida a chorar, soluçando tanto que cheguei a engasgar. Tinha perdido completamente o controle. Uma tontura impossível de resistir tomou conta de mim;

era como se fizesse uma semana que eu não dormia. Quando peguei um segundo lenço, depois um terceiro, ele falou:

– Lily, segure a minha mão.

Olhei desconfiada para sua mão e funguei bem alto.

– Lily, por favor. Eu posso lhe trazer paz.

Sentindo que dessa vez não se tratava de uma ordem, e entendendo que obedecer não iria doer, deixei a mão dele envolver a minha.

– Use a minha energia – disse ele. – Tente encontrar equilíbrio.

Inspirei fundo para tentar me concentrar e senti algo se mover entre nós. Era como se a sensação de alguém me puxando houvesse se invertido e a luz quente do sol começasse aos poucos a me invadir. Aquilo me acalmou e me relaxou de tal maneira que a confusão e a raiva perderam importância. Eu ainda lembrava que estava com raiva, mas parecia algo distante, enterrado, como se eu tivesse que ir bem lá no fundo de mim mesma e me esforçar para trazer à tona esse sentimento.

– Quem é você? – sussurrei. Os cílios dele estremeceram, e seus olhos verdes rodeados por um círculo castanho-dourado se abriram e olharam bem dentro da minha alma. – O jeito como você me olha... É como se... me conhecesse.

– Sim.

– Quero dizer... como se me conhecesse por inteiro.

– Não... por inteiro, não.

– Mas você consegue me ler... não sei como.

Amon assentiu.

– É essa a nossa conexão, Lily.

– Você não é o que eu penso que é... certo?

– Sou mais. E talvez menos.

Suspirei. Não dava mesmo para entender.

– Está bem. Então que tal a gente começar tudo de novo do jeito mais tradicional? – Estendi a mão, e ele a pegou. – Meu nome é Lilliana, e o seu é Amon. Então, Amon, de onde você é?

Ele me lançou um olhar de estranheza, então assentiu.

– Do Egito.

– Você nasceu lá?

– Isso. Muitos anos atrás.

– E como chegou aqui?

Amon sentou-se na grama, aos meus pés.

– Não sei bem. Mas o meu sarcófago estava no Templo das Musas, então imagino que alguém tenha me trazido. Mas por que motivo, eu não sei.

– Seu sarcófago?

– É.

– Não estou entendendo. Você é dono do sarcófago? É algum tipo de curador? De onde vem o seu poder?

Amon riu.

– Vou tentar responder às suas perguntas da melhor maneira possível e torcer para que assim você comece a confiar em mim. – Ele ergueu as mãos, então começou a contar as respostas nos dedos. – Não entendo o que significa “curador”. Meu poder é uma dádiva do deus-sol Amon-Rá e de seu filho Hórus. E aquele sarcófago é um dos muitos nos quais já repousei ao longo dos séculos.

Fiquei olhando para ele por vários segundos, com o queixo caído, e então, sem acreditar totalmente que estava pronunciando aquelas palavras, murmurei:

– Está tentando me dizer que você é... uma múmia?

– Múmia. – Os lábios dele articularam a palavra como se ele a estivesse saboreando. Quando respondeu, falou devagar: – A cada milênio, quando passo pelo seu mundo, meu corpo está envolto nas ataduras de Anúbis. É disso que você está falando?

Recostei-me com força no banco.

– A mumificação ocorre quando um cadáver é envolto da cabeça aos pés em ataduras e posto dentro de um sarcófago, que depois em geral é escondido dentro de uma pirâmide ou templo – expliquei.

– Nesse caso, sim. Eu sou uma múmia.

Quando consegui falar de novo, disse:

– Você não parece morto.

– E não estou, mesmo – afirmou ele. – No presente momento – acrescentou.

De repente, lembrei-me de entrar na área da exposição sobre o Egito e encontrar o sarcófago vazio.

– Você jura que está dizendo a verdade?

– Juro pelo coração da minha amada mãe que as palavras que digo são verdadeiras.

Antes, quando Amon havia me perguntado se eu acreditava nele, eu lhe respondera com sinceridade que sim. Não havia absolutamente nada de insincero naquele rapaz. Dava para ver que ele acreditava no que dizia, mas isso não significava que o que dizia fosse cem por cento verdade.

Para tirar aquilo a limpo, encarnei os interrogadores durões da polícia que já tinha visto na TV. Inclinei-me para a frente, estreitei os olhos e comecei a crivar Amon de perguntas:

– Qual era o nome dos seus pais?

– Rei Heru e rainha Omorose.

– Qual era o seu brinquedo preferido quando criança?

– Um cavalinho de madeira.

– Qual é sua comida favorita?

– Mel e tâmaras do meu país, e aquele discos doces recheados com frutas do seu.

– Arrã. – Então ele gostava de folheados doces. – E sua música preferida?

– Sistro, harpa e alaúde.

– Se você é mesmo uma múmia egípcia, cadê suas ataduras?

– Meu corpo agora não precisa delas. Eu ressuscitei, como faço uma vez a cada mil anos.

Pisquei os olhos depois de absorver essa afirmação e prossegui:

– Mas eu não vi atadura nenhuma jogada no museu. O que houve com elas?

– Quando chega a hora de eu ressuscitar, acordo e uso meu poder para fazer as ataduras se desintegrarem. Do contrário seria difícil me locomover.

Dei um grunhido.

– É. Acho que seria complicado – balbuciei. Inclinei a cabeça e continuei. – Como consegue entender inglês?

– Um encantamento. – Quando minha única reação foi piscar, ele explicou: – No início eu não entendia a sua língua. Lembra quando você fez aqueles gestos para mim lá no Templo das Musas?

Fiz que sim com a cabeça.

– Eu invoquei um encantamento do Livro dos Mortos para conseguir comunicar meus pensamentos a você. É por isso que conseguimos nos entender.

– Quer dizer que você consegue entender qualquer pessoa, de qualquer país?

– Se for preciso, sim.

– Por que escolheu a mim?

Ele demorou alguns segundos para responder, apenas me olhando. Então arrancou uma folha de grama e a girou entre os dedos.

– Você estava lá – retrucou, simplesmente.

Recostei-me no banco, cruzei as mãos no colo e estudei seu rosto. A cada resposta que ele me dava, minha incredulidade aumentava um pouco mais. Aquilo não era possível.

– Pode me mostrar alguma coisa? – Fiz um gesto com uma das mãos. – Sei lá... alguma coisa de magia?

– Transportar você até o parque e controlar seus atos não é prova suficiente do meu poder?

– Bom, eu venho partindo do princípio de que você estava me hipnotizando de alguma forma, então preciso ver mais alguma coisa para ficar convencida.

– O que a convenceria?

– Ah, sei lá. As dez pragas do Egito, despertar um exército de mortos-vivos, ressuscitar seu amor perdido... coisas assim.

Amon franziu o cenho.

– Por que eu iria fazer qualquer uma dessas coisas?

Dei de ombros e respondi:

– É o que as múmias fazem nos filmes.

– O que é um filme?

– É como uma peça de teatro. Uma história encenada.

– Entendi. Não quero fazer praga nenhuma se abater sobre sua cidade. Para despertar um exército de mortos-vivos, precisaria canalizar muito poder, poder este de que não disponho no momento. E nunca encontrei uma mulher para amar.

– Sério? Quer dizer que não existe nenhuma namorada múmia por aí?

Ele inclinou a cabeça.

– Meus irmãos estão me esperando, mas não há mais ninguém. Nenhuma amiga do sexo feminino.

– Hum. Interessante. – Guardei essa informação em um canto da mente. – Ok, então faça alguma outra coisa, algo diferente.

Após pensar alguns instantes, ele disse:

– Preciso conservar meu poder, então vou fazer algo pequeno.

– Tudo bem.

Inclinei-me para a frente e fiquei observando Amon com olhos de águia enquanto ele erguia as duas mãos e as unia uma à outra. Nada estava acontecendo. Ele fechou os olhos, concentrou-se, em seguida separou as mãos devagar. Uma luz preencheu o espaço entre as duas palmas, e senti as ferroadas de pequenas partículas roçarem meu rosto quando minúsculos grãos de areia começaram a voar na direção dos seus dedos.

Fascinada, observei a areia rodopiar e vi o contorno de uma esfinge começar a tomar forma. Quando um homem surgiu correndo no topo da ladeira, pulei do banco e cobri as mãos de Amon com as minhas. A luz desapareceu e a areia caiu à nossa volta em uma chuva áspera.

– Eu acredito em você – sussurrei.

De repente, fiquei muito consciente de quanto nossos rostos estavam próximos e de como a atração entre nós era tangível, quente. Minha respiração travou e eu enrubesci enquanto meus olhos desciam dos dele até seus lábios. Ele não recuou nem fez qualquer movimento, mas senti uma mudança, como se o ar entre nós houvesse ficado subitamente muito quente.

Bastaria um leve movimento para nos beijarmos. Com uma pontada de alarme, percebi que queria sentir os lábios dele nos meus, e me perguntei se isso era realmente algo que eu desejava ou se era ele quem estava me fazendo querer.

Não conseguia entender como pudera passar do ódio absoluto – bem, pelo menos o mais perto desse sentimento que eu consegui chegar – à confiança em um sujeito que era uma múmia antiga, com poderes mágicos e tal, e depois a querer que essa múmia antiga me beijasse, tudo em questão de minutos. Cara, eu estava mesmo... *fora de mim*.

Recuei alguns centímetros e uma brisa fresca fez minhas faces arderem.

Pigarreei para limpar a garganta, apertei a mão dele e disse:

– Amon, sejam quais forem os poderes que você tem, não pode mostrá-los para ninguém além de mim e seus irmãos. Prometa para mim.

– Por que está me pedindo isso? – indagou ele baixinho, acariciando de leve os meus

dedos com os polegares. O gesto disparou pulsações cálidas pelas minhas veias e estimulou minhas terminações nervosas de forma muito agradável. Nervosa, retirei as mãos e me afastei um pouco. Amon não pareceu decepcionado com a minha atitude, apenas curioso.

Olhei em volta e aguardei o corredor desaparecer entre as árvores antes de dizer:

– É perigoso, ok? Como quando você se curou e depois se levantou na frente da multidão, deixando as pessoas verem o seu poder. Precisa tomar mais cuidado. Tente se misturar aos outros. Senão as pessoas vão achar que você é maluco, como eu achei, ou pensar que usou drogas, e vão prendê-lo. Tentariam machucar você, ou no mínimo despachá-lo para a Área 51. – Sua expressão confusa me levou a arrematar: – Depois explico o que significa Área 51. Ainda tenho um bilhão de perguntas para fazer, mas acredito que você seja mesmo quem diz que é, por mais impossível que pareça.

Amon assentiu com a cabeça.

– Ótimo.

– Agora me diga por que precisa que eu vá com você.

– Como já falei, sem os seus órgãos internos para me abastecer de energia, vou morrer antes de cumprir meu objetivo.

– E qual é o seu objetivo?

– Despertar meus irmãos e completar a cerimônia de alinhamento do sol, da lua e das estrelas para que o Obscuro, Seth, deus do caos, possa ser mantido afastado por mais mil anos.

– Arrã. Espere um instante. – Peguei o caderno na bolsa e comecei a escrever. – Mil anos... sol... lua... estrelas... o Obscuro. Hum... depois você vai ter que me falar mais sobre esse tal de Seth. Os seus irmãos também são múmias?

– Sim.

– Você entende que estamos muito longe de Tebas, não é?

– A que distância exatamente?

– Me deixe ver. – Peguei meu smartphone e rolei a tela por várias páginas da internet. – O Egito fica a... uns nove mil quilômetros de distância – anunciei.

– O que é quilômetro? – indagou ele, olhando com interesse para o meu telefone.

– Ai, caramba. Que unidades de medida vocês usavam no Egito? – Amon segurou minha mão, e minha pulsação disparou. – O que está fazendo? – perguntei, aflita.

Ele sorriu.

– Mostrando a você nossas unidades de medida. – Ele correu o dedo pelas linhas da minha palma, em seguida pela extensão do meu dedo mindinho. – Isto aqui se chama *djeba*, a largura de um dedo. Em seguida vem *shesep*, a largura da palma. *Meh niswt* é um cúbito real, ou seja, sete palmas. Ele posicionou a palma da sua mão ao lado da minha e demonstrou as larguras somadas uma à outra.

Com o rosto vermelho, teclei os números no meu telefone.

– Então, está escrito aqui que um quilômetro equivale a 1.910 cúbitos. Ou seja, para

chegar a Tebas seria preciso percorrer... 17.190.000 cúbitos.

Ele deu um arquejo.

– Mas isso são quase mil *iteru!*

– Sim, e nem é por terra. É preciso atravessar um oceano. Você já viu o oceano?

Ele fez que sim.

– Já vi o grande mar alimentado pelo Nilo.

– Pode acreditar, Amon, esse grande mar na verdade é bem pequeno se comparado a outros.

Ele desviou o olhar e disse baixinho:

– Não tive muita oportunidade de explorar o mundo.

Uma expressão de melancolia atravessou seu rosto, e eu me peguei com saudade de seu sorriso caloroso.

– Amon? – Toquei sua mão e cheguei mais perto para que ele visse meu telefone. – Olhe aqui. – Mostrei-lhe uma imagem da Terra. – A gente está neste continente aqui, chamado América do Norte. O Egito... – Usei os dedos para girar o globo e depois dar um zoom na África. – ... fica bem longe, aqui no continente africano. Como pode ver, Dorothy, a gente está bem longe do Kansas.

– Que caixa mágica é essa?

– Hã, isto se chama telefone. Ele tem aplicativos que funcionam quase como um computador.

– Não estou entendendo.

– Ele serve para procurar respostas a perguntas.

– Como um oráculo?

– Acho que sim, de certa forma.

– Como você recebeu essa dádiva dos deuses? Derrotou algum monstro em batalha?

– Não exatamente. Quase todo mundo tem um.

– Posso ver? – Passei-lhe o celular e ele deslizou os dedos pelo mapa-múndi, observando, fascinado, a perspectiva se modificar. – A gente está mesmo do outro lado do mundo? – perguntou.

– Está. E não se esqueça: estamos partindo do princípio de que os seus irmãos *ainda* estão no Egito. Na verdade, eles podem estar em qualquer lugar... China, França, Reino Unido... muitos museus têm alas dedicadas ao Egito.

Amon passou a mão pela cabeça calva enquanto comentava, pensativo:

– É por isso que o meu poder não conseguiu nos levar até eles. – Ele me encarou. – Não posso usar meu poder para atravessar águas extensas. A areia do deserto fica pesada demais quando se mistura à água. Nós nos perderíamos no oceano sem fundo.

Engoli em seco.

– Bem, tecnicamente o oceano tem fundo, mas entendi.

Ele começou a brincar com o telefone, apertando vários botões e explorando os

diferentes aplicativos. Fiquei chocada com a rapidez com que ele absorvia a tecnologia moderna.

– Tem razão, são oceanos de mais – declarou. – Mas, se a gente conseguisse chegar ao Egito, eu poderia pedir ajuda a Anúbis.

– Não dá para pedir ajuda a ele daqui?

– Não. O ritual de invocação precisa ser realizado em um local específico.

– Certo. – Pensar que aquele homem intrigante e fascinante de outra época iria embora era um alívio, mas ao mesmo tempo eu lamentaria vê-lo partir. Quantas vezes uma garota tem a oportunidade de sair com um príncipe do Egito?

Amon olhava para mim com ar de expectativa. Mordi o lábio e de repente percebi o que ele queria. *Este encontro ainda não terminou.*

– Hã... olhe, Amon, eu não trouxe bagagem para férias longas, e não posso simplesmente sair passeando pelo mundo. Meus pais não achariam a menor graça, e na próxima semana as aulas recomeçam. As férias de primavera acabam na segunda, sabe?

Fiz uma pausa antes de continuar:

– Por que você não faz o seguinte: hipnotiza alguém que esteja a caminho do Egito no aeroporto e pega emprestados os "órgãos internos" dessa pessoa até chegar lá? Aí, tcharã, é só pegar uma tempestade de areia para chegar aos seus irmãos, despertá-los dos mortos, concluir sua cerimônia e limpar o pó das mãos, por assim dizer.

– O que é aeroporto? – perguntou ele.

– Um lugar com várias carruagens brancas capazes de voar no céu, até mesmo sobre águas extensas.

Amon se levantou na hora.

– Isso. Vamos pegar uma carruagem voadora até o Egito.

– Opa, peraí! – exclamei, enquanto ele me puxava para levantar do banco. – O que houve com a ideia de se conectar a outra pessoa que já esteja indo para lá?

Ele pegou minha bolsa, passou a correia em volta do peito e me segurou pelas duas mãos.

– Eu só posso me ligar a uma pessoa, Lily. – Sem dúvida ele notou minha expressão alarmada, pois se apressou em acrescentar: – Não se preocupe. Depois que a cerimônia terminar, nossa necessidade de estar ligados vai desaparecer e você poderá voltar para sua família e a escola. A essa altura eu já terei recuperado todo o meu poder e vou poder manipular o tempo e mandar você de volta para casa de modo que chegue um segundo depois de termos saído. Ninguém vai dar pela sua falta. Seus pais não vão nem perceber que você saiu.

Enquanto ele começava a me puxar pelo caminho, fui ficando mais ansiosa.

– Mas e se o seu local especial para realizar o ritual de Anúbis não existir mais? Quero dizer, você sabe que houve muitas escavações arqueológicas nos últimos mil anos. Isso significa que, hã, tumbas foram escavadas – acrescentei, para o caso de ele não estar entendendo. – É uma chance bem remota. – Tentei afastar a mão das suas enquanto

prosseguia: – Quero dizer, os restos mortais dos seus irmãos podem estar em qualquer lugar. Falando nisso, por que *você* precisa despertá-los? Por que eles não podem despertar sozinhos, igual a você? E outra coisa...

– Lily. – Amon parou de andar, virou-se e pôs a mão em meus ombros. O calor se irradiou diretamente para dentro dos meus ossos, e meus músculos relaxaram de forma tão completa que todas as perguntas que eu tinha na cabeça se dissiparam. Perguntei-me se ele estava fazendo aquilo de propósito outra vez ou se era apenas uma consequência natural de estar ao seu lado. – Prometo responder a todas as suas perguntas – disse ele. – Mas preciso concluir a cerimônia antes de a lua cheia subir até ficar exatamente acima dos antigos templos de Gizé. Esses monumentos ainda estão de pé, não estão?

– As pirâmides? Estão, mas...

– Então precisamos chegar lá quanto antes.

– Mas essa restrição da lua cheia significa que a gente só tem um mês, no máximo.

– Infelizmente, acho que nosso tempo é bem mais limitado – disse Amon após lançar rapidamente um olhar para o céu. – Pelos meus cálculos, mais ou menos uma semana.

Ele tornou a segurar minha mão e me guiou com habilidade até fora do parque.

O barulho das buzinas ficou mais alto, e logo fomos cercados por pessoas. Se eu queria escapar, tinha que ser agora. Só que eu não estava certa de querer escapar. Sim, minhas emoções eram contraditórias. Sim, Amon estava me usando como se eu fosse uma barrinha energética. Sim, ele era uma múmia egípcia ressuscitada. Mas eu não podia negar que jamais me sentira tão... viva em todos os meus 17 anos como nas últimas 24 horas.

Amon parou em frente às carroças puxadas por cavalos, abriu um largo sorriso e arqueou as sobrancelhas.

– Sinto muito, Espártaco, elas só circulam dentro do parque – expliquei.

Ele deu um suspiro.

– Melhor assim, eu acho. Esses cavalos estão gordos e parecem preguiçosos. Decerto não têm energia para a velocidade que eu quero.

– Ei! – protestou um cocheiro que ouviu a conversa.

Amon o ignorou e, ao ver um táxi passar, postou-se intrepidamente na frente do carro e ergueu a mão em um gesto de comando, apesar de a luz acesa do veículo indicar que o taxista não estava pegando passageiros.

– Pare, carruagem dourada! – gritou.

Ele deu a volta até o lado do taxista e conversou com o sujeito por alguns instantes, ignorando as buzinas e os gestos grosseiros dos outros motoristas. Então acenou para que eu me aproximasse.

O taxista saltou e abriu a porta para mim.

– Por favor, senhorita, fique à vontade. Vou levar vocês até o aeroporto em tempo recorde – disse ele, pegando minha bolsa com Amon.

Diante da porta aberta, hesitei. Olhei para cima, vi que Amon me fitava com a mão

estendida e me perguntei se ele estava usando seu poder para ler meus pensamentos.

– Vem comigo, Lily?

Não "*Você vem comigo*", nem "*Venha comigo*", mas "*Vem comigo?*".

Ele estava me deixando decidir. Eu não tinha certeza de que aquilo era exatamente uma escolha, mas foi um gesto gentil. Era chegada a hora. Ainda que eu não dispusesse de todos os fatos, conhecia detalhes suficientes para tomar uma decisão consciente. Amon ainda tinha o poder de me controlar, e estava desesperado o suficiente para me forçar a fazer o que ele queria, mas ao mesmo tempo me oferecia um precioso gostinho de livre-arbítrio.

Eu sabia que era covarde, uma covarde privilegiada, fraca e iludida, que preferia ficar sentada na sua linda mansão, no seu quartinho todo perfeito, apaziguando as amigas falsas do colégio particular, o tempo todo se enganando e tentando acreditar que tinha o espírito tão livre quanto as pessoas que desenhava no caderno.

Só que não tinha. E nesse instante, enquanto fitava Amon nos olhos, entrei em pânico. Não só porque o que ele estava me pedindo para fazer estava muito, *muito* além da minha zona de conforto, mas também porque estava morta de medo de que aquela aventura fosse minha única oportunidade de romper esse padrão. De escolher algo diferente. De *ser* uma pessoa diferente. Era fácil demais imaginar minha vida dali a cinco anos.

Uma determinação ferrenha tomou conta de mim. Não tive certeza se era por causa da influência de Amon ou se algum interruptor dentro da minha mente fora enfim acionado, mas de repente eu *queria* ir. Queria pular do precipício. Saltar do avião. Agarrar a oportunidade, por mais louca que fosse, de fazer e ver coisas que ninguém mais faria ou veria.

Embora minha mão tremesse, segurei a de Amon e falei:

– Vamos.

Respirei fundo e mandei embora todas as minhas reservas, cheia de orgulho por ter tido a coragem de dizer sim. Agora só precisava entrar naquele táxi antes que minhas dúvidas me vencessem.

Amon, me presenteando com um sorriso radiante, puxou-me mais para perto e sussurrou no meu ouvido:

– Você é mais corajosa do que pensa. É sério, você tem mesmo um coração de esfinge.

– O que significa isso exatamente? – indaguei, enquanto embarcava no táxi e chegava para o lado de modo a lhe abrir espaço.

– No meu país, a esfinge em geral é representada como homem, mas os gregos acreditavam que a esfinge era fêmea: metade leoa, metade humana. Gosto mais dessa versão. Uma leoa tem coragem e inteligência. É uma caçadora que provê os filhos de comida. Todos os animais que ela caça têm potencial para matá-la, mas ela os caça mesmo assim, porque há outros seres que dependem dela. Ter um coração de esfinge significa ter um coração de leoa. Mas a esfinge é também uma protetora, uma defensora. Quando ela abre suas imensas asas, cria um vento poderoso que afugenta o mal.

– Quer dizer que as esfinges existem mesmo? Enfim, se Anúbis é real e as múmias também, isso é uma possibilidade, não?

Amon finalmente se virou para mim e esfregou o queixo.

– Eu nunca vi nenhuma, mas existe uma lenda entre os guerreiros de que uma mulher de coração valente, que demonstre seu valor em batalha, será adotada pelo espírito da esfinge.

– Certo. Pensando bem, não tenho certeza de que eu iria querer algo assim. Batalhas não estão na minha lista, e também não gosto muito da ideia de ter um rabo.

Amon olhou com interesse para o meu corpo, como se estivesse considerando essa possibilidade.

– O que foi? – balbuciei, meu rosto ficando todo vermelho.

– Nada – respondeu ele, sem conseguir disfarçar o sorriso.

Dei-lhe um cutucão nas costelas com o cotovelo e falei:

– Pare com isso. E, antes que eu me esqueça, pare de ler meus pensamentos também.

– Eu tento evitar, acredite, mas às vezes seus sentimentos são tão intensos que nem mesmo eu, com todos os meus poderes, sou capaz de me defender do ataque.

Espiei o motorista e me perguntei o que ele estaria achando daquela conversa, mas o homem não parecia estar prestando muita atenção. Na verdade, sua expressão era quase... tonta.

– O que você fez com ele? – perguntei baixinho a Amon. – Está controlando o cara?

– Estou manipulando a visão dele – respondeu Amon, chegando mais perto.

– Como assim?

– O que ele está vendo são as duas pessoas mais importantes que já entraram no seu táxi.

Chegando ao aeroporto JFK, saquei meu cartão de crédito para pagar, mas o taxista se ofendeu por eu sequer sugerir tal coisa. Chegou a dar uma limpadinha na minha bolsa e se ofereceu para carregá-la até o saguão. Quando conseguimos enfim nos despedir, ele apertou a mão de Amon, entregou-lhe um cartão de visita, disse que era um grande fã e acrescentou que, se algum dia Amon voltasse a Nova York, não hesitasse em lhe telefonar por qualquer motivo que fosse.

Quando o taxista foi embora, não consegui me segurar: comecei a rir.

– Quem ele achou que você fosse?

– Não tenho certeza do nome, mas me veio à cabeça a imagem de um jovem cantor com muito cabelo.

Pensar que o passageiro dos sonhos de um taxista nova-iorquino fosse o integrante de uma *boy band* me fez continuar sorrindo enquanto entrávamos no terminal do aeroporto.

Carruagens voadoras

Entramos no aeroporto sem problema algum, e Amon ficou observando os outros passageiros com um ar de profundo fascínio. Como devíamos lhe parecer estranhos e diferentes: aquelas janelas reluzentes, os espaços amplos e arejados feitos de cromo e metal, e todo mundo andando apressado para lá e para cá com suas malas de rodinhas.

– Uma coisa: é preciso tomar cuidado com o que fizer aqui dentro. Você tem talento para atrair atenção para si. Tente se misturar. Há câmeras por toda parte. – Quando olhei para seu ar confuso, expliquei: – Uma câmera tira fotos. Como aqueles desenhos em relevo nas paredes dos templos e pirâmides, sabe? Fotos são assim, só que bem, bem mais precisas. Olhe só.

Tirei uma selfie com o celular e lhe mostrei. Fascinado, ele passou o dedo sobre a imagem.

Virei o telefone e tirei uma foto sua, mas a tela ficou borrada.

– Espere. Vou tentar outra vez.

Desativei o flash e tornei a pressionar o botão várias vezes, mas todas as imagens saíram iguais. No lugar onde Amon deveria estar havia apenas uma explosão de luz.

– Sua tecnologia não consegue esculpir minha imagem. Provavelmente porque eu sou uma sombra ambulante.

Com os olhos pregados no borrão brilhante na tela do meu celular, balbuciei:

– Acho que você está mais para uma supernova ambulante, isso sim.

Amon continuou a estudar os outros passageiros, então perguntou de repente:

– Como você me vê, jovem Lily?

– Não sei. Quero dizer, não tenho como classificar você. Será um deus egípcio? Uma múmia? Ou será humano? Um fantasma? Está claro que você é imortal, mas na verdade não existe nenhum parâmetro de referência.

– Não. O que eu queria perguntar era: o que há de errado com a minha aparência?

– Hã... na verdade, nada.

Pelo menos nenhuma garota que eu conheço veria algum problema.

Amon franziu o cenho.

– Você sabe se este... aeroporto tem lugar para tomar banho?

– Você quer tomar banho agora? – perguntei, sem entender.

– *Não*.

Foi então que me ocorreu.

– Ah, um toalete. Claro.

– Não, eu não quero uma toalha.

– Eu sei. Mas é assim que esse lugar se chama: banheiro, toalete, sanitário. – Olhei em volta e vi um não muito longe dali. – Está vendo onde aquele homem entrou? Ali é o toalete masculino.

– Você me espera aqui?

– Espero.

Enquanto o via se afastar, tive uma ideia. Por impulso, andei até a barraquinha que vendia fones de ouvido. Sabia que Amon acharia aquilo muito interessante, e estava comprando um par para ele quando senti uma espécie de puxão por dentro.

Assinei depressa o recibo do cartão, cedi à força que me puxava e fui atraída de volta mais ou menos na direção do lugar em que estávamos sentados. As cadeiras agora estavam ocupadas por outros passageiros, e não vi Amon em lugar nenhum. Dei uma rodadinha, ajeitei o cabelo atrás da orelha e comecei a procurá-lo.

A sensação de que algo me puxava tinha passado. Supus que tivesse sido provocada por Amon, de modo que aquela sua súbita ausência me deixou preocupada.

Uma voz conhecida chamou meu nome baixinho, e eu me virei.

– Amon? O que… o que você fez?

Ele havia tirado as roupas de ginástica folgadas do meu pai e, ao olhar em volta, percebi como arrumara outras roupas. Três jovens saíram cambaleando do banheiro vestidos com as peças do meu pai. Todos exibiam um ar confuso e um deles não parava de puxar a camiseta velha enquanto se afastava.

O fato de Amon ter trocado de roupa com eles era a parte menos impressionante da sua transformação. Não entendi como, mas aquele rapaz de sorriso de matar tinha dado um jeito de acrescentar cabelos à cabeça.

– É uma peruca?

Puxei os cabelos com uma das mãos e constatei que estavam presos com firmeza ao couro cabeludo.

– É o meu próprio cabelo. O estilo está certo?

Se eu antes já achava Amon bonito, sua beleza agora tinha sido elevada à enésima potência. Os cabelos eram castanho-escuros, curtos atrás e dos lados e um pouco mais compridos na parte de cima. Eram grossos, densos e volumosos, além de meio bagunçados. O tipo de cabelo no qual uma garota poderia enterrar os dedos durante um beijo. *Lily, pare com isso!*

– Ficou… não ficou nada mau – respondi por fim. – Como você fez isso?

– Eu só acelerei o crescimento natural.

– Pensei que você fosse careca porque não tinha cabelo.

– Não. Os príncipes egípcios raspam a cabeça.

– Entendi. Mas... por que você trocou de roupa e fez o cabelo crescer?

Amon deu de ombros.

– Não pude deixar de reparar que não me pareço com os outros homens da minha idade. Vai ser mais fácil andar por aí se eu... chamar menos atenção. Não posso fazer grande coisa para alterar meu comportamento, a não ser seguir o seu exemplo, mas posso tentar pelo menos ter a aparência de alguém do seu mundo. Não vi muitos homens da minha idade com a cabeça raspada.

– Certo, mas...

– Estou melhor agora?

– Você está ótimo – respondi, e era verdade.

Ele usava uma calça jeans escura de corte reto, um blazer azul ajustado, uma camisa de malha branca de manga comprida com três botões no pescoço e um par de All Star cinza nos pés.

– Arrumei também um cinto novo. Viu?

Ele levantou a camisa para me mostrar, mas fiquei distraída demais com os músculos rijos de sua barriga para reparar no cinto.

– Que... que legal – murmurei, e virei-me para disfarçar o rubor nas bochechas.

Ele soltou a camiseta e perguntou:

– Não correspondi às suas expectativas?

Fiz um gesto casual.

– Acredite... você está acima e *além* das minhas expectativas. – Pigarreei, pouco à vontade, ao me dar conta do que acabara de dizer. Ele não pareceu perceber nada de anormal. – Bom. Agora que você está vestido de maneira confortável, vamos ver que avião temos que pegar para chegar ao Egito?

Deixando para trás um rastro de funcionárias de companhias aéreas com ar sonhador, todas enfeitiçadas pelo poder de Amon, por sua beleza de revista ou por uma combinação das duas coisas, e tendo nas mãos duas passagens para o Cairo, pelas quais não pagáramos nem tivéramos que mostrar passaporte, atravessamos o aeroporto. Não demorei muito para perceber o efeito que Amon exercia não apenas sobre as funcionárias, mas em quase todas as pessoas do sexo feminino com quem cruzávamos.

Ele possuía uma aura de poder e, pelo menos para mim, irradiava todo tipo de sensação cálida e ensolarada. Desconfiei que isso fosse natural nele ou então um reflexo das dádivas do rei-sol. Nós todas parecíamos girassóis virando a cabeça na direção de um astro-rei estonteante. Pensar isso me irritou e percebi que era simplesmente porque, por egoísmo, eu queria guardar todo o calor de Amon para mim.

Assim que embarcarmos, as comissárias de bordo começaram a nos dispensar uma atenção um tanto excessiva. Amon se deleitou com isso.

Depois da primeira hora, as comissárias já tinham se tornado um incômodo constante. Quando a quarta delas apareceu só para ver, pela segunda vez, se Amon estava precisando de alguma coisa, eu me enchi e a interrompi antes que ela dissesse qualquer coisa:

– Estamos bem, obrigada. – Então sibilei para Amon: – Eu gostava mais de você careca.

Amon achou minha reação hilária. Minha resposta foi arrancar o travesseiro do braço da sua poltrona, enfiá-lo atrás da cabeça, cruzar os braços na frente do peito e fechar os olhos, para não ter que assistir ao interminável desfile de suas adoradoras.

Ainda rindo, ele pegou o cobertor que uma das comissárias tinha lhe dado – cujo perfume, segundo ele, era digno de uma rainha do Egito –, ajeitou-o à minha volta e se inclinou para sussurrar:

– Um lírio do deserto não olha com ciúme para uma reles violeta.

Não respondi, e logo adormeci embalada pelo ronco das turbinas.

Visão do paraíso

O barulho de talheres e um suave burburinho de vozes me acordaram. Ao abrir os olhos, vi que um homem grandão do outro lado do corredor já estava jantando e fui trazida de volta à realidade com um choque. Levei as mãos aos olhos, esfreguei-os e me perguntei se os últimos dois dias não teriam passado de um sonho.

– Com licença – pediu a comissária de bordo, quase enfiando os fartos seios na minha cara para poder ter um acesso melhor ao meu companheiro de viagem. É claro que aquilo não era um sonho. Eu estava desperta o suficiente para ouvir Amon soltar exclamações enquanto ouvia a descrição do jantar que ela iria lhe trazer. Revirando os olhos, toquei em seu ombro.

– Queria passar para ir ao banheiro, por favor.

– Ah, claro.

Uma vez lá, tranquei a porta e molhei uma toalha, que pressionei contra o rosto. Eu não me sentia no meu estado normal. Minha postura em geral segura, com os ombros eretos, agora parecia encurvada, e meu aspecto saudável tinha sido substituído por um ar doentio. Minha pele exibia um tom claramente cinza, agravado ainda mais por uma fina camada de suor. Os cabelos castanhos com reflexos vermelhos estavam murchos e grudados em feixes, como fios de espaguete, sem brilho nenhum. A maquiagem cuidadosa estava borrada, e as olheiras debaixo dos olhos pareciam saquinhos de chá espremidos.

Peguei o pequeno estojo de maquiagem que felizmente levara comigo, retoquei o rosto da melhor forma que pude e prendi os cabelos em um rabo de cavalo frouxo. *No que você foi se meter?* Autorizei-me um breve instante de histeria por ter concordado – eu mal conseguia formular o pensamento – em ir até o *Egito* na companhia de um príncipe-múmia de não sei quantos milhares de anos de idade que, sob vários aspectos, era um "problema" difícil demais para mim.

Depois de repetir umas dez vezes o mantra "É assim e pronto", me preparei para voltar ao meu lugar.

Encontrei uma mulher de meia-idade sentada ao lado de Amon, fazendo-lhe todo tipo de pergunta sobre sua terra natal. Ao me ver, ele lhe disse com educação:

– Minha Lily voltou e está na hora do nosso jantar. Quem sabe possamos conversar um

pouco mais sobre o Egito depois?

– Ah, sim, eu adoraria – respondeu a mulher, abrindo um sorriso de orelha a orelha antes de voltar para a sua fileira.

Com uma careta, deixei-me cair na poltrona e guardei a bolsinha de maquiagem debaixo da poltrona da frente. Amon se inclinou para prender meu cinto.

– Você tem que ficar com isso o tempo todo até o comandante dizer que é seguro andar pela cabine.

Afastei as mãos dele.

– Sim, eu sei. E, a propósito, eu não sou a *sua* Lily coisa nenhuma.

Ignorando alegremente o meu comentário, ele perguntou:

– Você sabe abaixar a mesinha?

– Sei. Eu *nasci* neste século.

Meu sarcasmo pareceu deixá-lo ao mesmo tempo fascinado e um tanto confuso. Nem eu entendi muito bem aquela minha animosidade repentina. Mais uma vez, minhas emoções estavam fugindo ao controle. Depois que abri a mesa, a comissária trouxe nossa comida. Vi o sorriso especial que ela dirigiu a Amon e estreitei os olhos. Então gelei: tinha entendido por que estava tão irritada. Eu experimentava... um sentimento de posse em relação a ele. Depois que pigarreei ruidosamente, a comissária pousou as bandejas com violência e perguntou a Amon se ele queria mais alguma coisa. Quando ele disse que avisaria se quisesse, ela nos deixou em paz. Só que não havia um nem dois jantares na nossa frente, mas, sim, três.

– O que é isso? – Quase cuspi a pergunta.

– Um banquete. Ou pelo menos o melhor que Gloria conseguiu arrumar nas atuais circunstâncias.

Pelo visto, ele tinha pedido a lasanha vegetariana, o frango, uma salada do chef e um prato de frutas e queijo para cada um de nós.

– Ela disse que vai trazer a sobremesa depois – explicou ele, pegando um cacho de uvas e começando a arrancá-las com os dentes, uma de cada vez.

Balancei a cabeça. Meu mau humor foi embora ao vê-lo comer as uvas como um deus antigo, algo que, imagino, ele de fato era, e meus lábios se curvaram em um sorriso apesar da minha tentativa de continuar brava.

– Assim – sussurrei, separando algumas uvas do cacho e as colocando na boca.

Amon pousou seu cacho e ficou me observando, com a atenção focada nos meus lábios. Eu estava começando a me sentir pouco à vontade, constrangida e com um pouco de calor quando ele apontou para a lasanha.

Foi copiando cada movimento que eu fazia, de como usar o garfo e a faca até como abrir os pacotinhos de sal e pimenta, usar o guardanapo, despejar o molho sobre a salada. Logo reparou que eu havia posto o guardanapo sobre a bandeja e na mesma hora ficou preocupado.

Passando os dedos pela minha bochecha no que devia ser a versão de um deus egípcio de

uma avaliação de saúde, ele perguntou:

– Você está doente?

– Não. Só um pouco cansada – respondi, enquanto ele me estudava com os olhos cor de avelã.

– Então por que parou de comer?

Dei de ombros.

– Em geral eu não como muito. Já falei isso, lembra?

– Lembro.

Amon voltou novamente a atenção para a comida, mas logo também afastou o resto da refeição. Quando lhe perguntei por quê, respondeu:

– Um banquete não é algo que se faça sozinho. É um momento de celebração, de renovação. Se você não quer comer comigo, também vou me abster.

– Você está celebrando exatamente o quê?

– A vida – respondeu ele com simplicidade.

– Não entendi.

A comissária levou embora nossas refeições ainda pela metade e completou as bebidas. Depois de experimentar todas as opções não gaseificadas disponíveis no avião, Amon declarou que sua preferida era o suco de laranja, o que fazia sentido para um deus do sol. Observou ressabiado meu copo quando dei um golinho no meu *ginger ale* diet que acabara de ser completado.

– Por que você está celebrando a vida? – repeti.

– Sempre que eu... desperto, constato que sinto uma grande fome de vida. Nas semanas anteriores à cerimônia, eu como até me fartar. Danço. Eu me cerco... – sem parar de falar, ele correu as pontas dos dedos por um cacho solto dos meus cabelos até os fios roçarem meu rosto – ... de beleza. Saboreio cada momento de estar vivo. Assim tenho algo para refletir, algo para me aquecer durante os longos anos de escuridão.

– Para onde você vai depois da cerimônia?

A expressão dele passou de tranquila a pesarosa e ele se virou ao responder.

– Não quero falar nisso.

– Tudo bem. – Era muito estranho olhar para Amon e não ver o calor que eu já conhecia tão bem. – Bom, que tal um filme?

– O que é isso mesmo?

– Quer ver como é a interpretação moderna das múmias?

– Sim.

Ficamos acordados até tarde e assistimos a vários filmes, parando apenas para ir ao banheiro. Comecei com um clássico: *A múmia*, com Boris Karloff. A única reação de Amon quando o filme terminou foi pedir: “Mais um.” Peguei-me observando mais as suas expressões do que os filmes em si enquanto assistíamos à versão de 1999 de *A múmia* e à continuação de 2001, *O retorno da múmia*.

Amon franzia o cenho nas cenas cuja intenção era serem divertidas e zombava abertamente de outras. Ficou fascinado pelos figurinos e cenários, e em determinado momento sussurrou:

– Não conheço esse lugar.

Tentei explicar que os cenários muitas vezes eram falsos, criados por artistas que trabalham em computadores, mas ele me mandou calar com um psiu e continuou assistindo. Peguei no sono durante o terceiro filme e acordei quase no final.

– Gostou? – perguntei.

Sem responder à pergunta, ele começou a me fazer várias.

– Por que as pessoas veem o Egito assim? Eu sou pintado como um monstro, quando o meu papel é salvar a humanidade das trevas. Não sou mau, Lily.

Segurei sua mão e disse:

– Eu sei.

– Foi por isso que você teve medo de mim lá no Templo das Musas? Pensou que eu fosse devorar sua carne e separar seu eu espiritual de seu corpo físico, ou fazer uma praga cair sobre você?

– Não... não exatamente. Mas eu tive medo, sim.

Amon se recostou na poltrona e resmungou:

– Os antigos não temiam o nosso despertar. Pelo contrário: ansiavam por esse evento. Guirlandas eram postas em volta do nosso pescoço. Éramos tratados como deuses, como príncipes. As pessoas nos ofereciam seu amor e sua devoção. Agora somos repelidos, temidos, transformados em criaturas de morte e fedor. No melhor dos casos, somos esquecidos; no pior, somos demônios vingativos. Ninguém nos conhece. Somos indignos, odiados. Talvez nosso destino seja nos desintegrar até virarmos nada, nos tornar de fato as relíquias que somos e nos render ao pó e à decomposição.

As emoções que ele estava sentindo – desespero, solidão – me atingiram em ondas, e eu não pude deixar de reagir.

– Amon... – Envolvi a mão dele com a minha e falei baixinho: – Sei que você não despertou em circunstâncias ideais, e tem razão quando diz que a sua... espécie não é considerada uma raça de heróis pelas massas, mas isso não diminui o que você é, quem você é, nem qualquer que possa ser o seu propósito. Mesmo que as pessoas que você encontra não o conheçam, elas sentem algo especial e gravitam na sua direção. Olhe só as comissárias! Elas podem não reconhecer você como príncipe, mas mesmo assim se derretem e o tratam com veneração. É como se não conseguissem resistir. O seu calor as atrai.

Minhas palavras causaram um impacto. Senti isso nele enquanto o via refletir sobre o que eu tinha dito. Aos poucos, seus pensamentos sombrios se dissiparam e não demorou muito para ele me presentear com um sorriso mortificado.

– Lily, você por acaso é uma deusa em forma moderna? Tem a mesma sabedoria.

– Não sou deusa nenhuma, pode acreditar. Sou só uma boa observadora das pessoas.

– Você observa sem interagir?

– Em geral, sim. Tento não interferir nem me meter na vida alheia.

– Por que não?

– Acho que estragaria o mistério.

– Para mim não há mistério nenhum. Quando eu me concentro em alguém, consigo perceber os pensamentos dessa pessoa.

– Quer dizer que você consegue ler os pensamentos de todo mundo, não só os meus? – indaguei.

– Eu recebi a dádiva do Olho de Hórus.

– Quem é Hórus, exatamente, e o que o olho dele tem a ver com essa história? – perguntei, nervosa, olhando em volta e abaixando a voz.

– Não se preocupe, Lily. A maioria das pessoas a nosso redor está dormindo, e, se eu quiser, elas não vão conseguir nos escutar. Eu posso... perturbar sua audição.

– Como aquilo que aconteceu com a sua foto?

– Isso. É a mesma coisa. Elas vão saber que a gente está falando, mas não vão entender nada. – Ele se concentrou por um instante e então disse: – Pronto.

O avião às escuras e o fato de ninguém poder nos escutar fez com que eu me sentisse presa em uma pequena bolha de intimidade com Amon, e constatei que essa sensação me agradava.

– Me conte sobre Hórus, então.

O sorriso dele brilhou no escuro.

– Não está cansada, Lily?

– Exausta, mas quero muito ouvir essa história.

– Está bem. – Ele fez uma pausa de alguns instantes, então começou: – Hórus é filho de Amon-Rá. As pessoas o chamavam de Sol Dourado; enquanto seu pai era o Sol Nascido, Hórus era a luz que despontava acima das colinas no início de um novo dia e preenchia o mundo de uma ponta a outra.

– O horizonte – murmurei. – Ele é o horizonte.

Amon inclinou a cabeça e pensou no que eu havia acabado de dizer.

– Sim. Acho que essa é uma definição precisa.

– Fale mais – pedi, pegando meu caderno para desenhar e acendendo a luzinha de leitura para ver melhor. – Consegue descrever Hórus?

– Nas esculturas, ele muitas vezes é representado com a cabeça de um falcão, mas como os seus... filmes mostraram, esse conceito foi mal compreendido. Ele na verdade não tem cabeça de falcão, assim como Anúbis não tem cabeça de chacal. Esses animais são seus companheiros.

Amon espiou meu esboço e prosseguiu:

– Os deuses e deusas muitas vezes eram retratados com as cabeças de seus animais emblemáticos, para poderem ser diferenciados entre si e de outros líderes importantes.

– Faz sentido. Hórus tem os cabelos de que cor?

– Eu nunca vi Hórus pessoalmente.

– Ah. Bem, então só me diga o que você sabe sobre ele, sobre os olhos dele ou qualquer outra coisa – falei, o lápis erguido para tomar notas.

– Hórus é filho de Ísis e Osíris...

– Espere. Achei que ele fosse filho de Amon-Rá.

– E é.

– Como ele pode ser filho de dois pais?

– Vou explicar. Talvez seja melhor começar com Osíris. Ele se casou com a irmã, Ísis.

– Com a irmã?

– É.

– O incesto é uma prática comum entre os deuses egípcios?

– Sim, e mais tarde, também entre os faraós.

– Eca... Mas tudo bem, continue.

– Osíris foi um bom e sábio governante do Egito e, quando chegou a hora de se casar, descobriu que não havia mulher nenhuma que amasse mais do que a irmã, Ísis. A deusa Ísis era suave e bela como um raio de luar e tinha um dom incomparável para a magia. Foi uma união feliz e celebrada por todos, exceto por uma pessoa: seu irmão Seth.

– Mas... Seth não é aquele do mal? O Obscuro, ou sei lá o quê, que vocês precisam derrotar?

– Ele mesmo.

– Que interessante.

Enquanto Amon prosseguia, comecei a fazer uma nova lista.

– O deus obscuro Seth nem sempre teve um coração tão negro, no entanto tinha inveja do irmão Osíris. Ele queria governar, mas acima de tudo queria Ísis. Seth estava enfeitiçado pela beleza da irmã e, embora tenha desposado muitas mulheres, não considerava nenhuma delas tão desejável quanto a que não podia ter. A necessidade de possuir a irmã o consumia. Irado, ele virou as costas para tudo o que era bom e permitiu que as sementes da corrupção, da amargura e da luxúria crescessem no seu coração.

Ele fez uma pausa e continuou:

– Ísis disse ao marido que as investidas de Seth haviam se tornado cada vez mais intoleráveis e que seu irmão finalmente tinha ido longe demais: ele tentara agarrá-la à força. Por sorte, ela conseguira usar a magia para rechaçar sua atenção indesejada. Osíris foi falar com Seth, mas o irmão do governante havia se tornado um hábil mentiroso. Ele acusou Ísis de interpretar mal suas intenções e garantiu a Osíris que tinha um casamento feliz não apenas com uma esposa, mas com várias. “Que necessidade eu tenho de querer também a esposa do meu irmão?”, indagou.

– Que falso – murmurei enquanto fazia uma anotação.

– Osíris, que era um homem bondoso, acreditava no melhor lado de todo mundo,

inclusive do irmão, e tranquilizou a mulher dizendo que ela devia ter entendido mal. Mas Ísis era esperta. Intuiu que Seth estava tramando alguma coisa, e logo viu que tinha razão.

– O que ele fez? – perguntei, fascinada pela história.

– Ordenou que construíssem um lindo baú de madeira todo esculpido, folheado a ouro puro, nas dimensões exatas de Osíris.

– Um baú para um corpo? Como um caixão? – Sacudi a mão. – Quero dizer, um sarcófago?

– Exatamente. Seth ofereceu um grande banquete em homenagem a Osíris, então anunciou que o lindo baú seria de quem coubesse lá dentro. Várias pessoas tentaram, decerto pensando em ficar com todo aquele ouro, mas ninguém coube exatamente.

– Ninguém, a não ser seu irmão.

– Isso mesmo. Logo todos já haviam tentado entrar no baú, mas ninguém ainda conseguira ficar com ele. Seth provocou o irmão e disse que talvez "só um rei coubesse ali dentro", e convidou Osíris a tentar a sorte. Ísis implorou ao marido que não fizesse aquilo, pois estava pressentindo uma traição, mas Osíris não viu mal nenhum e ficou encantado com o fato de o irmão lhe trazer um objeto tão precioso.

– Hum.

Osíris entrou no baú, e na mesma hora Seth e seus criados lacraram a tampa com chumbo derretido. Enquanto os homens carregavam o baú com Osíris para fora do palácio, Seth encurralou Ísis. Ele usava um amuleto que o protegia da magia dela e estava decidido a se apossar não só do trono, mas também da irmã. A única coisa que Ísis pôde fazer foi usar o poder da lua para escapar: ela saltou em um raio de luar e desapareceu. Mais tarde, Ísis descobriu que o baú fora jogado no Nilo. Quando conseguiu resgatá-lo, ele já havia sido invadido pelos crocodilos e o corpo de Osíris fora despedaçado.

– Que horror!

– É.

– Não entendo. Se Osíris morreu, como Hórus pôde nascer? Ele era criança quando isso tudo aconteceu?

– Bem, Ísis era uma mulher muito determinada, sabe? Não aceitou a morte do marido. Invocou todos os poderes de que dispunha e assim conseguiu juntar os pedaços do seu corpo, matando para isso uma porção de crocodilos.

Torci o nariz.

– Credo. Por quê?

– Para ressuscitar Osíris. – Ao ver minha sobrancelha arqueada, Amon chegou mais perto e explicou: – Quando todos os pedaços foram recolhidos, Ísis chamou Anúbis e disse que precisava da ajuda dele para reaver o marido.

– E deu certo?

– De certa forma. Anúbis enrolou cuidadosamente todos os pedaços de Osíris, encaixando o pé na perna e a perna no tronco até obter o formato de um homem. Se uma

perna ou braço estivesse mutilado demais, ou se faltasse um dedo da mão ou do pé, Ísis preenchia a lacuna com pedaços dos crocodilos que matara para recuperar os restos do marido. Enquanto Ísis não parava de entoar encantamentos, Anúbis embalsamou os restos de Osíris e conseguiu reunir seus cinco componentes. Ele havia reconstituído o corpo, emprestado o próprio *ba*, seu poder, conectado a *shuwt*, a sombra, invocado o *ka* para que este retornasse e nomeado a forma reconstituída com seu *ren*, seu nome: Osíris.

– Nossa!

– Juntos, Anúbis e Ísis geraram um forte vento, que rodopiou em torno da forma de Osíris e a ergueu no ar. A figura se moveu, e com delicadeza foi pousada no chão, em pé. Osíris foi a primeira múmia do Egito. Aos prantos, Ísis removeu as ataduras do corpo do marido e o encontrou novamente inteiro e perfeito, a não ser pela pele, agora verde como a de um crocodilo. Ela ficou muito feliz, mas Anúbis lhe informou com tristeza que a magia que trouxera seu marido de volta à vida tinha um preço. Anúbis explicou que Osíris ficaria para sempre ligado ao mundo dos mortos. Ísis e Osíris poderiam passar uma noite juntos, mas depois ele precisaria deixá-la e assumir seu lugar junto a Anúbis. De lá, ele supervisiona a balança do juízo e comanda a Terra dos Mortos.

– E ela engravidou nessa noite?

– Isso. Contrariado em sua tentativa de ficar com a irmã, Seth reivindicou para si o trono do Egito. Como Osíris nunca tivera um herdeiro, estava certo de que ninguém iria contestá-lo.

– Mas aí Hórus nasceu.

Amon assentiu.

– Hórus era a alegria da mãe, e herdou parte de seu poder. A magia de Ísis canalizava a lua, e Hórus recebeu desse astro um grande dom: nasceu com olhos opacos capazes de ver no escuro. Diziam que os seus olhos podiam criar a luz. Hórus conseguia ver muito longe e podia distinguir os mais ínfimos detalhes. Nenhuma presa conseguia se esconder dele, e ele tinha a capacidade de saber o que era verdade e o que era mentira. Ísis zelou muito bem pelo filho e por suas dádivas. Hórus foi criado em segredo, e sua mãe assumiu uma identidade nova para impedir Seth de encontrá-los. Quando Hórus chegou à maioridade, Ísis foi com ele pedir a ajuda do próprio Amon-Rá para devolver ao filho seu lugar de direito como governante. Amon-Rá não quis ajudar. Hórus não tinha experiência, e Seth havia se tornado muito poderoso.

A história me impressionava. Ele prosseguiu:

– Frustrada, Ísis recorreu à magia. Chamou uma víbora do deserto e lhe deu para comer um rato que havia envenenado com sua magia. O roedor não matou a cobra, mas deixou seu veneno potente o bastante para fazer mal a um deus, mesmo um deus tão poderoso quanto Amon-Rá. Como sabia onde o deus gostava de caminhar todo entardecer, Ísis pôs a víbora no meio do seu caminho. Amon-Rá ignorou o bicho como fazia com a maioria das criaturas, uma vez que nenhuma delas podia lhe fazer mal, e, quando a cobra o picou, ele riu e

continuou seu passeio. Ao pôr do sol, Amon-Rá tomou a barca cerimonial que percorria o mundo dos mortos e, bem na hora em que emergiu para iniciar um novo dia, desabou no chão, vítima do veneno de Ísis. Mensageiros foram despachados para encontrar uma cura, e Ísis foi depressa até onde Amon-Rá se encontrava e sussurrou em seu ouvido que, se lhe dissesse seu verdadeiro nome, ela lhe daria o antídoto para o veneno. Desesperado, ele concordou.

– Qual era o verdadeiro nome dele e por que ela queria saber? – indaguei.

– Não sei. Parte do acordo era Ísis jamais revelar esse nome. Ela curou Amon-Rá, depois usou seu verdadeiro nome para forçá-lo a ajudar Hórus. Quando você conhece o verdadeiro nome de algum ser, seja ele deus, humano ou animal, adquire poder sobre ele.

– Mas eu só tenho um nome.

– É que você ainda não descobriu seu verdadeiro nome.

– Nem sei se eu tenho um.

– Todo ser vivo tem. O seu verdadeiro nome representa o seu eu ideal. A pessoa que você é lá no fundo. É o nome que está gravado no seu coração.

– Você tem um nome assim?

– Tenho.

– E não é Amon?

Ele fez que não com a cabeça.

– Eu recebi o nome Amon quando fui convocado para cumprir meu destino.

– Então por que Amon não seria o seu verdadeiro nome?

Ele pegou minha mão e pressionou a palma contra o próprio peito.

– No meu coração eu sei que não é.

Com a mão dele em volta da minha, pude sentir o conhecido calor de seus dedos, mas experimentei também um calor mais intenso que emanava de seu peito.

Retirei minha mão, embora ele parecesse relutante em soltá-la. Pigarreei, peguei meu caderno e percorri as anotações que tinha feito.

– O poder do olho que você mencionou parece diferente do que você faz.

– É ao mesmo tempo igual e diferente. Quer que eu continue a história?

Fiz que sim com a cabeça, mordisquei a borracha do lápis e cruzei as pernas, pousando o caderno no colo.

– Ísis invocou o verdadeiro nome de Amon-Rá com um encantamento que só o libertaria quando três exigências fossem atendidas. Seu primeiro pedido foi que Hórus ocupasse a posição do pai. O segundo foi que, sempre que quisesse, ela poderia acompanhar Amon-Rá na jornada que ele fazia todas as noites ao mundo dos mortos, para poder visitar Osíris.

– E o terceiro?

– Ela pediu algo que ninguém jamais ousara pedir. Ísis disse a Amon-Rá que não apenas queria que o filho fosse o legítimo herdeiro de Osíris, mas também que fosse nomeado herdeiro do próprio Amon-Rá.

– Foi assim que ele virou filho de Amon-Rá?

– Sim. Amon-Rá foi obrigado a conceder os três desejos de Ísis, e consequentemente adotou Hórus como seu filho.

– Aposto que Seth não gostou nadinha.

– Nem um pouco. Na mesma hora, ele desafiou Hórus, e os dois deram início a uma série de fatigantes batalhas.

– Amon-Rá não tentou impedir?

– Não. Para ele, combater Seth seria uma boa oportunidade para Hórus provar que era digno da sua atenção. Três testes foram organizados: um de força, outro de habilidade e um terceiro de poder. Para demonstrar força, eles passaram três meses lutando na forma de hipopótamos, mas a luta acabou empatada. Em seguida, ambos tiveram que construir embarcações de pedra e apostar corrida no Nilo, mas Hórus trapaceou e pintou um navio de madeira para fazê-lo parecer de pedra. O barco de Seth afundou e Hórus venceu a corrida, mas a trapaça foi descoberta e novamente não houve um vencedor.

Eu ouvia tudo atentamente.

– Por fim, organizou-se uma caçada. Aquele que conseguisse encontrar Nebu, o garanhão dourado que vivia no deserto, domá-lo e levá-lo até Amon-Rá seria declarado vencedor. Seth ouviu dizer que Hórus tinha a visão muito aguçada e temeu que o rival fosse o primeiro a encontrar Nebu; assim, desesperado, surpreendeu Hórus enquanto este dormia e arrancou-lhe os olhos das órbitas. Jogou-os nas dunas e deixou Hórus cego e à beira da morte enquanto saía à procura do famoso cavalo. Sem os olhos, Hórus foi privado de sua imortalidade. Passou meses vagando sozinho pelo deserto; sua única companhia era um falcão com quem fez amizade. O pássaro lhe trazia carne, que ele comia crua, e tornou-se seu fiel companheiro. Hórus percebeu que sua ambição e seu poder o haviam tornado arrogante. Diariamente, virava o rosto para o sol do deserto e prometia a Amon-Rá, seu novo pai, mudar de comportamento e se tornar o tipo de líder de que o povo necessitava.

Ele fez uma pausa antes de continuar:

– Semanas se passaram, e Amon-Rá decidiu que Hórus já fora punido o suficiente. Disfarçado de velha, foi procurá-lo e gritou por socorro. Hórus mandou seu falcão achar a mulher e seguiu o canto do pássaro até encontrá-la. Ofereceu-lhe toda a ajuda que podia e, para sua surpresa, a mulher mudou de forma. Ao sentir o calor do rei-sol, Hórus se ajoelhou aos pés de Amon-Rá e implorou perdão. Pediu não para ser instituído, mas que o levassem até sua mãe para que ele pudesse ser reconfortado pelo amor dela antes de morrer. Amon-Rá se apiedou de Hórus e exclamou que não somente ele veria a mãe com os próprios olhos mas também recuperaria seu poder. Dessa vez, um dos olhos, o esquerdo, conservou o poder da lua, mas ao olho direito de Hórus Amon-Rá atribuiu o poder do sol, tornando-o assim seu verdadeiro herdeiro. O *Wadjet*, ou Olho de Hórus, pode ser visto em obras de arte e esculturas por todo o Egito. Dizem que um amuleto feito com o Olho de Hórus é capaz de afastar o mal e proteger quem o usa. O símbolo é um sinal da proteção do deus do sol e um

lembrete: quando somos privados de tudo aquilo que valorizamos, finalmente conseguimos ver a verdade.

– Quer dizer então que, de certa forma, você está sob a proteção de Amon-Rá e pode ver a verdade quando olha para as pessoas? – perguntei.

– Existem outros poderes associados a essa condição, também. Eu consigo extrair energia do sol, ver no escuro e encontrar coisas que estão escondidas.

– Foi assim que me encontrou em Nova York?

– Sim, e também por causa da minha ligação com você. Eu provavelmente conseguiria encontrá-la mesmo sem a nossa ligação, mas teria demorado bastante. A sua cidade é a maior que já vi.

Dei um grunhido.

– É uma das maiores do mundo, mas acho que na China há algumas ainda maiores.

– Difícil de imaginar.

– É difícil para muita gente, até para quem nasceu nesta época. Mas, afinal, Seth acabou encontrando o cavalo dourado?

– Sim, mas não conseguiu capturá-lo. Depois que curou Hórus, Amon-Rá expulsou Seth, que foi tragado por uma tempestade de areia e só voltou a aparecer na minha época. Nebu, o garanhão dourado, virou uma lenda. Muitos homens morreram procurando-o no deserto. Ninguém jamais cumpriu o desafio de Amon-Rá, e muitos pensaram poder se tornar herdeiros do deus do sol caso capturassem e domassem o famoso cavalo.

– Pode me contar essa história também?

– Talvez mais tarde, jovem Lily.

– Eu não sabia que deuses do sol precisavam de descanso.

Amon fechou os olhos e murmurou:

– Suas perguntas finalmente me cansaram.

– Bom, você é *muito* velho – provoquei.

Ele abriu ligeiramente os olhos, mantendo-os como duas fendas, e virou a cabeça para mim.

– Não tão velho que não consiga conter belas torturadoras que me crivam de perguntas e se deleitam me afligindo com incentivos de todo tipo.

Quando eu ia perguntar o que ele queria dizer com incentivos, ele deu um suspiro e pousou a cabeça no meu ombro. Meu nariz ficou em seus cabelos. Os fios eram macios como os de um recém-nascido, e não pude evitar inspirar seu cheiro: âmbar cálido e mirra. Ele se ajeitou, chegando ainda mais perto, cobriu nós dois com um cobertor e pegou no sono rapidamente.

Meu corpo foi acalentado por aquele contato à medida que pequenas pulsações de calor percorriam minha pele. Um turbilhão de perguntas se agitava na minha mente; mesmo assim, apaguei a luz e deixei a escuridão do avião me envolver. Tentei aquietar os pensamentos, mas, em vez disso, fiquei imaginando como seria percorrer o deserto, cega.

Um falcão gritou e acordei sobressaltada bem na hora em que o comandante anunciava nosso pouso no Cairo.

Um passeio egípcio

Com seu sorriso que parecia um sol radiante, Amon desejou felicidades a cada membro da tripulação antes de desembarcar. Ao terminar, teve confiança suficiente não apenas para conseguir se orientar no aeroporto, o que teria sido um desafio até mesmo para mim, como também para obter acesso a uma sala VIP, onde poderíamos descansar um pouco.

Depois de fazer um bochecho com água, escovar os cabelos e lavar o rosto, fui encontrar Amon na área de espera, onde ele me passou uma garrafa d'água. Estava exausta, e não só por não ter dormido quase nada. Era algo mais profundo, e eu sentia que minha ligação com Amon era a causa primária daquele cansaço. Ele também reparou na minha exaustão.

– Você está cansada, jovem Lily.

Tomei um golinho d'água e aquiesci.

– Venha – disse ele, conduzindo-me até umas cadeiras com aspecto bem confortável situadas perto de amplas janelas.

Sentei-me em uma delas e ele ficou em pé bem na minha frente. A luz do sol ajudou um pouco, mas eu ainda sentia os olhos meio inchados e, apesar de ter bebido toda a água, tinha a boca áspera e seca.

Amon pressionou os dedos na minha bochecha e manteve os olhos fechados por vários instantes.

– Bem, doutor, qual é o diagnóstico? Eu vou sobreviver? – perguntei, meio de brincadeira, meio com medo da sua resposta.

– Você precisa descansar – anunciou, pegando minha mão.

– Isso eu já sabia.

Embora sua expressão fosse de pura preocupação, ele tentou disfarçar.

– Então vamos indo – disse, delicado.

Ele me ajudou a me levantar e então me enlaçou pela cintura. Entrei em pânico na hora.

– Opa, espere um instantinho! Senhor *Jeannie é um gênio*. Por que não deixa a viagem na areia para quando a gente realmente precisar?

Amon parou um instante e analisou o ambiente em que estávamos.

– Talvez você tenha razão. Vamos arrumar uma carruagem dourada.

Fui atrás dele e disse:

– Talvez no Egito elas não sejam douradas.

– Ah, sim. O Cairo deve ser bem mais avançado do que aquela sua cidade de Manhattan. Vamos arrumar uns cavalos bem velozes.

– Hã, talvez seja melhor você se preparar para um pequeno choque cultural – avisei enquanto nos encaminhávamos para as portas. – Acho que não vai encontrar o mesmo Egito de mil anos atrás.

– Este ainda é o meu povo. Tenho certeza que a cidade vai ser bem parecida com a minha lembrança.

– Ok. Não diga que não avisei.

A expressão de Amon se fechou quando saímos para o sol forte. A cidade se estendia à nossa frente, e não havia como negar que não era o que ele esperava ver. Ele me olhou irritado quando brinquei:

– Está vendo? Nem um mísero camelo.

Amon foi até um dos seguranças do aeroporto e, ajeitando minha bolsa no ombro, começou a falar com o sujeito. Quando voltou, vi o segurança falando no walkie-talkie.

– O que houve? – perguntei.

– Ele vai providenciar uma carruagem VIP para nós. – Ele apontou para um dos pequenos táxis preto e branco que passavam depressa antes de completar: – Não vou me espremer em uma carruagem tão pequena. Até no meu sarcófago havia mais espaço.

Eu ri e, quando cheguei mais perto dele para deixar passar um grupo grande de pessoas, ele pôs as mãos em volta dos meus ombros em um gesto protetor. Havia muitos grupos de turistas, de diversos países e culturas. Amon inclinou a cabeça, tentando ouvir as pessoas que passavam.

– Tantas línguas diferentes – comentou por fim.

– O Egito é um destino turístico bem popular.

– Como assim, “destino turístico”?

– Bom, muitos visitantes vêm aqui ver as pirâmides e outras relíquias do passado.

– Que tipo de relíquia?

O carro chegou e o motorista saltou depressa para pegar a bolsa que Amon estava segurando.

– Artefatos como cerâmicas, obras de arte, joias, papiros com textos antigos, múmias... esse tipo de coisa.

Ele já estava com a porta entreaberta pra mim, mas parou.

– As pessoas vêm ao Egito visitar os mortos? Ver os corpos daqueles que já partiram desta vida?

De repente, dei-me conta de quanto isso parecia desrespeitoso.

– Hã, é. Mas acho que o público não tem acesso a algumas das múmias mais frágeis. Acho que você pode pensar que essa é a maneira que as pessoas desta época encontraram

para prestar homenagem aos reis e faraós de antigamente. Ninguém pode tocar as múmias, e elas em geral ficam protegidas sob uma redoma de vidro.

Ele passou alguns instantes sem dizer nada, e pude ver que estava refletindo sobre o assunto.

Quando nos acomodamos dentro do carro, ele disse ao motorista:

– Nós somos viajantes VIP à procura de uma trégua na nossa jornada. Precisamos de comida e bebida, roupas novas e mantimentos.

O motorista arqueou as sobrancelhas para ele, arriscou uma olhadela para mim e perguntou, em inglês:

– Para onde gostariam de ir?

– Pode nos levar para um bom hotel.

– Bom e barato, ou bom do tipo não importa o preço?

Amon se inclinou para a frente.

– O preço é irrelevante.

– Bom do tipo não importa o preço – esclareci.

– Ótimo.

Ele saiu com o carro a toda e pegou o que desconfiei ser o caminho mais longo, mas não reclamei. Era bom observar Amon enquanto ele absorvia as mudanças na cidade.

– A que distância ficam as pirâmides de Gizé? – perguntei ao motorista.

– Não muito longe. Uns 50 quilômetros, algo assim. Querem ir lá hoje?

– Não. Hoje vamos descansar.

– Muito bem.

– Está fazendo mais frio do que eu imaginava. É normal?

– Abril aqui no Cairo é primavera – explicou o motorista. – É bem agradável.

Brinquei um pouco no celular e descobri que as pirâmides ficavam a uns 30 quilômetros do aeroporto. Fiz a conversão para cúbitos e sussurrei:

– Sessenta e sete mil e quinhentos cúbitos.

Em resposta, Amon apenas grunhiu, inteiramente fascinado com as cenas que desfilavam pela janela. O Cairo moderno era uma cidade movimentada. Assim como Nova York, exibia uma mistura de construções antigas e novas – no Egito, porém, a palavra *antigo* tinha um significado totalmente diferente.

Passamos por mesquitas e bazares, por cemitérios e museus, por torres e prédios de luxo, e por teatros e lojas, mas, ao contrário de Nova York, o Cairo dava a sensação de ser um lugar ancestral, e não era difícil imaginar que, se as pessoas diminuíssem suficientemente o ritmo, a poeira do deserto que vivia se acumulando nos limites da cidade se ergueria feito um animal selvagem e faminto para engolir a civilização, arrastá-la para a areia e enterrá-la de forma tão completa que o Cairo logo desapareceria, como as cidades de antigamente.

Por fim, o motorista parou na frente de um hotel grande com um lindo lago circular e

um chafariz. Palmeiras margeavam o acesso de carros, e duas grossas colunas esculpidas no formato de obeliscos antigos se projetavam no céu de um lado e outro do lago.

Saltamos e, enquanto Amon girava lentamente no próprio eixo, remexi na bolsa à procura do cartão de crédito. Ele então tornou a prestar atenção em nós. Encarou fixamente o motorista, murmurou algumas palavras e, sem comentar mais nada, o sujeito virou a cabeça, engatou a marcha no carro e foi embora. *Por quanto tempo será que vamos conseguir continuar assim?*

O hotel era luxuoso; não fosse a decoração, eu poderia facilmente ter confundido aquele lugar com um prédio elegante de Manhattan. O lobby alardeava um restaurante cinco estrelas e, em áreas mais afastadas, lojas caras de roupas femininas, bolsas e malas de grife e suvenires, além de um bar e de um lounge que ficava aberto até tarde. Havia até uma perfumaria.

Amon hipnotizou o funcionário da recepção e logo fomos conduzidos com nossa parca bagagem até o último andar. Entregaram a Amon a chave do frigobar e a de uma sala VIP onde poderíamos jantar a sós, se quiséssemos. Depois de lhe ensinar como fazer pedidos com o cardápio do serviço de quarto, fui tomar banho.

Vestida com um roupão e pensando que preferiria dormir assim em vez de com as minhas roupas amarrotadas, espichei a cabeça para dentro do quarto e vi Amon cercado por várias travessas de comida. Ele não estava comendo, mas, sim, sentado ao sol que entrava pela janela. A vista do quarto era incrível. Bem lá embaixo ficava o belíssimo Nilo, cuja superfície cintilava ao sol. Embora os cabelos e a pele de Amon brilhassem, eu nunca o tinha visto tão melancólico.

– Vi que você pediu um banquete. Não está com fome? – perguntei.

– Estou sem paixão pela comida.

– Isso não é do seu feitio.

– Não. Está vendo, Lily? – Amon apontou para o Nilo. – Eu naveguei por esse rio incontáveis vezes, mas não conheço este lugar.

– Tenho certeza de que com o tempo a água deve ter erodido as margens...

– Não me refiro às dimensões do rio; estou falando da terra e do povo que nela habita. O povo se perdeu, foi roubado. Desapareceu feito o orvalho com a chegada do sol.

– Amon... – segurei com força a mão dele – ... eles... nós... ainda somos o seu povo. Temos novas tecnologias, usamos outros meios de transporte para viajar, temos atividades que você nunca considerou possíveis, mas somos as mesmas pessoas. Ainda temos as mesmas necessidades: bebemos, comemos, procuramos amizade e amor. Nos preocupamos com aqueles de quem gostamos. Travamos batalhas. Nos magoamos. Ficamos doentes e morremos.

– Sim. Mas talvez vocês não precisem mais de uma... relíquia igual a mim. Talvez esteja na hora de eu ir dormir sob o vidro como os outros e nunca mais despertar.

Perguntei-me qual seria a sensação de só acordar uma vez a cada mil anos, de ver o

mundo mudar e avançar sem mim, de não ter nenhum vínculo com ninguém, nenhum parente. *Ele deve se sentir terrivelmente sozinho*. Embora não pudéssemos ser mais diferentes um do outro, eu sabia o que a solidão fazia com uma pessoa.

Virei a cabeça e olhei para o rio azul cintilando lá embaixo.

– O Nilo já alimentou várias gerações, e continua a servir e abastecer o povo do Egito. Muitas pessoas talvez caminhem por suas margens sem lhe dar a menor atenção. Talvez elas nem pensem nos reis que navegaram suas ondas, nem nas pessoas que dependiam dele para ter água potável e irrigar as lavouras, mas isso não diminui seu impacto. Não diminui sua importância. O seu povo talvez não conheça você. Talvez passe por você na rua sem sentir o seu poder, mas isso não quer dizer que ele não *precise* de você.

Eu não sabia mais o que dizer. Entendia como aquele despertar devia ter sido diferente para ele em comparação com as outras vezes. Naquela época ele era celebrado, e hoje estava esquecido.

Amon ergueu a cabeça e disse:

– Tem razão, Lily.

– O quê? Como?

Eu estava justamente pensando em quanto estava errada.

– Pouco importa nós reconhecermos ou não a importância do sol; ele continua a brilhar, seja qual for a atenção que lhe damos. Se os meus esforços não forem reconhecidos, paciência. Jurei servir ao povo do Egito, e assim farei até o Egito não precisar mais de mim.

– E quando isso vai acontecer?

– Quando a escuridão não for mais uma ameaça.

– Talvez isso nunca aconteça.

– Então eu continuarei a servir.

Os olhos cor de avelã de Amon exibiam uma expressão atormentada.

– Como você está lidando com isso tudo? Quero dizer, todas essas mudanças que está vendo no mundo devem ser atordoantes.

– Eu estou lidando com elas... graças a você, Lily.

– Como assim?

– É difícil explicar.

– Mas você pode tentar?

– Através dos seus olhos, minha mente é capaz de entender o mundo. Veja o caso do seu celular, por exemplo. Se eu me concentrar, posso imaginar você usando o aparelho. Posso ver na minha mente como você confia nesse aparelho, e, embora eu não o compreenda totalmente, não tenho medo dele.

– E os aviões, carros e arranha-céus? – Ele inclinou a cabeça e me encarou. – Espere, você está fazendo isso agora, não é? Procurando a definição de arranha-céu?

– Sim.

– São esses prédios grandes.

– Ah. Embora eu possa captar imagens e emoções de qualquer pessoa que escolher, com você tenho uma conexão especial. É mais do que o Olho. O nosso vínculo não me proporciona só energia, mas também me estabiliza. Sem você eu seria uma balsa lançada em um mar revolto sem vela nem âncora. Estaria realmente perdido.

– E você já se vinculou assim a outras pessoas? Nas outras vezes em que despertou?

– Não. Você é a primeira.

– Por que não se vinculou a outras? Não precisava da ajuda delas?

– Um vínculo é uma fusão de todos os cinco aspectos de mim mesmo com outra pessoa. As fronteiras entre os dois envolvidos podem facilmente se confundir. É uma coisa… íntima.

– É por isso que eu estou achando difícil controlar o que digo? Sei lá… é como se tudo o que eu pensasse simplesmente saísse pela minha boca, querendo ou não.

Amon assentiu.

– Seus pensamentos e sensações interiores foram trazidos à superfície. Antigamente, eu sabia onde estava e o trabalho que tinha a fazer. Meus jarros da morte estavam sempre por perto, de modo que eu não precisava da ajuda de outra pessoa. Meus irmãos despertavam no mesmo dia que eu e juntos cumpríamos nosso objetivo sem impor nossa vontade a um mortal. O vínculo nunca foi criado porque nunca foi necessário. Sempre lamentarei o fardo que esse vínculo representa para você.

Passei alguns instantes calada, então disse:

– Sinto que há mais coisas que você não está me contando.

Amon desviou o olhar.

– Nada com que você precise se preocupar. Vou continuar a tomar muito cuidado para você não se machucar. Falando nisso, agora precisa descansar, jovem Lily.

– Você também está cansado – falei baixinho. – Não quer dormir?

Amon ficou em pé, me puxou e segurou entre os dedos uma mecha dos meus cabelos molhados. Ao afastá-la do meu rosto, beijou minha testa, gesto que surpreendeu a ambos.

– Você precisa dormir mais do que eu, Nehabet – disse, recuando.

– O que é isso?

– Na minha língua, um *nehabet* é um lírio-d’água precioso que cresce nos oásis, e este lírio aqui – ele deu uns tapinhas no meu ombro – precisa descansar. – Quando comecei a protestar, pousou a ponta de um dedo no meu lábio superior para me fazer calar. – Só tem uma cama. Quero que fique com ela.

Com um empurrãozinho, ele me despachou para o quarto. Ao fechar a porta, eu o vi se virar outra vez para a janela e passar pelos cabelos uma das mãos trêmulas.

Era começo de tarde quando adormeci e, ao acordar, já era de noite. A janela do quarto

estava aberta e o ar noturno entrava, fresco, trazendo aromas de rio, flores do deserto e temperos exóticos. Abri uma fresta da porta e vi que Amon dormia. Sua forma comprida estava curvada no sofá de um jeito pouco natural, e a comida sobre a mesa continuava intacta.

Empurrei o carrinho de comida fria até o corredor, fiz uma ligação em voz baixa para pedir mais, então me ajoelhei diante dele enquanto esperava o serviço de quarto chegar. Seus cabelos recém-brotados lhe cobriam os olhos, e, após alguns instantes tentando negar o que estava sentindo, mandei a parte da minha mente que me controlava calar a boca e retirei delicadamente os cabelos da frente de seus olhos, usando só a pontinha dos dedos. O calor de sua pele me atraía, e minha única vontade era ficar sentada ali perto para sentir sua radiância.

No sono, seus lábios carnudos estavam relaxados, e percebi que estava vendo o homem, não o deus do sol. Amon tinha dois lados, ambos gravados na mesma sólida moeda. As duas versões eram poderosas, belas e autoritárias, mas o Amon homem, que era vulnerável e duvidava de si mesmo, que ansiava por sentir um vínculo com outras pessoas, era o que mais me atraía.

Era muito fácil imaginá-lo sonolento, grogue e quente, abrindo os braços para mim, e eu lhe dando um beijo e enfiando os dedos nos seus cabelos num abraço apaixonado. Quando a ideia de que seria fácil me apaixonar por alguém como ele passou pela minha cabeça, retirei a mão e me censurei por me deixar levar por fantasias de menina. Não sabia que bicho tinha me mordido, e não estava propensa a racionalizar naquele momento, mas decidi dar um descanso a mim mesma. Aquela era a única vez na minha vida em que iria me permitir quebrar as regras; se queria me deliciar admirando um homem lindo, não havia ninguém por perto para reparar nem se importar com isso.

Mesmo assim, minha antiga forma de pensar não parava de ressurgir. Mesmo que eu acabasse gostando o suficiente de Amon para querer tomar alguma atitude, o que isso significava? Nós jamais poderíamos ter um futuro juntos.

Mas ele era atencioso; não só comigo, com os outros também. Era solar – algo de especial acontecia quando Amon aumentava a potência de sua luz; era quase como se eu não conseguisse conter minha própria felicidade. E era abnegado – como uma garota poderia resistir a um cara que abria mão dos próprios desejos e se sacrificava para salvar os outros?

Esses traços de personalidade, sem falar em muitos outros, lançavam uma luz brilhante sobre o rapaz sonhador e sombrio que eu conhecera poucos dias antes. Este havia desaparecido, e em seu lugar restava Amon. Eu poderia me apaixonar perdida e perigosamente por alguém como ele, mas não era capaz de criar na mente uma versão em que um relacionamento desses tivesse outro desfecho que não a desilusão. Meus pais, é claro, jamais iriam aprová-lo, a não ser que ele tivesse diploma universitário ou aspirações políticas.

A ironia era que, se eu tivesse vivido na época de Amon, meus pais não poderiam ter

sonhado com um partido melhor. Afinal de contas, ele era um príncipe do Egito. Mesmo sem o poder do deus do sol, Amon era bem-sucedido. Torci o nariz ao pensar que ele talvez pudesse ter se casado com uma irmã, como os deuses de antigamente. Mas talvez ele nem tivesse irmã.

De qualquer maneira, eu obtivera uma trégua temporária do planejamento de todo o meu futuro, e sempre seria grata a ele por isso. Não tinha reparado no peso da minha vida estruturada até ela desaparecer. Estar com Amon me dava a sensação de que tudo era possível. Eu não me sentia mais a pessoa que os outros chamavam de Srta. Young ou Lilliana. Com ele, eu era apenas Lily, ou jovem Lily. Ser Lily me agradava muito mais.

Quando alguém bateu de leve na porta, deixei de lado as reflexões e fui abrir; o garçom entrou trazendo outro carrinho. Entregou-me um recibo para assinar e saiu. Amon acordou quando eu estava arrumando a comida na mesa.

– Você vem? – perguntei, com um sorriso. – Devo confessar que estou pronta para um banquete.

Inclinando a cabeça de lado, ele me estudou com os olhos verdes arregalados.

– E o que você está comemorando, jovem Lily?

Ergui um copo cheio de suco de laranja na direção dele e disse:

– Possibilidades. Vamos celebrar o desconhecido.

Amon se adiantou, pegou um copo e o encheu com o suco da jarra.

– Ao desconhecido, então – disse, batendo o copo no meu.

Fiz meu prato com prazer, e não me permiti pensar em gorduras, carboidratos ou calorias. Se achasse algo uma delícia, fazia questão de que Amon experimentasse. Enquanto elogiava o bolo de chocolate que lhe pedi que provasse, empurrou na minha direção um prato egípcio que adorava e me incentivou a comer com a mão. Um outro prato nós comemos com pedaços de um pão fino e saboroso. Depois de experimentarmos tudo, dando várias coisas na boca para o outro provar, Amon pegou o telefone e pediu tudo o que havia no cardápio que ainda não tínhamos provado.

Juntos comemos pizza pela primeira vez, e a que ele mais adorou foi marguerita. Apresentei-o à lagosta e ao linguini, ao sorvete e às almôndegas italianas, ao *steak tartare* e aos rolinhos primavera, e ele me fez provar diversos pratos típicos egípcios. Alguns eram parecidos com coisas que ele comia antigamente, enquanto outros eram criações recentes.

Provar todos aqueles pratos com Amon foi uma experiência muito empolgante. Um prazer sem limites, uma aventura, e de certa forma algo muito íntimo. Acima de tudo, porém, foi divertido. Percebi que na verdade eu nunca havia me banqueteado na vida. A paixão de Amon pela comida e por se entregar aos prazeres simples do sabor e das texturas era uma grande novidade para mim. Peguei-me desejando ter feito aquilo antes.

Quando terminamos, gemi de satisfação; nunca na vida tinha comido tanto. Passava um pouco da meia-noite, e eu não sabia se deveria voltar a dormir ou assistir a um filme. Tinha

começado a recolher os pratos e colocá-los de volta sobre o carrinho quando Amon me segurou delicadamente pelo pulso.

Ele fez a mão escorregar pelo meu braço até o rosto, encostou a palma na minha bochecha e disse:

– *Hakenew*, Lily.

– Isso quer dizer "obrigado", não é?

– Quer dizer mais do que um simples obrigado. Expressa um profundo sentimento de gratidão por outra pessoa. É um agradecimento pelo calor e pelo conforto duradouros que se sente na companhia de alguém especial. Não estou agradecendo a você, Lily. Estou agradecendo *por* você.

– Ah.

– Já participei de muitos banquetes, mas nenhum foi tão bom quanto este – continuou ele. – Meu coração fica mais leve com você.

Enrubescendo, murmurei:

– Eu também gostei.

Os olhos verdes de Amon estudaram meu rosto, então baixaram até meus lábios ao mesmo tempo que ele dava um passo na minha direção. Pensei que ele fosse me beijar, mas em vez disso ele encostou a testa na minha. Nossos narizes se tocaram, mas infelizmente seus lábios altamente beijáveis não chegaram nem perto dos meus.

Recuei, e pude sentir seu arrependimento quando ele se afastou alguns passos.

– Por favor, descanse um pouco mais, Lily. Não vou demorar.

Com isso, ele saiu pela porta e sumiu.

Fiquei me perguntando: *O que foi que eu fiz?* Talvez ele não sentisse por mim a mesma atração que eu sentia por ele. Talvez apenas precisasse de mim e, quando tudo terminasse, não fosse ter problema algum em me deixar de lado.

Tomada pela insegurança, emoção que eu desprezava, ainda mais por causa de um cara, situação na qual nunca me permitira ficar, censurei-me por estar agindo como uma adolescente obcecada por uma paixonite não correspondida. Disse a mim mesma que estava acima dessas coisas e fui até o banheiro ver se estava com algum pedaço de comida preso nos dentes. Não achei nada, o que me fez hesitar entre me perguntar por que Amon não se sentia atraído por mim e pensar que eu era segura demais para me importar com isso.

Peguei a escova de cabelo e notei que meus fios estavam diferentes. De ambos os lados do rosto, duas mechas não tinham mais a mesma cor que o restante. Era como se eu tivesse feito luzes louras em duas grandes mechas. Examinei as raízes, corri os dedos até as pontas das mechas realçadas e arquejei ao entender que Amon tinha tocado meus cabelos bem no lugar em que agora estavam as mechas mais claras.

O fato de minhas novas luzes muito provavelmente se deverem ao toque de deus do sol de Amon na verdade me fez apreciá-las. Meus cabelos agora eram únicos, muito diferentes dos da Lilliana que morava em uma cobertura em Nova York.

Aquela era uma Lily com uma veia aventureira. Uma Lily que saía de fininho de casa. Que comia coisas gostosas em vez de coisas que não engordavam. Endireitei os ombros e percebi uma coisa: aquela era uma Lily que adiava a universidade por um ano ou dois e ia viajar. E aquele era o tipo de Lily que talvez merecesse um lindo deus do sol egípcio como namorado. Molhei os cabelos de novo, passei um creme e amassei as mechas enquanto as secava com o secador. Separei os cabelos em partes e formei cachos soltos com um *baby-liss*, criando um penteado maluquinho que refletia o meu astral. Estava me maquiando quando ouvi a porta do quarto se abrir.

– Amon? – chamei.

– Cheguei, Lily.

Ele entrou no quarto com um homem de terno obviamente hipnotizado. Ambos carregavam uma porção de sacolas de compras em cada braço. Depois de largar tudo em cima da cama, Amon agradeceu ao homem e murmurou algumas palavras, e este saiu, feliz da vida, apesar de eu ter certeza de que não tinha recebido pagamento por nenhuma das coisas que Amon já havia começado a tirar das sacolas. Quando ele saiu, vi de relance o lampejo dourado de seu crachá e indiquei com o polegar sua figura saindo do quarto.

– Você enfeitiçou o diretor do hotel e o fez subir cheio de sacolas?

Amon deu de ombros.

– A loja de roupas femininas estava fechada, e ele era o único que podia abrir.

Cruzei os braços diante do peito e o encarei, mas Amon me ignorou e começou a vasculhar as sacolas.

– Não sabia quais roupas cairiam melhor, então peguei vários modelos e tamanhos diferentes – explicou.

– Mesmo se as câmeras de segurança não tiverem filmado vocês, ele pode ter problemas com o patrão, sabia? Pode até ser preso.

Amon descartou o assunto com um gesto.

– Desde que você me mostrou a câmera do seu telefone, descobri como desativá-las por onde passamos. São aparelhos bem simplezinhos.

– Ok, só estou dizendo que às vezes é melhor ficar mais na sua.

Ele se virou para me olhar e indagou, com uma expressão intrigada:

– Na minha o quê?

– Ah, esquece – retruquei com um suspiro.

Vasculhei uma das sacolas e encontrei uma camisa de botão e uma calça jeans vários tamanhos maior do que o meu. Tirei a calça da sacola, segurei-a esticada e arqueei as sobrancelhas com um sorriso de zombaria.

– Nossa, que olho péssimo você tem.

Amon ergueu os olhos.

– Isso não é para você. É para mim.

– Ah. – Passei-lhe a calça. Depois de juntar mais algumas peças, ele fez menção de sair,

mas então parou e tornou a se virar.

– Seu cabelo está diferente.

– É, eu percebi. Aliás, obrigada pelas luzes.

Afastei uma mecha loura do rosto e a soltei. Amon deixou as sacolas caírem no chão com força, aproximou-se e esticou uma das mãos, hesitante, mas se deteve, como se estivesse pedindo minha permissão.

– Tudo bem – falei. – Pode tocar. Gostei das mechas.

Ele girou uma mecha em volta do dedo e a puxou delicadamente para deixá-la reta. A ponta de seu dedo brilhou quando ele puxou os fios, e cheguei a ver ondas de luz percorrerem meus cabelos até as pontas.

– Pelo visto meu cabelo muda de cor nos lugares que você toca.

– É. – Ele observou curioso a transformação. – Mas eu não o enrolei.

– Não. Essa parte fui eu.

Amon soltou a mecha recém-alourada e deu um passo para trás.

– Desculpe – falou.

– Não precisa se desculpar. Como eu disse, gostei da cor. – Como ele não respondeu e ficou só me olhando, tornei a falar: – Você odiou? É esse o problema?

– Não. Eu achei... lindo.

– Então o que foi? Qual é o problema?

– Nenhum. – Ele sacudiu a cabeça e se virou antes de completar: – Vista uma roupa confortável. Vamos atravessar o que você chama de tempestade de areia.

– Depois a gente vai voltar para o hotel?

– Sim. Pode ser.

– Ok. Então vou levar pouca coisa.

Ele saiu e fechou a porta sem fazer barulho.

Eu não conseguia entender o que estava acontecendo com ele, e isso me incomodava. Ele estava chateado com alguma coisa, mas eu não conseguia saber com o quê.

Como não tinha ideia do que iríamos fazer, escolhi uma calça jeans justa, uma camiseta preta e um par de botas. Para o caso de irmos a algum lugar mais chique, pus na mochila uma saia preta esvoaçante com pontas assimétricas, além do meu caderno, algumas garrafas d'água, um par de sandálias e minha carteira. Amon provavelmente cuidaria da parte do pagamento, mas mesmo assim eu queria estar com dinheiro, só para garantir.

Ao sair do quarto, encontrei Amon vestido de forma parecida. Ele havia penteado os cabelos castanhos para trás com os dedos, o que os fazia parecer quase pretos, e estava usando uma calça jeans escura com um cinto preto grosso e uma camisa cinza desabotoada que deixava entrever por baixo uma camiseta branca. Apesar da dupla camada de tecido, dava para ver seu físico musculoso. *Caramba*, pensei. *Nada mau, Lily. Nada mau*.

Engoli em seco, pigarreei bem alto e perguntei:

– Agora é a hora da tempestade de areia?

– É.

Ele me encarou com um olhar digno de falcão que fez com que eu me sentisse ao mesmo tempo vulnerável e poderosa. Meu coração começou a bater forte quando me aproximei dele, e seus olhos pareceram absorver todos os meus movimentos de uma vez só. Tive a impressão de que ele podia sentir não apenas meu ritmo cardíaco, mas também o sangue pulsando em minhas veias, o modo como arfei quando ele deslizou a mão pelo meu braço e como minha pele se eriçou quando ele me tocou.

– Está pronta? – sussurrou junto à pele delicada abaixo da minha orelha, e quando respondi "Estou" não estava nem pensando no lugar para onde estávamos indo. Aproximei-me ainda mais dele e o abracei pela cintura. Quando a areia começou a voar, fechei os olhos e enterrei o rosto no seu peito. Senti sua surpresa diante desse gesto, mas não soube dizer se era uma surpresa agradável ou se ele teria preferido que eu mantivesse distância.

Meus ouvidos foram preenchidos pelo zumbido da tempestade e senti a areia lamber meus braços nus e o vento levantar meus cabelos. Tive um momento de pânico quando as ferroadas me deixaram anestesiada, mas Amon de alguma forma falou comigo mentalmente e me tranquilizou com palavras brandas em um idioma que não consegui entender. A mão dele subiu pelas minhas costas, segurou meu pescoço e tive apenas alguns segundos para curtir essa sensação antes de não conseguir sentir mais nada e de mergulharmos na escuridão.

A areia parou de rodopiar e nos materializamos em um beco entre dois prédios.

– Onde estamos? – perguntei, girando em círculos.

– Itjtawy – respondeu ele baixinho.

– Itjtawy é...

– Minha cidade natal.

– Ah.

Pelo visto, a "cidade natal" de Amon era agora um bairro industrial nos arredores da zona metropolitana do Cairo. Ele começou a andar e eu fui atrás, sem saber se era seguro caminhar por ali àquela hora da noite. Em poucos instantes, Amon conseguiu encontrar o Nilo e seguimos a pé pela margem enquanto ele estudava as cercanias. Parou uma vez para brincar com a ponta de um junco que crescia perto da água.

– Papiro – explicou, sem eu ter perguntado.

Eu jamais teria adivinhado que aquele aglomerado de caules altos e verdes com o topo parecido com um espanador pudesse ter sido usado para fabricar papel.

Um pouco mais adiante, Amon parou, recuou com cautela e pôs-se a contar os passos.

– Deve ser bem aqui – anunciou por fim.

– O quê? A sua casa? Como você sabe?

– Não. A minha casa devia ficar no alto daquela encosta. Está vendo?

– Aquele morro ali? Estou vendo, sim. O que tinha ali?

– O templo. O templo em que devíamos venerar Anúbis. Sei onde estamos porque aqui foi o local da minha primeira morte, experiência que jamais vou esquecer. Mesmo que tivesse esquecido, o Olho de Hórus teria me mostrado o que estou buscando.

– Ah, entendi. – Eu estava doida para fazer outras perguntas, mas pude ver que ele estava concentrado na tarefa que precisava realizar. – Então, o que precisamos fazer?

– Fique em silêncio um instante para eu poder me concentrar.

Amon caiu de joelhos, fechou os olhos e ergueu as mãos para o céu com as palmas viradas para cima. Não tive certeza do que fazer, mas ajoelhar-me pareceu o mais certo, e foi o que fiz. Ele começou a entoar um cântico e após alguns instantes senti o chão roncar.

Ele se virou para mim e estendeu a mão.

– Lily!

Puxou-me até eu ficar em pé e me apertou com força junto ao peito. Sustentou-nos juntos de pé enquanto o chão sob nossos pés tremia. A terra diante de onde estávamos se ergueu como se algo – ou alguém, o que eu sinceramente torcia para que não fosse o caso – estivesse emergindo dela. Um chifre rompeu a superfície e tive medo de que fizesse parte de um monstro subterrâneo, mas nessa hora o ronco cessou e o que quer que fosse aquilo despontando da terra permaneceu imóvel.

Com cuidado, Amon deu um passo à frente e estendeu a mão para retirar o objeto da terra. Parecia uma casquinha de sorvete grande, só que feita de argila. Tirando a sujeira que a cobria, as laterais eram lisas e na parte superior havia alguns hieróglifos egípcios.

– O que é isso? – indaguei, chegando mais perto.

– Um cone funerário.

– O que é um cone funerário? Serve para fechar a tampa do sarcófago? Me parece fácil de quebrar.

Amon fez que não com a cabeça.

– Não. Os cones marcam a entrada de um túmulo. Estes símbolos gravados aqui são uma prece para o morto. E aqui está escrito o nome dele.

– Quem é o morto, então?

Com reverência, Amon limpou a terra da superfície do cone e leu em voz alta as palavras em egípcio enquanto acompanhava um dos trechos com o dedo. Antes de traduzir, fez uma pausa e olhou para mim.

– Eu. Este cone vem da tumba situada no meu último lugar de descanso. É um recado dizendo que vou encontrar lá o que estou buscando.

– E o seu último lugar de descanso foi...

– Tebas. Não Tebas propriamente dita, mas as tumbas próximas às colinas tebanas, mais provavelmente.

– Espere um instante. No caixote que continha todos os artefatos lá no museu estava escrito que a múmia... – Mudei de posição, pouco à vontade. – Quero dizer, que *você* tinha sido encontrado no Vale dos Reis. – Peguei o celular e procurei o site. – É perto de onde ficava a antiga Tebas – expliquei. – A cidade hoje se chama Luxor. Detesto dizer isso, Amon, mas o Vale dos Reis é a capital arqueológica do mundo. Hã, "arqueológica" significa relacionada à escavação de relíquias enterradas.

Amon franziu o cenho.

– Como eu.

Fiz uma careta, mas respondi:

– É. A questão é que deve haver vigias por toda parte, e eles ainda nem encontraram todas as tumbas que existem lá. Vivem achando coisas novas. Vai ser como procurar uma agulha em uma duna de areia, sem falar que você vai ter que controlar a mente de um monte de pessoas só para a gente conseguir entrar lá.

Enquanto eu falava, Amon limpava metodicamente o artefato cônico. Quando terminei, ele ergueu os olhos e disse:

– Eu preciso tentar, Lily. Se não conseguir, tudo estará perdido. Ainda assim você quer me acompanhar nessa jornada?

Cheguei mais perto dele, pus a mão no seu braço e disse:

– É claro que quero. Agora me dê essa casquinha aí que eu vou guardar na bolsa para não quebrar.

Uma vez guardada a relíquia, imaginei que fôssemos partir na mesma hora para o Vale dos Reis, mas Amon quis esperar o dia seguinte para poder se revigorar antes da viagem. Ele também queria passear pela área onde antes ficava sua casa. Estendeu uma das mãos para mim, e juntos exploramos as terras que supostamente haviam lhe pertencido um dia.

Conforme ele falava e me explicava como era sua casa, os prédios cinza tristonhos desapareceram e foram substituídos por um palácio dourado, campos de cereais e rebanhos de diversos animais. Pude ver Amon caminhando orgulhoso no meio de seu povo, navegando em um barco pelo Nilo ou celebrando com banquetes.

Logo chegamos a um prédio que fora convertido em casa noturna. Uma música eletrônica tocava muito alto e uma fila de lindas moças e rapazes esperava sua vez de entrar.

– O que é isso? – quis saber Amon.

– Parece uma boate. Um lugar onde as pessoas dançam e comemoram – expliquei.

– O meu povo dança?

– Dança, claro. As pessoas dançam no mundo todo.

– Então venha, Lily. Vamos comemorar com eles.

– Acho que não estou muito no clima.

– Como assim, clima?

– Clima é uma disposição... como quando... Ah, é complicado demais explicar.

Amon me examinou no escuro; seus olhos brilhavam. Inclinou a cabeça e disse:

– Você não gosta de dançar.

– Em geral, não.

Ele continuou a se concentrar em mim, e não demorou a discernir mais do que eu estava disposta a demonstrar.

– Considera isso um uso ruim do seu tempo e fica... encabulada.

Era isso mesmo. Que coisa estranha ter alguém captando cada pensamentozinho que eu tivesse.

– Pare de me analisar, Sigmund Freud. Eu tenho os meus motivos, e você não precisa saber tudo.

Amon ignorou minha reação e continuou:

– Lily, em primeiro lugar, não existe a menor possibilidade de os seus braços e pernas tão graciosos e lisinhos se moverem de qualquer maneira que venha a lhe causar vergonha. Segundo, o mundo já tem trabalho suficiente, Nehabet. De que adianta ter sucesso se você não aproveitar suas conquistas? É preciso ter equilíbrio. Até mesmo um rei comemora. Se não comemorasse, como poderia ter um governo eficaz?

Ele fez uma pausa e então prosseguiu:

– Você precisa se permitir sentir... alegria, jovem Lily. Precisa ter prazer pelo simples fato de estar viva. – Ele disse isso encostando os lábios em uma das minhas mãos, depois na outra.

A ironia era que em toda minha vida eu nunca tinha me sentido mais viva do que naquele instante em que Amon beijou minhas mãos. Ele já havia beijado minha testa, mas, quando levou os lábios às minhas mãos, uma descarga elétrica atravessou meu corpo. Embora eu soubesse que a paixão dele tinha mais a ver com aproveitar a vida do que comigo, foi assim mesmo uma sensação poderosa, e parte de mim quis se agarrar a isso.

– Muito bem – concordei baixinho. – Vamos dançar.

A boate estava escura e quente, mas a música era incrível: eletrônica com uma batida nervosa e uma sonoridade um pouco exótica. Na mesma hora me senti deslocada, pois a maioria das mulheres usava vestido justo e curto, salto alto e muita maquiagem. Amon estava nos guiando até o bar quando gritei mais alto do que a música:

– Vou ao banheiro! Já volto!

Fazia um calor tão grande que meu sangue chegava a latejar, mas, quando enfim cheguei ao banheiro, o contraste de temperatura era gritante. Um ar-condicionado soprava ar frio sobre as mulheres que se arrumavam diante do espelho, e me perguntei se o banheiro masculino seria assim também, ou se aquilo era algo especialmente pensado para o público feminino.

Depois de tirar minhas botas pesadas e calçar as sandálias, troquei rapidamente o jeans pela saia que havia levado e em seguida puxei a camiseta, pensando no que poderia fazer para deixá-la com um aspecto de quem estava indo à boate, e não à feira. Estava em pé na frente do espelho, com o cenho franzido, quando uma menina que passava batom me fez

uma pergunta em outra língua. Minha única resposta foi dar de ombros, levantar a barra da camiseta e fazer um gesto para baixo com o polegar.

A menina franziu os lábios, arqueou as sobrancelhas, indicou a si mesma e, quando aquiesci com a cabeça, hesitante, sacou da bolsa uma minúscula tesourinha. Fiquei ainda mais hesitante, mas ela não fez movimento algum até eu menear a cabeça outra vez.

Com gestos hábeis, ela cortou a gola da camiseta, aumentando o decote para deixar um dos ombros à mostra. Então cortou o excesso da barra e deu um nó nas minhas costas, o que expôs uns três centímetros da barriga. Por fim, virou-me e juntou na mão a barra da saia.

Eu ia protestar contra cortá-la, mas ela largou a tesoura e enrolou o tecido em volta do meu corpo, prendendo-o de lado, de modo que acabei vestida com uma saia em estilo sarongue que descia até logo acima do joelho em um dos lados e mais ou menos até o meio da coxa do outro. Nunca na vida tinha usado uma roupa que me deixasse tão exposta.

Como presente de despedida, a menina me emprestou seu batom e passou um pouco do seu perfume nos meus pulsos e pescoço. O cheiro era exótico, um leve floral almiscarado. Passei batom, ajeitei os cabelos, disse um rápido obrigada e saí do banheiro à procura de Amon.

Após deixar a bolsa na chapelaria, corri os olhos pelo bar. Ele não estava lá, nem sentado em nenhuma das áreas em volta da pista de dança. Concluí que tivesse saído para tomar ar e fui na direção da porta, mas parei ao ouvir uma confusão na pista de dança ainda mais barulhenta do que a música.

Abrindo caminho em meio a uma multidão de mulheres para ver o que estava acontecendo, fiquei chocada não por ver Amon no meio das pessoas, com a pele brilhando, como se estivesse debaixo de um holofote, mas ao vê-lo dançar. Já imaginava que o seu estilo devia ser exótico e bem diferente da dança moderna, mas não esperava que ele fosse apresentar uma versão masculina da dança do ventre.

Ele havia tirado a camisa, e agora apenas a fina camiseta branca cobria seu peito, tão justa que parecia que as costuras iam arrebentar a qualquer momento.

Seu corpo girava lentamente, os músculos do abdome ondulando e o quadril rebolando de tal maneira que deveria ser proibido. A dança de Amon parecia uma mistura de Elvis Presley com um *go-go boy*. O deus do sol em forma humana parecia uma locomotiva liquefeita: a barriga murchava, o peito inflava, os pés deslizavam no chão, os ombros balançavam, o quadril girava. Ele causava furor, cercado por mulheres que mal podiam esperar para embarcar naquele trem.

Ele se virou e, enquanto seu olhar abarcava suas admiradoras, parou de dançar um instante. Um sorriso imenso iluminou seu rosto e ele gritou para a multidão:

– Obrigado, senhoras, mas a minha Lily chegou. Quero dançar com ela agora.

Ele estendeu a mão e eu entrei na pista, ignorando os suspiros das mulheres ao meu redor. Uma por uma, elas foram abrindo caminho, algumas com boa vontade, outras com ciúme evidente estampado no rosto.

Quando Amon pegou minhas mãos e começou a mover o corpo outra vez, lancei-me sem jeito para a frente e para trás com pequenos movimentos e em seguida me inclinei até junto de seu ouvido.

– Se você acha que vou fazer o que você fez, enlouqueceu! – falei.

Ele me puxou mais para perto e começou a girar em círculos, ajustando cada passo ao ritmo da música. Então desceu a mão pelo meu braço, segurou minha mão e me girou também. Fiquei surpresa por não perder o ritmo. Depois de algumas músicas, já me sentia bem mais confiante e estava até me divertindo. Amon me girou até eu desabar junto ao seu peito, tonta e aos risos.

Algum tempo depois, uma música lenta começou a tocar. No início Amon pareceu confuso e observou com uma expressão curiosa as outras pessoas formarem pares. Uma mulher que estava olhando para ele antes voltou e o chamou para dançar. Ele fez que não com a cabeça e respondeu:

– Eu não sou para você. Estou dançando com Lily.

Quando a mulher se afastou, dei um passo à frente, diminuindo a distância entre nós, e subi as mãos bem devagar por seus braços musculosos e pelos ombros até enlaçá-lo pelo pescoço. Ele ficou parado durante alguns segundos, rígido, depois relaxou e me puxou mais para ele. Aos poucos, começamos a nos mover juntos. Suas mãos, espalmadas nas minhas costas, foram se movendo centímetro por centímetro de modo provocante até chegarem à pele exposta da minha cintura. Ele me apertou ainda mais e encostou a testa na minha. O canto de seus lábios fazia cócegas na minha bochecha.

Se eu mexesse o rosto só um pouquinho, poderia beijá-lo. Só que eu era covarde demais para dar o primeiro passo. Ele escorregou as mãos até meu quadril, depois subiu de novo até a cintura. A tensão e a energia nervosa que aqueles dedos elétricos provocavam ao acariciar minha pele nua estavam me deixando maluca. Para me distrair, fiquei na ponta dos pés e perguntei:

– O que você leu no pensamento dela?

– De quem? – respondeu ele com voz rouca. Seus olhos, mais escuros agora do que eu jamais vira, cintilaram ao encarar os meus. – Ah, da mulher que me chamou para dançar? Ela está à caça de um companheiro para preencher suas noites vazias.

– Imagino que a maioria das pessoas esteja atrás da mesma coisa.

– Sim. Mas ela busca algo vazio. Não tem esperança nenhuma em relação ao amor.

Inclinei a cabeça em um ângulo que me permitia ver melhor seu rosto e indaguei:

– E você?

– Eu o quê, Nehabet?

– Tem esperança em relação ao amor?

Amon não respondeu na hora. Seu corpo se retesou de um jeito que qualquer um que o tivesse visto dançar julgaria impossível. Em vez de responder, ele me pegou pela mão e disse:

– Vamos, Lily. Está na hora de ir embora.

Amon esperou com impaciência que eu pegasse minha bolsa. Quando saímos, eu quis me demorar um pouquinho para permitir que o ar da noite refrescasse minha pele quente, mas ele me puxou e não me deu sequer um segundo para pensar. Mal tínhamos dobrado a esquina do clube quando ele de repente parou e me puxou bruscamente contra si. Antes mesmo de eu conseguir formular uma pergunta, ele murmurou algumas palavras em egípcio e fomos sugados para dentro de um turbilhão.

Tínhamos nos rematerializado dentro de nosso quarto de hotel. Amon me deu um boa-noite abrupto e me deixou sozinha, seguindo para o sofá da saleta e fechando a porta com firmeza entre nós dois.

Escutei junto à porta, mas não consegui ouvi-lo nem tive coragem para abrir a porta e confrontá-lo em relação àquele comportamento estranho. Ele não tinha me machucado fisicamente, mas fizera com que eu me sentisse vulnerável e rejeitada. Perguntei-me o que eu tinha dito, o que tinha feito para fazê-lo se afastar de modo tão brusco, e se ele estaria sentindo o mesmo que eu ou se eu fizera uma leitura errada de seus sentimentos.

Deslizei para o chão, encostei a cabeça na porta e senti a ferroada quente das lágrimas. Era a primeira vez que eu chorava por causa de um homem, mas desde o início daquela viagem estava completamente à mercê das minhas emoções. Sentia-me instável, arrebatada, nervosa. Amon tinha usado muita energia nesse dia, e eu estava experimentando os efeitos disso. Depois de algum tempo, arrastei-me até a cama e, mergulhando em um sono agitado, sonhei que minhas lágrimas seriam suficientes para encher o Nilo.

Vale dos Reis

Na manhã seguinte, Amon bateu de leve na porta do quarto. Quando a abri, tentando afastar o sono dos olhos inchados, encontrei-o não apenas vestido e pronto para o dia, mas também com a aparência tão boa quanto a da véspera. Fechei o roupão bem apertado por cima do pijama novo e tentei ajeitar meus cabelos emaranhados.

Depois de me lançar um olhar frio e neutro, ele perguntou:

– Em quanto tempo você consegue ficar pronta?

– Quinze minutos – respondi, e com as sobrancelhas arqueadas ele assentiu, virou as costas e fechou a porta.

Dez minutos mais tarde, eu estava limpando o vapor do espelho e desembaraçando meus cabelos, aos quais eu havia aplicado bastante condicionador. Dessa vez, a visão das mechas louras não me deu a sensação de impulsividade nem de ousadia; eu as vi, isso sim, como um símbolo do que acontece quando você se joga na vida e as coisas dão errado. Sentia as pernas e os braços pesados, letárgicos, muito provavelmente por conta de uma combinação de privação de sono com a gigantesca refeição que havia devorado no dia anterior.

Escovei os cabelos, afastando-os do rosto com gestos bruscos, e os prendi em um coque apertado na nuca. Ao enfiar no coque alguns grampos que encontrara no meio das compras, fiquei grata pelas espetadelas, considerando-as uma punição por ter me afastado demais da minha zona de conforto. Havia um motivo para minha mãe viver dizendo "É preciso ter moderação em tudo".

Consumir comidas pesadas demais faz a pessoa se sentir inchada e empanzinada. Não dormir direito esgota a energia. Apaixonar-se pelo cara errado? Bom, é a receita certa para a desilusão.

Infelizmente, eu iria passar a manhã inteira amargando uma ressaca da comida pesada, da noite mal dormida e da rejeição de um cara lindo. Mas com certeza havia aprendido a lição, e nunca mais iria me entregar a *nada* disso. Rapidinho eu estaria de volta aos eixos da minha vida prática, chata e perfeita. Meu passeio pelo lado louco da vida tinha terminado em desastre, mas isso não significava que eu não podia pegar uma carona de volta no conhecido vagão da sensatez.

Exatos quinze minutos depois, abri a porta.

– A gente vai voltar para o hotel?

Amon me examinou de cima a baixo, fitando com intensidade os meus cabelos, e torceu o nariz como se considerasse de mau gosto aquele penteado severo.

– Não. Não vamos precisar voltar ao Cairo – respondeu.

– Entendi. Então me dê mais um minuto. – Virei-lhe as costas e pus rapidamente na bolsa as roupas que achei que caberiam em mim, além de umas outras coisinhas do hotel: sabonete, xampu, escova e pasta de dentes, o pequeno kit de costura e, claro, garrafas de água mineral.

Com os braços cruzados diante do peito, Amon me observava.

– Você está brava. Dá para sentir.

– Não é da sua conta – retruquei. Pus a bolsa abarrotada no ombro e abri um sorriso tenso. – Vamos indo.

Ele segurou meu braço quando eu passava por ele.

– Lily, desculpe se magoei você. Mas não posso dar o que você...

Levantei a mão.

– *Por favor*, não termine essa frase. Não quero ficar ouvindo clichês, e não tenho o menor interesse em escutar a sua interpretação do que eu quero. Já superei isso. Então não vamos mais falar no assunto. Pode ser?

Avaliando minha reação com seus olhos cor de avelã, ele concordou:

– Se você prefere assim.

– Prefiro. Agora podemos ir?

Fui até um espaço mais aberto na saleta e estendi os braços para podermos desaparecer em uma nuvem de areia, mas ele me ignorou e em vez disso foi até uma bandeja e ergueu uma redoma. O prato exalou vapor.

– Não quer comer primeiro, Lily?

– Não. Mas obrigada por perguntar com educação em vez de me dar uma ordem.

– Lily, quer você admita ou não, o seu corpo está tendo que se esforçar para sustentar nós dois. Você está esgotada.

– Não é nada. Eu não dormi bem, só isso.

– É mais do que isso.

Ele chegou mais perto. Perto demais. Minha respiração se acelerou e tentei recuar, mas ele me segurou pelo braço.

– Fique parada – instruiu em voz baixa.

Com as duas mãos, segurou-me as faces, e as pontas de seus dedos roçaram os cabelos nas minhas têmporas. Um calor desceu pelo meu pescoço e escorreu pelos ombros até os braços e pernas, derramando-se feito uma lava viscosa. Um rubor quente permaneceu quando ele escorregou as mãos até meu pescoço, e tive quase certeza de que isso não se devia apenas a seus poderes mágicos de cura.

Enquanto ele me fitava nos olhos, comecei a chorar.

– O que você fez comigo? – perguntei, incerta sobre a natureza exata da minha pergunta.

Amon enxugou uma lágrima com o polegar e passou os outros dedos pelo meu rosto. Então suspirou profundamente e se afastou.

– Mais do que eu deveria – respondeu, misterioso. Pegou vários pedaços de fruta e levou uma maçã ao meu nariz. – Você *vai* comer isto aqui mais tarde. Embora eu vá me conter para não "forçá-la" a comer, considere meu incentivo como sendo de natureza firme.

– Ok, que seja – murmurei, sem me comprometer, guardando a fruta na bolsa já abarrotada.

Enquanto eu lutava com o zíper, Amon pegou a bolsa e passou a alça transversalmente pelo peito largo antes de abrir os braços. De cabeça baixa, entrei no seu abraço. Ele sussurrou algumas palavras em egípcio antigo e a areia começou a rodopiar em volta de nossos corpos.

A luz do sol logo nos cercou e pôs-se a brilhar com força através das minhas pálpebras fechadas. Esperei a areia se dissipar. Isso pareceu levar mais tempo do que o normal, mas, quando entreabri ligeiramente os olhos, percebi que se tratava de uma brisa natural que agitava a areia da duna sobre a qual tínhamos nos materializado.

– Chegamos, jovem Lily – anunciou Amon.

Acho que eu estivera esperando um templo no estilo Indiana Jones ou algo assim, mas aquilo com que deparamos parecia mais uma mina da indústria de exportação de poeira ou uma jazida de pedras em ruínas. Minhas botas de cano curto já estavam cheias da areia fina.

Amon me conduziu duna abaixo, com meus pés, em alguns pontos, afundando na areia até os tornozelos. O vale surgiu. Entre as colinas baixas havia um bem cuidado sítio arqueológico. Pilhas de pedra bruta e cascalho solto haviam sido feitas, grandes o suficiente para ficarem parecidas com montes funerários.

O dia já estava muito quente, e afastei a camiseta do corpo para me abanar e fazer o ar circular um pouco. Já com sede, peguei na bolsa uma garrafa d'água, tomei praticamente a metade e ofereci a outra a Amon. Ele recusou e alegou que eu precisava mais do que ele, de modo que esvaziei a garrafa mais ou menos ao mesmo tempo em que chegamos ao fundo do vale.

Juntamo-nos a um grupo de turistas que se dirigia ao que parecia ser um pequeno mercado. Vendedores haviam montado mesas e barracas para vender suvenires variados. Amon se afastou para avaliar os arredores enquanto eu entreouvia um guia turístico explicar como comprar ingressos.

Peguei um dos mapas que ele começou a distribuir, sorri e cumprimentei com a cabeça uma mulher de meia-idade ao meu lado, que comentou:

– Não é emocionante? Eu sempre quis vir ao Egito. Meu marido finalmente comprou as

passagens para o nosso trigésimo aniversário de casamento.

– Parabéns – balbuciei enquanto examinava o seu perfil.

Ela e o marido seriam uma dupla interessante de se desenhar. A mulher tinha cabelos ruivos encaracolados que começavam a ficar grisalhos nas raízes. Usava-os presos em um rabo de cavalo frouxo, e uma viseira de plástico barata protegia seus olhos. O marido tinha uma careca queimada de sol, usava uma bermuda cargo que pendia abaixo da barriga saliente e exibia uma barba típica de quem está de férias. Mas não foi a aparência deles que me deixou fascinada, e sim a forma como interagiam um com o outro.

Enquanto a mulher conversava facilmente com desconhecidos, o homem permanecia calado ao seu lado, rindo das piadas dela apesar de eu ter certeza de que já as tinha escutado várias vezes. E, quando ele esqueceu onde tinha posto os óculos e começou a apalpar os bolsos, ela lhe disse sem sequer olhar na sua direção:

– Na sua cabeça, querido. – A mulher estalou a língua. – O que você faria sem mim?

– Eu nunca vou querer descobrir – respondeu o homem sorrindo. – Vamos?

Com isso, o casal partiu rumo à sua aventura na tumba egípcia, depois de pagar um preço que considerei excessivo por uma lanterna e um punhado de cartões-postais.

Amon finalmente voltou e me tirou da fila.

– Arrumei um mapa – declarei, levantando o papel.

– O mapa de que eu preciso vai estar dentro das tumbas.

– Sério? Como funciona isso?

– As tumbas são todas interligadas, e em cada uma há instruções sobre como chegar à seguinte.

– Tem certeza? Porque todos dão a entender que só existem pequenos grupos de tumbas. Ninguém falou em autoestrada nenhuma lá embaixo.

– Tenho certeza. Descobri uma entrada que não é tão frequentada. Vamos começar por lá.

– Ok, você vai na frente.

Amon tomou o rumo de uma das entradas e eu fui atrás, tentando entender o mapa.

– Aqui está dizendo que todas as câmaras funerárias que foram descobertas estão identificadas por números conforme a data em que foram encontradas. Por exemplo, a tumba do rei Tut é chamada de VR62, ou seja, Vale dos Reis 62. Houve boatos de que a mais recente de todas, VR63, poderia ser a câmara funerária da mulher que se acreditava ser a mãe do rei Tut, Kiya, mas no fim das contas essa câmara era apenas uma caverna de armazenagem, cheia de aparatos para mumificação. Você conheceu o rei Tut? Pessoalmente, quero dizer?

– Esse nome não me soa familiar.

– Ah, o nome completo dele era Tutancâmon. Ele foi um faraó-menino.

– A pronúncia correta é *Tut-ank-a-MUN*. *Tut* significa “imagem ou semelhança de”. *Ankh* significa “vida”. E *Amun* representa o deus do sol Amon. Portanto, Tutancâmon

significa “a imagem viva do deus do sol Amon”, e, respondendo à sua pergunta, não. O reinado dele deve ter acontecido enquanto eu estava dormindo.

– Não estou entendendo. A imagem viva do deus do sol não é *você*?

– Eu fui imbuído, presenteado com uma parte do poder de Amon-Rá para poder cumprir meus deveres, mas não sou o deus do sol personificado. Era comum os líderes do Egito se alinharem com um ou outro deus. Os faraós faziam isso por dois motivos. Em primeiro lugar, eles acreditavam que, se pegassem para si os nomes dos deuses, receberiam ajuda divina, mas, talvez ainda mais importante, isso também consolidava a lealdade do seu povo. Eles faziam com que rejeitar um faraó significasse rejeitar a divindade. Isso ajudava a impedir discórdias e rebeliões.

– Mas ele não sabia sobre você?

– Quem?

– O rei Tut.

– Com o decorrer dos séculos, passou-se a considerar mais seguro que os líderes da época não soubessem da nossa presença. Não queríamos ser vistos como uma ameaça ou uma forma de incitar revoltas caso as pessoas ficassem insatisfeitas com a política em vigor. Nosso objetivo era apenas proteger o país da escuridão, não governar.

– Então por que você é recebido com banquetes e música?

– Sempre existiu um grupo de sacerdotes que transmitia de geração em geração o conhecimento em relação a nós. Eles se certificavam de que fôssemos bem cuidados quando despertássemos, de que nossas tumbas ficassem protegidas e de que os rituais fossem cumpridos. As pessoas que comemoravam nossa volta eram as mais humildes, os pobres. Eram elas que guardavam nosso segredo, não quem estava no poder. Embora cada despertar seja diferente, esses sempre foram os nossos protetores.

– Então, como o seu sarcófago foi levado embora, você está dizendo que alguém parou de vigiar.

Amon deu de ombros como se aquilo nada significasse, mas pude ver que minhas palavras atingiram o alvo.

– Esta agora é uma outra época – disse ele após alguns instantes. – Talvez neste mundo eles tenham esquecido.

Paramos diante da entrada de uma caverna quase totalmente coberta. Consultei o mapa.

– Essa daí se chama VR29. Segundo o guia, é provável que seja só um duto de ventilação que ainda não foi escavado e está cheio de entulho.

– Exatamente o que estou procurando.

Amon começou a arrancar as tábuas da entrada com uma força digna de um deus.

– Hã... talvez eu seja meio claustrofóbica – falei, nervosa. – Só para você saber. Além disso, estou sem lanterna. E sem corda. E sem equipamento de escalada. E ainda não fiz meu último desejo! – gritei enquanto ele desaparecia dentro do buraco escuro.

Esticando a cabeça para fora outra vez, Amon estendeu a mão.

– Você não vai morrer, jovem Lily. Vou estar ao seu lado.

Cautelosa, cheguei mais perto, esquivando-me das tábuas podres que talvez escondessem pregos enferrujados. Deveria ter tomado um reforço de antitetânica, e certamente uma dezena de outras vacinas, antes de embarcar naquela viagem doida. E se as meninas do meu colégio me vissem agora? Minhas colegas tremeriam com seus sapatos de grife diante da ideia de caminhar pelo deserto e entrar em uma tumba ainda não escavada. Eu podia ver que minha pele estava ficando queimada, e havia grãos de areia entre meus cabelos. Se acabasse o dia apenas com esses fatores irritantes, me consideraria uma pessoa de sorte.

Percorremos somente uns cinco metros no interior da tumba, a luz da entrada ainda iluminando o caminho, quando deparamos com um muro de pedras soltas.

– Como pretende passar por aí, exatamente? – perguntei. – Por um túnel?

A poeira grossa que tínhamos levantado me fez tossir, e tomei um gole d'água para limpar a garganta.

– Vou ter que usar meu poder. Prepare-se.

– Me preparar? Para quê?

Ele não respondeu, mas ergueu as mãos no ar e fechou os olhos. Um ronco sacudiu a caverna e quase me derrubou.

– Segure-se em mim, Lily! – gritou.

Não hesitei, e na mesma hora o abracei pela cintura e enterrei o rosto no seu peito. No entanto, não pude resistir a virar só um pouquinho a cabeça, o suficiente para ver a magia que ele havia provocado.

Pedras e entulho se moviam e se erguiam no ar. No início foi só uma fina camada, mas depois o cascalho solto começou a subir e até as pedras mais pesadas se moveram em seus leitos. Amon seguiu murmurando coisas em egípcio antigo, e o entulho subiu mais ainda e passou por nós na forma de uma nuvem de poeira que espetava a pele. Em seguida vieram os seixos: disparados pelo ar feito balas, eles irromperam pela entrada da caverna, arrancando as tábuas remanescentes que a tapavam e derramando-se em cascata do lado de fora da tumba, onde logo formaram uma grande pilha.

Amon mudou o foco para as pedras maiores e fez um esforço. Elas não se moviam tão depressa quanto o entulho mais leve, e ele teve que removê-las uma a uma. As duas últimas eram enormes rochedos, e Amon nos imprensou contra a parede áspera e me apertou com força de encontro ao seu corpo enquanto as pedras passavam. Pude senti-lo tremer ao guiá-las. Com um baque forte, os rochedos bateram na entrada e bloquearam toda a luz do sol.

– Acho que não vamos sair pelo mesmo lugar por onde entramos – murmurei, enquanto Amon se curvava, ofegante.

A respiração dele ecoava pelo espaço escuro, e senti sua mão agarrando a minha.

– Desculpe, Lily, mas eu preciso de você.

– Tudo bem, estou aqui. O que você... – Interrompi a frase com um grito quando Amon começou a drenar energia de mim. Dessa vez foi muito diferente. Antes a sensação era de

uma drenagem gradual, mas aquela sucção foi abrupta, dolorosa, como se alguém estivesse passando um aspirador de pó nas minhas entranhas.

Após alguns instantes de agonia, Amon parou de me drenar, mas continuou ofegante.

– Lily? – chamou ele. – Como está se sentindo?

Leves tremores ondulavam sob a minha pele. Estar praticamente cega não ajudava em nada, e, para completar, comecei a sentir uma forte claustrofobia.

– Nada bem – arquejei, com a sensação de que ia vomitar. – Da próxima vez seria legal me avisar.

– Mas eu avi...

– Deixe para lá. Ai, que dor. – Meu corpo inteiro doía. – É normal isso?

– Quanto mais tempo permanecermos conectados, pior vai ser a dor quando eu pegar emprestada a sua energia.

– Nossa, que fantástico.

Minha nuca começou a latejar.

– Vou tentar poupar você o máximo possível.

– Obrigada – murmurei secamente. Tateei às cegas dentro da bolsa, achei um frasquinho de analgésico e engoli alguns comprimidos com água. Amon grunhiu. – Você também está com dor? – perguntei.

Ele expirou com força enquanto se recostava na parede.

– Estou. Sinto dor quando gasto uma grande quantidade de energia sem ter absorvido o poder contido nos meus vasos canópicos. A natureza da nossa conexão faz com que eu sinta a sua dor também.

– Golpe duplo é isso aí. Me dê sua mão.

Estendi a minha e a bati em seu peito. Subi até o ombro, desci pelo braço e segurei sua mão, que abri na minha. Depositei alguns comprimidos na palma, contei-os, recolhi os três excedentes e lhe entreguei a garrafa d’água na outra mão.

– O que é isso? – quis saber ele.

– Um remédio do meu mundo. Vai ajudar com a dor de cabeça.

Com um grunhido, Amon pôs os comprimidos na boca e mastigou.

– Que gosto horrível – falou, cuspindo.

– Não é para mastigar. É para engolir inteiro. – Guardei o frasco de volta na bolsa e tateei até encontrar seu braço. – Mas como exatamente vamos nos virar sem luz?

– Vamos descer pelo duto.

– Como? Não estou vendo nada.

– Eu consigo ver no escuro. – Ele se virou para mim, e duas luzes bruxuleantes se materializaram no breu, bem no lugar onde deviam estar seus olhos. Aquilo me fez pensar nos olhos dos animais à noite, quando ficavam parecidos com refletores.

– Isso é meio sinistro. Quer dizer que você tem visão noturna?

– Eu chamo de brilho no olhar.

– Certo. Então a ideia é eu seguir você? Como uma cega?

Os olhos brilhantes de Amon se viraram para o outro lado, em seguida de volta para mim. O efeito foi fantasmagórico. Tive a sensação de estar em um lugar assombrado.

– Talvez esse não seja o jeito mais eficaz – admitiu ele, relutante.

– Vai ser íngreme? – perguntei.

– Talvez. Depende de qual era a finalidade do duto.

Ele se virou devagar e passou o braço pelo meu.

– Pensei que fosse um duto de ventilação – falei, e comecei a caminhar ao seu lado com passos hesitantes, testando como me mover na escuridão fechada em um lugar desconhecido.

Agarrei-me ao seu braço musculoso como se fosse uma boia salva-vidas.

– Alguns são. Muitas vezes havia dutos secretos abertos para os sacerdotes que cuidavam de nossos lugares de descanso. Eles mantinham acesas as lamparinas funerárias e traziam comida e outras coisas de que achavam que talvez fôssemos precisar caso despertássemos.

O salto da minha bota escorregou em uma pedra redonda e cambaleei. Amon me equilibrou passando um braço em volta dos meus ombros. Seu outro braço estava agora na minha frente, para eu poder me agarrar a ele como à barra de segurança de uma montanha-russa.

– Os sacerdotes não sabiam que vocês só despertavam uma vez a cada mil anos? – perguntei quando recomeçamos a andar.

– Às vezes havia registros, e eles sabiam exatamente quando iríamos despertar, mas outras vezes erravam por várias centenas de anos. – Depois de avançar apenas uns quatro metros, ele se virou e esfregou as palmas das mãos de leve nos meus braços. – Como está se sentindo, Lily? Ainda com dor?

– Já passou, praticamente. Estou só cansada.

– Sinto que não vamos avançar depressa o bastante se você não conseguir ver.

– Certo. E como a gente vai resolver isso?

Em vez de responder, ele começou a entoar um cântico, e o forte sotaque de sua voz ecoou nas paredes. Aos poucos, comecei a distinguir o ambiente à minha volta. Dei um arquejo ao ver que a luz não provinha de uma tocha, lanterna ou varinha mágica, mas diretamente da pele de Amon. Todo o seu corpo reluzia com uma leve claridade amarela que iluminava a câmara à nossa volta, mas que não era tão ofuscante a ponto de eu não conseguir olhar para ele.

– *Caramba* – murmurei, admirada.

Amon estava lindo. Glorioso. Parecia um anjo resplandecente. Seus olhos brilhavam como se pedras de âmbar verde ardessem lá dentro. Ele tinha dito que era apenas a personificação de Hórus e Amon-Rá, e que antes disso era apenas um simples mortal igual a mim, mas não poderia haver nada nem ninguém mais magnífico ou digno de adoração. Em

sua forma normal, ele já era suficientemente atraente, mas, se tivesse aparecido desse jeito no Egito antigo, a civilização inteira teria se prostrado a seus pés.

Sem parecer reparar no meu assombro, ele apenas inclinou a cabeça e me estendeu a mão. Segurei-a e pensei que era assim que Lois Lane devia se sentir quando o Super-Homem propunha levá-la para voar. Nesse instante, senti que toda a dor, todo o risco e todo o transtorno com certeza valiam a pena se a contrapartida fosse estar nos braços de um homem como Amon.

Mesmo que ele não estivesse interessado em mim. Mesmo que eu fosse uma reles garota mortal tentando acompanhar um homem dotado de poderes divinos. Mesmo que o tempo passado com ele fosse apenas porque ele precisava de mim. Prometi a mim mesma que iria aproveitar cada minuto enquanto durasse. Estava vivendo um sonho e tendo a melhor experiência da minha vida. Jamais esqueceria aquilo enquanto vivesse.

Deixei que ele tomasse a dianteira, e avançamos um bom pedaço. O ar estava opressivo, quente, e, apesar da maravilhosa distração representada por Amon, estar no meio de um deserto no Egito começou a me oprimir. O suor se acumulava no meu pescoço e na base das costas. Com a mão livre, abanei a camiseta para agitar o ar junto ao rosto. Pedi a Amon que parasse; precisava beber mais água.

– Você não está suando nada? – perguntei, em tom de acusação, enquanto bebia com sofreguidão.

– Estou acostumado com o calor do Egito. Comparado com a vida do outro lado, o sol do deserto é tão confortável quanto a primavera.

– Essa vida do outro lado está parecendo mais o inferno.

– Ela tem seus... desafios – respondeu ele, misterioso. Passou alguns instantes estudando meu rosto. – Eu posso ajudar – falou, desviando os olhos –, se você quiser.

– Vai doer?

– Não. Talvez deixe você um pouco esgotada, mas não vai haver dor.

– Então pode fazer.

Amon deslizou um braço pela minha cintura, me puxando para perto, e encostou a cabeça no meu pescoço.

– O que... o que você está fazendo, Drácula? – gaguejei, nervosa, totalmente consciente das gotas de suor que escorriam devagar pelo meu pescoço exatamente para onde estavam os seus lábios. – Pensei que você fosse uma múmia, não um vampiro.

Amon soprou meu pescoço de leve, e a sensação fez meu corpo praticamente inteiro se arrepiar.

– Você tem que ficar imóvel, Lily – sussurrou ele, e seu hálito fez cócegas no meu ouvido.

– Hã, ok.

Ele sussurrou mais alguma coisa e encostou os lábios no meu pescoço quente. Embora eu tenha soltado um gritinho, permaneci rígida e imóvel, e tentei lembrar a mim mesma que a

deliciosa sensação daqueles lábios prontos para serem beijados roçando o meu pescoço não tinha nada a ver com romance. Percebi que, embora o calor da caverna tivesse começado a diminuir, o calor que Amon estava criando entre nós, por menos intencional que fosse, já tinha estourado o termômetro.

O suor do meu rosto e dos braços esfriou, e o ar à minha volta se tornou úmido como uma floresta no Oregon, uma bem-vinda mudança em relação ao deserto seco no qual de fato nos encontrávamos.

– Você tem gosto de mel do deserto derretido – murmurou Amon junto ao meu pescoço.

Sem conseguir mais ficar parada, deslizei as mãos pelos braços dele até os ombros, mas ele na mesma hora se empertigou e levantou a cabeça. A ânsia de puxá-lo para mais perto outra vez foi muito forte. Mas, em vez disso, perguntei:

– O que você fez?

– Suguei o excesso de calor do seu corpo e o absorvi no meu. Tenho uma grande tolerância ao calor.

– Isso é o eufemismo do ano – balbuciei enquanto ele se afastava.

Sem ele ao meu lado, na verdade eu agora sentia frio, e não tive certeza se a sensação se devia ao fato de ele ter removido calor demais do meu corpo ou se eu simplesmente ansiava pelo seu calor.

– Obrigada – falei e, apesar de desapontada com sua reação abrupta ao meu toque, não pude conter o sorriso de satisfação que se estampou no meu rosto. – Estou me sentindo bem melhor.

Ele avaliou minha expressão e respondeu friamente:

– De nada. Vamos, Lily.

Chegamos a uma bifurcação no duto e ele parou para consultar alguns hieróglifos. Apontou para os vários símbolos.

– Este é o mapa. Para quem faz apenas uma leitura literal, ele conta histórias sobre faraós e batalhas, mas para os poucos que sabem da nossa existência existe um código oculto. Está vendo a meia-lua?

– Estou.

– É um sinal do meu irmão. Significa que a tumba dele está escondida em uma antecâmara perto do líder egípcio mencionado aqui.

– Qual é o nome dele?

– Do meu irmão ou do líder?

– Do líder.

– Não sei. Ele é reconhecido pela imagem. Preciso encontrar a câmara funerária desse homem, e o fato de a lua estar à sua direita significa que a antecâmara do meu irmão pode ser encontrada do lado direito desse homem.

– Mas, se essa múmia tiver sido descoberta, ele vai ter mudado de lugar. Como vamos saber em que posição estava?

– Haverá uma porta escondida marcada com o sinal do meu irmão, a meia-lua. Se não conseguirmos distinguir qual porta fica do lado direito, procuraremos o sinal, mas é provável que haja mais indicações na tumba desse líder.

– Então vamos para a direita ou para a esquerda? Anúbis mandou o cone funerário da sua tumba, certo? Nesse caso, a gente não deveria procurar a sua tumba primeiro?

Amon mordeu o lábio.

– Vamos começar explorando a velha tumba do meu irmão. Se ele estiver lá, podemos despertá-lo depressa e ele pode me ajudar a encontrar nosso outro irmão. Além do mais, nada neste mapa indica onde eu posso ter sido encontrado.

Amon nos conduziu para a direita, e em pouco tempo o duto iniciou uma descida acentuada.

– Como vamos chegar lá embaixo? – indaguei. – Descer de skate? De escorrega? Num vagão de mina?

– O que são essas coisas? – perguntou Amon.

– Skate é uma prancha de madeira com rodinhas sobre a qual as pessoas andam. Vagões são pequenas carruagens que correm sobre trilhos, e escorrega é um brinquedo de criança. Em geral, é feito de metal ou plástico liso e tem areia na base para que os pequenos não se machuquem ao aterrissar.

– Vou escolher o escorrega.

– Espere um instante. Lá embaixo está cheio de calombos, buracos e pedras. Não vai ser propriamente uma viagem tranquila.

– Pode me passar uma garrafa d'água, Lily?

Entreguei-lhe uma das garrafas e, para minha consternação, em vez de beber, ele despejou o conteúdo inteiro no duto.

– Que desperdício. Essa água estava ótima – resmunguei.

– Preciso usar um pouco de poder de novo, Lily, mas desta vez estou avisando.

– Ok, tudo bem. Pelo menos eu sei o que esperar.

– Sim – disse ele, e desviou o olhar.

Senti uma emoção brotar dentro dele. Era uma emoção amarga, como arrependimento misturado a uma determinação ferrenha. Em pé diante do duto inclinado, ele começou a entoar um cântico, e ouvi o silvo da areia se movendo dentro do túnel. O silvo foi ficando mais alto e mais agitado à medida que pedrinhas e entulho começavam a se sacudir. Curiosa, cheguei mais perto e espiei lá dentro. Um redemoinho parecia se formar dentro do duto. Tudo girava, cada grãozinho de areia e cada pedra, mais e mais depressa. As pedras e os seixos se moveram a uma velocidade progressivamente maior, até eu conseguir distinguir apenas listras pretas, cinzentas e marrons.

Um barulho que no início soou seco, feito sapatos rodando dentro de uma secadora, começou a ficar mais regular e, depois de vários minutos, Amon segurou meu braço e me fez ficar atrás dele. Com um gesto de sua mão, o que ainda havia dentro do túnel passou

voando por nós e foi explodir na parede mais distante. Enquanto Amon apoiava a mão no duto inclinado, de olhos fechados, cheguei perto e encostei a palma da mão na sua bochecha.

Ele fez a mão deslizar pelo meu braço acima até segurar a minha e abriu os olhos brilhantes.

– Pegue o que precisar – ofereci.

– Vou tentar não machucá-la – prometeu ele.

A drenagem da minha energia dessa vez foi menos invasiva, mas mesmo assim me senti oca. Aquilo deixou em mim um profundo vazio, uma fome que eu não tinha certeza se podia ser saciada. Não era de espantar que Amon gostasse de um banquete. Se alguém houvesse posto uma mesa de banquete na minha frente naquela hora, eu teria me jogado sobre a comida feito um animal faminto.

Graças ao funil de vento gerado por Amon, o duto antes quadrado agora havia se tornado quase circular. Eu não sabia muito bem o que a água tinha feito. A quantidade me parecia insignificante demais para ter auxiliado o processo, mas mesmo assim ele conseguira o que queria. Agachei-me na borda e passei a mão pelo lado de dentro do duto: estava lisinho; as pedras que o revestiam eram regulares, planas e polidas.

Amon se agachou ao meu lado.

– Não sei se o duto inteiro é liso como o seu escorrega, então você vai descer em cima das minhas pernas.

Senti-me pouco à vontade de repente.

– Acho que prefiro me arriscar atrás de você.

– Não vou permitir que você se machuque mais, Lily.

– Não, sério. Está tudo bem. Eu vou ficar bem.

– Lily, não me obrigue a forçá-la. – Amon se posicionou no alto do duto e estendeu as mãos. – Venha – chamou.

– Para um deus, você sabe ser bem mandão, não é? – resmunguei.

– Eu não sou um deus. Sou um…

– Ok, ok. Eu já sei. Você só é dotado de poderes, blá-blá-blá. Vamos acabar com isso logo de uma vez.

Sem jeito, sentei-me nas pernas dele, e sem hesitar ele puxou meu corpo contra o seu, ajeitando minhas pernas para que ficassem por cima das suas. Cruzou meus braços sobre o peito e passou um braço por cima dos meus, deixando a outra mão livre para dar impulso.

– Pronta? – murmurou no meu ouvido.

– Na medida do possível – grunhi.

A sensação esquisita se transformou em um medo frio misturado com empolgação. Com os dois braços agora em volta do meu corpo para me proteger, Amon deu um grito bem alto. O ar nos chicoteava à medida que descíamos, e tive a sensação nauseante de estar em queda livre. Sem conseguir me conter, gritei, enquanto a risada de Amon ecoava em meus ouvidos.

Ocorreu-me que, se sobrevivêssemos àquela experiência toda, seria divertido levá-lo a um parque de diversões.

O duto ficou mais íngreme e o pé-direito mais baixo, então Amon inclinou o corpo para trás e pude sentir sua musculatura abdominal se retesar contra as minhas costas. Como a minha bochecha estava encostada na dele, tive uma boa visão do teto vindo na nossa direção. Fiquei com medo de que, se o pé-direito se tornasse baixo demais, ficássemos entalados em um túnel que certamente nos rasgaria ao meio na velocidade em que estávamos.

Quando tive certeza de que o teto iria arrancar meu nariz, o pé-direito aumentou de novo e o declive começou a diminuir. De repente, o escorrega debaixo de nós sumiu, e meu grito ecoou em um espaço que devia ser muito maior.

Amon, que não estava mais rindo, me apertou com mais força ainda junto ao peito e aterrissamos com força sobre uma pilha de areia. Embora ele tenha suportado a maior parte do impacto, manteve-me segura em seus braços enquanto rolávamos pela areia até finalmente pararmos com o corpo dele por cima do meu, me pressionando contra o chão pedregoso.

Shabtis

Amon levantou a cabeça.

– Você se machucou, Lily?

– Acho que não... – respondi, e minha frase parou no meio quando a expressão preocupada dele foi substituída por outra.

Pude sentir um delicioso tormento brotar dentro dele, provocando-o.

Seus olhos baixaram até minha boca, e prendi a respiração. Eu estava dentro de uma tumba escura e poeirenta, com teias de aranha nos cabelos, areia dentro das botas, a pele queimada de sol e toda suada, mas nenhuma dessas coisas me afetava mais do que o deus do sol lindo de morrer que pairava sobre mim.

Não tive certeza se o que estava sentindo era real ou se era um efeito colateral da nossa conexão, mas soube, sem qualquer sombra de dúvida, que ele queria me beijar. E juro pelos céus do Egito que eu queria esse beijo. No entanto, apesar de estar imaginando vividamente a pressão dos seus lábios contra os meus, e apesar de Amon provavelmente *saber* que eu queria beijá-lo, ele fechou os olhos, murmurou algumas palavras suaves em seu idioma e mudou de posição, saindo rapidamente de cima de mim e se afastando.

Por algum motivo, ele estava mantendo distância de mim. Eu não era uma daquelas garotas desprovidas de autoestima, mas o comportamento dele era desconcertante o suficiente para me fazer questionar meus encantos femininos. Talvez houvesse mais coisas por trás da nossa conexão do que ele estava me contando.

Eu estava decidida a não deixar mais nenhuma insegurança ditar minhas reações emocionais, mas as repetidas rejeições de Amon faziam com que eu me sentisse vulnerável e exposta.

Quando ele virou as costas para mim e começou a estudar os símbolos nas paredes, dei um suspiro, peguei a bolsa e murmurei:

– Eu estava enganada. Acho que machuquei meu ego na queda.

Amon me olhou de esguelha e franziu o cenho, então virou-se de volta para os hieróglifos sem responder, isolando-se de mim por completo. Tornei a suspirar e escolhi um trecho o mais afastado que a luz que emanava de seu corpo permitia. Ao ver outras gravuras, eu o chamei:

– Acho que encontrei alguma coisa.

– O que você imagina que seja? – foi sua resposta. – Descreva o que está vendo.

Estreitando os olhos na iluminação fraca, estudei as inscrições e disse:

– A primeira parte é o sol, a lua e as estrelas, como você disse. Depois tem uma figura com uma cabeça de formato estranho. Nunca vi um animal com esse aspecto. Pode ser um cavalo? Enfim, ele parece estar empurrando uma pedra. Espere. Tem uns simbolozinhos na pedra.

Correr os dedos por cima dos símbolos gravados não bastou para me ajudar a decifrá-los. Inclinei-me mais para perto, soprei a pedra suavemente e uma leve poeira fina se ergueu no ar, deixando os símbolos mais nítidos.

– Espere um pouco – balbuciei comigo mesma enquanto dava alguns passos para trás.

Dito e feito: o grande bloco pelo qual eu havia passado pouco antes tinha exatamente as mesmas inscrições que o deus com cara de cavalo estava empurrando. Só para me certificar, limpei-as com a mão, peguei uma caneta na bolsa e copiei os símbolos na palma da mão.

Do outro lado, Amon perguntou:

– O que você encontrou, Lily? – Sua voz ecoou pelo espaço amplo.

– Pratique um pouco de paciência e eu já digo! – gritei por cima do ombro enquanto comparava os símbolos na mão com a caixa dourada do deus.

Eram os mesmos.

Satisfeita com a descoberta, caminhei de volta até o grande bloco de pedra e comecei a empurrar, cravando as botas nas reentrâncias do chão para me apoiar. Enquanto lutava com aquela pedra teimosa, comecei a descrever para Amon o que havia encontrado.

– Tem a forma de uma pedra mais ou menos do tamanho do seu peito e se projeta da parede. O deus da imagem está empurrando, então imagino que essa seja a coisa certa a fazer.

– Sim, mas que símbolos são esses que você está vendo? – gritou Amon do outro lado.

Ofegante, tentei empurrar a pedra grande para a direita, em seguida para a esquerda, mas ela não se moveu. Virei-me, apoiei as costas na pedra e empurrei com as pernas. Em meio aos arquejos, expliquei:

– São quatro imagens. No alto à esquerda tem uma lua cheia atravessada por linhas horizontais. Embaixo à esquerda tem um retângulo. No alto à direita tem um sol cortado ao

meio pelo horizonte, e embaixo à direita... – Dei um grunhido e ri de alívio ao sentir a pedra se mover um pouco. – Um par de pernas caminhando.

– Pernas caminhando?

– Como as de um bonequinho palito com os dois pés apontados na mesma direção, sabe?

Como a pedra se deslocou vários centímetros, reposicionei os pés, mordi o lábio e tornei a empurrar bem na hora em que Amon gritou:

– Lily! Pare!

– Amon? O que houve? – respondi, mas a pedra então cedeu e se imobilizou rente à parede.

Quase na mesma hora, o chão começou a tremer. Uma boa parte dele se moveu, e o lado oposto ao que eu estava cedeu por completo, criando um escorrega em cujo topo eu me encontrava sem nada em que me segurar. Meu grito ecoou quando deslizei pela pedra. Agitei braços e pernas às cegas, à procura de apoio, e tentei em vão encontrar um ponto no qual me agarrar e evitar a descida.

Abaixo de mim, um abismo negro escancarado aguardava para me devorar, ávido, mas, quando passava pela borda, um puxão no meu braço torceu dolorosamente meu ombro. Meu corpo bateu na lateral do abismo e continuei procurando alguma coisa em que segurar.

– Lily! – gritou Amon. – Segure em mim!

– Estou escorregando! – Eu sabia que a qualquer momento iria cair. Enquanto me balançava loucamente, tornei a olhar para baixo mais uma vez. Agora que a luz de Amon estava tornando as coisas mais visíveis, dei um grito de desespero ao ver lanças afiadas e pedras pontudas à espera lá embaixo.

Se eu caísse, seria empalada, e provavelmente me transformaria na mais nova residente da tumba do Vale dos Reis. Tive um pensamento mórbido e me perguntei se teria minha própria câmara e meu próprio número. Eu seria VR64, ou quem sabe VR65, a menos, é claro, que ninguém me encontrasse por alguns milhares de anos. Até onde eu sabia, poderia acabar virando VR6565.

Os murmúrios frenéticos de Amon de nada serviam para me deixar mais confiante em relação às minhas chances, e então, para piorar as coisas, a parede de terra batida à qual eu estava tentando me segurar com a outra mão começou a vibrar. Nuvens de areia se precipitaram e começaram a rodopiar à minha volta.

– A tempestade de areia não está ajudando! – gritei, engasgando e tossindo, mas no instante seguinte a areia endureceu e formou blocos que se projetavam da parede como degraus.

– Suba! – berrou Amon, balançando meu corpo mais para perto dos degraus.

Felizmente, consegui pisar em uma das estreitas plataformas que ele havia criado e me senti segura o suficiente para lhe dizer que ele podia me soltar.

Ele chegou mais perto da borda.

– Não – afirmou. – Vou continuar segurando enquanto você sobe.

Com cuidado, fui subindo os degraus um a um, com as costas apoiadas na parede de terra se desintegrando. Por fim, quando cheguei perto do topo, Amon estendeu os braços, me segurou pelas axilas e me puxou o resto do caminho. Puxou-me com tanta força que perdi o equilíbrio e desabei em cima dele. Tentei recuar na mesma hora, mas ele não deixou. Seus braços se fecharam à minha volta, apertando com força.

– Eu quase perdi você – falou, junto ao meu ombro.

Entrelaçando os braços em volta do seu pescoço, minha expressão era metade sorriso, metade careta, a dor em meus braços me impedindo de aproveitar plenamente a experiência.

– Obrigada por me salvar – murmurei.

Amon levantou a cabeça.

– Pensou que eu não a salvaria?

– Não. Tinha quase certeza que sim. Afinal de contas, estas cavernas não estão lotadas de doadores de órgãos.

Amon franziu o cenho.

– Eu não salvei você só por causa dos órgãos, jovem Lily.

– Ah, não? – provoquei, empinando o queixo para desafiá-lo. – Então por acaso existe outro motivo para não querer que eu morra antes da hora?

– Vários.

– Por exemplo?

Ele se afastou um pouco enquanto pensava no que dizer. Por fim, falou:

– Você é... – Passou o polegar pela minha bochecha para retirar uma sujeirinha.

– O quê? – insisti.

– Você é... uma excelente escriba – disse ele por fim.

Deixei cair as mãos.

– Sério? É só isso? Bom saber que a minha *caligrafia* – falei, cuspindo a palavra – é tão importante para você.

Cruzei os braços, me encolhendo de dor com o movimento, e o encarei.

Amon subiu a mão pelo meu braço até o ombro machucado e sibilei quando ele o envolveu com a palma. Após um cântico rápido, ele injetou no músculo calor comparável ao de uma bolsa de água quente. Mesmo assim, evitava o contato visual.

– Lily, eu não quero falar nesse assunto.

– Não entendo. Uma hora você quer uma coisa, depois outra. Não entendo qual é o problema. Eu não sou bonita o suficiente?

Amon me encarou com um ar de assombro.

– Por que você acharia isso?

– Sei lá. Você vive me rejeitando. O que mais eu posso achar?

A outra mão dele subiu por meu braço e envolveu meu ombro ferido.

– Lily, posso dizer com toda a sinceridade que nunca em toda minha longa vida encontrei uma criatura tão encantadora assim. Você é bela como um botão de flor beijado

pelo orvalho de uma manhã dourada. Quando sinto seu cheiro, o sabor do sol, da vida e da esperança me preenche. Você é muito mais do que bonita. Você é... a tentação em pessoa.

Uma expressão chocada surgiu na mesma hora em seu rosto e ele murmurou:

– Não foi o que eu quis dizer – falou. – Por favor, esqueça essas palavras.

– Hã, é improvável. A menos que elas tenham sido falsas.

Amon franziu os lábios perfeitos e deixou escapar um grunhido.

– As dádivas que recebi tornaram a mentira muito... difícil para mim. Eu disse a verdade.

– Aí é que eu não entendo mesmo. Se você gosta de mim tanto assim, por que não me beija?

Amon suspirou e afastou as mãos quando meneei a cabeça para indicar que meu ombro estava melhor. Então virou as costas para mim e apoiou as palmas das mãos na pedra que eu acabara de mover. Deu uma gargalhada triste e sardônica.

– Por causa disso – falou, indicando a pedra com a cabeça.

Dei um passo mais para perto e espiei a rocha culpada.

– O que está escrito aí? – perguntei baixinho.

Ele ignorou a pergunta, deu a volta na pedra com cuidado e estendeu o braço, gesticulando para que eu me segurasse nele. Depois de eu atravessar em segurança, continuou de mãos dadas comigo e, após conferir o mapa de hieróglifos que eu havia encontrado, prosseguiu pelo túnel me puxando atrás dele. Quando viramos uma esquina, falou sem olhar para trás:

– Morte. Os símbolos naquela pedra significam morte.

– Se alguém quisesse matar você, por que anunciaria isso?

– O desenho esculpido na parede mostrando o sol, a lua e as estrelas é muito antigo, mas a gravura na rocha e a pedra na escultura são recentes.

– Quer dizer que alguém estava mesmo protegendo você.

– Alguém estava nos avisando sobre uma armadilha. E outra pessoa criou essa armadilha. Não sei dizer há quanto tempo a imagem foi acrescentada. Pode ter sido bem recente, ou pode ter sido há cem anos.

Refletindo sobre essas palavras, segui atrás dele em silêncio enquanto adentrávamos ainda mais a misteriosa tumba egípcia. Infelizmente não consegui processar direito o que estava acontecendo entre mim e Amon, pois logo deparamos com uma nova parte do labirinto subterrâneo que precisava ser decifrada.

Perguntei a Amon se era provável toparmos com mais alguma arapuca e, depois de eu lhe explicar o que era uma arapuca, ele me disse que as tumbas egípcias em geral eram cheias de maldições, não de armadilhas para os desavisados. Ainda assim, pareceu muito pouco à vontade com a ideia de prosseguir, embora acreditasse que o caminho que estávamos espreitando fosse de fato o correto.

Com cautela, ele me conduziu até mais adiante, insistindo em ir na frente, até que de repente estacou.

– Lily, não se mexa – sussurrou.

– O que foi? – perguntei em voz baixa.

Amon estendeu a mão adiante, levou o dedo ao espaço logo à sua frente e a ponta de seu dedo começou a sangrar na mesma hora.

– Um arame mortal, criado para cortar o pescoço de algum descuidado que entrar nestas tumbas. E desta vez não tinha aviso nenhum.

Recuamos lentamente enquanto ele sussurrava algumas palavras. A areia se ergueu do chão da tumba e girou em torno de suas mãos. Os grãos se uniram e se solidificaram até formarem uma arma de aspecto mortal: uma faca. A lâmina queimou com a luz branca de Amon.

– Para trás – alertou ele.

Usando a faca incandescente, ele cortou o arame. Quando o fez, este recuou com violência, feito um chicote, e abriu um lanho em sua bochecha.

Amon cortou outro arame, depois um terceiro, seu humor se tornando mais sombrio a cada descoberta. Quando finalmente chegamos à extremidade do túnel, consultamos alguns hieróglifos e viramos em outro corredor, Amon começou a relaxar.

Como ele baixou a guarda, fiz o mesmo, e foi um tremendo choque para nós dois quando tropecei em uma pedra levemente saliente e as paredes começaram a tremer.

– Amon? – chamei. – Isso é você?

– Não sou eu quem está causando essa perturbação – disse ele enquanto eu caía por cima de seu corpo.

As paredes se moveram e, antes de conseguirmos nos situar, já estávamos presos dentro de uma caixa de pedra. Fez-se um silêncio de morte. Amon tentou usar a faca para abrir os cantos lacrados, mas não conseguiu encontrar um lugar onde inserir a lâmina. Agitou a areia à nossa volta e a lançou na direção dos cantos em busca de frestas. A areia simplesmente ficou suspensa em pequenas nuvens, sem conseguir encontrar uma saída.

Sentei-me no chão e limpei as mãos na calça jeans.

– Sua teoria de “os egípcios não usam arapucas” acaba de ir por água abaixo.

Amon franziu o cenho.

– Não faz sentido. As tumbas nunca foram protegidas dessa forma antes.

– Talvez os seus supostos guardiões, que estão desaparecidos, tenham armado as arapucas para proteger você e seus irmãos, a fim de que ninguém os descobrisse.

– Pode ser.

– Nesse caso, deveriam ter armado mais algumas, pois você foi descoberto mesmo assim. – Dei um suspiro. – Consegue nos tirar daqui com uma tempestade de areia?

Amon fez que não com a cabeça e explicou:

– Se a areia não consegue encontrar uma fresta nesta prisão, nós também não podemos fugir dessa forma.

Ele sentou-se ao meu lado, limpou as mãos, ergueu-as no ar e pôs-se a entoar diferentes

encantamentos. Ao ver que um não funcionava, tentava outro, em seguida mais outro. Foi por volta do terceiro ou quarto encantamento que reparei: a luz que emanava de sua pele estava diminuindo. Na realidade, passou a tremeluzir.

– O que houve com a sua luz? – perguntei.

– Não sei muito bem – respondeu ele, erguendo uma das mãos para examiná-la. – Vou tentar uma coisa.

Uma bola de fogo se materializou na palma da mão de Amon, mas logo rateou e se apagou.

– Não entendo por que isso está acontecendo – disse ele.

– Espere um instante. Você consegue criar fogo com as mãos?

Ele fez que sim.

– Você é cheio de surpresas – comentei, assombrada.

Inspirei fundo algumas vezes e senti uma dorzinha insistente na base dos pulmões.

– Eu acho... que a gente está ficando sem oxigênio – falei, percebendo a dor no peito se tornar mais difusa. – Você precisa de oxigênio para conservar sua chama, e a falta dele também está afetando a luz do seu corpo.

Amon segurou minha mão e apagou sua luz. Uma escuridão mais profunda que a de um túmulo nos rodeou. Desesperada para encontrar uma saída, passei a mão livre pela parede mais próxima.

– Tente ver se tem alguma saliência ou alavanca – sugeri. – Nos filmes de múmia sempre existe uma saída, é só encontrar. – Amon examinou a parede em frente à minha, em seguida passamos às outras duas. Quando estava fazendo a mesma coisa com o chão, encontrei uma reentrância na pedra. – O que você acha que é isso? – perguntei.

Amon veio até mim e pôs a mão por cima da minha até sentir a pedra que eu tinha encontrado.

– Não sei – disse ele.

Parecia um buraco curvo, como se fosse o molde de uma esfera, mas, por mais que empurrássemos ou batêssemos, nada acontecia. Sentei-me pesadamente e apoiei as costas em uma parede. Amon escorregou e sentou-se ao meu lado.

– Então é isso? – falei, mais para a tumba do que para Amon ou para mim mesma. – Vamos sufocar aqui dentro e pronto? E depois? As paredes vão nos esmagar?

Menos de um minuto mais tarde, ouvimos o barulho horrível de um mecanismo. Amon se levantou para investigar.

– Só pode ser brincadeira! – exclamei.

– O teto está baixando, Lily – disse Amon. – Fique o mais perto possível do chão.

– O que você vai fazer? – perguntei, e minha voz tremeu com a firme convicção de que o que quer que nós tentássemos não bastaria para nos salvar.

– Vou tentar segurar – disse ele, ofegante.

– Você vai ser esmagado – retruquei, minha voz saindo com um chiado.

– Não sei mais o que fazer.

Aos poucos, o teto foi baixando, e, por mais forte que Amon fosse, não havia como deter seu avanço.

Sentada ali encolhida, torcendo para Amon sacar da cartola algum de seus poderes secretos de deus do sol para nos salvar, pensei na minha morte iminente. Nesse instante, eu me dei conta de que a minha vida inteira havia se resumido essencialmente a ficar presa dentro de uma caixa. Muito adequado eu agora morrer dentro de uma.

Apesar de gostar de acreditar que era uma garota normal, que ansiava por uma aventura com um homem misterioso, a verdade é que eu não poderia estar mais longe de ser uma garota normal. Como um poodle mimado, fora condicionada a uma obediência cega e a só ir até onde minha coleira cravejada de diamantes permitisse. Quando o mundo se tornava louco demais, eu ficava tremendo aos pés dos meus pais e deixava que eles resolvessem tudo. Era uma covarde.

Aquela pequena aventura com Amon estava tão fora da minha zona de conforto que eu não sabia nem mais quem eu era. Minha carapaça externa tinha sido arrancada, e o que havia sobrado era uma garota exposta e assustada. Minha confiança em mim mesma, o cerne de quem eu era, e minha compreensão do que era real e do que era imaginário tinham sido dilaceradas. A base que constituía o âmago de Lilliana Young tinha ruído, e restava apenas um monte de entulho.

A ironia era que, enquanto aguardava a morte, percebi que agora estava finalmente vivendo. Eu estava experimentando o mundo. Tinha fugido de casa, ficado a fim de um cara que não sentia o mesmo por mim e viajado até o deserto. Precisava muito de um banho, fazia qualquer comentário incisivo que me passasse pela cabeça e pouco me importavam as consequências dos meus atos.

E agora ali estava eu, à beira da morte, me sentindo... feliz.

Estar com Amon era a coisa mais revigorante que já havia me acontecido, e, se fosse para minha vida acabar ali, pelo menos eu poderia dizer que a havia vivido em toda sua glória: suada, desconfortável, angustiante, assustadora e às vezes mortal, mas sempre emocionante.

Se era para deixar este mundo, eu o faria com um sorriso no rosto, e consideraria esse um fim condizente com a maior de todas as aventuras.

– Pensando bem, acho que prefiro morrer sufocada a ser esmagada – disse eu, chiando. – E você?

Amon ofegava.

– Por que está falando assim?

– Não sei. Acho que estou só aceitando o inevitável. Por favor, pare de gastar energia à toa – pedi, enquanto ele grunhia e cambaleava debaixo do teto.

O barulho de um sapato no chão de terra me informou que Amon tinha me dado ouvidos. Logo ele estava ao meu lado, tentando recuperar o fôlego em um espaço onde quase não havia mais oxigênio.

– Você também vai morrer? – perguntei.

– Talvez não de imediato, mas perder você vai me enfraquecer a tal ponto que provavelmente a minha morte seja inevitável. Pela primeira vez em milênios, terei falhado no meu dever.

– É. Eu sinto muito por isso.

Amon me abraçou e me puxou mais para perto.

– Não. Quem sente muito sou eu, jovem Lily. Não queria ter posto a sua vida em risco.

– É, bom, eu deveria ter sabido que andar com uma múmia não era uma aposta muito segura.

Estiquei as mãos acima da cabeça; agora era fácil encostar as palmas no teto. Amon e eu escorregamos um pouco mais para baixo, adiando o inevitável. Virei o rosto na sua direção, decidi jogar a cautela para o alto de uma vez e perguntei:

– Então, por acaso o peso da nossa situação não inspira você a repensar a ideia de me dar um beijo? Enfim, se eu vou morrer, gostaria muito de saber antes como é ser beijada.

– O peso da nossa situação.... – murmurou ele. – Peso. Seria tão simples assim?

Com cuidado, Amon passou por mim até encontrar de novo a depressão circular. Começou a entoar um cântico, e senti as pontadas da areia quando esta passou silvando por mim.

– O que está fazendo? – sussurrei no escuro.

Sem me dar atenção, ele continuou, então deu um grito de alegria quando as paredes começaram a se mover e a estalar. O teto subiu e o chão se deslocou. O movimento me fez perder o equilíbrio e rolar de lado. Uma rajada de ar frio varreu o recinto, e Amon segurou minha mão e me ajudou a levantar.

Uma suave luz dourada encheu meus olhos quando a pele dele recomeçou a brilhar, e ele apontou para o objeto que havia criado: uma bola de pedra que se encaixava como uma luva no buraco do chão.

– O que é isso? – perguntei.

– Certa vez escutei uma história sobre bolas usadas nas pirâmides. Uma bola de pedra com um peso exato era usada para abrir passagens e portas secretas. Nós estávamos indo na direção certa, mas não tínhamos a bola necessária para entrar.

– Quer dizer que a depressão que a gente encontrou era como uma fechadura e a bola era a chave?

– Isso. Exatamente.

A caixa mortal havia se aberto e revelado outra passagem. Quando atravessamos a porta, Amon se abaixou, pegou a bola que havia criado e jogou o pesado objeto – mais ou menos do tamanho de um *grapefruit*, mas com o peso de uma bola de boliche – dentro da minha bolsa antes de passar a alça pela frente do peito.

Então eu não iria morrer, afinal. A gratidão me invadiu e sorri, jurando lembrar que, mesmo nas mais árduas das circunstâncias, era melhor viver, explorar e enfrentar possíveis

perigos do que passar o resto da vida acovardada dentro de uma linda caixa. Dali em diante, ousadia seria o meu nome.

– Acho que devíamos partir do princípio de que vai haver outras armadilhas pela frente – falei, ainda sorrindo.

– Sim. É preciso avançar com cuidado – disse Amon enquanto me encarava, intrigado, certamente tentando entender por que eu estava com um humor tão bom.

Ele não encontrou nada durante nosso cuidadoso avanço, e passamos ilesos por vários corredores. Depois de subir uma escadaria comprida, deparamos com outro conjunto de hieróglifos. Dessa vez havia uma indicação clara de que a tumba secreta que escondia o paradeiro do deus do sol estava próxima. Amon decidiu que, por estarmos tão perto de seu último lugar de descanso, deveríamos abandonar temporariamente a busca por seu irmão e verificar primeiro sua própria tumba, para ver se conseguíamos encontrar seus vasos canópicos.

Chegamos a uma parede de pedra com o símbolo do sol esculpido nela. Amon empurrou uma alavanca, que provocou um silvo seguido por uma explosão de poeira, que caiu sobre nós dois.

Uma fresta de luz surgiu. Destemido, ele empurrou a parede para aumentar a fresta e entramos na tumba. O recinto vazio estava iluminado por uma luz artificial. Abaixamo-nos para entrar na câmara seguinte, e a encontramos igualmente vazia.

Enquanto Amon estudava os hieróglifos que cobriam as paredes, fiquei onde estava e peguei o mapa que havia recebido na entrada.

– Amon, você sabe onde a gente está?

– Perto da minha câmara funerária.

– Sim, mas esta não é uma tumba qualquer. Esta aqui é a VR63. A tumba do rei Tut! – Amon me encarou como se estivesse esperando o fim da piada. – O que eu quero dizer é que esta é a tumba mais famosa deste complexo, e provavelmente não vamos ficar sozinhos por muito tempo. Temos que andar depressa.

Ele aquiesceu e tornou a se virar para as inscrições enquanto eu examinava o mapa.

– A gente entrou pela sala do tesouro, então isto aqui deve ser a câmara mortuária – murmurei comigo mesma. – À esquerda fica a antecâmara e logo depois dela o anexo. A passagem para sair fica por ali. – Apontei na direção vaga da saída.

Amon se virou para mim, abaixou a cabeça e sussurrou:

– Se eu estava mesmo enterrado aqui, não seria encontrado perto do faraó, nem no anexo ou na antecâmara. Minha tumba ficaria perto da sala do tesouro. Nós éramos sempre escondidos atrás dos objetos mais preciosos, assim os saqueadores paravam e não procuravam mais nada.

– Bom, pelo visto alguém achou você.

– É. Mas onde? Não há indicação nenhuma de que outra múmia tenha sido descoberta nesta área.

– Talvez você tenha sido transferido – sugeri.

– Quem sabe.

– Então talvez os seus vasos canópicos ainda estejam aqui.

– Pode ser.

Examinamos todas as paredes, mas não encontramos nada que indicasse uma câmara escondida ou vasos canópicos.

Faminta, peguei a maçã na bolsa e fiquei grata por Amon ter me forçado a levar alguma comida. Enquanto procurava outra garrafa d'água, uma laranja caiu no chão e foi quicando até parar em um canto.

Quando a peguei, vi que ela havia rolado para uma depressão esférica parecida com a que encontráramos antes.

– Amon! Aqui!

Ele se agachou ao meu lado e sorriu.

– Você achou.

A esfera côncava tinha um sol gravado. Amon tirou da minha bolsa a pedra esférica de areia, sussurrou algumas palavras e a superfície se moveu até criar uma impressão exata do sol para se encaixar no molde no chão. Ele então encaixou a bola de pedra na depressão, girou-a devagar e um silvo audível ecoou quando o chão começou a se mover.

Uma parede se ergueu e bloqueou o acesso à sala do tesouro, e então o piso inteiro afundou como se estivéssemos dentro de um grande elevador. Quando parou, encontrávamo-nos vários níveis abaixo da tumba do rei Tut. Amon desceu, removeu a bola de pedra e o piso da sala do tesouro subiu até voltar à posição original. Como a luz foi embora também, ele acendeu a própria pele. À nossa frente estava uma câmara espaçosa sustentada por colunas de pedra.

Inscrições gravadas profundamente e desenhos que representavam acontecimentos diversos, muito diferentes dos que víramos nas outras tumbas, cobriam as paredes. Vi o sol, a lua e as estrelas, as grandes pirâmides, imagens do deus com cabeça de girafa e uma figura que reconheci como Anúbis apontando para três homens que estavam sendo mumificados.

– O que significa isso tudo?

– Esta é a minha história. A minha tumba – respondeu Amon em voz baixa enquanto avançava pela câmara.

Ele parou diante de um grande sarcófago esculpido em madeira. O acabamento da peça era lindo, e soltei um arquejo ao me dar conta da semelhança com Amon. Delicadamente, acompanhei com o dedo as curvas de seu rosto na imagem na madeira.

– É você – sussurrei.

– Sim.

– Mas quando você acordou lá no museu tinha um sarcófago dourado. O desenho nele também se parecia com você.

– Não sei por que nem como fui parar naquele sarcófago. Talvez aqueles que nos

protegem tenham feito um segundo sarcófago, ou talvez eu tenha sido trocado de lugar para proteger minha identidade, mas este é o sarcófago criado para mim por Anúbis.

– Por que ele não é dourado como o do rei Tut?

– Nem eu nem meus irmãos temos necessidade de colecionar riquezas ou de ostentar nosso poder com grandes tesouros. Nosso objetivo é apenas servir. Se houvesse boatos de ouro ou de um tesouro associados a nós, os ladrões e saqueadores não parariam de nos procurar.

– Eu gosto mais deste – falei, correndo a mão pela madeira encerada que fora gravada com grande habilidade e pintada com todo o cuidado.

O sorriso de Amon deu a entender que meu comentário havia lhe agradado, mas os seus pensamentos e emoções eram difíceis de interpretar.

– Amon?

– Sim?

– Por que o seu sarcófago está brilhando? Parece que alguém acabou de passar óleo nele.

Amon deu a volta até o outro lado.

– Não sei. Talvez os que cuidam de nós tenham passado por aqui. Acho que precisamos abrir. Para trás, Lily.

Ele levantou os braços devagar e iniciou um cântico. A tampa do imenso sarcófago estremeceu e se afastou da base. Era pesada, e os braços de Amon tremeram quando ele a empurrou para o lado. Abaixando os braços, ele pousou a tampa no chão com cuidado e esta se acomodou na areia antes de se apoiar na lateral do sarcófago com um baque forte. Fui até ele e propus compartilhar minha energia, mas ele me dispensou com um aceno e se encostou no sarcófago até recuperar o fôlego.

Eu não sabia exatamente o que ele ou eu esperávamos encontrar, mas não havia nada lá dentro. O imenso sarcófago estava vazio.

– Não entendo – disse Amon, espiando lá dentro. – Eu deveria ter despertado aqui. Como fui levado até a sua cidade?

– Alguém deve ter tê-lo transportado.

– Mas quem? Por quê?

– Talvez alguém que não quisesse que você despertasse no Egito. Você tem algum inimigo?

– A maioria das pessoas não sabe nem que eu existo.

– Mas algumas sabem. Quem poderia não querer que você realizasse a sua cerimônia?

– A cerimônia beneficia a humanidade inteira. O único que ela prejudica é Seth, deus do caos, mas ele não tem poder suficiente no mundo moderno para nos fazer mal.

– Tem certeza disso?

– Tanta quanto posso ter em relação a essas coisas.

– Hum... Bom, vamos por partes. Está vendo seus vasos canópicos em algum lugar?

Procuramos por vários minutos, mas não encontramos nada a não ser pó. Foi só quando

eu estava voltando ao lugar por onde tínhamos entrado que reparei nos cones funerários que margeavam a entrada da tumba. De fato, perto do topo do arco faltava um cone. Chamei Amon. Ele me suspendeu nos ombros para eu poder olhar de perto.

Embora estivesse escuro no buraco onde o cone deveria estar, era inegável que havia algo lá dentro. Deixando de lado o temor, estendi a mão e toquei o que veio a ser uma estatueta. Na realidade, no vão em que deveria estar o cone funerário havia duas estatuetas aninhadas, ambas mais ou menos do mesmo comprimento de uma caneta. Peguei uma, depois a outra, e as passei para Amon.

Ele me segurou pelas mãos para me ajudar a descer de seus ombros, em seguida pegou as duas estatuetas e as examinou.

– O que são? – perguntei, observando-as.

Uma delas parecia um faraó antigo, com pequenas inscrições no tronco e os braços cruzados diante do peito. Era de um lindo tom verde-jade. Uma peça muito bonita, que devia valer uma fortuna.

A outra, menor, tinha quase metade da altura da primeira e era feita de pedra escura. A figura estava segurando um pergaminho grande rasgado ao meio. Seu formato lembrava o de um coração, e o rosto feio exibia uma expressão de deleite.

– São *shabtis*. Antigamente, os criados humanos eram enterrados junto com seus senhores, pois acreditava-se que fariam junto com eles a viagem até o além e continuariam servindo aos reis e faraós mortos.

– Que coisa mais bárbara! – A cara de incompreensão de Amon me fez explicar: – Que crueldade. Que horror.

– Pois é. Depois de algum tempo, essa prática se modificou, e os criados passaram a ser enterrados apenas simbolicamente. Essas estatuetas representam os indivíduos que serviam à pessoa que está enterrada aqui.

– Ou seja, esses caras deviam servir a você?

– Em teoria.

– E serviram? Você os encontrou no além?

– Não. Mas estou pensando...

– O quê?

Amon desviou o olhar das estatuetas para mim.

– Existe um encantamento.

– Não sei se estou gostando dessa conversa. Seus encantamentos não dão muito certo para mim.

Começando a ficar animado, Amon continuou:

– Mas, se eu as fizer despertar, elas podem usar seu poder para nos ajudar. Entendeu? Anúbis deve ter posto estas estatuetas aqui. Elas podem procurar meus vasos canópicos, e aí eu não vou mais precisar pegar sua energia emprestada. Nossa conexão pode ser desfeita sem pôr em risco...

Ele interrompeu a frase de modo abrupto, e estreitei os olhos.

– Sem pôr em risco o quê?

Ele fez um gesto no ar.

– Não importa. Os benefícios valem os riscos. Vou despertar as estatuetas – declarou.

– Espere aí, Houdini. Não acha que seria bom a gente conversar sobre isso? Enfim, precisamos mesmo de ajuda sobrenatural? Acho que estamos nos virando bastante bem sozinhos.

Amon segurou meu braço e deu um leve apertão. Um medo gelado que se esticava como finos dedos se movia dentro da sua consciência, sentimento que, percebi, ele havia tentado esconder de mim. Só consegui vê-lo por um instante antes que desaparecesse. Embora eu não conhecesse o motivo, o que o incomodava, fosse o que fosse, era terrivelmente real.

– Você precisa confiar em mim – disse ele, buscando desesperadamente meus olhos com os seus.

Na verdade, seu aperto estava machucando o meu braço.

– Está bem – falei baixinho. – Vamos fazer do jeito do deus do sol.

Amon deixou escapar um suspiro, soltou meu braço e fez uma careta ao me ver esfregá-lo. Estendeu a mão, tocou minha bochecha, então deixou os dedos escorregarem pela minha nuca e baixou a cabeça até fazê-la encostar na minha.

– Desculpe ter machucado você, Lily. Não foi minha intenção.

– Não faz mal – respondi.

Após alguns instantes, ele recuou um passo, pôs as duas estatuetas no chão e começou a entoar seu encantamento.

Criados shabti a mim atribuídos,
Vocês, que a putrefação desintegra,
Eu os convoco do reino dos mortos.
Nenhum obstáculo deverá detê-los em seu caminho até mim.
Venham! Venham para aquele que os chama.
Tornem aráveis os campos que me alimentam.
Represem as enchentes furiosas que me ameaçam.
Movam as pesadas pedras que me abrigam.
Quando a morte me procurar,
Levem-me embora em asas velozes,
Vocês, que me foram presenteados pelo grande deus Anúbis,
Seu dever é me servir, e a mim apenas.
A morte não é o seu fim, pois eu sou o seu início.
Quando eu os chamar do leste, do oeste, do norte ou do sul,

Vocês deverão dizer: "Eis-me aqui. Eis aqui o seu criado."
Venham, shabtis, e abracem seu mestre!

Quando terminou, as estatuetas se mexeram e puseram-se a dançar sobre a terra batida como fogos de artifício. Os movimentos violentos foram ficando cada vez mais pronunciados, até elas levantarem voo e começarem a girar a uma velocidade estonteante.

Com um gesto, Amon indicou que eu deveria me aproximar. Então dei a volta nas estatuetas, passando bem ao largo delas, e segurei a mão que ele me estendia. A tumba cavernosa estremeceu, e me perguntei se, vários níveis acima de nós, os visitantes da tumba do rei Tut estariam sentindo o tremor da terra.

Uma explosão de fumaça negra que cintilava com pontinhos de luz envolveu as estatuetas e as cercou com grossos fios pretos. Em pouco tempo, não consegui mais ver as figuras. As nuvens de fumaça foram ficando cada vez maiores e então pareceram se recolher dentro de si mesmas e se solidificar em formatos semelhantes a homens.

Por fim, as silhuetas escuras acabaram de se formar, e dois homens vestidos da mesma forma que Amon quando eu o havia encontrado se materializaram diante de nós. O último lugar do qual a fumaça se dissipou foi ao redor de suas órbitas, e então ambos respiraram. Quando abriram os olhos, ainda tinham as íris cercadas de fumaça.

O mais alto dos dois tinha cabelos curtos, ondulados e grisalhos, um rosto bondoso e franco, e sobrancelhas marcantes. Imediatamente adotou uma atitude subserviente. O mais baixo tinha cabelos pretos encaracolados que se misturavam a uma barba cerrada. Seus olhos atentos absorviam tudo ao redor. Não foi o fato de ele se parecer com um pirata que me causou desconfiança, mas sim o jeito frio e calculista como nos encarou.

Na mesma hora, os dois se jogaram no chão e estenderam os braços.

Amon ergueu a mão e agitou os dedos, como tinha feito quando nos conhecêramos e ele não conseguia se comunicar.

Então se dirigiu aos homens:

– *Shabtis*, estão prontos para servir?

– Nada neste reino ou em qualquer outro poderia nos impedir – responderam os dois homens em uníssono.

– Nesse caso, tenho uma tarefa para vocês – disse Amon com um sorriso satisfeito.

Vasos canópicos

Os dois *shabtis* se levantaram de onde estavam prostrados. O mais alto manteve o olhar fixo no chão, porém o mais baixo ergueu os olhos duros e me encarou, sua boca se contorcendo lentamente em um esgar de lascívia que me deixou muito pouco à vontade. Dei um passo para mais perto de Amon e envolvi seu braço com a mão. Isso fez o mais baixo dos homens abrir ainda mais o sorriso.

– Qual é sua ordem, Mestre? – indagou o mais alto.

Dirigindo-se a ele, Amon instruiu:

– Você, procure o lugar de descanso do meu irmão, aquele que personifica o espírito do deus da lua. E você... – Amon se virou para o outro criado, cuja expressão estava agora tão cheia de humildade que duvidei do meu primeiro juízo a seu respeito – ... encontre meus vasos canópicos. E não se esqueçam de deixar uma trilha que eu possa seguir.

Os dois se curvaram antes de cruzar os braços sobre o peito.

– Nós vivemos para servi-lo – entoaram em coro, e então rodopiaram até formar redemoinhos de fumaça escura que deixaram as catacumbas em direções opostas.

Depois que eles se foram, Amon sorriu.

– Está vendo? É exatamente a ajuda de que precisamos.

– Não confio no mais baixo – retruquei. – Ele parece traiçoeiro, como se estivesse planejando nos atacar ou algo assim.

– Fique tranquila. Os *shabtis* não podem ignorar as ordens daqueles que lhes dão vida. Contrariar a vontade de quem os invocou é o mais grave dos crimes. Se o fizerem, serão condenados a vagar sozinhos pelos Pântanos do Desespero. Sem ninguém para guiá-los, ficarão perdidos nas Cavernas dos Mortos e nunca mais conhecerão um só instante de felicidade, seu *ka* nunca mais reencontrará seu corpo e eles nunca mais verão as pessoas que amam. É uma punição pior do que a morte.

– Mesmo assim, não confio nele.

Uma leve luz vermelha surgiu e ficou flutuando no ar como uma bruma etérea. Quando passei a mão por ela, a luz se dissipou, mas as partículas logo tornaram a se unir e formaram um feixe que seguiu flutuando por um dos corredores.

Amon sorriu.

– Pronto. Eu disse que ele merecia confiança. Ele nos deixou uma trilha. Venha, Lily.

Segurei a mão estendida de Amon e ele me conduziu por vários corredores. Em pouco tempo, ficou claro para nós dois que estávamos andando em círculos. Amon começou a fechar a cara e tentou invocar o *shabti* errante para fazê-lo voltar, mas sem sucesso. Apesar dos alarmes que disparavam na minha mente, ele tentou minimizar o fato de o *shabti* ter sumido e me garantiu que o criado devia ter tido algum contratempo para não aparecer. Eu, porém, discordava.

– Amon?

– Sim, Lily? – respondeu ele, segurando minha mão para me ajudar a descer um lance de degraus de pedra.

– Por que os *shabtis* conseguem sumir em uma nuvem de fumaça e ir procurar seus vasos canópicos, mas você não?

Ele me olhou de esguelha.

– Isso esgotaria o meu poder, e depois eu teria que me reabastecer com a sua energia. Já a usei demais.

– Os *shabtis* não usam a sua energia?

Ele fez que não com a cabeça.

– Eles têm as próprias reservas, e quando elas acabarem voltarão para o lugar de onde vieram.

– Quer dizer que eles são movidos a pilha?

– Não sei o que é “pilha”.

– Deixe para lá. É que me parece meio cruel invocar os *shabtis*, esgotar sua energia e depois jogá-los fora. Mesmo que eu não goste muito deles.

– Eu não os jogo fora. Eles simplesmente voltam para seu estado anterior. É assim que as coisas funcionam.

– Às vezes não faz mal questionar o jeito como as coisas funcionam, sabia?

Amon deu um grunhido vago, em seguida levantou a cabeça e respirou fundo.

– Tem alguma coisa errada – murmurou, abrindo os olhos de repente. – Corra, Lily.

– O quê?

– Corra! – gritou ele enquanto se virava para olhar o alto da escada.

Embora não desse para ver o pé da escada, Amon desceu desabalado por ela, empurrando-me na sua frente mais depressa do que eu pensava ser possível. Eu não ouvia nada, mas ele parecia ter certeza de que algo estava a caminho, e eu sabia que devia confiar nele. Desci correndo pela escada o mais depressa que pude, mas tropecei várias vezes, escorregando na pedra coberta de areia.

Sem parar de me empurrar para a frente, Amon olhou para trás outra vez. Ele me seguia de perto, e foi então que ouvi: um gorgolejar suave, como água corrente.

Arrisquei uma olhada para trás e vi um líquido viscoso escorrendo pela escada. Estalos e silvos encheram a caverna, e reparei que a cor do líquido não era natural. Fosse o que fosse,

aquilo não era água. Era bem mais espesso, e a cor tinha uma semelhança suspeita com a trilha de luz do *shabti* mais baixo. Quando o líquido chegou perto o suficiente para encostar nos calcanhares de Amon, ele soltou um uivo e me pegou no colo.

Por instinto, passei os braços em volta do seu pescoço, apertando meu corpo contra o seu, enquanto ele pulava dos degraus para uma plataforma distante demais para qualquer humano alcançar. No entanto, bem na hora em que temi que fôssemos despencar e morrer, ele invocou um vento que nos soprou pelo restante do caminho.

Amon aterrissou, mas o vento, que ainda soprava com força, nos projetou na direção de uma obstrução rochosa. Girando o corpo no último minuto, ele se chocou com a parede da caverna, absorvendo a maior parte do impacto no flanco e nas costas e me protegendo.

Ainda abraçado comigo, escorregou lentamente pela parede, gemendo de dor. Passei a mão por seu ombro machucado.

– Está doendo muito?

Ele fez que não com a cabeça.

– Vou aguentar.

Embora eu não tenha perguntado se ele precisava de energia para se curar, ele pareceu ler meus pensamentos e levou os dedos acesos a uma mecha de cabelos junto à minha bochecha. Com a visão periférica, pude ver a cor dos fios mudar. Por alguns instantes, meus cabelos brilharam como a sua pele. Quando ele soltou, a mecha caiu sobre meu ombro e seu tom louro cintilante se abrandou até virar um dourado solar.

Amon perguntou se eu estava bem e assenti, mas ele continuou com os olhos cor de avelã fixos em mim, tentando ver se eu estava dizendo a verdade. O calor palpável que sempre existira entre nós estava se intensificando, e eu estava muito consciente de que me encontrava sentada no seu colo, com os braços em volta do seu pescoço e o corpo encostado no dele. Não tinha a menor intenção de sair dali.

Nada do que eu estava fazendo nem de longe se aproximava do comportamento típico de Lilliana. *Lilliana* não ficava bajulando rapazes, principalmente não aqueles que só pareciam interessados em partes do seu corpo, e nem eram as mesmas partes que os caras normais preferiam. *Lilliana* não era de jeito nenhum alguém que corria atrás de aventura. E *Lilliana* com certeza não pulava antes de olhar. Parecia que outra garota – vamos chamá-la de Lily – tinha se apoderado do meu corpo, e a sua vida era bem mais emocionante do que a minha. Eu gostava de ver o mundo pelos olhos dela, mas ao mesmo tempo isso me assustava. *Lily* sobrevivia a armadilhas antigas. *Lily* simplesmente dava de ombros quando coisas impossíveis aconteciam. *Lily* queria se relacionar com um rapaz que não apenas era inaceitável, mas que além disso vinha embalado em suas próprias ataduras de múmia.

Sério, eu precisava ser realista: o que estava esperando? Um sarcófago de casal?

No entanto, uma coisa naquela versão nova de mim mesma realmente me agradava. *Lily* era corajosa – muito, muito mais corajosa do que *Lilliana* jamais fora. *Lily* nunca deixaria outra pessoa decidir o seu destino. *Lily* assumia as rédeas da própria vida.

Amon me segurava frouxamente e inclinou a cabeça ao me observar, provavelmente procurando entender o que se passava na minha cabeça. Meus pensamentos eram confusos para mim, o que significava que seria quase impossível para ele destrinchá-los. Ocorreu-me então que se eu, Lilliana Young – não, risque isso, *Lily* Young –, era corajosa o bastante para arriscar a vida ajudando um deus do sol, então era corajosa o bastante para dar o primeiro passo, apesar de todas as perguntas sem resposta e de todas as incertezas futuras que isso envolvia.

Deslizei as mãos até seus cabelos cintilantes, tomando cuidado para não apertar nenhuma parte machucada, e me estiquei para beijá-lo. Mas os meus lábios não alcançaram os seus. Quando abri os olhos, vi que ele se inclinava para longe de mim com um ar horrorizado.

– O que você está fazendo, Lily? – perguntou ele, embora parecesse bem óbvio.

– D-dando o primeiro passo – gaguejei. – Achei que você poderia estar com medo.

Amon me segurou pelos ombros e me manteve imobilizada enquanto se debatia, afastando-se. Foi tão rápido que eu não teria me espantado se tivesse usado o vento para ajudá-lo na fuga.

Virando as costas para mim, inspirou fundo e disse:

– Você não deve continuar a tentar criar esse... tipo de envolvimento.

– Não entendo. Você queria me beijar, eu senti.

Amon se retesou.

– Você se enganou – disse ele, e fez uma careta como se estivesse morrendo de dor no ombro.

– Acho que não.

– Eu não tenho interesse nenhum em ter um relacionamento com você. Essa simples ideia é... – ele havia se virado para me encarar com um olhar duro, mas nessa hora desviou os olhos – ... que fedor.

– Espere aí. Está dizendo que o problema é o meu cheiro? Que estou fedendo?

Ele suspirou.

– Não é a isso que estou me referindo. Está sentindo esse odor?

Levantei-me, dei um passo mais para perto da borda da plataforma na pedra e ergui o nariz para farejar o ar. Fui tomada por um violento acesso de tosse.

– O que é isso? – perguntei.

– Um efeito colateral da substância cáustica nos degraus, eu acho.

Logo fomos cercados por nuvens de fumaça tóxica que fizeram nossos olhos lacrimejarem. Tive quase certeza de que aquele gás que preenchia a caverna estava também esgotando o oxigênio do espaço, pois comecei a ter dificuldade para respirar. Ou isso, ou eu tinha alergia à rejeição tóxica que acabara de sofrer. Talvez uma combinação das duas coisas.

Felizmente, Amon conseguiu invocar um vento para afastar os vapores nocivos de nossa pequena plataforma. Quando conseguimos respirar outra vez, ele reparou que seus sapatos

estavam fumegando. Tentou descalçar um deles, mas retirou a mão depressa. O resíduo tinha um suave brilho avermelhado. Agachei-me ao seu lado e segurei sua mão para examinar a queimadura no dedo.

Peguei uma garrafa d'água, despejei uma boa quantidade sobre a queimadura, depois usei a camiseta para secá-la. Um constrangimento havia surgido entre nós, e eu não conseguia encarar Amon nos olhos.

Ele deu um suspiro.

– *Hakenew* – falou, e esticou a outra mão para segurar meu queixo. Então o ergueu e esperou meus olhos se fixarem nos seus. – Por ter cuidado do meu machucado.

– De nada – sussurrei.

– Desculpe decepcionar você, Nehabet – prosseguiu. – Não é que eu... – Ele se deteve, em seguida tentou outra vez: – Se eu pudesse explicar... – Por fim, acabou concluindo: – Não é que você seja... indesejável.

O fato de ele estar admitindo *alguma coisa* me agradou mais do que eu imaginava. Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa para me impedir, encostei os lábios na queimadura em seu dedo.

– Pronto. Já passou.

Os olhos cor de avelã de Amon se cravaram nos meus lábios. Cheguei mais perto, e dessa vez ele não se afastou.

Parei a milímetros de sua boca.

– Então você não quer me beijar, não é? Uma explicação – murmurei.

Ele piscou, virou a cabeça e balbuciou:

– *Hehsy wehnsesh ef sah*.

– Isso quer dizer o quê? – perguntei.

– "Filho de um chacal raquítico" seria a tradução mais próxima.

– Ah. Um dia você precisa me dar uma aula de palavrões em egípcio antigo. Se eu continuar andando com você, acho que isso pode vir a ser bem útil.

Ele agitou os dedos para limpar com areia a substância que cobria seus sapatos até o vapor se dissipar e ele conseguir tocá-los sem se queimar.

– Não vamos falar sobre esse assunto agora – disse Amon.

Levantei-me e apoiei as mãos nos quadris.

– Tudo bem. Contanto que você admita que sabe o que eu sei: que você também quer.

Ele se levantou rápido.

– Só uma feiticeira seria capaz de falar tanto e mesmo assim não dizer nada.

– Por enquanto vou ignorar isso, vendo que você está com um machucado no dedo de tal magnitude que deve ser uma imensa distração.

Amon estreitou os olhos.

– Você é mesmo uma bruxa.

Dirigi-lhe um sorriso do gato de Alice.

– Falando em magia, o que a gente vai fazer em relação a... você sabe... nosso pequeno algoz de pedra?

– Vou mandá-lo de volta para o lugar de onde veio – declarou Amon.

– Primeiro vamos ter que pegá-lo.

– Sim.

Ele ficou em pé na borda de nossa pequena plataforma e olhou para o mar de lodo vermelho que cobria praticamente tudo lá embaixo. Deu um suspiro e pareceu tomar uma decisão.

– Lily, é perigoso demais seguir em frente quando nosso caminho foi sabotado.

– Concordo.

– A única coisa que posso fazer é nos levar diretamente até ele.

Limpei as mãos e pus a bolsa no ombro.

– Então vamos lá.

– Mas, para isso, preciso usar sua energia de novo. Vou enfraquecer você.

– Bom, depois vou me recuperar, certo?

– Não completamente. Eu já peguei sua energia emprestada várias vezes hoje. Você só percebe isso quando uso muito poder, mas já esvaziei suas reservas de modo significativo.

– Quando você diz "não completamente", imagino que esteja querendo dizer não hoje, é isso?

Amon fez uma careta.

– Quanto mais tempo passarmos conectados...

– Eu sei. Eu sei. Meus órgãos estão correndo perigo, blá-blá-blá – interrompi. – Então vamos fazer o que for preciso para conseguir uma boa refeição e depois eu poder dormir para me recuperar. Amanhã vou estar novinha em folha.

Amon franziu o cenho e não pareceu gostar da minha abordagem blasée da situação, mas ambos sabíamos que ele não tinha escolha. Estreitando os olhos, ele me puxou para perto, em seguida pôs as mãos nas minhas bochechas. Seus olhos brilhantes irradiaram convicção quando ele disse:

– Prometo que vou resolver isso tudo, Lily.

– Isso tudo o quê? – indaguei, torcendo o nariz e saboreando o calor de suas mãos que invadia o meu rosto.

Ele ergueu a cabeça, gritou algo em egípcio e eu soltei um berro de dor quando a areia começou a rodopiar à nossa volta.

Mil agulhas me espetaram. Dessa vez, quando a tempestade de areia rasgou meu corpo, tive quase certeza de que nada seria capaz de me deixar inteira outra vez.

Como antes, porém, fui refeita. Costurada a faca. Tive certeza de que não havia sequer um pedacinho de mim que não latejasse. Tínhamos nos materializado dentro de uma caverna escura. Amon havia diminuído sua luz, e eu não conseguia distinguir nada a não ser o brilho sinistro de seus olhos.

– Você consegue ficar em pé? – sussurrou ele.

Sem ter certeza de que conseguiria falar sem gemer, fiz que sim com a cabeça e dei um passo, afastando-me dele. Seu braço tremeu quando me segurou, e lembrei que ele estava sofrendo junto comigo. Quando se certificou de que eu conseguia me sustentar sozinha, ele disse:

– Descanse aqui. O *shabti* errante está na próxima caverna. – Ele segurou minha mão e apontou para a direita. – Está vendo?

Meus olhos se adaptaram e vi uma luz débil e trêmula contornando as bordas escuras da abertura.

– Estou.

– Fique escondida atrás desta pedra. Eu volto para buscá-la quando tiver concluído o encantamento e o mandado de volta para o além.

– Ok. – Ele começou a se afastar, mas segurei sua mão. – Amon?

– Sim, Lily?

Ergui-me na ponta dos pés e o enlacei pelo pescoço.

– Tome cuidado.

Ele me abraçou pela cintura e apertou. Nessa hora, um pouco da sua energia tornou a penetrar em mim, deixando-me mais firme e afastando o enjoo. Ele então se foi. Mal pude discernir sua forma enquanto ele desaparecia pela entrada da antecâmara. Meu corpo tremeu, sentindo a ausência de seus braços para me firmar.

Enquanto eu estava ali, escondida, o suor começou a escorrer por minhas têmporas, e me perguntei se o efeito do beijo refrescante de Amon no meu pescoço havia passado. Pensar que eu logo precisaria de outro não foi desagradável, e eu me distraí da dor imaginando a maneira como iria lhe pedir isso. No mesmo instante, ouvi um barulho de cerâmica se quebrando e o grito de Amon.

Não sabia como ajudá-lo, mas sabia que precisava tentar. Com as pernas bambas, fui até a entrada da câmara sem fazer barulho e espiei lá dentro. Embora os dois estivessem lutando no escuro, os ruídos da briga eram bem óbvios. De repente, o ar foi tomado pelo som de espadas se chocando. Consegui distinguir um risco de luz vermelha ao redor de uma forma escura e, quando o brilho verde dos olhos me confirmou que era Amon, esgueirei-me mais para perto.

Graças à sua visão noturna, ele me viu e gritou, sem interromper o embate:

– Lily, salve os jarros!

– Onde? – exclamei. – Onde estão?

– Na parede da direita!

Às cegas, estendi as mãos e avancei com cuidado para a direita até encostar em uma parede arenosa. Uma lufada de ar fresco me atingiu, e senti que estávamos em um espaço muito maior do que inicialmente pensara. Se era ali que os jarros de Amon estavam, então era provável que seu corpo também houvesse sido encontrado ali. O que significava que em

algum lugar existia uma abertura que conduzia à superfície, embora estivesse escuro demais para distinguir qualquer coisa.

Fui tateando pela parede. Conforme avançava, ouvia Amon entoar encantamentos que não pareciam estar surtindo nenhum efeito no *shabti*. Aparentemente, o criado era mais forte do que Amon, o que não fazia sentido. Mesmo sem os atributos de deus do sol, Amon tinha uma constituição forte, ao passo que o *shabti* era baixinho e roliço; com certeza não era páreo para ele.

Alguma coisa estava muito errada.

Avancei mais um pouco e enfim encontrei uma reentrância na parede, um retângulo parcialmente exposto com cerca de 30 centímetros de largura e 60 de altura. Tropecei em um montinho de terra e ouvi um estalido quando minha bota esmagou algo minúsculo e frágil.

– Espero que não tenha sido um artefato de valor incalculável – murmurei enquanto tateava no escuro.

Afastando desesperadamente a ideia de aranhas peludas e escorpiões venenosos, estendi a mão com cuidado para o interior da reentrância e recolhi punhados de terra solta até meus dedos roçarem uma peça lisa de cerâmica. Feito uma louca, removi a terra em volta do objeto e fui desencavando-o de seu lugar de descanso como um desleixado estudante de paleontologia faria com um osso. Apesar da pressa, eu *procurava* tomar cuidado. Por fim, o objeto se soltou nas minhas mãos.

Apalpando-o, consegui visualizar a peça. A base cheia e redonda como um pino de boliche se estreitava até um pescoço fino o bastante para eu envolver com as duas mãos, mas grande o suficiente para acomodar algo substancial, como – torci o nariz – órgãos, por exemplo. No alto, tampando o objeto, havia um pedaço de madeira esculpido de modo grosseiro, redondo, mas encimado por uma ponta.

– Achei um! – gritei para Amon. – O que eu faço?

Ouvi um grunhido; Amon continuava a lutar com o *shabti*.

– Abra!

Com o jarro nos braços, segurei a tampa e puxei, mas ela não se mexeu.

– Não posso quebrar numa pedra?

– Não! Você não pode quebrar o vaso! – gritou Amon, as palavras lhe escapando com o ar quando ele foi arremessado contra uma parede.

A briga levantou terra do chão, e eu espirrei várias vezes. A última, no mesmo momento em que girava a tampa do vaso, foi tão violenta que ela finalmente se soltou.

Com um brado de triunfo, arranquei a tampa. Ouviu-se um estalo como quando alguém tira a rolha de uma garrafa. O vaso estava cheio de luz e, apesar de eu com certeza não querer ver os órgãos milenares de Amon, dei uma olhadela.

Partículas diminutas como grãos de areia flutuavam lá dentro e se uniram até formar uma luz intensa o bastante para me obrigar a desviar os olhos. Aos poucos, a luz dourada se ergueu, começou a sair do vaso e se esticou até duas asas se tornarem visíveis.

A luz começou a parecer uma espécie de pássaro e, quando a cabeça e o bico se materializaram, o animal gritou, o mesmo grito que eu tinha ouvido no sonho. Era um falcão – uma linda criatura dourada que reluzia como se controlasse os próprios raios do sol.

Batendo as asas, o falcão feito de luz começou a circular minha cabeça, voando cada vez mais alto. Ficou claro que o recinto era bem maior do que eu havia imaginado. Quando ele passou pelos dois homens em combate, pude ver Amon e o *shabti*.

Amon havia criado uma arma de areia – uma espada – e a usava para tentar atingir o criado, mas, embora o *shabti* tenha cambaleado para trás com o antebraço ferido e sangrando, o corte brilhou com uma luz avermelhada e então sumiu.

Aparentemente o criado estava usando a luz vermelha para ferir Amon, e percebi então que ele havia feito com ela duas espadas, que não paravam de se chocar contra a arma menor que seu adversário empunhava. Amon parecia enfraquecer a cada golpe, e eu não conseguia entender por quê.

O pássaro dourado passou por cima de mim na hora em que Amon começou a entoar um cântico e a invocar um encantamento ao qual o falcão respondeu. Sua voz forte ecoou nas paredes da caverna:

Invoco aqui o falcão, nascido nas fogueiras douradas do sol.
Aquele que estava dormindo hoje irá renascer.
Empresta tua alma viva e inteira àquela que foi despedaçada.
Oferece tuas resistentes asas, tuas garras afiadas, teu olhar arguto.
A tua casa se estendeu até o limite do céu,
Mas hoje encontrarás abrigo no meu coração pulsante.
Juntos renascemos, nos renovamos e rejuvenescemos.
Tua oferta será registrada nos anais do tempo, e teu serviço, recompensado.
Vem! Vem a mim e sê refeito!

A ave gritou e voou na direção de Amon bem na hora em que o *shabti* lhe arrancou a espada. Amon jogou a cabeça para trás, ergueu os braços e seu corpo inteiro se acendeu por dentro. Pude ver então tudo o que havia na antecâmara, e várias coisas imediatamente se tornaram óbvias.

Em primeiro lugar, havia mais três retângulos nas paredes, todos alinhados proporcionalmente ao que eu havia encontrado, e os outros vasos canópicos estavam destruídos. Tinham sido despedaçados; seus cacos coalhavam o chão. Em segundo lugar, o fino pó que tinha me feito espirrar várias vezes não era areia, mas sim uma poeira vermelha cintilante. Em terceiro lugar, o *shabti* agora tinha uma visão desimpedida de Amon, que, sem a espada, com os braços erguidos no ar e a cabeça virada para o alto, estava indefeso.

No momento em que eu gritava, o criado se lançou para a frente e cravou em Amon suas

duas espadas vermelhas – uma na barriga, outra no peito. Amon cambaleou para trás.

No mesmo instante, o falcão dourado explodiu em um bilhão de fragmentos de luz. As partículas reluzentes da ave foram sugadas através dos olhos para dentro do corpo e sumiram. Amon desabou no chão, com as duas espadas vermelhas brilhantes enfiadas no corpo.

O *shabti* deu um brado triunfal no exato instante em que soltei um grito horrorizado. Ele então se virou para mim com aquele sorriso nauseante estampado no rosto. Mas não viu o que estava acontecendo logo atrás dele.

Levantando-se do chão como se uma mão invisível o tivesse erguido, Amon arrancou as espadas cravadas em seu corpo e as lançou para o lado. Abriu os olhos, e na caverna escura suas órbitas cor de avelã pareciam iluminadas por um fogo dourado. Quando ele respirou fundo, seu corpo se transformou. Onde ele antes estava, um grande falcão agora dançava sobre a areia vermelha. A criatura dourada e gigantesca bateu as asas e soltou um guincho que fez a pele dos meus braços e pernas se arrepiar.

O falcão era a criatura mais linda e de aspecto mais letal que eu já tinha visto. Fiquei fascinada por ele. Subindo cada vez mais alto, começou a voar em círculos, sempre de olho no *shabti* e em mim, e então, antes de eu conseguir entender o que estava fazendo, recolheu as asas e mergulhou na nossa direção.

O *shabti* deu um grito e se virou para correr, mas o falcão caiu sobre ele. Abrindo as asas no último segundo, com os esporões dourados agarrou o homem e esmagou seu tronco sem dó enquanto descia até o chão. A ave estalou o bico, pronta para esquartejar o criado em um instante, mas, antes de conseguir acabar com ele, o homem deu um grito e desapareceu em meio a uma nuvem de fumaça vermelha.

Eu me mantinha encolhida em um canto da catacumba, enjoada, fraca e tonta, e o falcão gigante guinchou baixinho enquanto recolhia as asas e olhava para mim. Não consegui me conter: gritei também e recuei vários passos, embora soubesse instintivamente que o bicho não pretendia me machucar.

A ave levantou a cabeça e então seu corpo inteiro explodiu em uma luz dourada que se materializou até tomar novamente a forma do príncipe egípcio que eu conhecia tão bem. Embora o seu corpo tenha iluminado outra vez o recinto, uma escuridão se alastrou pela periferia do meu campo de visão. Caí de quatro no chão, e a poeira vermelha se ergueu em pequenas nuvens em torno do meu rosto. Tinha um gosto de fogo brando, só que sem cheiro nenhum.

Consegui me levantar e ergui as mãos para examiná-las. Estavam cobertas até os pulsos de pó vermelho. Embora eu sentisse uma ardência no fundo da garganta, não tive energia para tossir.

– Amon? – sussurrei. – Não estou me sentindo muito...

Tombei para a frente bem na hora em que ele me segurou em seus braços.

Não conseguia sentir mais nada.

Não conseguia ouvir mais nada.
Instantes depois, não conseguia ver mais nada.

Grão-vizir

Imagens tremeluziam nas fronteiras da minha consciência e, embora eu tenha tentado retê-las, dissiparam-se antes de eu conseguir entender o que significavam. Meu corpo flutuava entre o sonho e a realidade. Aos poucos, acordei com o barulho de vozes. As imagens difusas tomaram forma e o objeto azulado e esbranquiçado à minha frente se transformou na visão muito próxima e familiar da camisa de Amon.

Estava escuro. Eu me achava deitada em uma espécie de cama ou mesa e, à medida que fui tomando consciência do ambiente à minha volta, percebi que estava olhando para uma lona. Era noite, e eu estava dentro de uma barraca.

Para meu horror, descobri que não conseguia erguer os braços nem as pernas. Estava paralisada. Era como ser enterrada viva. Comecei a entrar em pânico; o medo se alastrou por minha mente e me prendeu com garras que pareciam navalhas.

Antes que começasse a hiperventilar, supondo que eu fosse capaz disso, concentrei-me no que podia fazer. Vozes vinham lá de fora, portanto eu conseguia escutar, e meus olhos também pareciam estar funcionando de novo. Tentei piscar e, depois de uma ou duas tentativas, deu certo, embora eu continuasse sem sentir nada. Era como se meu corpo inteiro estivesse adormecido, de modo que passei vários minutos me concentrando em pequenos progressos. Primeiro mexer o nariz, em seguida o mindinho de uma das mãos, depois o da outra.

Após o que pareceram horas, consegui mover a cabeça para a esquerda. Tentar obrigar os músculos inertes a obedecerem à minha mente era um processo doloroso, mas acabou dando certo. Pelo menos a visão que tive foi agradável. Amon estava sentado ao meu lado, dormindo, a cabeça pousada nos braços dobrados sobre a beirada do que eu agora percebia ser uma cama.

Eu não conseguia falar, mas pelo menos podia olhar o seu belo rosto enquanto recuperava aos poucos o uso dos braços e pernas. Ele estava usando as mesmas roupas de quando tínhamos entrado na tumba, e, embora houvesse lavado o rosto e os braços, ainda tinha terra nos cabelos.

Os longos cílios se estendiam sobre as bochechas queimadas de sol, e dei-me conta de que, embora não houvesse como negar que Amon era um lindo deus do sol, eu na verdade o

preferia assim: com uma mancha de sujeira no pescoço, exausto depois de um árduo dia de trabalho e totalmente... humano.

Sequer percebi que estava esticando o braço antes de meus dedos tocarem seus cabelos. Na mesma hora, ele abriu os olhos.

– Lily? – perguntou, esfregando-os para espantar o sono e chegando mais perto. – Está me ouvindo?

Quando ele segurou minha mão, agora livre da poeira vermelha, aquiesci de modo quase imperceptível. Ele captou o movimento.

– Que bom. O doutor Hassan disse que você iria acordar logo. Vou buscá-lo.

Minha garganta se fechou na tentativa de chamá-lo de volta. Queria que ficássemos só os dois por enquanto – eu tinha tantas perguntas –, mas tive que reconhecer que haveria tempo para fazê-las mais tarde e, para ser sincera, não havia muita chance de eu pronunciar tão cedo nem uma sílaba sequer, muito menos uma pergunta completa.

Ouvi o farfalhar do pano da barraca e dois homens entraram junto com Amon. O mais velho pousou uma lamparina sobre a mesa ao meu lado e puxou um banquinho até a minha cama, em seguida tirou o chapéu de feltro branco da cabeça e o pôs sobre a mesa.

– Boa menina – disse ele com um forte sotaque, erguendo minhas pálpebras para examinar melhor meus olhos. – Sabia que você logo voltaria para nós.

Gostei da sua voz tranquilizadora. Ele parecia estar próximo da idade da aposentadoria e tinha uma farta cabeleira branca. Seus olhos castanhos brilhavam como chocolate derretido e sua pele era bem queimada de sol. Quando sorriu, reparei que tinha não só uma, mas duas covinhas. Amon se ajoelhou ao lado dele e o crivou de perguntas, a preocupação evidente em seu rosto. O homem assentiu com a cabeça, compreensivo, e respondeu pacientemente antes de se virar na minha direção.

– Meu nome é doutor Osahar Hassan, mas a maioria dos meus amigos americanos me chama de Oscar – falou. Então pegou minha mão e deu alguns tapinhas, mostrando as covinhas do rosto. – Gosto especialmente desse apelido moderno quando ele é usado por moças bonitas como você. Agora vamos ver como foi nossa evolução, sim? Pode tentar apertar a minha mão?

Eu bem que tentei, mas mal conseguia sentir a mão, quanto mais apertá-la. Mesmo assim, ele sorriu e falou:

– Ótimo! Excelente! Ela progrediu bem mais do que imaginei que progrediria, com a quantidade de toxinas que inalou.

Enquanto a minha mente processava a palavra *toxina*, Amon meneou a cabeça preocupado e perguntou:

– Quanto tempo vai demorar para ela se recuperar totalmente?

O Dr. Hassan levou a mão ao queixo e o coçou como se tivesse barba, sinal de que em algum momento provavelmente já tivera, mas dessa vez o resultado foi o som áspero de uma palma grossa esfregando um queixo que precisava ser barbeado.

– Eu diria que pela manhã ela já deve estar suficientemente recuperada para ir embora. Fiquem à vontade para passar a noite aqui na barraca.

Amon segurou o braço do médico e disse:

– Sua hospitalidade não será esquecida, doutor.

Com uma expressão marota, mas bondosa, o Dr. Hassan sugeriu:

– Quem sabe, enquanto esperamos, não podemos conversar mais um pouco sobre a sua opinião em relação a algumas coisas?

– Seria uma honra para mim – respondeu Amon.

Sinetas de alarme soaram na minha cabeça, mas eu não tinha como dizer a Amon que ficasse calado. Pelas coisas que conseguira ver na barraca quando não estava distraída olhando para Amon, calculei que aquele lugar fosse o acampamento de uma escavação arqueológica.

O Dr. Hassan não devia ser médico, mas sim doutor em egiptologia. Se Amon lhe revelasse coisas demais ou dissesse o que não devia, o estudioso poderia concluir que ele não nascera neste século e, paralisada, não havia muita coisa que eu pudesse fazer para impedir que eles o levassem embora para estudá-lo melhor ou, que os deuses egípcios não permitissem, fazer uma autópsia.

Parecendo perceber minha preocupação, Amon se virou para mim, tocou meu ombro e sussurrou:

– Ainda estamos no Vale dos Reis, em uma barraca perto do templo de Hatshepsut. – Quando formulei um protesto mental, ele acrescentou: – Psiu, Nehabet, vai ficar tudo bem.

Tudo bem coisa nenhuma! Estava tudo errado, muito errado, e agora estávamos diante dos inimigos de tudo aquilo que era desconhecido e diferente: cientistas. Eu não sabia como, mas tínhamos chamado a atenção de alguém com potencial para ser a pessoa mais perigosa do planeta: um homem capaz de entender quem e o que Amon era.

Minha teoria em relação à natureza do campo de estudo de Hassan foi confirmada quando ele apresentou seu assistente, o Dr. Sebak Dagher. Mais jovem, com a barba benfeita e um turbante colorido na cabeça em vez de chapéu, ele parecia bastante simpático, mas havia alguma coisa ávida na sua expressão. Talvez fosse apenas o fato de ser jovem e ter que provar seu valor.

Ver os dois juntos confirmou tudo: eram mesmo arqueólogos. Eu já deveria ter adivinhado ao ver o chapéu de feltro branco. O de Indiana Jones era marrom, e provavelmente todo arqueólogo tinha pelo menos um chapéu daqueles.

Os dois começaram a conversar amigavelmente com Amon. Eles não tinham chamado a polícia egípcia encarregada de lidar com turistas para nos acompanhar até fora da escavação, mas isso me deixou ainda mais desconfiada. Por que não haviam convocado um médico de verdade para me examinar? Com certeza devia haver um posto de primeiros socorros em algum lugar no Vale dos Reis.

Mesmo que não houvesse, eles deviam ter acesso a um hospital, e no entanto ali estava

eu, deitada feito uma rainha egípcia, com as mãos pousadas delicadamente sobre o peito enquanto "me recuperava". Os homens começaram a conversar em inglês, mas logo mudaram para o idioma local, o que me obrigou a um esforço constante para entender o que diziam apenas pelo tom de sua voz.

Os dois pareciam fascinados por Amon, mas não consegui detectar nele nenhuma hesitação ou medo, de modo que depois de algum tempo parei de tentar entender e simplesmente me concentrei em recuperar a sensibilidade nas pernas e nos braços. De tempos em tempos, Amon estendia a mão e envolvia meu braço com os dedos, o que fazia pequenas ondas de energia pulsarem pelo meu corpo.

Nenhum dos dois prestava atenção nisso, a não ser para se espantar com meu rápido progresso. Em determinado momento, o Dr. Dagher veio até o meu lado e explicou o que havia acontecido. Disse-me que, por falta de sorte, eu fora vítima de uma antiga armadilha criada para impedir ladrões de tumba de roubar artefatos.

Eu queria descobrir que tipo de toxina havia inalado, e por que ela ainda não tinha sido retirada de uma tumba recém-escavada. E queria muito saber o seguinte: se Amon fora encontrado ali, por que fora transportado para os Estados Unidos tão depressa? Por que seus vasos canópicos continuavam no Vale dos Reis? Por que ele havia sido tirado de seu lugar de descanso original, e por quem? No entanto, sabia que essas perguntas não podiam ser feitas àqueles desconhecidos.

Pelo olhar esquivo do Dr. Dagher, pude ver que ele estava guardando algum segredo. A maneira como o jovem doutor espiava Amon e seu mentor me dava a sensação de que ele preferiria mil vezes estar escutando a conversa deles do que bancando a babá de uma americana muda.

Depois de nos deixar por uma ou duas horas, os doutores Hassan e Dagher voltaram à minha cabeceira para ver como eu estava. Felizmente, ao verem que eu estava acordada, passaram a falar a minha língua.

– Como vocês foram parar no trecho interditado do templo? – indagou Hassan a Amon. – E onde entraram em contato com a toxina?

Amon mentiu com desenvoltura, mas sua mão apertou a minha com tanta força que até eu pude sentir; os músculos de seu antebraço estavam tensos.

– Estávamos inspecionando as tumbas mais próximas do templo quando Lily passou a mão por uma parede e a mão dela ficou coberta de pó vermelho. Nenhum de nós achou que fosse perigoso. Quando ela começou a sentir os efeitos, carreguei-a por vários corredores na pressa de sair das tumbas e acabamos indo parar no templo.

– Entendi. – O Dr. Hassan ergueu o chapéu e passou a mão pelos fartos cabelos brancos antes de recolocá-lo. – Vocês devem ter saído da capela superior de Anúbis, então.

– O senhor provavelmente tem razão.

– Depois você desceu com a moça até o primeiro pátio. O das colunas – explicou ele.

– Isso – respondeu Amon sem dificuldade.

Cravados em Amon, os olhos do Dr. Hassan brilharam, e entendi na hora que ele sabia que Amon estava mentindo.

– O senhor não está acreditando na minha história – observou Amon.

– Não – respondeu o Dr. Hassan com um sorriso afável. – Eu estava trabalhando no terraço superior quando reparei em pegadas de pó vermelho que saíam da capela da família real. Como essa parte está atualmente fechada e não existe nenhuma passagem externa que leve até lá, devo admitir que continuo esperando você me contar o que realmente aconteceu.

– Já contei o que o senhor precisa saber.

Por dentro, encolhi-me toda, esperando o sorriso desaparecer do rosto do Dr. Hassan. Imaginei que a raiva dele diante de nossa falta de cooperação fosse fazê-lo chamar as autoridades e mandar nos jogar dentro de uma cela úmida reservada especialmente para quem roubasse importantes relíquias históricas. Em vez disso, porém, o egiptólogo, ao lado de seu protegido, se recostou e mudou de assunto.

– O templo no qual vocês entraram é provavelmente um dos mais famosos monumentos do Egito. Foi construído por uma faraó mulher chamada Hatshepsut. Já ouviram falar nela?

Amon fez que não com a cabeça.

– Não especificamente. Não sei de nenhum faraó mulher.

– Existiram alguns, mas poucos deles tiveram um reinado tão longo quanto o de Hatshepsut. Ela reinou por quase 22 anos, patrocinou as artes e mandou construir lindos edifícios, mas depois da sua morte outros faraós tentaram apagar os vestígios de seu reinado. Estátuas foram destruídas e monumentos, desfigurados. Muitos teorizam que isso foi feito para impedir as pessoas de lembrarem que Hatshepsut, uma mulher, havia liderado o Egito com sucesso, mas eu acredito que o responsável por corromper os feitos dela tenha sido o culto a Seth.

Pude ver que Amon ficou curioso na hora.

– Vocês têm alguma prova disso? – indagou.

– Sim e não. A maioria dos egiptólogos descarta a ideia de que exista ou tenha existido um culto de veneração a Seth, deus do caos, mas todos concordam que Hatshepsut tinha fascínio por leoas. Na realidade, a história do nascimento dela conta que ela nasceu na cama de uma leoa.

– O que uma afinidade com leões tem a ver com o deus do caos?

– Ah. – Os olhos do egiptólogo brilharam. – Aí está a questão, não é? – falou, enigmático, antes de prosseguir, ignorando por completo a pergunta de Amon: – Minha pesquisa indica que ela talvez tenha entrado para uma seita secreta depois de uma viagem ao nordeste da África para visitar o rei de Punt. Voltou trazendo muitos presentes, entre eles marfim, ouro, pés de mirra e olíbano, e ébano. Mas eu acho que a sua visita teve outro motivo, e não foi um motivo político. Quando ela estava se preparando para voltar para casa, foi presenteada com dois filhotes de leão, duas fêmeas, que criou como animais de estimação.

– Isso quer dizer que Hatshepsut foi uma mulher corajosa, mas acho que não estou entendendo por que isso o levaria a concluir qualquer coisa fora do normal – comentou Amon.

– E você tem razão. Em circunstâncias normais, eu concordaria. Hatshepsut com certeza não foi o primeiro nem o último membro da família real egípcia a desenvolver afinidade com uma criatura perigosa. Mas eu acho que talvez essa história tenha outro significado.

– Qual? – indagou Amon, serenamente.

– É polêmico, mas encontrei sinais que indicam que Hatshepsut tinha ligações especiais com a esfinge. Sabemos, por exemplo, que antigamente uma avenida de esfinges margeava o caminho que conduzia ao seu templo mortuário. Alguns registros encontrados na África mencionam as pequenas leoas dadas de presente a Hatshepsut, mas um deles afirma, sem margem para dúvida, que "A Leoa" vinha da África.

Ele fez uma pausa antes de continuar:

– Trata-se de uma referência à misteriosa líder de um grupo secreto chamado Ordem da Esfinge, uma seita muito controversa, sobre a qual quase nunca se fala e que muitos estudiosos descartam como um conto de fadas. Na minha opinião, a ordem não só existiu como Hatshepsut talvez tenha sido nomeada sua líder durante essa viagem para visitar o rei de Punt.

Amon esfregou o rosto.

– Interessante. Por que acha que ela era a líder, e não apenas uma integrante?

– Bom, o simples número de estátuas que enfeitavam a avenida das esfinges já era uma indicação de seu respeito por essa criatura. Além disso, o templo dela era cercado por pés de mirra e olíbano, indício da importância daquela viagem à África. – O Dr. Hassan olhou para mim. – Existe uma estátua dela na forma de esfinge no seu Metropolitan Museum, em Nova York.

Eu arfei. A necessidade de acertar um chute em Amon e lhe dizer que precisávamos dar o fora daquela barraca era urgente, mas tudo o que consegui fazer foi soltar um leve gemido. Amon apertou minha mão e perguntou se eu estava sentindo alguma dor. Fiz que não com a cabeça enquanto lhe gritava mentalmente que estávamos correndo perigo, mas, se ele entendeu meu recado, ignorou.

Minha mente racional me dizia que era improvável que o Dr. Hassan soubesse alguma coisa sobre o lugar de onde eu vinha. O fato de ele ter mencionado o Met devia ser mera coincidência, mas era difícil ignorar as minhas suspeitas. Ele parecia saber mais sobre nós do que nós sobre ele, e isso me deixava muito pouco à vontade.

– Por favor, doutor, continue – pediu Amon.

– A estátua do museu nova-iorquino retrata Hatshepsut como esfinge: seu lindo rosto está enfeitado com a barba postiça cerimonial e o arranjo de cabeça que simbolizam seu poder; seu corpo é o de uma leoa. Ela foi uma mulher poderosa e bela. Uma das inscrições

do templo diz que "nada era tão lindo quanto olhar para ela; seu esplendor e sua forma eram divinos. Ela era uma donzela, bela e cheia de vida".

– Ela agora está... – Amon hesitou – ... sob o vidro?

– Ah, está perguntando se seria possível vê-la?

Amon assentiu com a cabeça e engoliu em seco. Provavelmente nem tinha certeza se queria saber a resposta.

– Depende de para quem você pergunta – disse o Dr. Hassan. – O lugar do descanso final de Hatshepsut deveria ter sido junto do pai, Tutmósis I, mas é provável que ela tenha sido transferida. A maioria dos egiptólogos acredita que ela foi encontrada na tumba da ama de leite, mas eu não concordo. A múmia descoberta nessa tumba foi identificada como Hatshepsut, mas encontrei indicações de que seu último lugar de descanso talvez seja em uma tumba totalmente diferente.

– Que... indicações são essas? – quis saber Amon.

– Bem – o Dr. Hassan inclinou-se para a frente –, encontrei um anel de sinete, uma estatueta de *shabti* com o nome dela inscrito e um tabuleiro de *senet* com peças entalhadas na forma de cabeças de leoa. A peça mais importante é a que chamo de trono da leoa, um assento dourado com os braços esculpidos à semelhança desse animal. Esses objetos não foram encontrados na tumba da ama de leite, Sitre-Re, mas em outro ponto do Vale dos Reis. No entanto, mais do que esses badulaques, sei que o templo funerário de Hatshepsut era dedicado a Amon-Rá. Embora externamente ela venerasse outros deuses, seu templo era um forte símbolo de sua verdadeira crença, pois na entrada, pela qual acredito que vocês tenham passado apesar de não quererem confirmar isso, fica a mais reverenciada...

– A Capela da Família Real – interveio o Dr. Dagher.

– Sim. Mas esse não é o nome completo da capela. O nome completo, que antigamente era secreto, é Capela de Amon e da Família Real.

Amon se recostou na cadeira.

– Quer dizer que a capela era compartilhada. Dedicada à família real...

– E ao deus do sol Amon-Rá.

Enquanto o egiptólogo continuava a explicação, flagrei seu protegido revirando os olhos. Era óbvio que as crenças do Dr. Hassan não eram compartilhadas por seu colega mais jovem.

Ou Osahar Hassan não reparou na expressão do Dr. Dagher, ou então não se importava, tamanho seu fervor em relação às próprias teorias.

– Já compartilhei com vocês minha crença de que Hatshepsut era líder da Ordem da Esfinge, mas o que ainda não disse é que a ordem era um grupo de elite de adoradores do deus do sol que, com o passar dos anos, se dividiu em duas facções: a Ordem da Esfinge, formada por mulheres, e seu equivalente masculino, os sacerdotes de Amon-Rá, comandados por um grão-vizir. – Ele cruzou os braços diante do peito e continuou em tom apaixonado: – Então vocês devem entender que, se ela era líder da ordem, isso a tornaria uma inimiga muito perigosa...

– Do culto a Seth – concluiu Amon.

– Sim. E explicaria por que tentaram riscar o nome dela das páginas da história. – O Dr. Hassan deu um suspiro. – Se Hatshepsut foi líder da sua ordem enquanto governou o Egito, faria sentido sua ordem transferi-la para outro lugar após sua morte, para ela poder continuar a cumprir seu dever até mesmo no além.

– E qual era o seu dever? – quis saber Amon.

Sem pestanejar, o velho egiptólogo respondeu:

– Servir ao deus do sol nascente. Como matriarca-chefe, Hatshepsut deve ter ensinado à sua ordem que o deus do sol nasceria para cumprir um objetivo específico, e que precisaria da ajuda de uma mulher especial que incorporasse o poder da esfinge. A localização dos pertences de Hatshepsut era sempre próxima de hieróglifos que representam o símbolo do sol, o símbolo de Amon-Rá. Minha teoria é que ela mandou construir sua tumba em um lugar especial, um lugar onde fosse garantido que, quando o deus do sol nascesse, ela seria a primeira a lhe dar as boas-vindas. Passei a vida inteira estudando as ordens secretas e o vínculo entre Hatshepsut e Amon-Rá, e acredito que os dois estão mais intimamente ligados do que podemos imaginar.

Minha mente febril processou aquelas novas informações. *Quer dizer então que o lugar do descanso final de Hatshepsut ficava perto da tumba original de Amon? Ou seria da tumba em que tínhamos encontrado seus vasos canópicos?* Eu não vira nenhuma antecâmara, mas não estava procurando uma.

Talvez a rainha-faraó tivesse encontrado a tumba de Amon anos antes, mas, pensando bem, dependeria de quando ela tivesse vivido. Vasculhei meu cérebro para tentar me lembrar das datas de alguns faraós egípcios, mas o máximo que consegui recordar foi o período aproximado do reinado do rei Tut, no final do século XIV a.C.

Não tinha certeza se Hatshepsut viera depois do rei Tut, mas, de toda forma, ela já devia estar morta havia muito tempo quando Amon despertara pela última vez. Seu despertar anterior devia ter acontecido na virada do milênio, por volta do ano 1000, ou seja, era provável que ele houvesse sido sepultado ali durante o reinado dela, de modo que era totalmente possível Hatshepsut conhecer seu lugar de descanso.

– Reconheço que poucos interpretam os achados da mesma forma que eu, mas, afinal, uma nova perspectiva pode conduzir a descobertas empolgantes – disse o Dr. Hassan. – Não concorda, *Amun?*

Meu coração gelou. *Ele pronunciou o nome de Amon como uma das formas do nome do deus egípcio. Ele sabe!* De alguma forma, o Dr. Hassan sabia sobre Amon! Admiti que devia ser minha paranoia que estava me fazendo tirar conclusões precipitadas, mas o modo como minhas entranhas se reviravam me informou que algo estava muito errado. E pior: o modo como o Dr. Hassan olhava para Amon me fazia pensar que ele estava tentando encurralá-lo e obrigá-lo a revelar alguma coisa.

– É Amon – corrigiu a encarnação viva do deus do sol.

– Perdão – desculpou-se o ardiloso arqueólogo com um sorriso de quem não lamentava nada.

Mais uma vez, desejei que Amon entendesse por que estar ali era perigoso. É óbvio que ele se considerava invencível. Por que os homens confiavam tanto em si mesmos a ponto de perderem o bom senso?

Amon brincou com meus dedos.

– É uma teoria interessante.

– Acredito que seja verdade. Hatshepsut foi uma mulher linda. A Ordem da Esfinge só aceitava mulheres de grande beleza.

O Dr. Hassan olhou para mim com um estranho ar de interrogação, como se de alguma forma eu pudesse corroborar sua teoria. O melhor que pude fazer foi dar de ombros levemente e torcer para que ele não detectasse o pânico nos meus olhos.

Como se estivesse desesperado para nos fazer compreender, ele continuou:

– A múmia descoberta na tumba da ama de leite tinha diabetes. Morreu de câncer nos ossos, tinha artrite e dentes ruins. Essa múmia não é Hatshepsut. Tenho certeza! – exclamou ele, arrebatado.

O Dr. Dagher deu um passo à frente.

– Osahar, você precisa se acalmar. De nada adianta se alterar por causa disso. Essa teoria fez você perder prestígio na comunidade arqueológica. Se quiser recuperar todos os seus direitos, precisa pelo menos tentar aceitar que as conclusões deles estejam corretas.

O Dr. Hassan respirou fundo e abriu um breve sorriso para seu discípulo.

– Sim, Sebak, obrigado. – Ele deu uns tapinhas na mão do rapaz e suspirou. – O que eu faria sem o seu apoio, hein?

Sebak sorriu.

– Estremeço só de pensar no que você faria sem mim.

Quando o cientista mais jovem se retirou, reparei que não havia nenhum calor no seu sorriso.

– Desculpe chatear vocês dois com as minhas ideias – murmurou o Dr. Hassan.

– Sem ideias, muitas descobertas permaneceriam escondidas – opinou Amon. – Acredito que talvez a sua teoria tenha um fundo de verdade.

A expressão de melancolia do Dr. Hassan se transformou de repente em um sorriso e ele meneou a cabeça, agradecido.

– Obrigado. Uma mulher como Hatshepsut possuiria uma tumba digna dela. Teria sido enterrada junto com suas amadas leoas, e teria uma sala do tesouro cheia de joias, móveis, tecidos, flores, livros. Continuarei a procurá-la. – Ele deu de ombros. – É essa a missão da minha vida. Ela me chama através dos séculos, e não vou abandonar minha busca.

Um silêncio caiu sobre a barraca quando ele pediu licença e saiu.

Agora que estávamos sozinhos, eu queria desesperadamente conversar com Amon, mas

meu corpo me traiu. Consegui me mexer um pouquinho e grunhir, mas ele pôs a mão no meu ombro e sussurrou:

– Não acho que esse homem queira nos fazer mal.

Eu queria gritar que um homem desesperado por respostas seria capaz de qualquer coisa para tê-las. No mínimo, eu queria conversar com Amon sobre seus jarros da morte e o que significava o fato de eles terem se quebrado, mas ele se inclinou na minha direção e encostou os lábios na minha testa.

Como no caso do beijo refrescante que ele tinha me dado no túnel, uma espécie de magia se alastrou pelo meu corpo quando seus lábios tocaram minha pele. Em vez de um efeito refrescante, porém, meus olhos e membros tornaram a ficar pesados, e as preocupações que atormentavam minha mente pareceram menos importantes. Antes de eu me entregar ao toque sonífero de Amon, ele falou baixinho:

– Agora descanse. Amanhã de manhã você vai estar bem.

Quando acordei com a luz do sol brilhando forte através das minhas pálpebras, tive a impressão de que só uns poucos instantes haviam se passado. Devagar, pisquei os olhos até abri-los e reparei na lona da abertura da barraca tremulando ao vento e deixando entrar uma faixa de luz que caía sobre o meu rosto, aparecendo e tornando a desaparecer.

Senti o cheiro do ar gelado da manhã no deserto misturado ao aroma de carne na frigideira e fiquei com a boca cheia d'água. A fome revirou minha barriga e, quando fiz força para me levantar, testando cada articulação e cada músculo, perguntei-me se meu aparelho digestivo estaria preparado para o desafio de um café da manhã com uma carne desconhecida.

Amon deve ter escutado minhas tentativas de me levantar e entrou para me ajudar. Apoiada no braço dele, andei lentamente até a fogueira onde a comida estava sendo preparada e aceitei uma generosa porção do que parecia ser apresuntado com ovos.

Depois que comi e de Amon parecer convencido quanto à melhora da minha saúde, ele começou a justificar a nossa partida. Na mesma hora, o Dr. Hassan pediu a seu discípulo:

– Sebak, você se importaria em avisar ao grupo que vamos encontrar no templo que tivemos um ligeiro atraso hoje de manhã?

– Claro que não, Osahar.

O Dr. Dagher seguiu na direção de uma duna e logo desapareceu. Quando Amon pôs minha bolsa no ombro e me enlaçou pela cintura para partirmos, tive a leve desconfiança de que aquilo não iria acabar bem.

Eu havia percebido que a minha bolsa estava muito perto do Dr. Dagher quando estávamos sentados junto à fogueira, e me perguntei se ele a teria revistado. Ponderei quanto

teríamos que nos afastar antes de Amon conseguir nos tirar dali com uma tempestade de areia, se é que lhe restava energia suficiente para tanto.

Eu tinha muitas perguntas que, sabia, precisaria aguardar para fazer, então comecei a catalogá-las mentalmente, torcendo para não esquecer nada importante. Despedimo-nos, e tínhamos começado a descer o caminho em direção às bilheterias de turistas quando o Dr. Hassan perguntou algo que nos fez estacar no lugar.

– Quantos dias faz que despertou, Magnífico?

PARTE II

Murmúrios de alarme e medo percorreram a multidão quando o rei Heru terminou seu discurso. Houve gritos pedindo que os três príncipes fossem salvos, enquanto outros levantaram a voz para dizer que os filhos deviam ser sacrificados. Uma das rainhas, sentada em um trono próximo, gritou e caiu de joelhos. As outras duas a abraçaram, e seus soluços foram se disseminando pela multidão.

Pessoas avançaram, procurando romper a linha de soldados. Acenando com os braços, berraram, tentando se fazer ouvir acima da gritaria, mas os três reis não lhes deram atenção. Pesarosos, encararam as esposas e então se viraram para os filhos, que conferenciavam em voz baixa.

Como se fossem um só, os três rapazes se aproximaram do tablado em que seus pais estavam. O filho de Heru se dirigiu à multidão em voz alta:

– Nós três concordamos em ser sacrificados para proteger nossa terra. Com a bênção de nossos pais, faremos o que pede o formidável deus Seth.

O povo respondeu com um silêncio estupefato de apenas alguns segundos antes de encher novamente o ar de perguntas, gritos de protesto e lágrimas.

Heru levou a mão ao ombro do filho e disse:

– Não estou lhe pedindo isso. Na verdade, preferiria morrer mil mortes a ter que suportar a perda de alguém que amo tanto quanto você. – Ele se virou para a multidão. – Pergunto a vocês, meu povo: é seu desejo que acatemos essas demandas? Devemos permitir ao deus Seth nos privar de nosso futuro?

Embora algumas pessoas assustadas defendessem o sacrifício, ficou evidente que a maioria queria salvar os príncipes, por mais alto que fosse o preço.

Heru se dirigiu à multidão:

– O povo falou. – Sua mulher se aproximou e ele segurou a mão dela, secando suas lágrimas enquanto tornava a afirmar: – Vamos dar outro jeito.

Enquanto as rainhas iam até seus filhos e as famílias iniciavam um debate, o sacerdote Runihura emergiu das sombras das cortinas e passou a entoar um cântico em tom baixo e ameaçador. Da cortina atrás dele começou então a sair um grupo impressionante de sacerdotes. Todos tinham os olhos negros e se moviam como se fossem uma só criatura, com as cabeças viradas na direção de Runihura. Seguravam adagas de aspecto perverso, que ergueram à medida que se aproximavam das famílias reais.

Mulheres na multidão gritaram quando Runihura, com gestos lentos, invocou uma nuvem

de fumaça preta à sua volta. Seu semblante ficou sério e nuvens raivosas se juntaram no céu azul até cobrir o sol.

– Tolos! – bradou ele com o som de mil tambores, fazendo um eco assustador reverberar em todos os corações. Raios atingiram o chão perto dele e outro rosto ocultou os traços do sacerdote. – Minha ira vai se derramar sobre vocês! Eu lhes dei uma chance de me prestar homenagem, mas vocês se voltaram contra mim. Saibam que tirarei a vida dos seus rapazes. Vocês vão pagar pelas ofensas que me infligiram!

Runihura enfiou os dedos nos próprios olhos e arrancou das órbitas dois globos sanguinolentos. Diante do povo horrorizado, esmagou os dois globos oculares nas mãos e as abriu em seguida; uma nuvem de luz se ergueu de cada palma. A luz ondulou no ar feito uma cobra e, com as bocarras abertas, um dos arcos luminosos voou na direção do filho de Nassor, outro na direção do filho de Khalfani.

A luz perfurou suas testas, e os rapazes gritaram enquanto a magia negra os erguia do chão e os atirava do outro lado do templo. Quando os reis acorreram aos príncipes atingidos, o filho de Heru sacou a espada e partiu para cima do sacerdote maligno. O templo, antes pacífico e imaculado, virou uma confusão caótica de espadas em choque, gritos e sangue.

O filho de Heru ergueu a espada, mas, antes de brandi-la, perguntou:

– Por quê? Nós veneramos Seth. Fizemos o que ele nos pediu. Por que você fez isso?

Chamas ardiam nas órbitas vazias do sacerdote de Seth, que, com um sorriso de crocodilo, respondeu apenas:

– Pelo caos. O Egito já foi uma nação rebelde e poderosa, mas eu o capturei, domestiquei e o obriguei a ser complacente. Durante vinte anos, cuidei dele e lhe fiz todas as vontades. E agora conduzi o Egito domesticado ao altar. Está na hora de jogar gordura no fogo, de fazer um sacrifício derradeiro que aniquilará para sempre a sua nação outrora poderosa.

Sem suportar mais escutar aquilo, o filho de Heru mergulhou a espada no peito do traidor, mas o homem agonizante apenas segurou a lâmina e riu enquanto desabava de joelhos no chão.

– Runihura era só um mensageiro – disse o sacerdote possuído. – Um discípulo dedicado, sim, mas – ele fez uma pausa e gesticulou para que o filho de Heru chegasse mais perto – outros vão surgir para ocupar o seu lugar. Cá entre nós, jovem príncipe, o mundo tal como você o conhece vai acabar. Vocês três são as chaves, e de uma forma ou de outra irão se submeter, baixar a cabeça e me obedecer. – Deliciado com a expressão horrorizada do príncipe, Runihura começou a rir, enlouquecido, mas o som logo se dissipou quando ele desabou inerte no chão do templo.

Depois de liquidar os outros sacerdotes possuídos, os soldados cercaram o filho de Heru, que havia se abaixado sobre um dos joelhos para escutar melhor Runihura. O príncipe agarrou a túnica do maligno.

– Como assim? Que envolvimento meus irmãos e eu temos nisso? – perguntou ele.

Com uma voz chiada, Runihura respondeu:

– Acho que vocês vão descobrir sozinhos muito em breve. – O discípulo de Seth levou os dedos ensanguentados à testa. – Eu voltei meu olho da vingança na sua direção – disse ele com uma voz áspera para o rei Heru, que finalmente os havia alcançado. – Saiba o seguinte: não estou exigindo apenas a vida dos seus três filhos reais, mas a de todos os jovens do Egito.

À beira da morte, o sacerdote reuniu o que lhe restava de forças e cuspiu. Sangue e saliva se espalharam pela face do rei e salpicaram de vermelho suas vestes brancas.

Num rompante de cólera, o rei Heru partiu para cima do sacerdote e cravou a adaga no seu pescoço, e ele enfim sucumbiu à morte.

O filho de Heru deixou o corpo cair no chão e estava prestes a se levantar quando viu uma luz brilhando no meio da testa de Runihura, onde se localizaria um terceiro olho. Antes de o rei poder reagir, a luz saiu voando na direção de seu filho feito uma cobra e perfurou-lhe a testa. Com um breve grito de agonia, o rapaz desabou nos braços do pai.

O sacerdote maligno estava morto, derrotado, mas o custo fora a vida dos três jovens príncipes, um preço maior do que suas famílias conseguiam suportar. Heru, porém, era o rei, o que significava que precisava deixar de lado o sofrimento e tentar descobrir uma forma de ajudar seu povo. Embora Runihura estivesse morto, o rei não era tolo. Levaria a sério o aviso sobre os jovens do Egito.

Todos, reis e soldados, rainhas e criadas, escribas e agricultores, caíram de joelhos e começaram a rezar. No entanto, não rezaram para aquele que havia causado a destruição dos jovens príncipes. Em vez disso, as rainhas incentivaram o povo a buscar a ajuda dos deuses que haviam abandonado tempos antes. E ao raiar o dia seguinte suas preces foram atendidas.

Tempestade de areia

Amon ficou imóvel. Eu, que tinha lhe dado o braço, cravei os dedos na carne de seu antebraço, apavorada com o que iria nos acontecer agora que tínhamos sido descobertos.

– Está supondo muita coisa... Grão-Vizir – respondeu Amon em voz baixa.

Arquejei, trêmula. Já desconfiava que Osahar Hassan fosse mais do que aparentava, e pela falta de resposta atrás de nós entendi que a afirmação de Amon estava correta. O doutor tinha um papel muito maior a desempenhar do que o de simples arqueólogo.

Ergui os olhos para Amon e reparei que seu maxilar estava contraído. Ele ainda não tinha se mexido, e eu não sabia como agir.

– Venha, então – ordenou Amon.

Um movimento desesperado de pés se seguiu, e instantes depois o homem mais velho se jogou aos pés de Amon. Quando o arqueólogo levantou a cabeça, sua expressão era de puro assombro.

– Eu sabia! – disse o Dr. Hassan, e logo tornou a baixar os olhos em uma postura submissa. – Nenhum dos outros acreditava nas histórias antigas. Mas eu jamais duvidei! Vê-lo despertar na minha geração é... é uma bênção maior do que jamais ousei esperar!

– Seu discípulo Sebak também é membro da ordem?

– Sim, mas entrou faz pouco tempo. Ele vai ficar muito feliz; *todos* vão ficar empolgadíssimos!

– Dividiu com ele seu conhecimento em relação à minha identidade?

– Não, Mestre. Não quis dizer nada antes de ter certeza.

Amon segurou a mão do Dr. Hassan e o ajudou a se levantar.

– Quero que guarde segredo por enquanto – falou. – Pode fazer isso?

– Sim, Magnífico.

– Em primeiro lugar, não deve me chamar assim. É óbvio demais. Por favor, continue a me chamar de Amon.

– Sim, Mes... Sim, Amon.

– Muito bem.

Amon recompensou o doutor com um sorriso, e não pude deixar de ficar maravilhada com a adoração que o Dr. Hassan estava demonstrando, como se ele fosse um herói. Olhei

rapidamente para Amon; embora ele parecesse lidar com seu papel de deus que vive entre os homens como se fosse algo trivial, pude ver que estava pouco à vontade. Perguntei-me se ele sempre havia se sentido assim ou se de algum modo as coisas agora eram diferentes.

Antes que pudéssemos dizer qualquer outra coisa, Sebak apareceu no alto da duna, e Amon segurou o Dr. Hassan pelo braço.

– Onde podemos encontrar o senhor... a sós? – sussurrou.

O Dr. Hassan levou a mão a um dos bolsos do colete cáqui e sacou um cartão de visita, que virou para poder escrever no verso.

– Tome – disse, entregando a Amon o cartão e um molho de chaves. – Esse é o meu endereço na cidade. Irei assim que puder. Mas, por favor, vão para lá e descansem quanto quiserem. Moro sozinho, então ninguém vai incomodá-los. Podem usar tudo o que precisarem.

Amon aquiesceu, pôs o cartão e as chaves no bolso, acenou para Sebak como se nada estivesse acontecendo, segurou meu braço com decisão e me guiou rapidamente para longe dali. Depois de contornarmos uma colina de areia, perguntei baixinho:

– Como você sabia?

– Que ele era o grão-vizir? Soube desde a hora em que ele apareceu no templo.

– Mas como?

– Não consegui controlar a mente dele.

– Eu nem sabia que você estava tentando.

– Estava. No início fiquei grato pela sua ajuda, mas depois, quando já sabia que você estava se recuperando, tentei forçar nossa partida. Ele não quis nem ouvir falar no assunto, embora eu tenha insistido da maneira mais veemente de que fui capaz.

– Quer dizer que você sabia do que ele estava falando? Entendeu aquela conversa toda sobre Hatshepsut?

– Lembra que contei a você como antigamente éramos homenageados com banquetes e cantos no dia do nosso despertar?

– Claro. Espere, está dizendo que são esses caras que faziam isso? – Movi o polegar por cima do ombro na direção dos homens que havíamos deixado para trás.

Amon assentiu.

– Até onde eu sei, a Ordem da Esfinge é nova, mas os sacerdotes, entre os quais o grão-vizir se inclui, existem há muitos séculos. Quando eu era príncipe, nossa família real tinha um vizir. Seu trabalho era servir ao rei. Quando Anúbis levou a mim e a meus irmãos, meu pai encarregou o vizir de cuidar de nós, ou melhor, de nossas tumbas, e ao longo dos séculos um vizir sempre foi responsável por isso. Ele sempre foi imune ao controle da mente. É uma bênção concedida por Anúbis. Só não sei com que objetivo.

– Então, se você sabia quem *eles* eram, por que não queria que soubessem quem *você* era?

Enquanto ele refletia sobre a minha pergunta, chegamos ao setor turístico. Sem sequer

usar seu poder de hipnose, Amon perguntou educadamente a um homem na rua:

– Onde podemos pegar um táxi? – Não falou *carruagem dourada*, mas sim *táxi*. Estava se adaptando bem depressa à vida no mundo moderno.

O homem apontou na direção de uma pequena praça.

– Aprendi a ser mais cuidadoso observando você – respondeu Amon, por fim. – Seja qual for o seu título, não é sensato simplesmente acreditar que uma pessoa vá ser sincera e franca. O *shabti* traidor foi um exemplo surpreendente de como precisamos ocultar nossa identidade. Temos que tomar o máximo de cuidado. *Principalmente* no que diz respeito a você.

– Como assim? Que história é essa? Aliás, pensando bem, por que vamos pegar um táxi?

– Embora eu pouco me importe com minha própria vida, não vou arriscar a sua. Você diz que está recuperada, mas ainda posso sentir o trauma que causei. Precisa de tempo para se curar. Além do mais, manipular um motorista é bem mais fácil do que viajar pela areia. Foi culpa minha você ter sido exposta à toxina, e não vou exigir mais nada de você por hoje.

– Culpa sua?

– Quando eu estava lutando com o *shabti*, ele soprou o pó vermelho para tentar me incapacitar, só que não deu certo. Meu corpo é imune a venenos.

– Mas o meu, não.

– É. Sinto muito, Nehabet. Eu me enganei quando parti do princípio de que o seu corpo também seria resistente por estarmos ligados, mas infelizmente não foi assim. Cometer um erro de juízo em relação ao *shabti* poderia ter sido uma lástima, mas cometer um segundo erro ao supor que você estava segura demonstra uma clara falta de raciocínio da minha parte. A sua companhia tem me deixado... distraído. Garanto a você que não vou cometer o mesmo erro outra vez.

– Dizem que errar é humano, Amon. Um erro ou dois só significam que você é igual a nós, mortais.

Ele olhou para o outro lado.

– Desejo de coração que isso seja verdade, mas infelizmente não é. Por mais que eu queira, Lily, não sou igual a um homem mortal. – Virando-se para mim, ele ergueu os dedos e acariciou meu rosto. – Por favor, acredite, eu não teria feito você correr perigo se soubesse.

– Tudo bem. Eu acredito.

Com um suspiro profundo, ele segurou minha mão. Ao sentir a culpa que o torturava, tentei distraí-lo:

– Falando nisso, obrigada por ter me salvado. Sei que foi você quem me fez seguir em frente. Eu adormeci mais depressa do que Dorothy no campo de papoulas.

– A toxina não era só uma poção sonífera – explicou Amon. – Basta uma dose mínima para fazer seu corpo parar de funcionar como se você estivesse mergulhada em um sono profundo, muito parecido com a morte. Se você inspirar muito fundo, ficar exposto por tempo demais, ou se a toxina penetrar por um corte na pele, pode matar.

– Tem certeza?

– Tenho. Tive que sugar o veneno do seu corpo para dentro do meu. Desconfio que esse tenha sido um dos motivos que levaram o Dr. Hassan a supor que eu fosse mais do que um simples mortal. Ele conhecia a toxina e tomou muito cuidado para não entrar em contato com ela. Usou luvas para removê-la da sua pele e em seguida jogou as luvas fora. Numa hora em que ele não estava olhando, eu consegui remover os vestígios residuais dos seus cabelos e das suas roupas.

– Ele conhecia? Mas ele falou que...

– Que você iria acordar.

– Ele tinha certeza de que eu não tinha inalado muito ou a confiança dele era por sua causa?

– Talvez uma combinação das duas coisas.

– Então ele correu o risco de não me encaminhar a um hospital para testar a teoria de que você salvaria a minha vida?

– Pelo visto, sim.

– É um fanático, mesmo – murmurei enquanto um táxi encostava. – Que sorte minha a teoria dele ter dado certo.

Amon entregou ao motorista o cartão do Dr. Hassan e lhe dirigiu algumas palavras antes de finalmente se acomodar ao meu lado.

– Que conversa foi essa?

– Eu só estava coletando umas informações úteis. – Ele se virou e me fitou fundo nos olhos. – Minha intenção é que você passe o resto do dia relaxando.

– Hum, tudo bem. O que você pensou em fazer exatamente? – perguntei.

Amon franziu o cenho.

– Acho que o melhor seria contratar umas mulheres para cuidar do seu banho.

Dando de ombros, peguei a mão dele e a acariciei no dorso.

– Que pena. Seria divertido ser atendida pelo meu próprio deus do sol particular.

Amon estreitou os olhos enquanto retirava delicadamente a mão.

– Eu não sou um deus do sol. Eu sou um...

– Eu sei, eu sei. Será que não dá para você fazer a minha vontade de vez em quando? – Suspirei. – Um banho de banheira parece uma ótima ideia, mas eu garanto a você que sou totalmente capaz de tomar banho sem criadas. Sinto muito por você ter que ficar tão perto da minha pessoa fedorenta.

Ele ficou alguns instantes em silêncio, e pensei que tivesse pegado no sono, mas então o ouvi dizer com voz suave:

– Na verdade, se eu pudesse engarrafar o seu cheiro de lótus e levá-lo comigo para percorrer o deserto, mesmo que estivesse com insolação, morrendo de sede e só quem pudesse me salvar fosse um xeique do deserto que quisesse ficar com o frasco para si, e mesmo que essa troca fosse me salvar a vida, eu não me separaria do seu cheiro nem por

todas as joias, sedas e riquezas do Egito e de todas as terras ao redor. Dizer que o seu cheiro é agradável para mim é um eufemismo dos mais vis.

As emoções que eu sentia virem dele estavam confusas. Arrependimento e um desejo profundo estavam misturados à frustração. Eu nem sequer consegui formular uma resposta para aquela declaração tão tocante. Homem nenhum falava assim. Pelo menos, não homens de verdade, de carne e osso.

O que ele havia acabado de me dizer era do mesmo nível romântico do valentão que pega a mocinha e sai cavalgando em direção ao sol poente. Não achei possível que ele estivesse mesmo falando sério.

– De onde você tirou essa? De dentro de algum sarcófago?

Amon deu de ombros, mas não olhou para mim.

– São meus sentimentos verdadeiros – admitiu por fim.

Estudei o rosto dele, mas não havia um pingo sequer de humor na sua expressão.

– Ah – falei, sem graça. – Bom, obrigada.

Amon deu um grunhido, recostou-se no assento e fechou os olhos. Não demorou muito para o motorista parar e apontar para uma bonita casa de estuque. Saltamos, e Amon não soltou meus dedos enquanto se inclinava pela janela para falar com o taxista. Como ele pareceu estar se demorando na conversa, agitei os dedos para largar os seus e peguei as chaves na sua outra mão. Ele me lançou um olhar breve de quem diz *não vá muito longe* e voltou para sua conversa.

Subi o curto acesso de carros que conduzia à casa, grata pelas árvores que sombreavam o caminho. Os altos sicômoros proporcionavam uma trégua não só do calor mas também da luminosidade ofuscante do sol. A casa de Osahar Hassan era pequena, com dois andares, cada qual com um beiral de telhas vermelhas sobrepostas.

Encontrei a chave certa, destranquei a porta e entrei. Apesar das muitas janelas amplas, o sol não batia muito forte lá dentro, de modo que o calor não era tão intenso. Quando olhei mais de perto, vi que as janelas estavam cobertas por um filme escuro que devia refletir os raios.

Embora vista de fora a casa parecesse limpa e imaculada, toda feita de linhas retas e telhas banhadas de sol, o interior era outra história. Todas as superfícies se mostravam abarrotadas com tesouros egípcios, de pergaminhos esfarelados cobertos por pinceladas coloridas a esculturas de grande porte. As bugigangas e os objetos estavam espalhados a esmo, sem qualquer preocupação estética, e a maioria precisava de uma boa espanada. Não soube dizer se eram réplicas ou originais, mas desconfiei que um homem encarregado de ser o grão-vizir de um grupo de sacerdotes com muitos séculos de existência devia ter acesso a coisas que as outras pessoas não tinham.

Estava agachada examinando uma linda estátua de gato quando Amon surgiu atrás de mim. Não fez barulho nenhum, mas àquela altura eu estava tão sintonizada com ele que

pude intuir sua presença. Senti seu calor como se o sol estivesse batendo nas minhas costas. Ele se ajoelhou ao meu lado e passou a mão na cabeça do gato.

– Os gatos são venerados no Egito – disse. – Alguns eram até treinados para caçar com seus donos, e capturavam pássaros ou peixes. Quando um felino muito amado morria, os donos em geral raspavam as sobrancelhas em sinal de luto.

– Que interessante – murmurei, agora mais concentrada no rapaz ao meu lado do que na estátua.

– É. Quando as sobrancelhas cresciam de novo, considerava-se que era o fim do luto.

– E você, agora que é um pássaro, ama ou odeia os gatos? – perguntei, levantando-me ao mesmo tempo que ele.

– Nenhum dos dois, acho.

Em um gesto ousado, estendi a mão e acompanhei o contorno de uma das suas sobrancelhas.

– Já amou alguma coisa o suficiente para raspar suas sobrancelhas em sinal de luto?

Ele segurou meu pulso, baixou meu braço com delicadeza e respondeu:

– Amar algo tanto assim seria um golpe cruel do destino para alguém que passa a maior parte da existência na Terra dos Mortos.

– Acho que seria mesmo. – Sem graça, levantei-me e percorri a estante como se estivesse examinando os artefatos, quando na verdade estava pensando sobre a vida muito estranha de Amon. – Para onde você vai? – indaguei baixinho. – Quero dizer, quando não está aqui na Terra?

Amon suspirou.

– Melhor não falar nisso, Lily.

– Mas eu preciso entender. Preciso saber por que você faz esses sacrifícios todos. Preciso saber se você é...

– Se eu sou o quê?

– Se você é *feliz* lá.

Amon passou a mão pelos cabelos e pousou-a na nuca antes de responder:

– Não sou... *infeliz.*

– Isso é bem vago.

– É difícil explicar.

– Por favor, tente.

Após pensar por alguns instantes, ele começou:

– Quando meu corpo eterno se transforma em... múmia, meu *ka*, ou minha alma, se separa dele e precisa trilhar os caminhos do além. Meu coração não é pesado na balança do juízo como o dos que vieram antes de mim, porque minha estadia no além não é permanente. Ainda não. Embora eu seja solitário, vago pelos séculos com relativo conforto.

– Como assim, “relativo”?

– Posso estar com meus irmãos, mas, como estamos comprometidos em servir ao Egito,

não temos autorização para recuperar nossos corpos e nos reunir de novo com as pessoas que amamos. Não: temos que passar os anos como guardiões dos portões do além.

– Quer dizer que não existe uma versão egípcia de paraíso para a qual você vai?

– Não entendo o que você quer dizer com “paraíso”.

– Um lugar onde você pode pôr os pés para cima, relaxar e curtir sua morte.

– Não. Não para mim e meus irmãos. Talvez um dia, quando nosso trabalho estiver concluído, possamos descansar de nossa missão.

– Você com certeza não deu sorte na distribuição dos deveres para os pseudodeuses egípcios. Não existe lugar para o amor no paraíso egípcio?

– Eu amo meus irmãos.

– Não é desse tipo de amor que estou falando.

Amon permaneceu calado por alguns instantes, e me perguntei se ele iria me responder quando o vi pegar uma estatueta e começar a girá-la nas mãos.

– Você conhece a história de Geb e Nut? – indagou.

– Não.

– Geb era o deus da Terra, e Nut a deusa do céu. Rude e musculoso, Geb era irredutível e firme como a própria Terra. Nut, por sua vez, era linda e etérea. Estrelas e constelações enfeitavam sua pele e os cabelos flutuavam à sua volta. Quando eles se viram, apaixonaram-se profundamente, e Geb decidiu que os dois tinham que ficar juntos. Nut sussurrou seus votos e os mandou para Geb na cauda de cometas. Em resposta, Geb esticou os braços ao máximo até finalmente tocar os dedos dela. Usando sua forma poderosa, ele invocou a gravidade da Terra e aos poucos os dois se uniram, embora soubessem que seu amor era proibido.

– Proibido por quê?

– Essa parte vem depois. Sei que você tem tantas perguntas quantas são as estrelas no céu, mas tente se controlar e escutar até o fim.

Dei um sorrisinho irônico.

– Você me conhece tão bem.

– É. Conheço, sim.

– Vou tentar. Mas não prometo nada.

Amon aquiesceu com a cabeça; seus olhos cor de avelã cintilaram.

– Depois de conseguirem se tocar, os dois permaneceram tão próximos quanto era possível. Geb envolveu com os braços a forma esguia de sua esposa secreta e a puxou para si. Quando ele ergueu os joelhos, montanhas se formaram, e Nut as cercou com as nuvens de sua roupa. Geb se apoiou em um dos cotovelos e Nut pousou a cabeça em seu peito, dando origem a colinas e vales envoltos em brumas. Quando eles riram, a terra tremeu e o céu trovejou. Na verdade, eles se encaixavam tão bem que logo ficou claro que não haveria lugar para a humanidade. Com o intuito de abrir lugar para os humanos, o pai de Nut, Shu, deus do ar, foi despachado para separar o casal.

– E o que aconteceu?

– O caos. Os namorados se agarraram um ao outro, mas Shu era poderoso e foi separando os dois aos poucos. Mandou ciclones e redemoinhos para se interpor a eles. A Terra tremeu, o céu se agitou e por fim aconteceu. Nut foi arrancada dos braços pesados de Geb. Ele podia ver a esposa flutuar acima dele, mas não conseguia mais tocá-la.

– Poxa.

– Nut chorou amargamente, e suas lágrimas se transformaram em tempestades e fortes chuvas que caíram sobre a pele do marido. Acumuladas nos vãos do corpo dele, as lágrimas salgadas formaram os oceanos, rios e lagos. As ondas cobriram o homem que ela amava, mas ele gostou de ter até mesmo esse pedacinho dela e aceitou de bom grado que parte de si fosse coberta pelas águas para sempre. É por isso que a água no Egito é considerada fonte tanto de caos quanto de criação: de caos porque é sinal de um amor destruído, e de criação porque simbolizou o início do domínio da humanidade sobre a Terra. A água primeiro desfaz, depois torna a criar.

– Eles nunca mais puderam se tocar?

– Ao longo das eras, Shu acabou tendo pena do casal e eles conseguiram permissão para se tocar nos quatro pontos cardeais. No sul e no oeste, seus pés se encostam, e no norte e no leste eles entrelaçam os dedos. Tirando isso, porém, nunca mais ficarão juntos. Se ficassem, significaria a destruição da vida tal como a conhecemos.

– Não acredito nisso.

Amon deu de ombros.

– É uma história que meu povo conta.

– Não é isso. O que eu quis dizer foi que não acredito que cumprir seu dever, realizar um objetivo na vida, signifique abrir mão da felicidade. Ninguém poderia ser tão cruel, nenhum deus.

Amon pousou a estatueta, que então reconheci: era Geb, deus da Terra, debaixo da esposa Nut, que pairava acima dele. O espaço entre seus dois corpos era largo e vazio.

– É preciso se sacrificar para que outros possam encontrar a felicidade – respondeu Amon em voz baixa.

Dei um passo na direção dele e levantei a mão para tocar seu rosto.

– Mas você também merece ter esse tipo de alegria na vida.

Amon envolveu minha mão com os dedos, levou-a aos lábios e depositou um beijo cálido no meu pulso.

– Muitos homens não conseguem o que querem durante sua existência mortal; muitos não obtêm aquilo que merecem. Quem sou eu para me considerar mais merecedor do que eles? Se eu estendesse a mão para agarrar a felicidade à qual você se refere, quantos sofreriam como resultado disso? Quantos morreriam? Quantos minguariam de dor e sofrimento? Não posso ser tão egoísta assim, Lily, por mais que eu queira.

Seus olhos, agora mais dourados do que verdes, mergulharam nos meus como se

estivessem me suplicando para entender. Ele queria que eu aceitasse aqueles conceitos antigos de dever e obrigação e desistisse, mas eu era uma garota moderna, e não iria ficar sentada feito uma princesa que precisava ser resgatada, sofrendo por algo que eu queria. Se sabia alguma coisa sobre o amor, era que valia a pena lutar por ele, mesmo que eu precisasse usar uma espada para protegê-lo. O milagre de encontrar o amor, o amor de verdade, era raro o suficiente para fazer o dever e a obrigação terem que se esforçar para enfrentar a concorrência.

Frustrada, arranquei a mão de dentro da de Amon.

– Eu não entendo. Sério. Geb e Nut, tudo bem. O fato de eles estarem juntos fisicamente esmagaria todo mundo, então imagino que isso não seja possível. Mas você? O que vai acontecer? Eles vão demiti-lo? Talvez seja até bom. Talvez esteja na hora de outra pessoa assumir essa coisa de salvar a humanidade. Você já serviu por tempo suficiente. Está na hora de saltar desse trem das múmias e viver um pouco, não acha?

– Lily, eu...

– Pense... pense um pouco. Vou tomar uma ducha rápida, e depois que tal a gente comer alguma coisa? Vamos fazer um banquete?

– Claro, Lily – respondeu ele.

Ao subir a escada, senti o cansaço dos dias anteriores me invadir. Eu precisava mesmo relaxar. Estava exaurida. O fato de estar me rendendo às emoções novamente era um sinal de que não me encontrava no meu estado normal, algo que vinha acontecendo desde que conhecera Amon, mas eu agora me sentia ainda pior.

Para meu deleite, encontrei um óleo aromático no banheiro. Quando o passei na pele, fui cercada pelo aroma suave de flores e almíscar adocicado. Era um perfume exótico, com um leve toque cítrico, delicado e sutil, mil vezes melhor do que o suor e a poeira com os quais eu havia me acostumado. Enquanto limpava o vapor do espelho depois do banho, fiquei pensando em Amon.

Ele agora era importante para mim. No início, o que me levara a segui-lo naquela aventura fora um misto de curiosidade e fascínio, mas, agora que eu tinha passado mais tempo com ele, percebia que não se tratava apenas disso. Eu não estava mais fazendo tudo aquilo em troca de aventura ou emoção. Estava gostando dele.

Por mais que fosse loucura, eu estava me apaixonando por um cara velho como o deserto. Um cara capaz de se transformar em falcão na hora em que quisesse. Um homem capaz de imprimir à areia qualquer formato que escolhesse. Um belo desconhecido que, pelo visto, tinha zero interesse no amor e punha as necessidades de todo mundo na frente das suas.

Eu me identificava com isso. Quantas vezes havia aceitado o que meus pais queriam mesmo sem ter nenhum interesse no que eles estavam fazendo? Quantos relacionamentos vazios tinha formado com gente que não dava a mínima para mim? Por quanto tempo mais iria negar a mim mesma o que realmente queria?

Encontrei Amon sentado à mesa da cozinha, desanimado, diante de um prato vazio. Montanhas de embalagens de comida para viagem se espalhavam à sua volta. Um cheiro apimentado de carne e legumes flutuou em minha direção, mas eu só tinha olhos para o homem com os cotovelos apoiados na mesa, segurando a cabeça com as mãos.

Aproximei-me por trás dele e toquei seu ombro.

– O que houve? – perguntei. – Está sem fome?

Ele cobriu minha mão com a sua e me puxou para que eu me sentasse ao seu lado.

– Como está se sentindo? Renovada?

– Sim – menti, abrindo-lhe o meu melhor sorriso.

Amon segurou meu queixo e examinou meu rosto.

– Sua pele está pálida, quente demais, e você emagreceu.

– Quando eu voltar para casa, todas as garotas vão querer experimentar a nova dieta do deus egípcio. "Banquetes liberados, contanto que você aceite doar seus órgãos."

Ri sem vontade da minha própria piada, mas Amon sequer esboçou um sorriso.

Ele soltou minha mão e tornou a segurar a cabeça.

– O que está acontecendo? – indaguei. – Foi a briga com o *shabti*? Ainda está se sentindo fraco?

– O falcão dourado me fortaleceu, jovem Lily. Não é com a minha saúde que você deveria se preocupar.

– Então é por causa dos outros jarros? Estavam todos quebrados, não é?

– Sim.

– Muito bem, então qual é o próximo passo?

– Não tem próximo passo.

– Bom, a gente ainda pode encontrar seus irmãos, certo? Vai ficar tudo bem, você vai ver. Mesmo sem todos os seus poderes, tenho certeza de que vai conseguir fazer o que precisa.

– Não, Lily, você não está entendendo. Sem os meus jarros, vou continuar a sugar sua energia.

– Então vamos agir mais depressa. Pelo menos um jarro você conseguiu recuperar. Já é alguma coisa. Vamos buscar seus irmãos o mais depressa possível. Você não pode perder a esperança.

– Esperança – zombou ele. – Esperança para quem? De quê?

– De um amanhã melhor, para nós dois. Esta história ainda não terminou. Não conclua que a situação não tem mais jeito. Vamos nos concentrar em uma coisa de cada vez. Agora sabemos que os seus jarros foram destruídos, então vamos nos preocupar com os seus irmãos.

– Meus irmãos. Pode ser – murmurou ele. – Talvez os meus irmãos possam mesmo ajudar. Um deles é curandeiro.

– Viu? Pronto. Já está pensando em outras possibilidades.

– A maior possibilidade de todas é que eu venha a causar sua morte, jovem Lily. Teria sido melhor para você nunca termos nos conhecido.

– Ei. – Arrastei a cadeira um pouco mais para perto dele. – É difícil matar uma nova-iorquina decidida. Ninguém nunca disse isso a você? Além do mais, se eu não o tivesse conhecido, minha vida teria sido de uma chatice inacreditável.

– Melhor levar uma vida chata do que sucumbir ao sono eterno.

– Você com certeza leva jeito com as palavras. Sono eterno, na verdade, até que soa bem neste momento.

– Sim. Você deveria descansar. Vá dormir, Lily. Eu a acordo quando o doutor Hassan voltar.

– Vou fazer um trato com você. Eu durmo, contanto que você coma. Aqui está cheio de comida, mas você nem tocou em nada, não é?

– Fico sem apetite quando você não está bem.

– Bom, até os semideuses precisam de alimento, então coma. Espero que pelo menos metade disso tenha sumido quando eu voltar.

– Está bem, Lily. Concordo com os seus termos. Se você descansar, eu como.

– Ótimo. A não ser, é claro, que você por acaso queira descansar comigo... – Amon arqueou uma sobrancelha, indicando que isso não era sequer uma possibilidade. – Ah, bom, não custa nada tentar. – Dei um suspiro.

– Durma bem, Nehabet.

– Bom apetite, Amon.

Acordei com a sensação dos dedos dele afastando os cabelos do meu rosto.

– Amon?

– Estou aqui, Lily. O doutor Hassan chegou.

O quarto estava escuro.

– Sério que dormi tanto assim?

– Seu corpo precisava descansar.

Sentei-me na cama e senti um cheiro de sabonete. Amon estava de cabelo molhado e tinha trocado de roupa. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria abraçá-lo, encostar os lábios no seu pescoço e deixar seus cabelos molhados fazerem cócegas no meu rosto, mas sabia que ele queria manter distância. Embora eu entendesse perfeitamente o seu raciocínio, ele não me agradava nem um pouco. Afastei as cobertas e segurei sua mão.

– Vamos falar com ele.

Amon me conduziu até o terraço, onde encontramos o Dr. Hassan bebericando um líquido gelado à luz de uma lamparina. Ao me ver, ele pousou o copo sobre a mesa na mesma hora.

– Aí está você, minha querida. – Abriu os braços e indicou o amplo terraço. – O que acha do meu templo particular?

– Faltam as colunas – respondi, seca.

– Pelo contrário. Eu sou encarregado de cuidar da personificação celeste dos deuses. Existe forma de adoração melhor do que criar um santuário ao ar livre, sem telhado, para eu poder fazer minhas observações diretamente sob o sol, a lua e as estrelas? É lindo, não é?

Tive que reconhecer que o céu noturno era de tirar o fôlego. Era fácil entender por que os povos antigos buscavam orientação e inspiração nas constelações cintilando lá no alto.

O Dr. Hassan interrompeu meus pensamentos:

– Está totalmente recuperada, senhorita?

– Quase. Mas ouvi dizer que não devo isso ao senhor – falei, ainda desconfiada e querendo colocá-lo no seu devido lugar por ter permitido que o seu fervor superasse o bom senso.

O Dr. Hassan teve a decência de se mostrar envergonhado:

– Sim. Bem. Eu estava muito confiante.

– O senhor pôs minha vida em risco com base em uma teoria.

– Mas a minha teoria estava certa.

– Eu poderia ter morrido.

– Já estaria morta – afirmou ele, direto.

– O quê? Como assim?

Inclinando-se para a frente, uniu as mãos e apontou para uma cadeira.

– Por favor. Sente-se.

Depois de Amon e eu nos acomodarmos e de o doutor pousar na nossa frente uma bandeja de bebidas geladas, demorei-me um instante avaliando-o mais uma vez. Estava decidida a ter muita cautela antes de confiar nele. Embora Amon fosse capaz de fazer muitas coisas sozinho, sabia que ele também estava contando com a minha sagacidade moderna, e não queria decepcioná-lo.

O ar estava quente, mas a leve brisa que trazia um cheiro de chuva do deserto e flores noturnas me refrescava o suficiente para proporcionar algum conforto, mesmo com o calor do braço de Amon em torno dos meus ombros – eu não sabia se esse contato tinha conotação romântica, se era para me reconfortar ou apenas para acompanhar o meu estado de saúde, mas, qualquer que fosse o motivo, eu o aceitava de bom grado. Se o Dr. Hassan não estivesse ali e a nossa situação não fosse tão urgente, eu teria apreciado um jantar romântico no terraço. Nas atuais circunstâncias, porém, precisava me concentrar em outras questões.

– Por que não começa contando como nos encontrou? – sugeri ao Dr. Hassan.

– Quando o doutor Dagher e eu topamos com vocês, dizer que ficamos chocados seria pouco. O Magnífico... – Amon o encarou, e ele se corrigiu: – Amon... – dava para ver por sua expressão que dizer esse nome não era o certo para ele – Amon estava coberto com o pó, mas não tinha sido afetado. Estava com os lábios encostados no seu pescoço, o que significa uma sentença de morte, já que a toxina cobria seu corpo em vários lugares. Entendi na hora o que significava aquilo. Esse pó com o qual vocês entraram em contato não é usado há séculos, mas existem registros dele. O fato de o terem encontrado no Vale dos Reis era incrível, para não dizer outra coisa.

– Pelo visto o senhor estava mais interessado na descoberta do pó vermelho do que em providenciar o cuidado de que precisávamos – comentei.

– É claro que eu estava interessado no pó. Sou *arqueólogo*, afinal de contas. Quanto à ajuda de que vocês necessitavam, eu já sabia que era tarde demais. Concluí que, se já não estava morta, morreria em poucos segundos. No entanto, você continuou a respirar, e Amon finalmente demonstrou que estava ciente da nossa presença. Embora tenha percebido nossa chegada, estava completamente absorto cuidando de você.

– Hum.

– Eu me aproximei de vocês e, como eu não mais o segurava, o doutor Dagher saiu correndo e acusou Amon de desfigurar o templo e levar o pó até lá. Acho que ele pensou que vocês estivessem drogados. Mas eu tive acesso a coisas, histórias e informações a que ele não teve, então entendi na hora o problema com o qual vocês estavam lidando. Reconheço que fui egoísta ao mantê-los na minha barraca. Não podia deixar Amon ir embora. Não sabendo, com absoluta certeza, *quem* ele era.

O Dr. Hassan lançou um olhar rápido na direção de Amon.

– Os outros nunca acreditaram em mim, mas, quando eu era rapaz, tive a visão de que um dia iria testemunhar o seu despertar. Sou o homem mais sortudo que existe! – exclamou ele, e a chama do fanatismo tornou a se acender em seus olhos.

– Ok. Já entendemos – falei. – Mas vamos voltar ao que aconteceu depois e deixar a adoração para uma hora mais conveniente, pode ser? Então, se estou entendendo bem, o senhor depois manipulou Amon para fazê-lo pensar que o estava ajudando. É isso?

– Eu *estava* ajudando. Ou melhor, *estou* – insistiu o Dr. Hassan. – Ou melhor ainda, vou ajudar – acrescentou.

– Espero que sim. – Estreitei os olhos.

– Claro. Toda a minha existência, todo o meu trabalho, todos os meus estudos foram concentrados nesse único objetivo.

Passei alguns desconfortáveis minutos encarando o egiptólogo. Ele sustentou meu olhar com uma expressão franca e inocente.

– Muito bem – anunciei por fim. – Estou disposta a perdoar sua falsidade contanto que o senhor nos ajude.

– Podem me pedir o que quiserem.

– Entenda que de agora em diante esperamos sua total honestidade. Chega de manipulações para satisfazer aos próprios interesses. O objetivo de Amon deve ser prioritário.

– Sim. Sim, claro.

– Muito bem. Então conte tudo o que o senhor sabe, a começar por como Amon foi parar em Nova York.

– Muito bem. Mas vocês precisam entender que jurei não compartilhar essas informações com ninguém de fora da nossa ordem.

– Confie em mim, estou totalmente comprometida.

Fiquei irritada quando o Dr. Hassan olhou para Amon em busca de aprovação, mas Amon me tranquilizou alisando meu braço e garantindo ao estudioso:

– Lily abriu mão de mais coisas por minha causa do que qualquer sacerdote ou devoto jamais faria. Nosso vínculo é impossível de ser rompido. De mãos dadas, nós nos arriscamos juntos, vivemos juntos ou morremos juntos. Pode ter certeza de que qualquer conhecimento ou segredo que decidir compartilhar conosco estará seguro com ela.

Virei-me para ver seu rosto, mas o olhar de Amon estava cravado em seu servo, que, depois de tirar o chapéu, ajoelhou-se na mesma hora aos meus pés.

– Nesse caso, obedecerei também a qualquer palavra que sair da sua boca, minha senhora.

– Pode me chamar de Lily – falei, constrangida com aquele homem ajoelhado na minha frente. – Por favor, só... – Suspirei. – Só nos ajude.

– Farei tudo o que puder, lady Lily. – O Dr. Hassan voltou a se sentar e ajeitou a aba do chapéu antes de recolocá-lo na cabeça. Seu tom era totalmente profissional: – Não sei como Amon foi parar em Nova York. Quero dizer, sabia que ele tinha sido levado, mas não sabia para onde.

– Levado da tumba original dele, debaixo da sala do tesouro de Tutancâmon?

O Dr. Hassan piscou; era óbvio que estava surpreso.

– Vocês a encontraram?

– Sim. Foi lá que Amon despertou os *shabtis*.

– Que fascinante! Precisam me contar o que aconteceu.

– E vamos contar... depois. Mas antes o senhor estava dizendo que ele tinha sido levado...

– Sim. Eu conhecia a localização da múmia dele, e já fazia algum tempo que vinha cuidando de sua tumba. Um dia, entrei lá e senti falta do calor de sua presença.

– Que interessante. Quer dizer que mesmo morto ele irradia calor?

– Nem todas as pessoas são sensíveis a isso. Você parece ser uma das exceções.

– Assim como o senhor. Prossiga.

– Entrei na tumba um dia... isso deve fazer uns seis meses, e senti a mudança. Alguém

havia mexido ali. Mesmo sendo proibido, levantei a tampa do sarcófago com um pé de cabra. Amon tinha sumido.

Amon inclinou-se para a frente.

– Por que não levaram o sarcófago?

– Certamente não queriam que ninguém percebesse. – Foi a mim que o Dr. Hassan dirigiu o comentário seguinte: – Você precisa entender. Só alguém usando a mais negra das magias poderia ter entrado na tumba. Ela estava protegida, e o sarcófago, lacrado. Eu tinha feito um encantamento para lacrar a entrada, assim seria o único capaz de acessar a tumba. Se algum outro arqueólogo a tivesse encontrado, eu teria sido alertado na hora. O encantamento tinha como finalidade afastar os curiosos e destruir pessoas com más intenções.

– Então o senhor amaldiçoou a tumba dele – esclareci.

– Em poucas palavras, sim.

– Mas como Amon e eu conseguimos entrar sem problemas?

– A maldição não se aplicaria mais caso o objeto a ser protegido tivesse sido retirado – explicou Amon.

– Não entendo como alguém poderia passar por ela – disse o Dr. Hassan. – Eu incluí todas as variações que costumam ser usadas em encantamentos: doença, morte, o nome do invasor riscado da história e, é claro, o fato de a maldição afetar sete vezes sete gerações de seus descendentes.

– Agora me ocorre que alguém que não se sentisse ameaçado pela morte física poderia ter passado pelo seu encantamento – disse Amon.

– É verdade – concordei. – E se a pessoa não tivesse filhos...

– Nem corpo para adoecer... – completou Amon.

– Poderia ter entrado na tumba sem muito risco – concluiu o Dr. Hassan.

– E me mandar para Nova York dificultaria, ou mesmo impossibilitaria, a cerimônia, mas o meu corpo não sofreria dano algum – disse Amon. – Mesmo que os meus restos mortais sejam destruídos, eu consigo recriar minha forma física, ainda que ela tenha retornado ao pó.

O Dr. Hassan se recostou na cadeira.

– Mas quem teria poder ou motivo para tentar impedi-lo?

– Só posso imaginar que seja o mesmo que estamos tentando frustrar.

– Não está se referindo a...

– Seth, o deus do caos.

– O mesmo que começou toda essa confusão? – perguntei.

– Sim. É possível que ele tenha conseguido se estabelecer no mundo outra vez – disse Amon. – Ele já usou sacerdotes antes. Talvez tenha feito isso de novo.

– Sacerdotes? – repetiu o Dr. Hassan, cético. – Duvido. A nossa seita está acima de qualquer suspeita. Escolhemos nossos noviços com cuidado.

– Como o senhor disse, hoje existe mais de um grupo. Talvez a Ordem da Esfinge?

O Dr. Hassan fez que não com a cabeça.

– Não. Essa ordem está extinta. Não existe matriarca desde a época de Hatshepsut.

– Entendi. – Amon esfregou o queixo. – Temos ainda a questão do *shabti*.

– Sim. – Virei-me para o Dr. Hassan para explicar. – Amon despertou dois *shabtis* que tinham sido postos acima da entrada da tumba. Nenhum dos dois voltou a nos procurar, e um deles decididamente tentou nos matar.

– Será possível? – indagou o Dr. Hassan, incrédulo.

– Foi assim que ficamos cobertos pela toxina vermelha – afirmei, de maneira casual.

– Em teoria, os *shabtis* devem obedecer a quem os desperta. Eles deveriam ter se sujeitado a mim – disse Amon.

– Isso só pode significar uma coisa – disse o Dr. Hassan.

– O quê? – indaguei.

– Não foi você quem os despertou.

Encarei-o.

– Os sacerdotes da sua seita conseguem despertar *shabtis?*

– Não. Isso está além do nosso poder.

– Então outra pessoa, alguém mais poderoso, está tentando deter Amon – falei.

– Parece que sim – respondeu o egiptólogo.

– Não entendo por que Anúbis nos conduziria pelo caminho errado dessa forma – disse Amon. – Se os *shabtis* eram impuros, por que nos deu o cone funerário?

Nenhum de nós tinha uma resposta para essa pergunta.

Enquanto eu bebericava a minha bebida, absorta em pensamentos, Amon se virou para o Dr. Hassan.

– Doutor, o senhor escondeu meus vasos canópicos?

– Escondi. Me perdoe, Amon, mas, quando descobri que você tinha desaparecido, não quis correr nenhum risco, então os escondi em uma tumba vazia. Vou levá-lo até eles assim que você estiver pronto.

– É tarde demais – disse Amon com tristeza. – Só conseguimos recuperar um. O *shabti* destruiu os outros.

– Mas ele não teria conseguido encontrá-los a menos que…

– A menos que seu mestre tivesse mandado – concluiu Amon.

– Ah, entendo. Que lástima.

– Não faz sentido. Por que eles mandariam Amon para os Estados Unidos e deixariam os jarros para trás? – perguntei. – E, se eles deixaram o sarcófago aqui, por que o caixão lá no museu tinha um desenho parecido com Amon?

– Ah, quanto a isso nós podemos especular – disse o Dr. Hassan. – Toda vez que Amon volta a dormir, um novo sarcófago é fabricado. Talvez eles o tenham escondido no lugar em

que seria menos provável eu procurar. Eu não pensaria em olhar dentro de um dos sarcófagos antigos.

– Eles deviam saber que, sem meus jarros, meus poderes declinariam depressa – explicou Amon. – E estar a um oceano de distância do Egito tornaria bem difícil completar a cerimônia.

– Certo, mas nesse caso eles ainda poderiam pegar os vasos canópicos e escondê-los em algum outro lugar.

– Improvável, já que eu os escondi há muitos anos, antes de Amon ser levado – disse o Dr. Hassan. – Sempre pensei que isso fosse uma atitude prudente, mas talvez houvesse outras forças em atividade para me dar inspiração.

– Doutor? Onde estão meus irmãos? – perguntou Amon.

– Ah, sim. Depois que você sumiu, mandei transferir os dois. A encarnação do deus das estrelas está escondida em uma caverna subterrânea no Oásis das Pedras Sagradas. Sabe onde fica?

Amon assentiu.

– Ótimo. Quanto à encarnação do deus da lua, ele pode ser encontrado na...

Uma súbita rajada de vento arrancou o chapéu do Dr. Hassan de sua cabeça. Após pedir licença para ir buscá-lo, ele tornou a se virar para nós e estacou, fitando a distância, além de nossas cabeças. O assovio do vento ficou mais forte e mais agudo, e Amon me puxou, me abraçando de forma protetora.

– O que foi, doutor? – gritou ele, acima do barulho do vento.

Levantamo-nos e nos viramos para olhar na direção em que o Dr. Hassan tinha os olhos fixos. Ao longe, as estrelas iam desaparecendo uma por uma à medida que algo escuro e sinistro começava a preencher o horizonte.

Amon segurou meu braço com força enquanto as almofadas levantavam voo e saíam pelo terraço, algumas passando por cima do parapeito e indo parar na rua lá embaixo.

– Amon? – chamei, preocupada.

– É uma tempestade de areia! – gritou o Dr. Hassan. – Precisamos entrar agora mesmo!

Virei-me para segui-lo, mas Amon continuou parado, rígido.

– Isso não é uma tempestade de areia. O Obscuro nos encontrou.

Oásis das Pedras Sagradas

Grãos de areia pontiagudos começaram a espetar minha pele à medida que a tempestade se aproximava.

– Entre na casa com o doutor Hassan! – gritou Amon. – Vou tentar conter a tempestade.

Balancei a cabeça com veemência.

– É perigoso demais!

– Eu volto para você. Vai ficar segura lá, Lily!

Os olhos dele exibiam um brilho intenso. Ele uniu as mãos e esticou os braços, e uma explosão de luz se irradiou de seu corpo. O imenso falcão dourado se materializou no lugar em que Amon estava pouco antes e baixou a cabeça na minha direção. Quando a ave alçou voo, tentei ver em que direção seguia, mas ela foi logo tragada pelo turbilhão de areia escura.

Apesar do aviso de Amon, fiquei no terraço observando-o, torcendo para que ele voltasse logo, ou no mínimo que o nosso vínculo me garantisse que ele estava seguro. Em poucos segundos, porém, a casa inteira foi engolida pela escuridão, e a areia que fustigava minha pele tornou-se ainda mais brutal. Protegi os olhos, e tinha acabado de desistir, já que não conseguia ver sequer uns míseros centímetros à minha frente, quando algo agarrou meu braço.

Dei um grito de dor e baixei os olhos. Uma força tremenda esmagava meu antebraço, ferindo os músculos, tentando triturar o osso, rasgando minha carne, mas não havia nada ali. De repente a pressão sumiu e uma marca em forma de meia-lua apareceu de ambos os lados do meu braço esquerdo. Era como se uma criatura grande tivesse cravado os dentes em mim.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando o sangue começou a brotar da ferida e escorrer pelo braço em pequenos filetes, descendo até o cotovelo, de onde começou a pingar no terraço. Eu estava imóvel, em choque, com o braço latejando, quando a criatura invisível tornou a me morder, dessa vez na perna.

O tecido fino da calça que eu estava usando rasgou no joelho, as pontas agitando-se ao vento enquanto marcas irregulares de garras e arranhões surgiam na minha panturrilha. Quando cambaleei, o Dr. Hassan me agarrou e me puxou para dentro de casa. Desabei sobre

uma cadeira enquanto ele apagava todas as luzes e corria de porta em porta e de janela em janela trancando tudo e fechando as cortinas, como se fazer isso pudesse manter do lado de fora a tempestade e o que quer que estivesse me atacando.

Ele voltou com uma pomada e vários panos de prato. Ajoelhou ao meu lado e aplicou o remédio nas feridas. Não sei o que ele usou, mas ardeu, e cerrei os dentes.

– O que era aquilo? O senhor viu o que me mordeu? – perguntei.

– É um presságio – sussurrou o Dr. Hassan, grave. – Um sinal muito ruim.

– Presságio? Presságio de quê?

– Do despertar do Obscuro.

– Do deus do mal? Seth?

– Não. Se o deus do caos tivesse despertado, o mundo já estaria sob o seu jugo. Isso foi só um sinal da sua vinda.

Arquejando de dor, enrolei cuidadosamente um pano de prato limpo em volta do braço ferido.

– Isto aqui não me parece "só".

– Não, não parece mesmo.

Arquejei ao ouvir garras se precipitando e vários objetos grandes caírem pesadamente no chão do terraço. Silvos monstruosos e o barulho de alguma coisa tentando arrombar a porta me fizeram espiar por entre as cortinas. Embora eu pudesse ouvir as pesadas criaturas se moverem no terraço, não consegui ver nada. As mãos do Dr. Hassan tremiam quando ele foi buscar um kit de primeiros socorros e me pediu que tornasse a me sentar.

– Esse tipo de coisa acontece toda vez que Amon desperta?

– Não. Este despertar é... único, sob vários aspectos.

Uma cadeira do terraço bateu contra a porta com um estrondo e eu gritei, mas o Dr. Hassan permaneceu parado onde estava.

– E se essa coisa entrar, seja lá o que for? – indaguei. – O senhor não está com medo?

– Eles não podem entrar na minha casa. Ela foi abençoada – afirmou ele, soando como se tentasse convencer tanto a si mesmo quanto a mim.

– Abençoada, amaldiçoada, não parece fazer muita diferença para os caras do mal. Vocês grão-vizires confiam um pouco demais nos seus encantamentos, o senhor não acha? O bom senso me diz que a gente deveria dar o fora daqui. De preferência em um carro bem veloz.

– Não! – O Dr. Hassan empalideceu. – Você seria estraçalhada se fosse lá fora agora. Estamos seguros dentro de casa.

– Bom, que ótimo, mas e as pessoas inocentes por aí? Não está preocupado com seus vizinhos?

– A tempestade está direcionada a nós. Os que estiverem por perto talvez sintam o clima estranho, mas o ataque tinha por alvo você e Amon.

– Certo. – Cética, mudei de posição na cadeira enquanto ouvia o barulho de madeira rachando. As criaturas pelo visto tinham se irritado por não terem podido dar mais uma

mordida na minha apetitosa pessoa e estavam descontando a agressividade nos móveis do terraço. Com cuidado, o Dr. Hassan fez um curativo na minha perna, então começou a cuidar do meu braço. – Quer dizer então que o Obscuro gosta de morder garotas? – perguntei, espiando a ferida. – Não pude deixar de notar que o senhor não foi mordido.

– Se as criaturas me mordessem, eu poderia ver quem as está guiando. Elas me evitam de propósito.

– Alguém está controlando essas criaturas? – perguntei, sem entender.

– Sim.

– Pensei que fosse Seth.

– Não. Se fosse ele, estaríamos enfrentando coisa bem pior. Os poderes dele estão limitados até o advento da lua cheia. Até agora eu não acreditava que fosse possível, embora deva admitir que venho sentindo o mal crescer. Descartei minhas desconfianças como fantasias de um velho, mas as criaturas lá fora não deixam margem para dúvidas. Quem as está dirigindo é o assecla de Seth. Seu criado. Meu equivalente do mal.

– Outro sacerdote?

– Acho que sim. O poder dele é... sem precedentes.

– Mas o senhor não sabe quem ele é.

– Sei *o que* ele é, mas até agora não conheço sua identidade.

– Quer dizer que ele é humano?

– Já foi.

– Como assim? – indaguei, hesitante.

O egiptólogo de cabelos brancos deu um suspiro.

– Em uma cidade chamada Shedyet existia um culto de sacerdotes dedicado a Seth. O líder desse grupo era um necromante chamado Apófis. Os egiptólogos modernos o consideram um deus, inimigo de Amon-Rá, mas os registros transmitidos pelos vizires contam outra história.

– O senhor acredita que ele não era deus, e sim humano, é isso?

– Correto. Apófis era um homem vil e libidinoso, que abusava de tudo e todos que considerava fracos e frágeis. Identificava-se com o crocodilo do Nilo e chegava a manter várias dessas criaturas como animais de estimação, divertindo-se em jogar seres vivos para os répteis devorarem. Apófis se julgava um grande sedutor de mulheres; procurava as meninas mais bonitas, puras e inocentes de várias origens e lhes oferecia riquezas, luxo ou a ilusão do poder. Dava-lhes qualquer coisa que achasse que elas pudessem necessitar: abrigo, dinheiro.

– Nossa!

– Tudo fazia parte do seu jogo. Ele ficava esperando, mais ou menos como faz o crocodilo quando está atrás de uma presa. Quando a menina mordia a isca... *crac!* Era capturada entre as suas presas, e não havia outra escapatória para ela senão a morte.

A história dele foi interrompida quando um ruído violento de algo se rasgando junto à

janela nos distraiu. Garras invisíveis atingiram o vidro e foram descendo por ele devagar, deixando compridos arranhões. O vidro não quebrou. O Dr. Hassan deu um grunhido.

– O encantamento de proteção parece estar funcionando.

– Vamos torcer para continuar assim – observei. – O senhor estava me contando sobre Apófis...

– Ele atraía mulheres e, quando elas estavam mais vulneráveis, atacava. No templo, exibia orgulhosamente suas conquistas e, quando estava pronto para passar à próxima vítima, sacrificava a jovem a um crocodilo gigante que enfeitava com pulseiras de ouro e uma coleira cravejada de pedras preciosas.Todos o temiam. Muitos o idolatravam. Seth o amava. A cidade foi rebatizada de Crocodilópolis em homenagem a Apófis e ao templo do crocodilo, e como recompensa por sua devoção a Seth ele recebeu um poder novo.

– Qual?

– Uma espécie de controle hipnótico. As pessoas para quem ele olhava ficavam enfeitiçadas. Não tinham outra alternativa senão fazer o que ele mandava. Apófis recebeu um novo apelido, Devorador de Almas, não só porque jogava as vítimas para os crocodilos, mas também por causa de sua habilidade em controlar os mortos.

– Que sinistro.

– É. Apófis ficou encantado com esse novo poder, mas logo descobriu que não estava satisfeito em conduzir apenas meros mortais, então fez um pacto com Seth, que lhe prometeu a imortalidade se ele conseguisse encontrar um jeito de eliminar Amon-Rá e Hórus, inimigos de longa data de Seth. Basta dizer que Apófis foi derrotado.

– O que houve com ele?

– Seth nunca teve a intenção de cumprir a promessa, então Apófis tentou estender seu tempo de vida de outras formas horrendas. No entanto, essas tentativas de tapear a morte acabaram por transformá-lo em monstro.

– Um monstro igual àqueles que estão lá fora?

O Dr. Hassan levantou a cabeça, atento aos ruídos lá fora, enquanto pensava na resposta que daria.

– Digamos apenas que as criaturas lá fora seriam consideradas alegres e inofensivos cachorrinhos em comparação com o que ele se tornou.

– O senhor acha então que Apófis voltou – afirmei, sem querer realmente escutar a resposta.

A ideia de que existia um poderoso feiticeiro ainda mais monstruoso do que aquelas coisas lá fora querendo me devorar me deixou mais assustada do que eu queria admitir. Torci as mãos, me perguntando onde estaria Amon.

– Não ele exatamente, mas outro igual a ele, que assumiu seu lugar e serve a Seth de modo semelhante – continuou o Dr. Hassan. – Um necromante do mal, com capacidade para invocar as criaturas que atacaram você.

– Mas como o senhor sabe?

– Que estamos lidando com outro necromante?

Assenti.

– O fato de ele ter despertado *shabtis* do mal foi a primeira pista. Somente alguém com poderes divinos ou habilidade para ressuscitar os mortos pode dar vida a um *shabti*.

– E a segunda pista?

– A presença dos demônios *biloko* lá fora.

– *Biloko?*

– Demônios invisíveis com bocas de crocodilo que, como Apófis, gostam de seres do sexo feminino, embora de sua parte prefiram iguarias como olhos, intestinos, fígado e coração.

Estremeci.

– Que bom que eles não tentaram abocanhar essas partes primeiro. – Meu braço latejou e toquei a atadura do curativo que o Dr. Hassan tinha feito. – Eu não vou... – Olhei para ele no escuro. – Não vou me transformar em um desses demônios crocodilescos, vou?

– Acho que não. Segundo as lendas, não existem mulheres *biloko*. Nas histórias, essas criaturas não se reproduzem como um vampiro ou um lobisomem. Elas só desejam...

– Devorar minha carne.

– Sim. Eu sinto muito.

– Eu também.

O barulho da mesa do terraço sendo derrubada fez com que eu me levantasse de um pulo e me encolhesse atrás do Dr. Hassan, agarrando o braço dele. O vento forçou mais ainda as janelas, a areia áspera fustigando a casa como uma chuva de granizo decidida a despedaçá-la, até que, subitamente, o vento parou. Fez-se silêncio, e a falta de barulho me pareceu ainda mais sinistra do que os fortes baques das criaturas movendo-se pelo terraço. O som de nossa respiração parecia mais alto do que os uivos do vento.

Com cautela, o Dr. Hassan ergueu a cortina e espiou a escuridão. O terraço estava destruído. Os móveis pareciam ter passado por um triturador de madeira. As almofadas que restavam tinham sido rasgadas, e seu enchimento branco e macio flutuava pelo terraço feito neve. A tempestade, porém, se afastava de nós, voltando na direção de onde viera, e as estrelas estavam visíveis outra vez.

– O senhor acha que já é seguro? – perguntei.

– Parece que sim. Por favor, fique aqui enquanto vou verificar.

Continuei olhando pela janela enquanto o Dr. Hassan andava pelo terraço. Quando ele pousou as mãos no parapeito, este se partiu. Ele ficou observando a tempestade recuar e depois de alguns instantes fui me juntar a ele.

A porta estava amassada por causa dos impactos repetidos, e pedaços de revestimento haviam sido arrancados a toda sua volta. Profundos talhos e arranhões de garras cobriam cada centímetro do telhado. Abaixei-me para recolher uma almofada em frangalhos. O enchimento estava para fora, e não pude deixar de pensar que era assim que meus intestinos ficariam, saindo da minha barriga aberta. Perguntei-me o que aconteceria se as minhas

entranhas fossem devoradas por demônios. Será que Amon ainda conseguiria usar meus órgãos, ou será que precisaria de outro doador?

– O senhor acha que Amon está seguro? – perguntei.

– Se ele tivesse sido derrotado, o mundo estaria um caos.

– O mundo já está me parecendo bastante caótico.

O Dr. Hassan suspirou.

– Não acredito que o Obscuro tenha acumulado poder suficiente para derrotar Amon, pelo menos não ainda. Mas você precisa saber que, mesmo que Amon esteja seguro, ainda existe a possibilidade de que venhamos a perder essa luta.

– O senhor não acha meio irônico o grão-vizir que serve ao deus do sol estar adotando uma atitude de nuvem escura de tempestade? Eu, pessoalmente, prefiro não pensar assim. Nós *vamos* encontrar os irmãos dele, e *vamos* realizar a cerimônia. Não vou me permitir pensar outra coisa.

O Dr. Hassan me estudou por um breve momento, então correu a mão por cima do parapeito quebrado.

– Sinto muito se essa notícia a deixa deprimida, Lily, mas creio que você e Amon precisam estar cientes de todas as possibilidades. Há histórias transmitidas ao longo dos séculos segundo as quais chegará um dia em que a cerimônia de alinhamento dos corpos celestes não bastará mais para conter o Obscuro, e ao que tudo indica esse ciclo já começou.

– Deixe-me ver se estou entendendo: está me dizendo que, mesmo Amon se sacrificando nessa cerimônia cósmica, existe uma chance de ela não dar certo?

O Dr. Hassan fez que sim com a cabeça.

– Isso foi previsto.

– Mas não sabemos com certeza se esta é a hora.

– Nada neste mundo é certo.

– Ok. Então esse presságio, esses demônios crocodilos...

– São sinais de que o Obscuro já reuniu poder suficiente, já recrutou aliados suficientes e já conseguiu se firmar o suficiente aqui na Terra...

– Para dificultar a tarefa de Amon e seus irmãos.

– Assim acredito.

Com as mãos nos quadris, falei:

– Fantástico. Realmente fantástico.

Estava ajudando o Dr. Hassan a formar uma pilha com os pedaços quebrados dos móveis do terraço quando reparei em um cometa brilhante no céu noturno. Ele avançava depressa na nossa direção, então diminuiu a velocidade e mudou de rumo quando chegou mais perto. Logo foi possível distinguir duas asas douradas.

– Os vizinhos conseguem vê-lo? – indaguei.

O Dr. Hassan fez que não com a cabeça.

– O grande pássaro só é visível para quem acredita nele.

O falcão pairou no céu acima da casa, seu corpo tremeluziu com a magia e começou a se transformar na forma conhecida de Amon. A sombra das asas agitava o ar enquanto o corpo dele descia devagar até o terraço. Quando seus pés tocaram a madeira, o brilho dourado das plumas das asas explodiu em um milhão de partículas de luz.

Em vez de baixar os braços, ele os manteve abertos para mim.

– Lily.

Corri até ele.

Amon me beijou na têmpora, em seguida perguntou ao Dr. Hassan:

– O que aconteceu?

– Ela foi atacada por demônios *biloko*.

Senti a pressão das mãos de Amon aumentar na cintura e na nuca.

– Eles vieram com a tempestade – explicou o Dr. Hassan.

– Então eles sabem.

Ele massageou de leve o meu pescoço, e o calor da ponta de seus dedos aliviou minha musculatura tensa.

O egiptólogo deu um suspiro.

– É esse o meu medo.

– Quem sabe o quê? – murmurei.

– O Obscuro sabe que Amon está enfraquecido e depende de você – explicou o doutor.

– Eles vão voltar? – perguntei junto ao peito de Amon.

– Vou garantir que não façam mal nenhum a você – respondeu Amon.

– Isso não quer dizer não.

Levantei a cabeça e vi que ele tinha o cenho franzido, a preocupação em seu rosto inequívoca.

Fechando os olhos, ele segurou meu pescoço. Cálidas pulsações penetraram minhas veias e então se dissiparam, a sensação se perdendo poucos centímetros abaixo da superfície.

– Lily, o que eu fui fazer com você? – sussurrou ele, a testa na minha.

– Eu estou aqui. Estou bem – falei, dando uns tapinhas no seu peito para chamar sua atenção.

– Você não está *bem*.

Seus olhos se estreitaram quando ele tocou de leve o curativo no meu braço.

– Foi só uma mordidinha. Nada de mais.

– Não é verdade. Os seus tecidos foram gravemente danificados, e o seu osso está fraturado em vários pontos.

– Quem te deu permissão para tirar um raio X à la deus do sol do meu corpo? Além do mais, Amon, isso não tem importância. O importante é...

Ele me sacudiu.

– *Você* é importante! – Ignorando os protestos que eu continuava a fazer, ele se dirigiu ao Dr. Hassan: – Precisamos sair imediatamente à procura dos meus irmãos.

Hassan pôs o chapéu na cabeça.

– O deus das estrelas está mais perto. Venham comigo.

– Ela precisa de um curandeiro. Eu preferiria despertar Ahmose primeiro.

O egiptólogo balançou a cabeça numa negativa e gesticulou para que o seguíssemos. Dentro de casa, pegou uma bolsa de viagem embaixo da cama e a encheu de objetos estranhos: ferramentas de arqueólogo, fósforos, pedaços de tecido e objetos diversos cuja utilidade não consegui entender.

– A personificação da luz está dormindo longe demais – disse o Dr. Hassan. – E chegar ao seu lugar de descanso vai levar tempo. Se formos buscá-lo primeiro, teremos que voltar para pegar a personificação das estrelas, o que nos faria desperdiçar um dia. Se houver outro ataque aqui, seu irmão pode ajudar a defender Lily.

Amon refletiu sobre isso por alguns instantes. Estava claro que as alternativas não lhe agradavam. Por fim, falou:

– Muito bem. Acordaremos Asten primeiro, mas vamos depressa, doutor.

– Sim.

Instantes depois, já seguíamos em disparada pela autoestrada no pequeno carro do Dr. Hassan, que era quase tão empoeirado quanto os objetos em sua sala. Estávamos a caminho do misterioso Oásis das Pedras Sagradas, que, segundo ele, só era acessível àqueles corajosos o bastante para passar pelas sentinelas e que entendiam como acessá-lo.

Abaixei a janela do carro e deixei o ar da noite acariciar meu rosto, que eu sentia superaquecido desde o ataque dos demônios. Embora o Dr. Hassan tivesse me garantido que não havia peçonha na mordida, a dor latejante não tinha passado e, apesar dos analgésicos que eu tinha tomado, podia sentir claramente uma sensação de dor generalizada pelo corpo.

Amon se alternava entre culpar a si mesmo, amaldiçoar o *shabti* e, por fim, xingar o sujeito que havia invocado os demônios, fosse ele quem fosse. Para ser sincera, a preocupação dele estava começando a me afetar. Sentia constantemente seus olhos pregados em mim, e não do modo como eu teria preferido.

Por fim, falei:

– Pare de olhar para mim como se eu estivesse à beira da morte.

– Não posso evitar me preocupar com você.

– Você está me deixando pirada.

– Não entendo "pirada".

– Nervosa. E será que daria para você baixar seu termômetro interno? Ele está me assando por dentro.

– O calor que meu corpo irradia aumenta à medida que a hora da cerimônia vai se aproximando. Sinto muito se isso lhe causa desconforto.

Amon retirou o braço do meu ombro e uniu as mãos no colo, inclinando o corpo o máximo possível para longe de mim e para perto da porta. O espaço ao meu redor esfriou

depressa, mas minha cabeça e meus ombros continuaram quentes. Estendi a mão para segurar a dele.

– Desculpe. Normalmente gosto do seu abraço, mas é que...

– Não se preocupe, jovem Lily. Quando estou com você, às vezes esqueço o que sou, e por isso me descuidei.

– Você não é descuidado. Pelo contrário: é uma das pessoas mais cuidadosas que eu conheço.

Parecendo tranquilizado pelo meu comentário, ele apertou minha mão. Então recostou a cabeça no banco do carro e fechou os olhos. Achei isso bom, pois ele devia estar exausto.

Seguimos na direção oeste por várias horas, e enquanto Amon dormia interroguei o Dr. Hassan em voz baixa para tentar descobrir o que ele sabia sobre a cerimônia e sobre o que iria acontecer com Amon. Ele afirmou não saber muito mais do que eu, mas tive a impressão de que estava omitindo informações.

Em algum momento antes de o dia raiar, o Dr. Hassan conduziu o carro para fora da estrada e parou atrás de uns arbustos.

– Daqui temos que seguir a pé – anunciou.

– Fica longe? – perguntei.

– Alguns quilômetros pelo deserto.

– Acho que ela não vai conseguir andar alguns quilômetros – contrapôs Amon.

– Quem sabe ela pode ficar esperando no carro? – sugeriu o doutor.

– Não, ela vai ficar ao meu lado.

– Não podemos ir de tempestade de areia? – indaguei.

– Não. Seria preciso energia demais para transportar nós três. – Amon passou alguns instantes encarando uma duna próxima antes de dizer: – Tive uma ideia.

Ele estendeu a mão, murmurou algo baixinho e as dunas na nossa frente começaram a mudar de forma. Grãos de areia rodopiaram e se contorceram, e de repente três cavalos irromperam das dunas com uma explosão de poeira cintilante. Inclinando a cabeça e soltando vapor pelas ventas, eles vieram até nós.

– Nossa... que lindos! – exclamei enquanto Amon gesticulava para que eu me aproximasse. Os cavalos eram do mesmo tom da areia e cintilavam como se pequenas partículas minerais estivessem misturadas à sua pelagem. Os rabos e crinas tinham uma cor creme amarelada vários tons mais claros do que a pelagem. Os grandes olhos reluziam como pedras de âmbar polidas e os cascos pareciam ter sido mergulhados em purpurina dourada. – De onde eles saíram?

Amon acariciou o pescoço da égua e disse:

– Lembra a história que contei sobre Nebu, o garanhão dourado do deserto?

– Lembro.

– Estes cavalos são da manada dele.

– Então Hórus acabou encontrando o garanhão?

– Não exatamente. Foi Nebu quem encontrou Hórus, para ser mais exato. Eles criaram um vínculo, e sempre que Hórus, ou neste caso um filho do Egito, precisa, Nebu manda seus filhos e filhas para ajudar. – Amon deu um passo para trás. – Você vai na égua. Deixe-me ajudá-la a montar.

Ele me segurou pela cintura e me ergueu alto o suficiente para que eu pudesse passar a perna machucada por cima do lombo da égua. Uma vez montada, comecei a entrar em pânico.

– Só montei uma ou duas vezes na vida, e nunca em pelo. E se eu cair?

– Segure firme na crina – instruiu Amon. – Ela não vai deixar você cair.

Entrelacei os dedos nos fios sedosos e me inclinei para sussurrar no ouvido da égua:

– Vou tentar não atrapalhar demais. Quem manda é você. Eu estou só de carona.

A égua reagiu balançando a cabeça e soltando um relincho melodioso enquanto se aproximava alguns passos do cavalo de Amon, um belo garanhão uns 20 centímetros mais alto do que ela.

– Preparada? – perguntou Amon.

Quando aquiesci, ele se virou para o doutor.

– Preparado, doutor Hassan?

– Sim, sim. – O egiptólogo acenou enquanto se acomodava no lombo do seu cavalo.

– Então vá na frente, por favor, doutor – incentivou Amon.

Com um "Rá!" vigoroso do Dr. Hassan, seu cavalo disparou à frente, e os nossos o seguiram. Embora estivessem marchando, era uma marcha acelerada que às vezes se transformava em trote, o que exigia um pouco demais das minhas costas, mas no geral era relativamente confortável.

Reparei que algo despontava das dunas ao longe e projetava sombras escuras no céu noturno.

– É para lá que estamos indo? – perguntei ao Dr. Hassan quando minha égua trotou mais para perto do seu cavalo.

– Sim. Aquilo na base daquelas montanhas é o oásis. Precisamos chegar lá antes de o sol nascer.

– O que vai acontecer quando o sol nascer?

– As pedras vão nos mostrar o caminho, mas somente em um horário preciso.

Incentivados pelo Dr. Hassan, os cavalos apressaram o passo. O céu já estava começando a clarear e, pelo jeito como o Dr. Hassan olhava para o horizonte, pude ver que estava preocupado. Palmeiras altas ondulavam na escuridão que precedia a aurora, e suas folhas pesadas farfalhavam à brisa. De repente, um animal grande deu um grito, seu chamado ecoado por outros, e logo o deserto se encheu de sons.

– O que é isso? – perguntei em voz alta.

– Babuínos! – gritou Amon acima do barulho. – Eles saúdam a aurora com gritos.

Fiz uma careta.

– Acho que prefiro o canto matinal dos pássaros. Eles são perigosos?

– Para os malfeitores, sim – respondeu o Dr. Hassan.

– Hã, e como eles sabem se sou malfeitora ou não?

– Babuínos normais não saberiam – respondeu ele. – Mas esses são guardiões que servem a Babi, o macho alfa de todos os babuínos. Ele é uma sentinela do além. Sabe, todos os babuínos são agressivos, onívoros e territoriais, mas esses daí são duas vezes mais. Eles foram chamados para proteger o lugar de descanso onde escondi o irmão de Amon. Não permitem a passagem de ninguém mal-intencionado. Decidi tomar essa precaução depois que o corpo de Amon foi roubado. Dizem que Babi devora as entranhas dos malvados, e esses babuínos são igualmente perigosos. Vamos prosseguir com cautela, mas nós todos teremos que nos apresentar para sermos julgados.

– E eu pensando que o processo seletivo para entrar na universidade fosse difícil... – resmunguei.

Nossos cavalos pararam na beira do oásis, e a cacofonia dos babuínos subitamente cessou. Os troncos das árvores se agitaram e formas escuras se moveram pelo chão e pelo meio da vegetação até as criaturas se materializarem na nossa frente. Seus dentes brilhantes e pontiagudos estavam à mostra, e os olhos úmidos reluziam no escuro como pequenas lanternas.

– Precisamos nos apressar – disse o Dr. Hassan. – Vou primeiro.

Amon me ajudou a desmontar e dispensou os cavalos com uma mesura agradecida. Com um grande salto para dentro do deserto, os animais foram tragados pela areia, e a única prova de que haviam estado ali eram as pegadas que deixaram para trás.

O Dr. Hassan tinha chegado ao limite do oásis, onde o bando de macacos o aguardava. Um macho grande se ergueu nas patas traseiras e emitiu um ruído baixo. Outros responderam ao seu chamado e, quando o Dr. Hassan pisou na grama debaixo de uma palmeira, várias das criaturas se puseram a correr de um lado para outro e o rodearam. Os macacos começaram a esbarrar em seus sapatos e pernas e a puxar sua calça. Um bebê subiu no seu braço para examinar seus cabelos, depois desceu e trepou nas costas da mãe.

Uma vez terminado esse estranho tribunal animal, o barulho cessou e o doutor passou pelo bando até o outro lado.

– Venha, lady Lily – chamou ele acima dos babuínos, que, parados, agora me observavam em silêncio.

Amon segurou meu braço e sussurrou:

– Não vou deixar nada acontecer com você. Não tenha medo.

Avancei até o meio do bando me sentindo uma covarde e fechei os olhos quando os gritos começaram. Corpos pesados movimentavam-se à minha volta, e fiz uma careta quando um deles tocou minha perna machucada, mas dedos delicados roçaram as ataduras e, quando um dos babuínos estendeu a mão, eu a segurei. O barulho dos animais silenciou abruptamente, e um deles me deu um levíssimo empurrão na direção do Dr. Hassan.

Quando Amon entrou no oásis, os babuínos ficaram imóveis, fascinados, e então, quase como se fossem uma única criatura, adiantaram-se e começaram a tocar seus braços e pernas. Depois de todos os macacos o terem tocado, o maior deles soltou um grito grave e todos tornaram a se esconder entre as árvores, desaparecendo como se jamais houvessem existido.

Uma vez recebida a permissão dos guardiões babuínos, adentramos o oásis e seguimos na direção do barulho de água. O Dr. Hassan tinha começado a correr assim que o bando de macacos liberara Amon, que me ajudava a avançar para que eu não ficasse muito para trás, e, bem na hora em que eu estava prestes a protestar que minha perna precisava de um descanso, o Dr. Hassan parou diante de um poço fundo alimentado por uma cascata.

O poço estava rodeado por pedras de formatos e tamanhos variados, o que não teria sido nada incomum não fosse o fato de todas terem um furo no meio. Fiquei ainda mais perplexa quando o Dr. Hassan começou a recolher punhados de pedras e jogá-las na água.

– Rápido! Me ajudem! – gritou ele.

Amon se abaixou, catou várias pedras, reuniu-as todas na mão e começou a jogá-las.

– O que estamos fazendo? – perguntei enquanto jogava também o meu punhado.

– Prestem atenção para ver qual delas boia – disse o Dr. Hassan sem parar de lançar as pedras. – Uma verdadeira pedra ovo de serpente flutua na água.

– Ovo de serpente?

– Um ovo de serpente é usado para proteger uma pessoa de feitiços do mal ou de pesadelos. Como ele é formado com veneno de víbora, também pode evitar a morte por picada de cobra – explicou Amon.

– Olhem uma ali! – exclamou o Dr. Hassan. – Precisamos de uma para cada um, então continuem procurando – acrescentou, enquanto Amon recolhia do poço a pedra flutuante.

Vários punhados de pedras depois, encontramos uma segunda, que o Dr. Hassan me mandou guardar no bolso. O sol iria nascer a qualquer momento, e o egiptólogo atirava freneticamente punhados de pedras na água. Por fim, uma terceira pedra boiou, e o Dr. Hassan pulou dentro do poço feito um gato que recolhe um peixe gordo para o jantar.

Ele saiu da água cambaleando e nos conduziu até uma clareira, onde ergueu a pedra para o sol nascente. No momento em que a aurora surgiu no horizonte, a luz brilhou atravessando o buraco na pedra. Um pontinho de luz branca atingiu a água e foi subindo devagar à medida que o sol se erguia no céu. Quando o raio de luz bateu na montanha, olhei para o Dr. Hassan.

Toda sua atenção estava concentrada na montanha.

– Agora venham – sussurrou ele. – Temos que achar a abertura. – Alguns segundos depois, ele deu um grito de triunfo. – Aqui! Achei!

Vi um clarão na colina rochosa do outro lado do poço, como se um espelho estivesse refletindo a luz lançada pelo buraco no ovo de serpente do Dr. Hassan. A montanha roncou, e esperei que algo estranho acontecesse – que surgisse um exército de esqueletos, um batalhão de escaravelhos velozes à procura de alguém para devorar, alguma espécie de sinal

do apocalipse egípcio –, mas logo ela se aquietou e nada aconteceu. Espiei além da água, mas a luz tremeluzente tinha sumido. O doutor guardou o ovo de serpente no bolso, cambaleou até o poço e começou a dar a volta.

– Por que cada um de nós precisava de uma pedra se a sua deu conta do recado? – perguntei-lhe enquanto avançávamos cuidadosamente pelas pedras escorregadias.

– Você vai ver – respondeu ele, misterioso.

Em pouco tempo, chegamos ao pé da montanha. Uma cachoeira descia pelas rochas íngremes e a água respingava e molhava nossa pele. O Dr. Hassan parou e ergueu sua pedra até a altura do olho.

– Pronto, finalmente chegamos – declarou.

– Hã... chegamos aonde? – perguntei.

– Use a sua pedra – foi a resposta dele. – Olhe pelo buraco e você vai ver nosso caminho.

Tirei minha pedra do bolso, olhei pelo pequeno buraco e arquejei ao ver uma abertura na montanha. Quando olhava sem a pedra, não via nada. Dei um passo à frente, toquei a superfície da montanha e constatei que era tão dura e impenetrável quanto parecia, mas então o Dr. Hassan, ainda com a pedra junto ao olho, avançou, passando por mim, e nos chamou para que o seguíssemos.

Respirei fundo, posicionando o ovo de serpente de modo a ver pelo seu buraco, e murmurei, com sarcasmo, enquanto penetrava a montanha:

– O que poderia dar errado, afinal?

Deus das estrelas

Um silêncio absoluto se fez. Pedras espessas e sólidas feito uma lápide me rodeavam por todos os lados. Acima de mim, um teto rochoso parecia mais baixo a cada passo que eu dava. Mas o horror de estar enterrada viva nem era a pior parte. O que realmente me deixava apavorada era que eu não estava em uma caverna secreta escondida no interior de uma montanha: estava atravessando pedra sólida.

Formações minerais se moviam lentamente acima de mim, como se meu corpo estivesse se infiltrando na própria rocha, e senti um peso igual ao que se sente ao avançar contra uma correnteza forte. A única explicação que consegui encontrar foi que havia adentrado uma fase ou dimensão diferente daquela em que a pedra existia. Os dedos que seguravam o ovo de serpente junto ao meu olho tremiam, e fechei o outro olho para não ter que ver a montanha enquanto a atravessava. Minha pulsação parecia lenta, enquanto meu coração batia bem alto.

Senti no fundo da garganta um gosto de cobre e sal, e, embora tentasse manter a boca fechada, cedia repetidamente à tentação de umedecer os lábios. Infelizmente, isso não trazia nenhum alívio; minha língua terminava sempre coberta por uma fina camada de poeira e minerais.

Em qualquer direção que olhasse, eu não conseguia ver nem Amon nem o Dr. Hassan, então seguia em frente, sempre acompanhando o estranho clarão de luz que parecia emanar da pedra de vez em quando para iluminar o espaço à minha volta. Diferente de um farol, que ajuda a guiar embarcações e avisa sobre pedras escondidas, a iluminação me pareceu atrair uma atenção indesejada, e imaginei que uma criatura monstruosa com uma bocarra aberta fosse me encontrar a qualquer momento por causa dela.

A cada vez que o meu entorno se iluminava, eu prendia a respiração até ter certeza de que não havia nenhum perigo iminente. Comecei a sentir pequenas vibrações por perto, que ficavam mais pronunciadas toda vez que o clarão sumia.

Segui em frente até a luz piscante desaparecer e me vi no interior escuro da montanha, sem ninguém para me guiar. Às cegas, dei um passo à frente, depois outro. Comecei a ofegar e a me perguntar se a montanha algum dia terminaria, quando de repente emergi da rocha.

Embora ainda estivesse escuro, a diferença na atmosfera foi imediata e inconfundível. O

peso que chumbava meus braços e pernas tinha desaparecido; senti uma levíssima brisa roçar meu rosto e os ouvidos estalaram. Minha mão encontrou a pedra sólida atrás de mim e me virei, sem tocar nada a não ser um espaço vazio até meus dedos encontrarem a parede outra vez. Ruídos de pés se arrastando ecoaram pela escuridão. Então ouvi a voz do Dr. Hassan.

– Lily! – gritou ele. – Aqui.

Estiquei a mão que estava livre e dei alguns passos cautelosos adiante.

– Onde o senhor está? – perguntei.

Um barulho de movimento se fez ouvir ali perto, e apurei os ouvidos para tentar distingui-lo. Alguém ou alguma coisa tinha emergido da pedra atrás de mim. Quando me virei nessa direção, vi duas órbitas verdes brilharem no escuro.

– Lily – disse Amon enquanto cobria a distância que nos separava –, você está bem?

– Estou... estou sim. Eu acho.

Amon passou a mão pelo meu braço, e uma poeira leve e fina como talco deslizou e em seguida assentou em minha pele, fazendo-me tossir. Apalpei as roupas, tentando eliminar um pouco do pó. Pelo visto, minha breve passagem pelo mundo da limpeza havia acabado. Amon não pareceu se importar com o fato de eu estar coberta de pó. Segurou minha mão e acendeu o corpo o suficiente para eu poder ver onde estávamos: no interior de uma grande caverna.

– Doutor Hassan? – chamei ao ver a forma do egiptólogo.

Ele estava agachado, apalpando o piso de terra batida.

– Mais uns 30 centímetros e teria sido o meu fim – anunciou, levantando-se.

– O que o senhor estava procurando? – perguntei enquanto Amon e eu íamos até lá.

– Isto aqui. – Ele ergueu um bastão grosso e enegrecido e começou a mexer em uma das pontas.

– Uma tocha?

– Isso. – Ele olhou para Amon e por um instante ficou assombrado com a luz natural que emanava dele. – Infelizmente, nós mortais não nascemos com lanternas embutidas. – Ele ergueu a tocha. – Posso usar? – perguntou para Amon.

– Se quiser.

– Claro.

– Onde estamos? – sussurrei, nervosa.

– Ainda no Oásis das Pedras Sagradas, só que no coração da montanha – respondeu o Dr. Hassan. – Se escutarem com atenção, vão conseguir ouvir a cachoeira. Escondi o irmão de Amon atrás dela.

Ele acendeu a ponta da tocha e na mesma hora Amon apagou sua luz, o que, eu supunha, o ajudava a conservar energia.

– O que era aquela luz estranha dentro da montanha? – perguntei enquanto Amon me guiava a fim de me desviar de um grande feixe de estalagmites.

– A luz só pode ser vista com um ovo de serpente de verdade – respondeu o Dr. Hassan.

– É ele que permite a passagem pela montanha. O clarão que você viu foi ativado pelo sol brilhando através da rocha.

– Um caminho criado pelo deus do sol – refletiu Amon.

– Sim, de certa forma. É um pequeno truque transmitido aos grão-vizires ao longo dos séculos. Para direcionar a luz, precisamos estar no lugar certo, na hora certa.

– Funciona como o truque do espelho egípcio nos filmes? – perguntei, curiosa para saber se havia alguma ciência por trás da magia.

– Não exatamente. Não foi só o reflexo da luz que criou o caminho. Os cientistas acreditam que o ovo de serpente é qualquer pedra que tenha sido escavada pela água. Já os supersticiosos creem que essas pedras foram criadas pela saliva de uma cobra e que ter uma delas protege a pessoa em várias situações. Mas eu conheço a sua verdadeira natureza. Você conhece, Magnífico? – Um olhar de Amon fez o doutor gaguejar. – P-perdão. Eu quis dizer Amon.

– Confesso que não.

– Ah, nesse caso, quem sabe me conceda a honra de me ouvir enquanto seguimos até seu irmão?

– Por favor, vizir, continue – incentivou Amon com educação.

– Bem, sim, a deusa Ísis...

– Que era casada com Osíris – completei.

– Isso mesmo. Ela sentia saudade do marido depois que ele recebeu a atribuição de governar o mundo dos mortos.

– Espere, essa história eu conheço. Ela enganou Amon-Rá para fazê-lo lhe dizer seu nome verdadeiro depois de envenená-lo.

– E você se lembra de como ele foi envenenado? – indagou o egiptólogo de cabelos brancos.

Após pensar por alguns instantes, estalei os dedos.

– Uma picada de cobra! – Quando o grão-vizir arqueou as sobrancelhas, evidentemente impressionado, acenei com a mão e expliquei: – Amon tem me ensinado algumas coisas.

– Pelo visto, tem mesmo.

– Lembro que Ísis conseguiu visitar o marido, mas o que isso tem a ver com o ovo de serpente?

– Bem, a cobra que mordeu Amon-Rá fugiu e sem querer absorveu pelas presas um pouco do poder do deus. Consequentemente, os descendentes dessa cobra desenvolveram a habilidade de iluminar lugares escuros. Para não provocar de novo a ira do deus do sol, essas cobras vivem escondidas em lugares secretos. Um verdadeiro ovo de serpente são os resquícios calcificados da cabeça de uma dessas cobras, e quando você espia pelo olho dela, além de conseguir ver no escuro, também consegue se esconder em um lugar que nem mesmo o deus do sol seria capaz de encontrar.

De repente, a pedra que eu segurava ficou fria. Engoli em seco e soltei um arquejo débil

quando ela escorregou da minha mão. Ficou ali, aninhada na areia, parecendo me exibir um sorriso e uma piscadela de serpente. Sem conseguir me conter, limpei a mão na camiseta, apavorada ao pensar que minha boia salva-vidas na travessia da montanha tinha sido um crânio de cobra.

Iluminada pela tocha, a pedra se mexeu como um pequeno esqueleto de dinossauro que ganha vida. Após alguns instantes, dei-me conta de que era apenas a luz se movendo pelo osso antigo, mas mesmo assim o efeito era perturbador.

Amon estendeu a mão para recolher meu ovo de serpente do chão, mas a areia se deslocou, escorregando por uma pequena fresta até então escondida. Minha pedra despencou junto com a areia, e a fenda era profunda demais para que conseguíssemos pescá-la com os dedos. Amon cogitou usar seu poder para recuperar a pedra, mas então desistiu e me abriu um sorriso reconfortante.

– Se não acharmos outra saída, voltamos para buscá-la. Não se preocupe – falou.

– Hã, supondo que consigamos despertar o seu irmão, não me ocorreu que deveríamos arrumar uma quarta pedra para ele – disse o Dr. Hassan, encabulado.

– Vai dar tudo certo – retrucou Amon.

Eu na verdade nem estava muito preocupada, mas o sorriso tranquilizador de Amon desapareceu depressa, e *isso sim* me deixou preocupada. Enquanto seguíamos o grão-vizir pelo corredor escuro, fiquei pensando no que estaria causando aflição na minha múmia ressuscitada. Ele não parecia mesmo alarmado pela perda da minha pedra, e com certeza uma cabeça de cobra não era capaz de assustar um semideus. Alguma outra coisa estava acontecendo, mas eu não conseguia saber o quê.

A cada poucos passos, Amon olhava para trás na minha direção, preocupado, e percebi que estava mais ansioso em relação a mim do que a qualquer outra coisa. Intrigada, perguntei-me se as coisas estariam de fato tão ruins quanto ele acreditava que estivessem.

Sim, eu me sentia exausta, e minha perna e meu braço latejavam nos lugares em que foram mordidos, mas eu não estava doente o bastante para ter que ficar acamada, pelo menos por enquanto. Apertei a mão de Amon, e estava prestes a tranquilizá-lo quando viramos uma esquina e topamos com um sarcófago.

Enquanto o Dr. Hassan avançava depressa e acendia outras tochas presas à parede, eu me aproximei alguns passos e examinei com atenção a representação do irmão de Amon. Arredondado, o caixão de madeira tinha um formato semelhante ao do rei Tut, mas, enquanto o do faraó menino era decorado com ouro reluzente, o lugar do derradeiro descanso daquele que *de fato* era um semideus chegava a ser humilde. A decoração do sarcófago, porém, era digna de nota.

Assim como as paredes dos túneis, as laterais do caixão eram decoradas com símbolos dos três irmãos – o sol, a lua e as estrelas –, mas dessa vez as estrelas tinham mais destaque. Dei a volta no caixão e observei as imagens de três rapazes em pé junto a um homem com cara de cão.

– Quem é? – indaguei.

Amon se agachou ao meu lado.

– Anúbis. Este relevo mostra Anúbis nos concedendo as dádivas dos deuses enquanto instila vida em nossos corpos novamente. É a ocasião do nosso primeiro despertar.

– E aqui? – Dei a volta até o pé do sarcófago.

– Isto mostra a derrota de nosso inimigo Seth.

– Então Seth é o deus com cara de cavalo?

– Não é um cavalo. É um monstro.

– Que monstro?

– Todos, e nenhum.

– Não estou entendendo.

O Dr. Hassan foi até o outro lado do sarcófago.

– Set, ou Seth, como Amon o chama, tem o dom de mudar de forma.

– Sério?

Amon aquiesceu.

– Ele pode adotar a forma que quiser, o que o torna ainda mais perigoso.

– Pode virar um hipopótamo ou um crocodilo – disse o Dr. Hassan. – Um porco preto ou uma naja.

– Seth sempre quis a destruição do Egito? – perguntei.

– Desde que estava no útero ele já era o deus do caos – explicou Amon. – Sua mãe era a deusa Nut. Impaciente, ele não quis esperar a hora de nascer, então usou os dentes já afiados e rasgou uma passagem para fugir pelo flanco da mãe.

– Seus únicos objetivos são o poder e a realização de seus desejos obscuros – continuou o Dr. Hassan. – Aqueles que o seguem não ligam para as vidas alheias. Sua luxúria, sua sede de sangue, seus desejos insaciáveis, tudo isso são reminiscências do monstro a quem obedecem. Seth é monstruoso, e assim é retratado. Seria uma insensibilidade lhe atribuir um símbolo animal, pois todas as criaturas só fazem seguir seus instintos naturais. Nem mesmo os mais temidos animais – crocodilos, cobras e escorpiões – ferem por motivos maus. Por isso os antigos criaram um não animal, um monstro, para mostrar ao mundo o que Seth realmente é, e para servir de alerta caso ele algum dia tornasse a assumir o poder.

– Ok. Qual é o próximo passo, então? – indaguei.

– Temo não ter trazido tudo o que queria para preparar o despertar do irmão de Amon – disse o Dr. Hassan. – Só tenho um pouquinho de comida e água para revigorá-lo.

– Ele não precisa dessas coisas para despertar – disse Amon com voz branda. – O meu encantamento vai bastar.

– Mas o tradicional banquete, com a música e as festividades...

– O fato de que o senhor teria providenciado essas coisas se tivesse podido já é prova suficiente da sua lealdade. As oferendas que trouxe irão sustentá-lo por enquanto – concluiu Amon.

O Dr. Hassan pegou a bolsa de viagem, remexeu o conteúdo e retirou uma garrafa d'água e um bolinho embrulhado. Com gestos reverentes, abriu um espaço na base do sarcófago, desdobrou um lenço vermelho e dispôs sobre este suas modestas oferendas. Vendo sua aflição ao rearrumar os objetos algumas vezes, abri minha própria bolsa e propus compartilhar as frutas que Amon havia posto lá dentro antes de sairmos do hotel. As frutas estavam murchas e um pouco machucadas, mas a oferenda pareceu agradar ao devoto de cabelos brancos.

Antes de se acomodar ao meu lado, o Dr. Hassan usou o ovo de serpente e passou a mão pela parede até esta de repente sumir. Então arrastou um caixote de madeira até nós e de lá tirou um jarro grande.

– São os vasos canópicos dele, não são? – perguntei, maravilhada, tocando um deles, cuja parte superior tinha a forma de um pássaro de bico longo.

O Dr. Hassan assentiu.

– Eu os trouxe para cá quando Amon foi levado e os escondi usando a pedra – explicou.

Ele então dispôs os jarros na nossa frente, e não pude deixar de me espantar por conseguir tocar os antigos artefatos. Além do jarro com o pássaro, havia outros com cabeça de cachorro, cabeça humana e cabeça de carneiro. Eu quis perguntar ao Dr. Hassan o que simbolizavam, mas Amon me interrompeu.

– Está pronto, doutor? – indagou ele.

– Sim, acho que estou.

– Destampe os vasos assim que sentir no rosto o hálito da vida – instruiu Amon.

– Sim, Mestre.

Amon se posicionou a algumas dezenas de centímetros do caixão e eu me agachei junto ao Dr. Hassan, que observava Amon com um ar de solícito enlevo.

A personificação do deus do sol levantou os braços e começou a entoar um cântico. Com isso, a pesada tampa do sarcófago estremeceu e se ergueu vários centímetros.

Amon iniciou o encantamento:

Estrelas surgem. Estrelas caem. Estrelas morrem.
O mesmo acontece com você, irmão,
Asten, a encarnação das estrelas.
Está na hora do renascimento. Da renovação. Da recriação.
Sem você, o céu é escuro. O firmamento estremece de tão vazio.
O reino celeste precisa da sua glória resplandecente.
Venha, irmão. Pegue suas flechas e seu arco.
Junte-se a mim outra vez em nosso destino comum.
Chegou a hora de cumprir nosso objetivo.
Meus inimigos serão os seus inimigos.

Meus aliados serão os seus aliados.
Juntos poremos ordem no caos
E fortaleceremos os laços que sustentam o universo.
Quando eu vivo, você também vive, pois com você compartilho minha existência.
Quando eu respiro, você também respira, pois com você compartilho o ar.
Sou Amon, guardião do sol.
Com o Olho de Hórus eu o procuro.
Você vaga pela escuridão, desorientado e perdido,
Mas eu iluminarei o seu caminho.

Os olhos de Amon brilharam com um verde vivo e uma luz esverdeada e mortiça iluminou o espaço à sua frente. Ele moveu a cabeça, à procura de alguma coisa, e os raios de luz que seus olhos emitiam também se moveram. Ao encontrar o que estava procurando, embora eu nada conseguisse ver depois do facho de luz a não ser escuridão, ele retomou o encantamento:

Seu corpo é pó, desintegrado pelo vento,
Mas o vento me obedece, e o pó escuta.
Eu o chamo da Terra dos Mortos.
Venha, Asten! Atenda ao meu chamado.
Volte à forma do homem que foi outrora.
Eu invoco os quatro ventos para me dar poder,
E por meio deles lhe instilo o hálito da vida...

Amon ergueu uma das mãos e um barulho assustador preencheu a caverna, como se um monstro estivesse inspirando. Cada rajada de ar corria sobre a minha pele numa direção e depois na outra. Meus braços e pescoço se arrepiaram, e eu examinava a escuridão, nervosa, em busca da origem daquele ruído. O Dr. Hassan abriu os vasos canópicos, e feixes de luz branca surgiram lá de dentro e começaram a circular logo acima do sarcófago. Não pude evitar compará-los a aves necrófagas em busca dos mortos.

De repente, uma forte rajada de vento soprou meus cabelos para trás. Amon ergueu a outra mão e uma segunda rajada soprou em sentido contrário à primeira. Fez isso mais duas vezes, e foi como se estivéssemos cercados por um redemoinho. O vento ficou tão forte que o Dr. Hassan e eu tivemos que nos agarrar à base do sarcófago para nos mantermos no lugar, mas com a mesma rapidez o vento se afastou de nós e começou a rodopiar em volta de Amon.

Com os braços esticados na altura do peito e as palmas viradas para cima, Amon tremia.

Seus braços e pernas se sacudiam como se ele estivesse tentando levantar um peso descomunal apenas com as pontas dos dedos. Então, quando pensei que ele não estava mais conseguindo suportar, o vento mudou de direção, mergulhou no sarcófago e uma forma envolta em ataduras se ergueu na nossa frente.

O tecido amarelado se sacudia de um lado para outro, estalando no ar e se destacando parcialmente até revelar pedaços do corpo, apodrecidos, putrefatos. Todos os filmes de múmia que eu já vira na vida me passaram pela cabeça e não pude evitar recuar várias dezenas de metros e deixar o Dr. Hassan sozinho em seu estado de adoração.

Aos poucos, as ataduras se soltaram e começaram a girar em volta do corpo decomposto, feito um redemoinho. Fragmentos de tecido pareciam grudados ao crânio. Quando uma explosão de partículas de poeira finalmente libertou os braços e pernas, arquejei e caí para trás com os cotovelos no chão. Tomada por um violento acesso de tosse, pensei se estaria inalando pedaços do irmão de Amon e me encolhi toda.

O poder que Amon canalizava de repente arrefeceu e a múmia voltou devagar para dentro do caixão ao mesmo tempo que o forte vento enfraquecia. Virando a cabeça, vi que Amon tinha os olhos cravados em mim. Ele estava preocupado, isso era fácil constatar, mas havia alguma outra coisa, algo mais na sua expressão – uma espécie de tristeza. Entendi então que o seu poder devia ter diminuído porque eu o distraíra.

Tornei a olhar para a frente e decidi controlar minhas reações. Precisava deixar aquele assustador processo de ressurreição de um homem que estava morto havia muitos séculos se desenrolar como se estivesse apenas assistindo a um filme. Não havia nada a temer. Aquilo tudo não passava de um espetáculo de magia – um truque de espelhos e luzes. Amon virou a cabeça. Seu maxilar se retesou com uma determinação renovada e o vento tornou a ganhar força, com mais vigor do que antes.

Órbitas vazias e uma boca escancarada cheia de dentes surgiram por entre as ataduras quando estas começaram a cair. O corpo estava ressequido, encarquilhado – uma casca seca do que um dia tinha sido uma pessoa. A pele que restava estava muito esticada e lembrava pedaços de couro velho. Em alguns lugares tinha sido totalmente arrancada, revelando ossos acinzentados dos quais pendiam pedaços de carne. Em uma tentativa desesperada para não vomitar, virei as costas e tapei a boca com a mão.

Amon já tinha sido assim. *Como era possível eu ter tido vontade de beijá-lo?* Por outro lado, ele era praticamente o cara mais gato do planeta. Que garota não iria querer um quase namorado imortal, com poderes mágicos e capaz de fazer massagens quentinhas? Só que eu não era uma garota qualquer. Eu era realista. E o que estava vendo agora diante de mim era uma versão bem realista de um cara morto embolorado e em decomposição cuja expressão era a de um homem gritando ao ser sepultado.

Como eu poderia ignorar os pedaços de carne se desfazendo, as ataduras apodrecidas ou os ossos amarelados que despontavam por baixo delas? Engoli em seco, virei-me e surpreendi Amon me observando outra vez. Percebi que ele estava usando o poder especial de seus

olhos para ler meus pensamentos. Pensar que ele sabia o que me passava pela cabeça me fez sentir ao mesmo tempo vergonha e irritação. Vergonha porque eu deveria ser mais forte. Como podia me imaginar namorando uma múmia/deus do sol na vida real se não conseguia suportar um pouco de putrefação e decomposição? E fiquei irritada pelo fato de ele conseguir me decifrar com tanta facilidade. Uma garota tinha direito a seus pensamentos privados. De modo geral, eu estava lidando com aquilo tudo bastante bem. Só precisava de um pouco de tempo para aceitar a ideia de que, na entressafra, o cara de quem eu gostava se parecia com aquele cadáver flutuando no ar.

Amon ainda tremia, o que me fez temer que não tivesse poder suficiente para concluir o processo. Por um breve instante, imaginei qual seria o aspecto de seu irmão se ele terminasse inacabado por causa do poder enfraquecido de Amon e estremeci. Pensando que poderia ajudar de alguma forma, levantei-me e toquei seu braço trêmulo.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele gritou:

– Lily, para trás!

– Eu só pensei que você talvez precisasse...

– Pensou errado – sibilou ele, zangado. – Eu *não* preciso de você. Por favor, para sua própria segurança, fique perto do Dr. Hassan.

– Amon... – comecei, mas então vi seu maxilar contraído e senti a rigidez nos músculos do seu braço.

Ele se recusava a olhar para mim.

Resignada, tornei a assumir meu lugar junto ao Dr. Hassan e me perguntei o que tinha feito para deixar Amon tão bravo. Depois que me acomodei, ele recomeçou o cântico:

Íbis, faça o espírito dele voar
E facilite sua passagem.

Quando Amon mencionou o íbis, um pontinho de luz branca se formou na escuridão e percorreu o recinto devagar até encontrar a trilha de luz verde criada pelos seus olhos. Banhada pelo olhar dele, a luz foi aumentando e se espalhou até que a forma de um pássaro, semelhante ao falcão de Amon, ficou visível. Essa ave, porém, tinha o bico curvo apontando para baixo um pouco mais comprido do que o pescoço afunilado e fino. Ele bateu as asas e pairou no ar perto de Amon, que assentiu com a cabeça e disse:

– Bem-vindo, irmão.

Uma a uma, as quatro luzinhas brancas saídas dos vasos canópicos se fundiram com a criatura voadora. O pássaro soltou um grito e começou a voar em círculos acima das nossas cabeças, então fechou as asas e mergulhou no redemoinho, onde explodiu em fragmentos de luz que foram sugados pelas órbitas vazias dos olhos da múmia. As ataduras ainda flutuaram por alguns instantes, como se buscassem uma forma de permanecer no ar sem o vento, e em

seguida despencaram lentamente até o chão da caverna, como pipas com a linha partida. Por alguns instantes, o silêncio reinou.

Então um brilho branco se acendeu dentro da múmia e começou a sair por seus orifícios e ossos. O corpo estremeceu e se moveu. Ossos se alinharam e se retorceram, estalando ao se mover. O crânio se virou para Amon e então encarou a mim e o Dr. Hassan. Fechando o maxilar com um estalo, abriu os braços e se ergueu no ar. A múmia parecia um homem vitruviano feito de luz das estrelas. Lutei para conter um grito. Amon retomou o cântico:

> Quando você atravessar esse último portal da morte,
> Gritos de alegria irão recebê-lo,
> Banquetes lhe darão as boas-vindas,
> Seu coração tornará a bater,
> Seus membros tornarão a saltar,
> Sua voz será ouvida outra vez.
> Tudo o que foi perdido retornará.
> Venha, Asten, e cumpra o seu destino!

A luz que saía da múmia se intensificou, irradiando calor feito uma supernova enquanto as ataduras soltas se erguiam no ar e começavam a girar em torno da luz mais depressa do que antes. A claridade se solidificou até formar veias e um coração que batia com força, então envolveu os ossos e se adensou até formar músculos reluzentes.

A luminosidade ficou tão intensa que precisei proteger os olhos, enquanto meu coração esmurrava o peito em resposta às batidas audíveis do coração da múmia. Quando a dor varou meu corpo, eu gritei e desmaiei.

Quando abri os olhos, a claridade ofuscante finalmente havia sumido. Com a cabeça dolorida, pressionei os olhos com as mãos e inspirei fundo várias vezes para aliviar o enjoo. Ouvi o Dr. Hassan se mover. Ele se jogou no chão de pedra batida e exclamou:

– É uma honra estar na sua presença, Magnífico!

Totalmente consciente dos ruídos à minha volta, pois todos eles soavam como marteladas no meu cérebro, ouvi os estalos da areia, algumas palavras murmuradas suavemente em egípcio que em seguida passaram para o inglês e por fim passos vindo na minha direção. Pelas frestas entre os dedos, vi um par de pés descalços pararem na minha frente. Amon estava calçado, então, a menos que houvesse perdido os sapatos, não havia como aqueles serem os seus pés. Dois dedões carnudos tamborilaram na areia e ouvi uma risada.

– Não precisa ter medo de mim, sacerdotisa. Eu juro que não mordo. A menos, é claro, que você assim deseje.

Minha dor de cabeça finalmente diminuiu até virar um latejamento difuso e deixei meus olhos subirem dos tornozelos conectados aos pés na minha frente, incrivelmente bronzeados, até as pernas musculosas daquele homem. O irmão de Amon usava um saiote branco plissado quase idêntico ao dele no dia em que eu o conhecera. Olhei em volta e vi Amon abaixado, apoiado em um dos joelhos, junto ao sarcófago. Ele tinha a respiração pesada e seus braços tremiam.

Uni as pernas debaixo do corpo para me levantar e o homem que ria me estendeu a mão, me puxando para cima dele. Quando tentei me afastar para ir até Amon, ele disse:

– Deixe-o recobrar as forças. O esforço de nos despertar mina sua energia, e a dele já estava esgotada antes mesmo de ele começar. – Olhando por cima do ombro, acrescentou: – Eu quase corri o risco de despertar feio.

Ele sorriu para Amon, então se inclinou mais para perto de mim. Fiquei sem ar quando passou um braço à minha volta, atrevido. Estava fraca demais para empurrá-lo.

– Cá entre nós, eu sou bonito demais para ele estragar *tanto assim* minha aparência – disse ele com uma piscadela.

Como meu nariz estava praticamente imprensado contra seu peito nu, não pude fazer nada senão concordar. A criatura que eu temera no começo estava agora muito bem formada. Onde antes se via uma caixa torácica vazia, ele agora exibia um peitoral forte. Os braços finos cruzados diante do tronco tinham se tornado musculosos e potentes, e me seguravam de modo ao mesmo tempo firme e delicado. O maxilar que antes estalava tinha virado um sorriso sedutor, e as órbitas vazias haviam se tornado dois olhos cor de chocolate, que reluziam alegremente provocantes.

Assim como Amon, ele veio ao mundo de cabeça raspada, vestido apenas com um saiote branco, e era igualmente bonito. Embora fosse evidente pela pele dourada que os dois vinham de um lugar com clima ensolarado, a semelhança terminava aí.

Ambos estavam em excelente forma física, tanto que, se aparecessem em um encontro de fisiculturistas, não estariam nada fora do lugar, mas Amon era mais alto, mais sólido do que o irmão. Sua cor era diferente, e a estrutura óssea também. Enquanto Amon tinha um rosto franco, dava para ver que seu irmão escondia coisas atrás dos olhos e do jeito afável.

Eu estava ali em pé, olhando de testa franzida para a covinha em seu queixo, que decididamente não existia no de Amon, quando o homem falou com o Dr. Hassan.

– Que presente delicioso você me trouxe, ancião – disse ele, sem tirar os olhos de mim. – Quase compensa esse banquete inacreditavelmente pobre.

– Sim. – O Dr. Hassan se aproximou depressa. – Imploro seu perdão. As circunstâncias eram extenuantes, sabe...

Embora não estivesse de modo algum recuperado, Amon o interrompeu. As fundas

olheiras sob os olhos e sua palidez me diziam que ele precisava da minha energia, mas em vez de se reabastecer ele segurou minha mão e me puxou para longe do irmão.

– Lily não é uma sacerdotisa nem está aqui para ser seu brinquedinho, Asten – avisou.

O deus das estrelas estreitou os olhos e, sem deixar de sorrir, olhou para o irmão. Então baixou o olhar para nossas mãos entrelaçadas.

– Ah, entendi. Ela é sua.

Amon franziu o cenho.

– Ela não é nem minha nem sua. Não está comprometida com ninguém. Ela pertence apenas a si mesma.

– Será? – Asten cruzou os braços diante do peito. – Bom, nesse caso, uma moça que pertence apenas a si mesma tem liberdade para escolher quem desejar. – Ele pegou minha mão e depositou um beijo no dorso dela. – Anseio pelo desafio de convencê-la a gastar seus desejos comigo – falou, com uma piscadela travessa.

– Asten, essa é Lily, e esse é o nosso vizir, doutor Hassan – disse Amon com um suspiro.

– Prazer em conhecê-lo.

O Dr. Hassan se adiantou e inclinou a cabeça.

– Sim, sim – respondeu Asten. – Talvez você possa me venerar mais tarde. Meu irmão me disse que temos pouco tempo.

– É verdade – confirmou Amon, grave.

– Muito bem. – Asten se agachou ao lado da oferenda que o Dr. Hassan tinha disposto no chão. – Então... – a personificação do deus das estrelas estendeu a mão e pegou uma maçã na pequena pilha de comida – ... quanto tempo temos até a cerimônia?

Depois de limpar a maçã no saiote branco, que ergueu a uma altura escandalosa, Asten deu uma mordida na fruta crocante e limpou cuidadosamente com o polegar o sumo que escorreu de seus lábios enquanto sorria para mim. Estendeu-me a fruta e disse:

– Bem, eu lhe prometi uma mordida.

Aquela era uma cantada tão escancarada que me fez dar uma risadinha, algo que não era do meu feitio.

Pensar que eu tivera tanto medo dele agora me parecia uma bobagem.

– Não, obrigada – respondi, sorrindo.

– Tem bastante para dois, e não estou vendo nada de errado. Não quer reconsiderar?

– Não, estou bem. Pode comer.

– Está bem. Mas a maçã teria ficado ainda mais doce se os seus lábios a tivessem tocado.

– Chega – interrompeu Amon. – Quer parar com essas provocações sem graça?

Asten deu um tapa no ombro do irmão.

– Ah, o que é isso... Com certeza temos tempo para *um pouco* de celebração.

Amon se remexeu, pouco à vontade, e disse:

– Não, irmão, não temos. O Obscuro mandou seus asseclas, e está se fortalecendo.

Asten terminou de comer a maçã e lançou o miolo na direção do Dr. Hassan, que se

apressou em catá-lo.

– Como assim? – perguntou Asten enquanto observava as roupas de Amon e em seguida tornava a olhar para mim. Astuto, insistiu: – Quando você despertou, irmão?

Em vez de responder, Amon se dirigiu ao Dr. Hassan:

– Osahar, pegue nossas coisas para podermos ir embora quanto antes.

– Agora mesmo, Magnífico... digo, Amon.

– Obrigado.

Asten observava o irmão com atenção.

– O que aconteceu, Amon? Por favor, me diga.

– Eu despertei há vários dias. Sinto muito que o seu período desperto seja tão curto, mas só temos poucos dias para localizar Ahmose e subjugar o Obscuro antes que ele acumule poder suficiente para nos deter.

– Localizar Ahmose? Você não sabe onde ele está? Por onde você andou, então?

Amon levantou a mão e Asten parou de fazer perguntas.

– Há muito a contar, mas o tempo é curto. Conversaremos no caminho. – Amon olhou para mim e passou o polegar de leve pelo meu rosto. – Precisamos despertar Ahmose, e rápido – acrescentou.

Parecendo ganhar sensatez diante da evidente preocupação do irmão, Asten segurou seu braço.

– Farei o que for preciso, irmão. Nós vamos encontrá-lo. Estamos na morte como fomos na vida.

– Na morte e na vida, Asten.

Eu havia acabado de me abaixar para pegar minha bolsa quando a caverna de repente estremeceu. Tropecei, indo de encontro a Amon, que me segurou com facilidade. O tremor cessou de forma abrupta, e eu estava prestes a perguntar ao Dr. Hassan se havia terremotos naquela região quando a montanha tornou a roncar.

Um vento quente soprou pela caverna, rastejando pela minha pele, e então recuou.

– É você quem está fazendo isso? – sibilei para Amon.

O som de uma respiração pesada tornou a trazer a mesma brisa fétida.

Ele fez que não com a cabeça, e com um som lancinante, como se um gigantes inspirasse, o ar foi sugado para fora da caverna. Meus pulmões se contraíram e me agarrei ao braço de Amon no momento em que as tochas bruxulearam e então se apagaram, deixando-nos imersos em total escuridão. Amon e Asten acenderam seus corpos e, quando o fizeram, pude sentir a rajada fresca de oxigênio penetrar meus pulmões. A luz branca de Asten era bem mais forte que a da pele dourada de Amon, e nessa hora ficou claro quanto Amon estava esgotado. Seus olhos reluziam no escuro, verdes, enquanto os de Asten eram cor de âmbar.

Uma poeira choveu sobre nós. Algo se moveu logo abaixo da pedra. Bem devagar, a coisa oculta se contorceu e ondulou, feito uma cobra gigante coleando sob a areia do deserto,

traçando um círculo até um dos lados da caverna, depois até outro, enquanto as paredes se abaulavam.

– O que é isso? – sussurrei.

– Não sei – respondeu Amon.

Nesse exato instante, milhares de fissuras se abriram na parede, deixando escapar finos filamentos de luz e acendendo a caverna inteira.

– Que lindo! – sussurrei.

– Eu não acho que descreveria da mesma forma – comentou Amon enquanto o brilho ficava mais forte e começava a se agitar.

Fios finos e reluzentes se contorciam, passando pelos buracos, e caíam às centenas no chão da caverna.

– Essas coisas não são...

– São, sim – respondeu Amon. – Vermes.

– Que horror. – Esfreguei os braços, deslizando as mãos para cima e para baixo. – É isso que normalmente acontece quando você o desperta? – Indiquei Asten com o polegar.

O deus das estrelas se pronunciou:

– Milhares de lindas mulheres? Sim. Milhares de insetos cujo único objetivo é atrair peixes? Não.

– Rapazes – falei, dando alguns passos para trás –, eles continuam se aproximando. – Vermes compridos e luminosos de todos os tipos se revolviam em pilhas cada vez maiores, e não demoraria muito para sermos soterrados por eles. – Podemos sair daqui? – indaguei. – Quero dizer, antes de nossos ossos ficarem descarnados como os de Asten.

– Você não é uma devota muito dedicada falando de mim desse jeito, hein? – comentou Asten.

– Eu nunca disse que era.

– Não acho que seja com esses vermes que devemos nos preocupar – interveio o Dr. Hassan.

– Ah, não? – retrucou Amon. – Qual é a sua preocupação então, doutor?

Um novo ronco tornou a sacudir a montanha, e dessa vez uma rachadura gigante surgiu no teto. Pedras e detritos despencaram lá de cima, destruindo o sarcófago de Asten e estilhaçando os vasos canópicos. Da fenda emergiu uma criatura que parecia saída de um filme de ficção científica – um verme do tamanho do Godzilla.

Sua pele cinza exsudava. A metade da frente era uma boca, com dentes afiados e circulares que desciam bem fundo, até onde meus olhos alcançavam. Como se pressentisse que havia carne fresca por perto, o verme dobrou o corpo na nossa direção e se contorceu mais para dentro da caverna; a boca escancarada se abria e fechava, e os dentes afiados se chocavam com um barulho que parecia uma tesoura.

O Dr. Hassan engoliu em seco.

– Era com *isso* que eu estava preocupado.

O primeiro pássaro é o que pega a minhoca

– Corram! – gritou Amon, agarrando meu braço e me puxando em direção ao outro extremo da caverna.

O Dr. Hassan e Asten nos seguiram.

Pedras caíam à nossa volta, e a criatura guinchou, frustrada, antes de dar uma guinada na nossa direção; seus dentes de navalha rasgaram o espaço que acabáramos de deixar. Como aparentemente não conseguia se contorcer mais para sair do buraco, o monstro recuou e tornou a se enterrar na montanha.

Embora estivéssemos separados pela rocha, a criatura parecia saber exatamente onde estávamos. Amon disse achar que ela podia nos ouvir, e dito e feito: quando paramos de correr, ela também parou. Sem fazer barulho, penetramos mais fundo na caverna, e por alguns momentos pensei que a tivéssemos despistado, mas então o Dr. Hassan esbarrou sem querer em uma estalagmite e fez pedaços de rocha deslizarem até o chão. Com um grito alto que ecoou em todas as direções, o verme gigante retomou a perseguição e foi se aproximando depressa.

Pedras tornaram a cair quando outra fissura apareceu no teto. Não era grande o suficiente para o corpo da criatura passar, mas uma comprida língua roxa saiu lá de dentro e se agitou no ar bem à nossa volta. Ao sentir nosso cheiro, o monstro berrou e bateu com o corpo na pedra, desesperado, tentando passar.

– Por aqui! – gritou Amon ao mesmo tempo que o alto da cabeça do verme passava pela fenda e pedaços de sua carne eram arrancados.

O bicho tentou em vão nos abocanhar quando passamos por ele correndo até outra parte da caverna e nos escondemos atrás de umas pedras. A curta corrida me deixou ofegante; eu ainda sentia os efeitos da exaustão da energia por Amon. O verme tornou a penetrar na montanha, e o movimento de seu corpo fez a caverna estremecer.

– Chegamos a um beco sem saída – disse Asten em voz baixa.

– O que vamos fazer? – sibilei, apavorada diante da perspectiva de virar comida de verme dali a pouco. – Só temos dois ovos de serpente!

– É tarde demais para fugir – murmurou Asten, quase contente. – Talvez tenha chegado a hora de lutar. – O irmão de Amon invocou a areia e esta se ergueu no ar até formar um arco e uma aljava cheia de flechas com ponta de diamante. – Você vem comigo? – indagou ele a Amon.

O deus das estrelas pelo visto não sentia um pingo de medo, e parecia até satisfeito por ter a oportunidade de testar seu corpo recém-reconstituído. Amon, porém, mostrou-se hesitante:

– Meus poderes estão fracos, Asten. Preciso levar Lily para um lugar seguro. Minha prioridade é ela.

Asten parou de examinar sua arma recém-materializada e se virou para o irmão, observando-o por alguns instantes.

– Entendi. – Ele lançou um breve olhar na minha direção antes de acrescentar: – Acho que ela vai estar segura. Você sabe que a criatura quer a nós, não uma mortal.

– Não. Ele vai vir atrás dela. Já mandou seus monstros das sombras uma vez, e eles agora tomaram gosto pela carne de Lily.

Asten arqueou as sobrancelhas e abriu um sorriso descarado.

– Não posso culpá-los – comentou, então olhou para mim com ar intrigado. – Mas confesso que não entendo por que...

– Quando a nossa situação não estiver tão difícil eu explico – interrompeu Amon, pronunciando as palavras em voz baixa enquanto observava as paredes em busca de sinais da criatura.

No escuro, quase não dava para ver a luz que seu corpo irradiava, e, mesmo que eu não estivesse sofrendo os efeitos do despertar de Asten, era óbvio que a operação havia usado a maior parte das reservas de força de Amon. Eu não sabia como ele aguentaria despertar outro irmão e concluir a cerimônia, quanto mais combater um monstro gigante, quando lhe restava tão pouco poder.

Estava prestes a oferecer um pouco mais da minha energia, sobretudo se ele estivesse com a intenção de ir atrás daquele verme infernal, quando Asten o segurou pelo ombro e disse:

– Se você não pode lutar como um deus, irmão, então lute como homem. Deixe o resto comigo.

Amon olhou na minha direção, soltou um suspiro trêmulo e segurou o braço do irmão. Então aquiesceu com a cabeça e disse em voz baixa:

– É bom ter você de volta, Asten.

O irmão sorriu enquanto punha a aljava nas costas.

– É bom estar de volta e ter um corpo para o qual voltar, aliás. Também estou grato pelo meu rosto inteiramente reconstituído, é claro, já que tenho um fraco por ele – completou o rapaz com um olhar atrevido na minha direção. – Vamos, Amon?

Em resposta, Amon balançou os dedos na direção da areia e milhões de pequenas

partículas se ergueram e se transformaram em um par de espadas curvas. O Dr. Hassan soltou um arquejo audível e, animado, exclamou:

– As cimitarras de ouro de Amon-Rá! – Tentei fazê-lo se calar antes que o verme nos ouvisse, mas ele continuou falando: – Ver isso com meus olhos de mortal é uma bênção maior do que qualquer coisa que eu jamais sonhei!

De fato, quando o Dr. Hassan estava terminando a frase, a montanha roncou. Ele tapou a boca com as mãos.

– Desculpe – murmurou.

Mais adiante no corredor, pedras grandes caíram, soltando poeira e fragmentos de rocha. Então nós quatro nos abaixamos, em preparação para o ataque. Amon ergueu a espada e Asten ajeitou no arco uma flecha com ponta de diamante. Ninguém disse nada, e a criatura se aquietou quando não conseguiu encontrar um ponto de entrada maior do que uma maçã.

Com um floreio, Asten desenhou círculos no ar com a mão. Uma bruma negra cintilante se formou a seus pés e logo nos envolveu. Luzinhas diminutas começaram a piscar feito vagalumes. Parecíamos estar flutuando no espaço, cercados por milhares de estrelas em miniatura. Levantei a mão para tocar uma delas e a segurei entre os dedos. Quando esfreguei o polegar, a estrela luziu e explodiu entre meus dedos com uma pequena descarga de energia.

– Ai! – sussurrei.

– Sua mãe não a avisou para não pôr a mão no fogo? – perguntou Asten enquanto movia a névoa em círculos ao nosso redor.

– Algo nessa linha – murmurei. – Ele vai achar a gente?

– Não agora, mas nem mesmo eu, por mais poderoso e atraente que seja, consigo sustentar esta situação para sempre.

– É bom ver que você não perdeu seu jeito com a magia, Asten – comentou Amon enquanto entregava as espadas para o Dr. Hassan segurar.

A impressão que tive foi de que ele havia lhe passado um bebê, tamanho o cuidado com que Osahar as segurou.

A única resposta do deus das estrelas foi encarar Amon com ar de quem diz “Como você pôde ter alguma dúvida?”, mas essa atitude arrogante desapareceu enquanto ele observava o irmão.

Amon apertou-lhe o ombro e prosseguiu:

– Tenho uma ideia de como podemos fugir, mas vai ser perigoso.

– O perigo vai me revigorar, depois de mil anos de tédio – replicou Asten enquanto controlava com cuidado a fumaça piscante.

– Vai ser necessária uma coordenação precisa.

– Me diga do que você precisa – disse Asten.

– Primeiro, temos que nos separar. Afastar a criatura de Lily e do doutor Hassan.

– Não tenho certeza se isso é uma ideia muito...

Asten me interrompeu:

– Está bem. E depois?

– Voltamos ao ponto por onde entramos, onde você foi despertado, e atraímos o monstro até lá. Tem uma cachoeira não muito longe daquela parte da caverna, então a rocha ali deve ser mais porosa.

– Ah, então você quer que a criatura passe.

– Rapazes, agora eu *tenho certeza* de que isso definitivamente não é uma boa...

Amon prosseguiu como se eu não tivesse dito nada:

– Se conseguirmos fazer o verme quebrar um trecho suficientemente grande da rocha, podemos fugir por essa abertura.

Asten apertou o ombro do irmão.

– Você tem força suficiente?

– Para isso, sim.

– Então vamos em frente.

Amon finalmente se virou para mim.

– Quando ouvir o teto desabar, venha até mim o mais rápido que puder.

– Mas...

– Segure isto aqui. – Asten me entregou uma pedra clara. – Vai precisar da luz.

Ele envolveu a pedra com as mãos e sussurrou algumas palavras que a fizeram se acender por dentro. Depois de apertá-la de leve entre as mãos, tirou o arco do ombro e começou a descer o corredor, fazendo o máximo de barulho possível.

Com um leve sorriso, Amon passou o polegar suavemente pela minha bochecha e pegou as cimitarras de ouro das mãos do Dr. Hassan. Partiu correndo atrás do irmão e, depois de se distanciar um pouco de nós, começou a berrar e bater nas paredes. A montanha roncou quando o verme recolheu a antena que se projetava da rocha, guinchou e saiu atrás de Amon e Asten.

– Eles vão acabar morrendo – balbuciei enquanto cruzava os braços e esfregava a pele, tentando desfazer o arrepio que se espalhara por ela depois de Amon e seu calor se afastarem.

– Sim. Em algum momento – respondeu o Dr. Hassan.

– O senhor parece bem à vontade com isso tudo – resmunguei. – Por acaso não se preocupa com nada? Nem com a própria vida?

O Dr. Hassan pegou a pedra brilhante da minha mão e fez um gesto de quem descarta o assunto.

– Minha vida não tem importância – afirmou. – Cada maravilha que vi, cada momento mágico é um presente que valorizo, e me considero um homem de sorte pelo simples fato de ter vivido o suficiente para presenciar essas coisas. Se eu morrer hoje, irei para a outra vida feliz e abençoado.

– É, mas eu tenho mais umas coisinhas que gostaria de fazer antes de desistir.

– Sim, claro. Você é jovem. Ainda não teve tempo nem de pensar nos seus sonhos, que dirá realizá-los.

Aos poucos, a bruma cintilante à nossa volta se dissipou e o barulho dos irmãos provocando a criatura gigante chegou aos nossos ouvidos.

– Nós vamos conseguir, não vamos? – indaguei, preocupada com a luta de Amon e Asten contra o verme demoníaco.

– Não tenho dúvidas. A luz sempre supera a escuridão.

Para provar o que dizia, ele ergueu a pedra iluminada que estava segurando.

– Seu discurso está mudado. O que aconteceu com "me preparar para o pior"?

Ele levantou a cabeça; parecia estar processando o que eu acabara de dizer.

– Sabe, minha querida, eu me sinto dividido em relação a esse assunto. Meu lado cientista parece estar em guerra contra o homem de fé. Neste momento, porém, diante dos acontecimentos milagrosos que presenciei, eu ultrapassei a linha e adentrei o terreno da fé. Sempre acreditei, sabe, mas, quando o mundo secular insiste que os deuses não são reais, a gente começa a duvidar. Acho que, mesmo sem que eu percebesse, minha fé me sustentou esses anos todos. E agora eu sinto... – Ele riu. – Bem, o que estou experimentando agora é uma grande sensação de "Eu tinha razão".

– Hum... não acho que eu tenha o mesmo grau de fé que o senhor.

– A fé não passa de uma disposição para acreditar, e com o tempo essa crença vai ficando mais forte e mais afiada, até se tornar capaz de cortar suas dúvidas com a mesma facilidade das cimitarras de Amon.

– Humpf.

O Dr. Hassan continuou:

– O que estou querendo dizer é que Amon e o irmão não são meros mortais que aspiram a ser deuses, como nossos faraós de antigamente. Eles são verdadeiros deuses que vivem no meio dos homens. E mais: são guerreiros, protetores divinos que desejam realizar sua vocação celeste. Com certeza o fato de testemunhar seu poder, de experimentá-lo em primeira mão, poderá inspirá-la a ter pelo menos um pouquinho de fé.

– Tem razão. É incrível o que eles conseguem fazer e o que já realizaram, mas, por mais impressionada que eu esteja com o poder de Amon, posso ver e sentir o que isso lhe custou. Ter tanta responsabilidade assim nem sempre é uma bênção. Então, sim, eu tenho dúvidas.

– Entendo.

– Duvido que Amon tenha forças para cumprir seu papel – continuei. – Mesmo que a sua missão seja bem-sucedida, duvido que ele esteja feliz preso nesse limbo que é a vida após a morte conforme ele descreveu. Mais do que tudo, duvido que essa vida, esse sacrifício que precisa ser feito e refeito, valha a pena. Amon merece mais.

O Dr. Hassan passou alguns instantes calado, e seus olhos pareceram penetrar fundo a minha alma. Sustentei seu olhar, meus sentimentos inabaláveis.

– Talvez você tenha razão – admitiu ele por fim. – Talvez a consorte de Amon tenha o

espírito tão afiado quanto suas espadas.

Eu estava prestes a lhe perguntar o que ele queria dizer com *consorte* quando a caverna estremeceu com tanta força que só podia significar uma coisa: o verme demoníaco tinha conseguido passar.

– É a nossa deixa! – gritei, e agarrei o Dr. Hassan pelo braço para me equilibrar.

Saímos correndo em direção ao outro lado da caverna, com pedras caindo a toda volta. Ergui o braço livre em uma débil tentativa de me proteger de ser esmagada.

Dessa vez foi muito mais difícil chegar ao outro lado da caverna. A estrutura inteira parecia à beira do colapso. Esquivamo-nos de estalactites caídas e estalagmites quebradas e chegamos ao outro lado com apenas alguns cortes e arranhões sem gravidade. Mas o caos e a destruição que vimos ao dobrar a esquina eram assustadores.

O verme gigante pendia do teto, seu corpo mole gotejando um pus sanguinolento em vários pontos. Uma fissura na rocha jorrava água na qual Amon e Asten chapinhavam até os joelhos. Se a água havia subido tão depressa, em breve estaria acima de nossas cabeças. A cachoeira desviada não pareceu deter o verme, que entrou na água e começou a se contorcer de um lado para outro feito uma grotesca e inchada serpente aquática.

Amon cortou o verme no flanco, enquanto Asten criou um pó mágico que se levantou em pequenas nuvens de luz ofuscante o suficiente para nos cegar. Em retaliação, o verme abriu a boca e, irado, cuspiu em cima de tudo uma gosma verde fluorescente e grandes bolos de saliva reluzente. As pedras sobre as quais seu veneno caiu silvaram e estalaram. Por sorte, Amon e Asten saíram da frente depressa o bastante para evitar aquela bile tóxica.

Com um tranco fortíssimo, o verme fez o resto do corpo passar pela abertura da caverna desmoronada e girou a cauda em direção a Asten enquanto mantinha a bocarra de dentes afiados aberta e apontada para Amon. Arquejei, horrorizada, ao ver outra boca aberta na ponta de sua cauda.

– Asten! – gritei. – Cuidado!

Em reação à minha voz, a criatura se sacudiu violentamente, acabou derrubando Amon e pôs-se a rastejar na minha direção, deixando atrás de si uma trilha brilhante de gosma nojenta. Sua antena, que eu agora via ser uma dentre muitas que se projetavam de buracos nas laterais de sua cabeça, contorcia-se como um parasita roxo comprido, enquanto a boca se movia antecipando a mordida. Amon atacou a criatura com vigor e cravou as duas cimitarras bem fundo no corpo carnudo, mas o verme o ignorou e continuou a avançar.

– Amon! – gritei quando seu corpo se chocou contra o teto.

– Vai ficar tudo bem com ele – murmurou uma voz no meu ouvido.

Girei nos calcanhares, mas não consegui ver nada exceto escuridão; então uma diminuta centelha brilhou na ponta do meu nariz.

– Asten?

– Ao seu dispor, bela devota. Se quiser ter a bondade de me seguir.

Enfurecida, a criatura veio correndo na minha direção, mas a mão de alguém se

materializou no escuro, segurou a minha e me arrastou para dentro de uma névoa rodopiante e escura cheia de vaga-lumes cintilantes. De repente, Asten ficou visível. O verme parou e testou o ar com a antena a poucos centímetros de nossos rostos, mas não conseguiu nos localizar.

Enquanto Amon berrava com o monstro, fazendo a criatura frustrada se virar para ele, Asten continuou a segurar com força a minha mão. Sem permitir que eu desse sequer um pio de protesto, ele nos fez sair de trás da estalagmite e voltar para o trecho inundado da caverna.

Chegando lá, vi o Dr. Hassan encarapitado em uma pedra rodeada de água que lhe chegaria à cintura se ele estivesse no chão. Embora Asten e eu também nos encontrássemos em uma posição elevada, a água que vazava da cachoeira continuava a subir, e em poucos segundos ultrapassou nossos tornozelos.

– Se você puder ficar de fora... – advertiu Asten.

– Não estou entendendo. Precisamos voltar para ajudar Amon.

– Amon é perfeitamente capaz de se safar sozinho.

– Mas...

– Confie em mim.

Ele me encarou com um olhar que não tinha nada de flerte ou arrogância. Era uma expressão quase de súplica, com a qual não parecia muito à vontade.

– Está bem – sussurrei.

Asten entoou um encantamento e seu corpo se acendeu por dentro. Uma luz intensa e branca como a das estrelas o envolveu e aumentou até ocupar tanto espaço que tive que recuar e desviar os olhos. A água agora estava nos meus joelhos e banhava os pés do Dr. Hassan.

Um grito de pássaro ensurdecedor atraiu minha atenção outra vez para Asten. Em vez do belo príncipe egípcio, uma ave branca reluzente, grande o suficiente para fazer frente ao verme gigante, avançava e recuava dentro d'água sobre patas compridas. Parecendo muito à vontade, abaixou a cabeça na minha direção e tocou delicadamente meu ombro com seu bico afunilado.

Suba nas minhas costas.

– Asten?

Sim. Rápido. Precisamos nos apressar. Amon está ficando cansado.

A grande ave se abaixou e eu me aproximei e segurei seu pescoço, que era fino em comparação com o resto do corpo, mas pude sentir a poderosa musculatura por baixo das penas macias.

– E se eu cair ou ficar enjoada por causa da altura? – perguntei, passando a perna por cima das costas do pássaro e me acomodando em cima dele.

Não vou deixar você cair, mas, se você vomitar nas minhas lindas penas, eu provavelmente vou jogar você no chão.

A risada dele ecoou na minha mente. Depois de mergulhar o bico em uma pilha molhada de vermes que se contorciam, a ave levantou a cabeça e engoliu dois gigantescos bocados antes de sair andando pela água.

Não era o banquete que eu esperava, mas os vermes vão me dar energia para o voo.

Com uma careta, olhei para as larvas reluzentes e me perguntei se algum dia chegaria àquele grau de desespero.

Asten abriu as asas e as bateu antes de subir vários metros com um único e poderoso salto. Agarrei-me desesperada ao seu pescoço enquanto ele pulava até uma pedra que se projetava da água. Vi o Dr. Hassan acenar para nós enquanto Asten pulava no ar e abria as asas.

Quando a ave ganhou altura, o vento lançou meus cabelos para trás. As pontas de suas asas roçaram a água que caía da cachoeira e então chegamos a céu aberto, sobrevoando o Oásis das Pedras Sagradas. Meu estômago parecia ter sido deixado na caverna, e por um minuto de desespero me perguntei se ia vomitar. Quando Asten se estabilizou e começou a voar em círculos acima da montanha, finalmente consegui controlar o enjoo.

Você não está passando mal, está?, indagou ele como se estivesse lendo meus pensamentos. Perguntei-me se conseguia fazer isso, como Amon.

Respondi sem emitir nenhum som. *Você me ouve se eu falar só na mente?*

Ouço. Mas preciso me concentrar.

– Então, enquanto conseguir me escutar, eu vou falar normalmente com você.

Muito mais fácil. Obrigado.

– De nada. Agora vamos voltar para buscar Amon.

Lembra que você concordou em confiar em mim?

– Lembro, mas...

Nesse exato instante, na forma do falcão dourado, Amon irrompeu do buraco na montanha com um Dr. Hassan encharcado agarrado ao seu pescoço. O falcão batia as asas furiosamente e se sacudia de um lado para outro, o que a princípio pensei que fosse uma tentativa de ajudar o Dr. Hassan a se acomodar com segurança nas suas costas, mas então o gigantesco verme emergiu da montanha logo atrás deles, com a boca aberta e o corpo machucado.

O monstro abocanhou as penas do rabo do falcão e a ave se desvencilhou com um grito. O único prêmio do monstruoso verme foi uma solitária pena dourada e reluzente que rodopiou no ar e caiu lentamente até ir parar nas pedras molhadas onde antes ficava a cachoeira. O verme deu um derradeiro grito, quase pesaroso, antes de recuar para o interior da montanha.

A ave dourada logo chegou até nós e levantou a cabeça para me olhar.

– Está tudo bem, Amon? – perguntei, mas, por mais que me concentrasse, não consegui ouvir a resposta.

Se tiver algum recado para ele, eu posso transmitir, disse Asten. *Estou ligado tanto a*

Amon quanto a Ahmose.

– Sério? Como é isso? Você consegue ouvir Ahmose mesmo que a gente ainda não o tenha despertado?

Espere um instante. Asten inclinou a cabeça como se estivesse escutando alguma coisa ao longe. *Amon quer que eu pergunte como você está se sentindo*, disse ele por fim.

– Diga a ele que estou bem. – Olhei para Amon, que voava ao nosso lado, e acenei para tranquilizá-lo. – Mas para onde estamos indo exatamente?

O grão-vizir está nos dizendo como chegar a Ahmose. Amon me avisou que eu me preparasse para uma enxurrada de perguntas, por conta de sua natureza inquisitiva. Ele também me lembrou que você não é uma devota do tipo com o qual estou acostumado, e que não vai cair facilmente nos meus braços.

– As duas afirmações estão corretas.

Nesse caso, sugiro que comece logo as perguntas, pois não consigo conceber uma mulher que não busque desesperadamente a minha atenção.

Uma risadinha me escapuliu da garganta e tapei a boca com a mão. Rir feito uma boba não era nem um pouco do meu feitio, mas a firme convicção de Asten em relação ao seu poder masculino de atração tinha um certo charme. Não se podia dizer que lhe faltasse confiança.

Qual é a sua primeira pergunta?

– Como Amon era quando pequeno?

Ah. E eu pensando que iria deliciar você com histórias a meu respeito. Fico magoado por estar sendo preterido assim, mas, como Amon e eu vivemos a infância juntos, vou fazer sua vontade, e qualquer história que eu contar sobre ele com certeza também vai me apresentar sob um viés favorável.

As asas de Asten passaram a se mover em um ritmo suave, e posicionei-me do modo mais confortável que consegui enquanto ele começava a falar.

Como Ahmose e eu, Amon era confiante, valente e muito bonito, embora talvez não tão bonito quanto eu. A diferença era que ele tinha grande compaixão pelos desvalidos. Observava as coisas. Via um velho pedinte adormecido junto a um descampado e entregava o cesto de peixes que acabáramos de pescar. Em uma multidão, encontrava a menininha que quisesse lhe entregar um mato qualquer fazendo-o passar por flor.

Certa vez, nós três fugimos de nosso professor. Éramos meninos, e não achamos nada de mais em tirar o dia para nos divertir um pouco. Em vez de ficar presos dentro de casa estudando, decidimos explorar o campo. Perseguimos cavalos do deserto, jogamos senet, *observamos os barcos coloridos subirem e descerem o Nilo, procuramos tesouros enterrados e roubamos guloseimas quando os vendedores do mercado não estavam prestando atenção.*

Nessa tarde fomos caçar: eu com meu arco, Amon com suas espadas e Ahmose com seu machado e sua maça. Percorremos colinas baixas atrás de nossa presa, um cabrito montês, até vermos que ele estava cercado por uma matilha de chacais. Eram mais de vinte animais no

bando. Tomados por um excesso de coragem infantil, atacamos. Os chacais recuaram, mas, quando o fizeram, o cabrito já tinha sido estraçalhado. Para comemorar o sucesso de espantar os chacais, acampamos em um fértil arvoredo e assamos lebres do deserto na fogueira para saciar nossa fome.

Na manhã seguinte, de volta a casa, declaramos que a véspera tinha sido uma vitória triunfal. Embora soubéssemos que nosso pai iria preparar algum tipo de punição por nossa escapada, decidimos que a liberdade valia qualquer pequeno preço que tivéssemos que pagar.

Mas o nosso professor, que amava a nós três e principalmente Amon, não queria que tivéssemos problemas com o rei. Logo descobrimos que, após saber que tínhamos ido passar o dia em outro lugar, ele tentou nos encontrar sozinho em vez de incomodar nossos pais.

Ao seguir nossa trilha, ele encontrou os restos do cabrito montês e parou para investigar. Com medo de termos sido feridos, seguiu em frente, e não estava muito longe do arvoredo quando foi atacado pelos chacais que ainda estavam por perto. Ele não sobreviveu. Os ossos roídos de nosso amado instrutor foram dispostos diante de nós três, e nossos pais prestaram homenagem a seu heroico sacrifício.

Depois disso, Amon mudou. Fez uma promessa pública de nunca mais se esquivar de suas responsabilidades. Desse dia em diante, passou a treinar com aplicação e a exibir um comportamento irrepreensível.

– Entendi. Na verdade isso explica muita coisa. Mas e você?

O que tem eu?

– Seu comportamento também se tornou irrepreensível?

Asten riu.

Não gosto de me conformar nem de corresponder às expectativas alheias. Fiquei triste com a morte do nosso professor, mas não me culpei como fez Amon.

– Então por que ainda serve ao Egito? Você parece amar demais a vida para se contentar com milhares de anos vagando pelo mundo dos mortos. Por que não desiste?

Não houve resposta por alguns instantes, e eu estava prestes a repetir a pergunta quando Asten finalmente falou:

Já pensei nisso. Na verdade, é a coisa em que mais penso durante minhas temporadas de mil anos. Bom, nisso e em todas as mulheres dispostas a me proporcionar uma acolhida de herói quando eu despertar. No entanto, mesmo sendo capaz de listar centenas de motivos para abandonar meu chamado, existe uma razão muito importante para eu continuar fazendo o que faço, milênio após milênio.

– Qual?

A grande ave moveu a cabeça para olhar o falcão dourado que voava logo atrás de nós. Levantou as asas e planou devagar até o falcão nos alcançar.

Eu amo meus irmãos.

Apesar de silenciosa, a declaração de Asten trazia a sugestão de uma dedicação arrebatada que me fez entender melhor o homem que ele era.

É simples assim. Eu não seria capaz de abandoná-los nem por todas as donzelas do mundo. Excluindo a que está aqui comigo agora, claro. Se você concordasse em voar comigo na direção do sol poente, eu os abandonaria sem pestanejar.

Afaguei seu pescoço macio e me perguntei, não pela primeira vez, que tipo de pássaro ele era; nunca tinha visto nenhum igual. Sorrindo, falei:

– Abandonaria nada.

Para seu governo, eu sou um íbis estrelado, uma criatura muito linda e rara. Quanto ao seu comentário, é só me dar oportunidade, princesa.

– Você não precisa de oportunidade. Falando nisso, havia alguma? Alguma princesa, quero dizer...

Está querendo saber se estou disponível para ser cortejado?

Revirei os olhos.

– Só estou curiosa para saber o que teria acontecido se vocês não tivessem virado semideuses. Imagino que Amon seja o mais velho, então ele teria sido o primeiro a se casar, certo?

O que faz você pensar que ele é o mais velho?

– Não sei. Deve ser porque ele despertou primeiro.

Ele não é o mais velho. Ahmose chegou alguns minutos na frente, e eu, uma ou duas horas depois.

– Espere aí. Está me dizendo que vocês são trigêmeos?

O que é trigêmeo?

– É quando três bebês nascem ao mesmo tempo da mesma mãe.

Ah. Entendi sua confusão. Nós não temos a mesma mãe.

– Quer dizer que o seu pai tinha... amantes? Concubinas? – perguntei, para esclarecer.

Não. Meu pai amava minha mãe, e somente ela.

– Então não estou entendendo mesmo. Como vocês podem ser irmãos se têm mães diferentes?

Nossos pais nos conceberam quando começaram a adorar Seth. Nós nascemos no mesmo dia, cada um no seu reino. Como fomos considerados presentes dos deuses, fomos criados como irmãos na esperança de que poderíamos unir o Egito sob um só líder.

Nós nos revezávamos em cada um dos três reinos. Nem se o sangue nos houvesse unido como irmãos de verdade poderíamos ter sido mais próximos. Como cada um no fundo era herdeiro do próprio reino, não havia inveja nem animosidade entre nós.

– Parece um jeito bom de ser criado.

Não poderíamos ter tido uma infância mais encantadora nem mais feliz. Pronto, já contei um pouco sobre a minha infância. Agora, quem sabe, você possa me entreter com algumas histórias sobre a sua.

– Ah, não creio que você vá achar minha infância muito interessante.

Pelo contrário, acho você muito *interessante.*

– Como pessoa ou como mulher?

Não posso estar interessado nas duas?

– Acho que sim. O que você quer saber?

Por que não começa me dizendo qual é o seu maior desejo?

Eu ri.

– Por quê? Você por acaso é um gênio que vai me conceder três desejos?

Você está zombando de mim, princesa. Eu tenho capacidade para acessar a magia que flui entre as estrelas, o que não é pouca coisa. Vamos. Diga-me o que o seu coração deseja, e eu voarei até a estrela mais distante para tornar isso realidade.

Ainda que acreditasse que ele podia mesmo fazer o que estava dizendo, o que eu poderia desejar? *Amor*. A ideia despontou na minha cabeça como o sol que nasce no horizonte. Antes de Asten conseguir interceptar o pensamento, tentei distraí-lo dizendo alguma outra coisa:

– Queria que Amon ficasse bom outra vez. Você consegue realizar esse desejo?

Asten permaneceu alguns segundos calado antes de responder:

De nós três, quem tem o poder da cura é Ahmose. Ele fará o que puder quando despertar.

– Mas será que Amon vai ter poder suficiente para despertá-lo?

Se não tiver, eu o ajudarei.

– Obrigada.

Você se preocupa com Amon.

– Sim.

Mesmo conhecendo o dever dele?

– Sim.

Então ele tem sorte por ter encontrado alguém como você.

Umedeci os lábios ressecados pelo vento e perguntei:

– E o seu desejo, Asten, qual seria? Com certeza você deve ter pensado em alguma coisa durante todos esses anos preso no além.

Após um instante, ele falou:

Não ouso revelar o desejo do meu coração. Se eu o expressar, mesmo para alguém tão compreensivo quanto você, estarei depositando meu destino nas mãos de um universo frio. Enquanto eu o guardar só para mim, transbordarei de possibilidades, mas, se ele me escapar, ficarei perdido e vazio.

– Sinto muito pelo destino que vocês três compartilham. Parece muito solitário.

Nós temos um ao outro. Por isso, ao menos, eu sou grato.

Ele soou melancólico, e, para alguém cheio de vida como Asten, esse era um sentimento triste demais. Mudei de assunto e perguntei:

– O que você mais gosta de fazer quando desperta? Tirando as mulheres, quero dizer. Amon disse que o que mais lhe agrada são os banquetes.

Asten riu.

Sim, a comida sempre esteve entre as maiores preocupações de Amon. O que eu acho mais fascinante é ver como o mundo muda enquanto dormimos em nossas tumbas. Eu sou aquele que gostava de sair rumo a lugares desconhecidos em busca de aventura.

– Bem, muita coisa mudou nos últimos mil anos.

Me conte.

– Não sei nem por onde começar.

Por que não começa pela sua própria cidade? De onde você é? Sua pele é clara, mas você não parece ter ascendência grega nem romana.

– Não, eu não venho da Grécia nem da Itália. Moro em Nova York, que fica nos Estados Unidos. Foi lá que Amon despertou.

Fica perto daqui?

– Do outro lado do oceano.

Mudando de posição, aninhei-me entre as penas macias das costas de Asten e comecei a lhe falar sobre Nova York e sobre como havia conhecido Amon. As horas passaram depressa enquanto ele escutava, interrompendo-me apenas para esclarecer palavras que não conhecia. Assim, fiquei surpresa quando começamos a descer e a sobrevoar em círculos um pequeno grupo de colinas.

Amon disse que chegamos. Segure firme.

Asten recolheu as asas e despencamos em direção ao vale no deserto lá embaixo.

Templo do Crocodilo

Senti o estômago se contrair quando fechei os olhos e me agarrei ao pescoço comprido de Asten. No meio do árido vale desértico havia um pontinho marrom que eu não podia distinguir, e perguntei-me se seria um animal que tinha morrido ao sol ou uma planta nascida no meio do nada. No fim das contas, não era nem uma coisa nem outra.

O imenso íbis se inclinou e levantou as asas para diminuir o ritmo da descida, em seguida passou a batê-las depressa até pousar na areia próximo ao objeto. Asten se virou e se abaixou para eu poder descer. Quando me afastei, cambaleante, ficou todo branco e brilhante, então explodiu e se materializou em sua forma humana. Instantes depois, o falcão dourado aterrissou ali perto e também mudou de forma.

– Lily – disse Amon, aproximando-se. – Obrigado por cuidar dela – acrescentou, segurando o braço de Asten.

– Foi um privilégio. Mesmo.

Asten piscou para mim, então se afastou pela areia junto com o Dr. Hassan.

Amon deslizou as mãos quentes pelos meus ombros, passando a ponta dos dedos delicadamente pelo braço enfaixado.

– Ainda está doendo?

– Sim. Mas não tanto quanto teria doído uma mordida de verme.

– Nem brinque com essas coisas. – Amon tinha o semblante sério. – Aquele verme poderia tê-la matado, e meu poder não teria bastado para impedir isso.

– Mas eu estou bem. Seu irmão me tirou de lá a tempo. Usou sua magia das estrelas, ou sei lá o quê.

Sem dizer nada, Amon tocou meu pescoço, e entendi que estava tentando avaliar meus ferimentos. Afastei a mão dele com um gesto suave mas decidido.

– Ei. Quero que você pare de se preocupar tanto comigo. Garanto que, se estivesse mesmo tão perto assim da morte, eu saberia. Precisamos que você se concentre mais nessa cerimônia, não acha? A lua está quase cheia. Não nos resta muito tempo.

Amon contraiu o maxilar, como se não dizer nada lhe exigisse um esforço monumental, e aquiesceu. Começamos a andar até onde estavam Asten e o Dr. Hassan, mas, quando minha perna ardeu por causa da mordida e arquejei, Amon me pegou no colo e me

carregou, aquecendo meu corpo com seu poder. Eu sabia que ele não podia desperdiçar nenhuma parcela da energia que lhe restava e estava planejando protestar quando ele murmurou no meu ouvido:

– Nem pense em me contrariar nisso, Nehabet. Pelo menos me deixe fazer o que puder por você.

Lembrei-me da sua tendência a se culpar e a sentir necessidade de me ajudar, então me recostei e aproveitei sua proximidade, pensando que retribuiria o favor mais tarde.

O sol forte bem acima de nossas cabeças revigorou Amon e sua pele absorveu a luz. Enquanto olhava para seu belo rosto humano, pensei em quanto fora boba por ter tanto medo de me apaixonar por uma múmia.

Amon não podia fazer nada em relação ao que era. Não tinha pedido para ser um herói do Egito, muito menos que o próprio corpo passasse séculos apodrecendo. Ele era apenas um homem envolvido em um jogo celeste: um poderoso peão que os deuses movimentavam no tabuleiro e sacrificavam em nome de seus próprios objetivos.

Decidi que tentaria encontrar um jeito de tirar Amon e seus irmãos daquela situação. Primeiro, porém, precisávamos resgatar o terceiro irmão. De tão entretida com meus pensamentos, nem sequer me dei conta de que os outros estavam parados em círculo, calados, olhando para alguma coisa no chão.

– O que foi? – Virei-me para ver o que os havia deixado tão boquiabertos. Amon me acomodou no colo e se virou para que eu pudesse olhar melhor. O que vi me fez soltar um arquejo trêmulo. Deitado na areia à nossa frente, havia um homem. Queimado, ferido e sangrando, com um dos olhos arrancado, braços e pernas quebrados, ossos expostos em vários pontos, ainda assim ele respirava.

– Mestre?

O homem tossiu, e o sangue que ele cuspiu se coagulou, formando caroços na areia quente. Amon fez menção de me entregar a Asten, mas contorci-me o suficiente para fazê-lo mudar de ideia e me pôr no chão. Ele então se agachou e tocou o ombro do homem.

– Estou aqui. Anúbis o mandou – disse Amon. Não era uma pergunta, e sim uma afirmação. O homem assentiu com a cabeça. – O que houve com você? – indagou Amon, e nessa hora reconheci a forma toda machucada.

Era o *shabti* mais alto que fora despachado para procurar o deus da lua.

Pelo visto, ao menos ele havia sido fiel. Abaixei-me ao lado de Amon, estendendo a perna machucada junto à do homem.

– Foi… – ele engoliu em seco dolorosamente, e senti uma pontada no coração ao ver que vários de seus dentes também tinham sido quebrados – … foi o Obscuro.

– Ele o encontrou e o machucou? Torturou você para obter informações?

O *shabti* fez que não com a cabeça, e até mesmo esse leve movimento o fez gemer de dor.

– Ele não queria infor… – ele emitiu um chiado – … informações.

– Então o que ele queria? – indagou Asten, a empatia dando cor ao seu rosto.

– Impedir a cerimônia e mandar um re... recado para vocês.

Tremores percorreram seu corpo, e ele começou a entrar em convulsão. Amon ergueu os olhos para o irmão, que aquiesceu, ergueu as mãos e começou a falar em egípcio e a lançar um encantamento no *shabti*. Não entendi o que Asten fez, mas pelo visto deu certo. Os tremores cessaram, e o único olho que restava ao homem clareou um pouco.

– Que recado? – perguntou Amon com voz branda.

O rosto do criado se acendeu com uma expressão fervorosa e ele arquejou quando um poder invisível levantou seu tronco. Os braços quebrados pendiam ao lado do corpo, e seu olho se revirou na órbita até que tudo o que consegui ver foi um globo branco reluzente posicionado ao lado da outra órbita vazia.

Com uma voz sibilante muito diferente da sua, palavras começaram a sair da boca do *shabti*, e levei alguns instantes para compreendê-las:

Vocês vieram aqui em busca do poder da lua,
Mas ele foi escondido dentro de uma nuvem escura e seu poder foi derrotado.
Vocês que o pranteiam serão lançados em um fogo que a tudo devora,
Onde chorarão e morderão os próprios dedos,
Pois não conseguirão deter a maré de escuridão.
Esta já se agita à sua volta, fustigando-os, dilacerando-os.
As moscas se multiplicam e os vermes arrancam a pele de seus ossos.
Mas ele pode ser libertado dessa prisão de podridão.
O preço? É pequeno. Um nada. Uma irrelevância.
Tudo o que busco é um olho.
Mas nenhum olho normal bastará para libertar alguém tão importante.
O pagamento exigido é o Olho de Hórus.
Ele será engolido inteiro, devorado por monstros famintos.
Somente então vocês poderão se reunir a seu irmão perdido
No reino dos mortos.
Se não vierem buscá-lo,
Eu me vingarei com um dilúvio infernal.
Escurecerei a glória do sol.
Arrancarei da lua lágrimas de sangue,
E sacudirei os alicerces do cosmos
Até a última estrela do firmamento cair,
E a humanidade irá minguar até virar um nada absoluto.

A cabeça do *shabti* tombou para trás e pendeu, inerte, quando ele se calou. Lentamente, seu corpo desabou na areia, que se espalhou sobre ele como se o estivesse enterrando vivo.

Em pouco tempo, apenas a cabeça era visível, e a areia em cima dele se solidificou até formar uma estrutura muito intrincada semelhante a uma antiga construção egípcia.

Horrorizada, levei as duas mãos à boca.

– Isso sig… Ele quis dizer que está com Ahmose e quer trocá-lo pelo… pelo *olho* de Amon?

Eu arfava, mal conseguindo pronunciar as palavras.

Encarar a órbita vazia onde antes ficava o olho do *shabti* me deixou enjoada, sobretudo quando imaginei a dor de perder Amon. Aquilo não podia acontecer com ele. Simplesmente não podia.

Amon e Asten não responderam e, quando olhei para o Dr. Hassan, este tirou o chapéu e abaixou a cabeça. Aquilo não era nada bom. Torci para ter entendido mal, para que algo tivesse se perdido na tradução. Torci para que Amon não estivesse considerando trocar seu olho pelo irmão.

Amon e Asten passaram alguns instantes estudando a estrutura em cima do *shabti*, em seguida trocaram um olhar demorado. O deus do sol se ajoelhou junto à cabeça do criado moribundo e passou a mão pelo rosto do homem.

– Você me ajudou muito – murmurou Amon. – Eu o liberto de sua servidão. Que seu serviço leal lhe proporcione uma vida abençoada após a morte.

Com um profundo suspiro, a força vital do homem lhe escapou pela boca e pairou no ar por uns poucos segundos antes de implodir e desaparecer com um clarão de luz.

O corpo que repousava sob a areia estremeceu. Finos raios de luz dourada começaram a se agitar à sua volta em um redemoinho, e então a forma do *shabti* murchou, destruindo a estrutura de areia. Amon afundou a mão no monte de areia e tateou até encontrar o que procurava. Bem devagar, removeu da areia a estatueta de pedra que representava o *shabti* e a entregou ao Dr. Hassan, que a limpou com uma expressão séria e a guardou na mochila.

– Vamos para o templo, então? – indagou o Dr. Hassan após fechar a mochila.

Asten assentiu.

– A estrutura continua de pé?

– Sim. Embora esteja se desintegrando aos poucos.

– Como todos nós – retrucou Amon com gravidade.

Ele e Asten puxaram o Dr. Hassan de lado e os três se afastaram alguns metros até eu não conseguir mais distinguir o que estavam dizendo, sobretudo porque falavam em egípcio. Fiquei irritada por estar sendo excluída. Quando terminaram de confabular, Amon perguntou:

– Doutor Hassan, o senhor poderia fazer a gentileza de acompanhar Lily até um pouco mais adiante no vale? Asten e eu precisamos conversar a sós.

– Mas é claro.

Amon me enlaçou pela cintura e me ajudou a levantar.

– E quem sabe também cuidar dos ferimentos dela? – acrescentou ele enquanto o Dr.

Hassan passava um braço pelos meus ombros.

– Esperem aí. – Virei-me de volta para Amon. – Não estou entendendo. Que construção era aquela na areia? Vocês não estão planejando fazer nada drástico, estão?

Amon me dirigiu um olhar demorado e triste antes de se virar para o irmão. Obediente, o Dr. Hassan me conduziu para longe, em seguida se agachou para examinar minhas ataduras.

– Vamos precisar trocar esses curativos. Não quer se sentar, querida?

Ele me segurou pela mão e me estabilizou enquanto eu saltitava até um rochedo grande e me sentava. Entreguei-lhe o rolo de atadura que ele trouxera e comecei a fazer perguntas sobre o que estava acontecendo. O doutor parecia relutante em compartilhar informações e não parava de olhar para trás na direção dos dois homens a uma boa distância de nós.

– Acho que vamos para o templo de Kom Ombo, o Templo do Crocodilo.

– Foi lá que eles pegaram Ahmose?

– Se o mensageiro tiver dito a verdade, e acredito que ele tenha dito.

– Como o senhor sabe?

– Porque esta região do país nem sempre foi a terra devastada que você está vendo agora. Quando escondi Ahmose aqui, havia um oásis parecido com aquele onde escondi Asten. Ele foi enterrado no tronco oco da árvore mais alta, e também era protegido por criaturas imortais. O toque do Obscuro...

– Traz a morte? – Engoli em seco.

– Não. – O Dr. Hassan balançou a cabeça enquanto prendia meu novo curativo. – O que ele traz é muito pior do que a morte.

– Como é possível algo ser pior do que a morte?

O Dr. Hassan olhou sem piscar por cima do meu ombro por um momento. Seus olhos adquiriram um brilho vítreo enquanto ele parecia ponderar minha pergunta.

– Ah – disse ele então, como se alguém houvesse soprado a resposta no seu ouvido. Por fim, concentrou-se no meu rosto e sorriu. – Sabe, mesmo na morte existe a lembrança de uma vida vivida. A pessoa ou o animal que morre continua a alimentar a terra, e as gerações são influenciadas pelas vidas de seus ancestrais. O que Seth faz é mais do que a simples destruição. Ele descria.

– Descria?

– Desfaz. Ele destrói todos os aspectos da vida até não sobrar mais nada... – o Dr. Hassan enterrou os dedos na areia e a deixou escorrer por entre eles – ... só a terra estéril. Até mesmo as pegadas dos que nos precederam são apagadas. Foi isso que ele quis fazer com Ahmose, Asten e Amon séculos atrás. Ele queria mais do que um simples sacrifício; queria descriá-los. Teria sido como se os três jamais houvessem existido, e todas as coisas boas que aconteceram por causa deles, todas as vidas que eles influenciaram, tudo isso seria apagado. Seu povo teria sido obrigado a suportar um sofrimento terrível, e a descriação teria enfraquecido os deuses a ponto de subjugá-los.

– Seth é capaz disso?

– Ah, é sim. Derrotar o mal é espalhar a luz da bondade, entende? É isso que dá aos deuses sua força. Ao criar algo bom, como quando Seth usou seu poder para curar a Terra e abençoar o povo do Egito, ele atingiu um determinado nível de poder.

– Pelo fato de o povo o venerar?

– Em parte, mas não é tão simples. A veneração do povo serviu para tranquilizar os outros deuses, colegas de Seth. Ele enganou a todos, mortais e imortais, e parecia estar servindo à humanidade quando na verdade a estava preparando para uma queda terrível. O poder que ele conquistou na criação e no serviço à humanidade era apenas uma fração do que ele teria obtido ao descriá-la. Mas descriar exige tempo, e é muito mais fácil descriar alguém que já morreu do que uma pessoa viva. Foi por isso que Seth pediu ao seu fiel sacerdote que sacrificasse os irmãos.

– Quer dizer que quando ele tentou matar Osíris estava tentando descriá-lo?

– Muito bem, Lily. É isso mesmo. No entanto, antes de Seth conseguir terminar o trabalho, Ísis encontrou o corpo do marido e ela e Anúbis o recriaram. Infelizmente, ficaram faltando algumas partes e Osíris não pôde mais viver sobre a Terra.

– E é por isso que ele hoje vive no mundo dos mortos.

– Sim. Por sorte, a duplicidade de Seth em relação a Amon e seus irmãos foi descoberta a tempo e seus planos foram frustrados antes de ele conseguir terminar o que havia começado. Como sabia que Seth continuaria a tentar descriar os três príncipes, uma vez que investira tanta energia neles, Anúbis tirou-os da equação transformando-os em servos do Egito e lhes atribuindo os poderes celestiais dos deuses. Enquanto eles mantiverem seu poder, Seth não poderá destruí-los para conseguir o que quer.

– Nesse caso, por que Seth não pode simplesmente descriar outras pessoas? Como eu, o senhor ou o pai de Amon, por exemplo? Isso não lhe daria poder?

– Em teoria, sim, mas os deuses seriam alertados e interviriam. No caso do nascimento de Amon, Asten e Ahmose, como foi Seth quem os fez nascer, o único deus capaz de ouvir e reagir ao perigo seria ele próprio. Destruir as próprias criações tem por resultado uma injeção de poder tão forte que não se pode negar nada ao imortal que conseguir isso. Entretanto, tem um preço terrível.

– Se ele não foi avisado, como Anúbis soube que precisava vir ajudar?

– O povo fez preces tão sinceras e demonstrou tanta preocupação com seus amados príncipes, sobretudo as mães dos rapazes, que os deuses não puderam ignorar suas súplicas fiéis.

Nossa conversa foi interrompida quando Asten e Amon se aproximaram. Asten franziu o cenho para o Dr. Hassan e o encarou com um olhar cheio de significado. Embora nenhuma palavra tenha sido trocada, o doutor fez uma careta como se tivesse acabado de ser repreendido e então meneou a cabeça, respeitosamente. Perguntei-me se os dois irmãos estariam zangados com ele por me revelar coisas de mais.

Na minha concepção, eu tinha o direito de saber, de modo que segurei a mão do Dr. Hassan e lhe dei alguns tapinhas tranquilizadores.

– Nós decidimos procurar o templo – declarou Asten. – É vital localizarmos nosso irmão.

Amon tinha a cabeça baixa e parecia estar com dificuldade para focar o olhar. Fechei os olhos e tentei captar o que ele estava sentindo, mas foi como se eu estivesse isolada por um muro de pedra e, por mais que subisse ou andasse, não conseguia transpô-lo nem contorná-lo.

– Amon?

– Vai ficar tudo bem, jovem Lily – sussurrou ele, a voz sem entonação. – Você precisa confiar na orientação de Asten.

– Pode parar! – esbravejei, pondo-me de pé, sem conseguir mais me controlar. O esforço para ficar ereta enfraqueceu um pouco minha justificada indignação, mas mesmo assim insisti e dei um cutucão no peito de Amon com o dedo. – Não pude deixar de notar que vocês estão praticamente me ignorando e tomando decisões drásticas sem qualquer preocupação com o que penso a respeito – protestei, sem parar de cutucá-lo. – Como você sabe, tenho tanto interesse no desfecho desta aventura quanto vocês, então tenho o direito de saber… o que está… acontecendo – declarei, pontuando a última frase com três derradeiros cutucões.

Em toda a minha vida, eu nunca havia expressado o desejo de participar, de tomar minhas decisões. Aquilo me deu certo orgulho. Duvidava que fosse ter a mesma força para me impor de modo semelhante diante dos meus pais, mas fazer isso com Amon e o irmão já era um passo enorme.

Amon envolveu minhas mãos com as suas e apertou-as levemente.

– Eu sinto muito, Lily. Não era minha intenção deixá-la de fora. Eu só quero proteger você.

Ele parecia muito cansado; sua pele estava fria. O sol que seu corpo irradiava não o aquecia mais como antes de encontrarmos o *shabti* agonizante.

– Eu entendo – respondi, em tom mais brando. – Entendo mesmo. Mas eu sou mais forte do que você pensa. Pode me dizer a verdade. Juro que não vou sair correndo.

Asten nos observava com um fascínio evidente, enquanto o Dr. Hassan parecia constrangido por estar testemunhando nosso diálogo. Por alguns instantes, perguntei-me se Amon iria responder, mas então ele ergueu os olhos e levantou a mão para ajeitar uma mecha de cabelos atrás da minha orelha.

– Muito bem – falou, com um suspiro. – Mas saiba que o que precisa ser feito será. Vou deixar todas as explicações a cargo de Asten.

Depois de apertar minha mão uma última vez, ele se afastou de lado e disse algumas palavras em egípcio para o Dr. Hassan. Em seguida entoou um encantamento para invocar o falcão dourado. A grande ave aguardou em silêncio enquanto Asten nos dava algumas breves instruções.

– Vocês dois vão voar comigo – disse ele. – Amon agora está fraco demais para carregar alguém. Quanto à questão de lhe falar sobre o nosso plano, darei informações no caminho.

Olhei para o pássaro dourado. Ela estava imóvel, letárgico, e me perguntei se Amon teria energia ao menos para levantar voo. Ele estava se recusando a usar minhas reservas, e estava se matando aos poucos para me salvar. Eu não iria permitir isso, não com ele prestes a enfrentar um poderoso sacerdote do mal e necromante, se não o deus do caos em pessoa.

Asten se transformou no íbis estrelado e o Dr. Hassan e eu o montamos, eu na frente. Com uma corrida cheia de solavancos e batendo as asas poderosamente, a ave levantou voo, e o falcão dourado a seguiu. *Ok, pode ir desembuchando*, pensei.

Desembuchando o quê?

– Pode falar. Me diga o que está acontecendo – falei em voz alta.

– Talvez *eu* possa explicar... – sugeriu educadamente o Dr. Hassan.

Pode, respondeu o íbis. *Mas lembre-se dos limites desta vez.*

– Sim, Magnífico.

– Que limites? – eu quis saber.

– Os irmãos querem que eu preste atenção na informação que compartilhar. Algumas das coisas que eu... descobri... não me pertencem, e não tenho o direito de falar sobre elas – respondeu o Dr. Hassan com simplicidade. – O que posso lhe dizer é o seguinte: no caminho para cá, Amon compartilhou comigo o que estava pensando, e juntos chegamos à conclusão de que ainda há tempo. Nem todos os sinais do despertar do Obscuro estão presentes.

– Como assim?

– O que estou querendo dizer é que nós acreditamos que o caos com o qual deparamos tem outra origem que não Seth. Se conseguirmos despertar Ahmose e os três irmãos puderem concluir a cerimônia, será tarde demais para Seth despertar, e ele e o seu poder, por maior que possa parecer agora, permanecerão adormecidos por mais mil anos.

– Isso significa então que nós não vamos trocar o olho especial de Amon por Ahmose?

O Dr. Hassan fez uma brevíssima pausa antes de responder:

– Não... não vamos.

– Bem melhor. Qual é o plano, então?

O doutor gaguejou ao responder.

– B-b-bom... sabe...

Amon vai distrair o sacerdote de Seth enquanto nós três localizamos Ahmose, interveio Asten.

– Mas e se ele se machucar?

Houve uma pausa demorada. *Enquanto Amon tiver o Olho de Hórus, não pode ser derrotado*, disse o íbis estrelado em tom casual.

Aguardei um pouco antes de responder:

– Então você jura que faremos tudo o que estiver em nosso poder para tirá-lo de lá o mais rápido possível?

Essa promessa é fácil de cumprir. A ideia de deixar meu irmão nas garras de um sacerdote demoníaco não me agrada nem um pouco.

– Ótimo. Contanto que estejamos na mesma frequência.

– O que ela quer dizer é... – intrometeu-se o Dr. Hassan.

O íbis o interrompeu: *Eu entendi o significado geral. Amon tem sorte por ter uma devota leal como você*, disse Asten.

Asten e o Dr. Hassan passaram o resto do voo conversando sobre o Egito antigo. Enquanto eu escutava, o calor do dia pulsando no meu corpo, percebi quanto estava exausta. O fato de não comer desde a noite anterior certamente não ajudava, mas, por estranho que parecesse, eu estava sem apetite.

Sentia os olhos ressecados e pegajosos, coisa que o vento só fazia piorar. Por sorte o Dr. Hassan estava comigo, pois peguei em um sono tão profundo que soltei o pescoço de Asten. Horas devem ter se passado enquanto eu dormia, pois ao abrir os olhos deparei com um poente laranja e dourado.

Acordei com o Dr. Hassan me segurando firme. Ele deve ter visto que eu estava ficando queimada de sol, pois pusera seu amado chapéu em minha cabeça. Constrangida, agradeci-lhe por ter me impedido de cair.

Amon vai se separar de nós agora, informou Asten. *Quer que eu dê algum recado para ele?*

Vi o falcão dourado gigante passar voando bem rápido por nós em direção a um grupo de dunas altas na outra margem do Nilo, enquanto nós continuávamos a seguir para o sul.

– Diga a ele que eu... – Mais uma vez evitei expressar o que realmente queria dizer. – Diga a Amon que espero tornar a vê-lo. E em breve.

Alguns instantes depois, Asten me transmitiu a resposta de Amon. *Ele disse que o seu maior desejo é vê-la novamente também, e que vai fazer de tudo para garantir que isso aconteça*.

As penas de Asten, que reluziam com a luz das estrelas, se apagaram quando sobrevoamos uma cidade.

– O senhor acha que o radar da cidade pode nos ver? – perguntei ao Dr. Hassan. – Imagino que, se *conseguissem* nos ver, a esta altura já teriam lançado um míssil.

O que é míssil?, perguntou Asten, e o Dr. Hassan pigarreou.

– É uma arma de grande porte feita de metal que explode no impacto e destrói tudo no seu raio de alcance, que varia dependendo da potência. Nesse caso, as nossas tecnologias modernas não são aplicáveis.

– Por que não? – perguntei.

– Porque Amon e Asten não podem ser vistos pela tecnologia – disse o Dr. Hassan. – E nós somos pequenos demais para que alguém que esteja observando o céu nos ache interessantes.

Asten envolveu nós três em fumaça de vaga-lume, de modo que o fato de escolher como

pista de pouso uma rua principal, com um prédio residencial de um dos lados e várias lojas do outro, não foi muito problemático.

Enquanto Asten tornava a assumir sua forma humana, o Dr. Hassan avaliou o ambiente à nossa volta.

– O templo fica mais ou menos um quilômetro e meio para o norte. Estão vendo a luz que sai dele?

– Sim – respondeu Asten. – Vamos nos aproximar discretamente, e Amon vai entrar em contato comigo assim que descobrir o paradeiro do nosso irmão. Venha, Lily. O doutor Hassan vai nos conduzir, e você ficará perto de mim. – Quando lhe lancei um olhar incerto, ele se apressou em arrematar: – Amon insistiu.

Começamos a andar os três, e eu logo fiquei para trás. Por fim, Asten parou e pôs as mãos nos meus ombros.

– Não há muito que eu possa fazer para aliviar sua dor. Não consigo curar ferimentos como Ahmose. Você por acaso me deixaria levá-la no colo?

– Está tudo bem. Eu vou conseguir – falei, teimosa, enquanto mancava, cada passo disparando pontadas de uma dor lancinante pela perna acima, até a articulação coxofemoral. Perguntei-me se o Dr. Hassan poderia ter se enganado ao dizer que o *biloko* não tinha veneno, pois meus braços e pernas pareciam ocos. Meu sangue corria pesado e espesso e latejava nas têmporas como se não estivesse mais circulando, e sim coagulando dentro das veias. Para completar, eu estava tonta, mas atribuí esse fato mais ao voo do que às doloridas mordidas na perna e no braço.

Ao me ver dar mais alguns passos, Asten franziu o cenho e me advertiu:

– O tempo é curto, Lily. Preciso insistir para carregá-la.

– Ok, mas eu prefiro ir nas costas.

Ele estranhou.

– Acho que você não está me entendendo. Eu posso me transformar em íbis, um pássaro. Não assumo a forma de um camelo.

Com uma risadinha mútua e uma pequena ajuda do Dr. Hassan, logo fui acomodada nas costas muito cálidas e muito nuas de Asten, com as pernas enroscadas em sua cintura e os braços em seus ombros.

– Assim vai ser bem mais rápido. Vamos, Hassan – chamou Asten, começando a trotar.

Mesmo descalço, ele atravessou pedras e areia, calçadas e cascalho sem nem hesitar. Andava depressa e só parava para reavaliar nossa direção, retomando logo o caminho. O Dr. Hassan nos seguia em silêncio. Quando paramos atrás de algumas árvores, o egiptólogo, ofegante, me ajudou a descer das costas de Asten.

– O que vamos fazer agora? – sussurrei.

– Esperar – respondeu Asten, observando com atenção a escuridão enquanto apurava os ouvidos, na expectativa de escutar a voz do irmão.

Aflita por causa de Amon, tirei o caderno da bolsa e fiz um esboço do templo para tentar

matar o tempo.

O templo de Kom Ombo não era tão bem preservado quanto outros sítios arqueológicos do Egito. Ficava em cima de uma duna alta, com o Nilo a leste. Kom Ombo parecia mais um templo grego do que os templos egípcios que eu vira até então.

Várias colunas grossas sustentavam um segmento superior em ruínas, que aparentava ser um terraço, do qual apenas um pedaço do portão monumental havia sobrevivido. Cada uma das colunas estava iluminada por um suave brilho amarelo que dava ao edifício inteiro um ar mal-assombrado, sobretudo quando o vento soprava com mais intensidade e assobiava pelas rachaduras e frestas. Era quase como se os fantasmas dos sacerdotes e faraós do passado estivessem sussurrando nas sombras escuras das colunas.

O Dr. Hassan apontou para o meu desenho.

– O lado direito se chama Casa do Crocodilo, e esta metade aqui é o Castelo do Falcão.

– Pensei que aqui fosse o templo de Apófis, o deus-crocodilo.

– E é. Mas está vendo aquela linha divisória ali? – Ele apontou para o prédio. – Se você dividisse o templo em dois, ficaria com partes iguais de ambos os lados. Há duas entradas espelhadas, dois pátios internos com um altar central em cada um, dois salões hipostilos, um par de colunatas idênticas e uma capela em cada lado. Cada setor do templo era administrado por um sumo sacerdote diferente. Antigamente, o Nilo passava bem mais perto do templo. Os crocodilos, reverenciados como criaturas sagradas, ficavam tomando sol na margem, junto à entrada. Mais tarde, quando o curso do Nilo mudou, os crocodilos foram embora. Mesmo assim, havia e ainda deve haver centenas desses répteis mumificados dentro e em volta da área do templo.

– Que interessante. Mas a quem era dedicada a segunda metade do templo? – indaguei. – Tinha alguma coisa a ver com Amon? Imagino que sim, por causa do falcão.

– Não com Amon propriamente dito, mas com Hórus... um dos deuses que lhe emprestaram seu poder.

– Mas o que são...

Estava distraída quando ouvi um arquejo de Asten, e girei nos calcanhares.

– O que foi? – sibilei. – O que está acontecendo?

Asten respirou fundo e controlou a expressão em seu rosto.

– Nada além do esperado. Recolha suas coisas. Temos que procurar Ahmose. – Entre dentes, ele continuou a murmurar: – Vamos torcer para os sacrifícios não terem sido em vão e para conseguirmos encontrá-lo.

Em silêncio, entramos no templo e começamos a vasculhar as sombras das colunas e a olhar atrás de qualquer pedaço de pedra grande o suficiente para esconder o irmão de Amon.

– Amon e o assecla obscuro de Seth estão agora combatendo do outro lado do templo. Ahmose está escondido aqui. Pelo menos foi isso que ele disse a Amon.

– Você vai conseguir sentir a presença dele? – perguntei.

– Eu só consigo ouvir sua voz depois que ele for chamado do reino dos mortos. Seu corpo é igualzinho a todos esses cadáveres antigos.

Asten apontou para uma parte separada coberta por vidro transparente. Atrás do vidro viam-se crocodilos mortos e empoeirados, de comprimentos variados.

– Ah, essas são algumas das múmias de crocodilo sobre as quais falei – comentou o Dr. Hassan.

– Obrigada. Imaginei que fossem – sussurrei.

Asten tinha nos protegido com fumaça, mas não vimos nem sinal de Ahmose nem de um sarcófago em lugar nenhum da parte do templo dedicada aos crocodilos. Verificamos cada recinto, cada porta e cada pedra, mas não achamos nada a não ser as ferroadas da areia varrida pelo vento.

– Fomos enganados – murmurou Asten.

– Bem, sim. O trapaceiro jamais revela seu jogo. Venham, vamos resgatar Amon – falei, dando um passo para trás em direção ao centro do templo, mas Asten esticou o braço depressa para me deter.

– É tarde demais – sussurrou ele.

– O que você quer... – Parei de falar ao sentir o vento ficar mais forte. Uma nuvem escura de areia atravessou em um redemoinho toda a extensão do pátio aberto. – ... dizer? – gritei, ao mesmo tempo que Asten me recolhia do chão e começava a correr.

O Dr. Hassan deu a volta correndo em uma coluna grande e passou por uma porta.

– Por aqui, Magnífico! Podemos nos esconder!

Dentro do recinto escuro, colamos o corpo contra uma parede na esperança de não sermos vistos. Depois que a tempestade de areia passou, esperamos vários minutos. Ergui os olhos para Asten, e ele me abriu um sorriso de alívio. Justamente quando pensamos que devíamos estar em segurança, um tremor sacudiu o templo. O chão de terra batida aos nossos pés afundou vários centímetros e eu cambaleei, indo de encontro a Asten, que me segurou sem dificuldade.

Havia uma pequena abertura no alto da parede à nossa frente, mas de repente me pareceu muito mais alta do que segundos antes. Levantei o dedo, apontei para lá e comecei a articular para o Dr. Hassan as palavras *Tem alguma coisa errada* quando senti um puxão forte nos tornozelos. Era um peso que parecia me apertar, como se uma sucuri tivesse me pegado. Olhei para baixo e não entendi quando vi meus pés enterrados na areia. *Como isso aconteceu?*

Eu me lembrava claramente de ver um chão de terra batida ao entrarmos. De repente, meus olhos dispararam na direção de vários objetos. Uma pedra pesada do outro lado do recinto tinha agora um terço de sua superfície enterrado na areia. As pedras soltas na base da parede tinham desaparecido por completo. E a minha bolsa, que eu havia jogado no chão ao entrar, estava enterrada até a metade.

Aquilo não fazia o menor sentido. Tentei soltar as pernas, mas só fiz afundar ainda mais.

A areia agora estava na metade das minhas canelas.

– Asten? – chamei, em pânico, apertando seu braço.

– Eu sei, Lily. Era uma armadilha.

– Doutor Hassan? – chamei, girando o corpo para vê-lo.

– Estou aqui – respondeu ele com voz débil.

Estava afundado até o meio das coxas.

Virei-me para a parede e me debati, tentando me segurar, procurando alcançar alguma coisa que me impedisse de afundar, mas os movimentos só serviram para apressar o processo.

– Pare com isso, Lily – pediu Asten em voz baixa.

– Tem alguma coisa que você possa fazer? Algum tipo de mágica para nos tirar daqui?

– Já tentei. Desde que reparei na areia movediça, quando o templo tremeu, estou tentando um encantamento depois do outro. Não adianta. O Obscuro amaldiçoou esta areia. Quando ela captura alguém, não solta mais.

– Mas nós vamos sufocar! Vamos morrer!

– Sim. *Você* vai morrer. Quanto a mim, passarei a eternidade enterrado vivo.

– Isso não pode ser o fim! Por que está desistindo? Com certeza Amon consegue nos salvar!

Debati-me feito uma louca, para a frente e para trás, e afundei até o peito.

– Lily! – gritou Asten. – Ficar se mexendo só piora! Você tem que ficar parada!

Levantei os braços e segurei os dedos dele, desesperada; a pressão da areia parecia um torno em meu peito. Em vez de Asten me puxar para fora, contudo, eu o fiz afundar comigo. Não conseguia mais virar a cabeça o suficiente para ver o Dr. Hassan. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto à medida que eu ia me sentindo sufocar. A areia subiu até meu pescoço, e meus braços ficaram tão pesados que finalmente os baixei. Era isso. Eu ia ter uma morte horrível, uma das piores que conseguia imaginar.

No fim das contas, teria preferido ser esmagada no cubo de pedra no Vale dos Reis. Pelo menos lá estava com Amon. Um leve puxão nos cabelos fez minha cabeça se inclinar para trás. Eu ainda tinha mais alguns segundos de ar.

A areia enfiou seus dedos ásperos entre os meus cabelos e encheu meus ouvidos. Consegui respirar fundo e então a areia cobriu minha boca e começou a subir pela testa. Fechei os olhos e afundei naquele abismo viscoso.

Deus da lua

Afogar-se em areia movediça é um pouco melhor do que se afogar em água. Não há como se debater, chutar ou sacudir a cabeça. Não existe aquela luta desesperada para alcançar a superfície, nenhum lampejo de sol lá em cima convidando você a não desistir. Apenas um silencioso amortalhar. Uma imersão inevitável, como se o seu corpo tivesse sido envolto em um casulo quente.

Imagino que a sensação não seja muito diferente de nascer. A areia vai escorregando para cima, pela sua pele, o que deixa você desorientado, pois ela parece fluir no sentido oposto ao da gravidade. Uma pressão intensa aperta seus membros e seu tronco. Seus pulmões ardem com uma dor que parece fogo, mas você espera, espera, espera mais, torcendo, rezando e implorando para o suplício terminar, desejando aquele instante do parto em que a fria rajada de ar finalmente lhe permita gritar.

Mas então você percebe que não está sonhando. Que aquilo não é um nascimento, uma criação. Não. Pelo contrário: é o término. Não há luz no fim do túnel. A areia que se move não conduz a lugar nenhum. Esperar e prender a respiração são atos inúteis. Você será engolido inteiro.

A mente por fim se acalma, finalmente resignada ao destino, e você se prepara para a morte. Pergunta-se qual vai ser a sensação que a areia lhe trará quando a respirar. Será que vai doer? Será que você vai tossir? Será que vai sentir a aspereza preenchendo seus pulmões? Quanto tempo vai levar para sufocar? E o que vai acontecer com o seu corpo depois que você morrer? Será que vai afundar até o fim e acabar batendo em um fundo sólido, ou será que vai apenas cair para todo o sempre, deslizar pelo nada escorregadio até a areia arrancar a carne dos seus ossos e os seus pedacinhos se espalharem de qualquer maneira por aquele pântano?

Esses eram meus pensamentos enquanto meu corpo afundava. Cada objeto que tocava minha pele, fosse ele areia ou outra coisa, provocava uma nova sensação. A pressão nos meus pulmões, a força que puxava meu corpo, tudo doía de um jeito que eu nunca sentira antes.

Tornei-me hiperconsciente do espaço à minha volta, e foi por isso que, quando minhas pernas esfriaram de repente e a areia que penetrava minha calça começou a escorregar para baixo de novo, úmida e compacta, eu soube que algo tinha mudado. Que havia pelo menos um bolsão de ar logo abaixo de mim.

Embora meus pulmões estivessem prestes a explodir, prendi a respiração por mais alguns segundos, então me desloquei. A metade inferior do meu corpo estava pendurada, mas a metade superior, a que precisava respirar, continuava presa. A areia movediça parecia me segurar pelos ombros e cabelos, sem querer abrir mão de sua vítima.

Em desespero, comecei a escavar, e desloquei punhados de areia até meus dedos conseguirem passar e um fraco sopro de ar seco fazer cócegas em suas pontas. Chutei, me debati e contorci o corpo exausto até que, com um ruído úmido, a areia cedeu e fui expelida para dentro de uma cavidade escura.

Engasgada, sorvi o ar rapidamente ao cair, sem saber se iria encontrar um chão sólido e morrer ou ser novamente sugada para dentro da areia movediça e ter que passar por tudo outra vez. Meus ouvidos estavam cheios de areia, mas pensei ouvir uma voz fantasmagórica chamar meu nome. Aos arquejos, chiando, agitei braços e pernas no ar, torcendo o corpo e dando cambalhotas enquanto despencava.

Desenvolvi uma súbita simpatia por Alice ao cair na toca do coelho. Nem sabia o que mais queria – parar de cair, vomitar e acabar com aquilo de uma vez ou conseguir enxergar. Naquele momento, qualquer uma dessas alternativas me parecia uma dádiva preciosa.

Enquanto eu despencava, os minutos se esticavam, longos e torturantes, e finalmente aceitei meu destino. Passei a não esperar mais ser salva. *Se eu fosse sair dessa, já teria saído*, pensei. Não, eu estava presa em uma espécie de limbo interminável, um terrível purgatório que me fez recordar todos os meus erros, fraquezas e arrependimentos, do qual não havia saída. Talvez eu já estivesse morta. Meus olhos ardiam com as lágrimas e sussurrei um nome. Não foi o dos meus pais, nem o da minha avó; nem mesmo o de Deus.

– Amon? – sussurrei, a voz trêmula. – Me perdoe.

Com a minha morte, sua temporada na Terra seria curta, mas talvez ainda houvesse tempo suficiente para ele se ligar a outra pessoa. Estava imaginando nosso feliz reencontro como espíritos desencarnados e me perguntando se a versão egípcia da vida após a morte tinha alguma interseção com a versão anglo-saxônica do paraíso quando bati em alguma coisa. Com a força de uma detonação, o impacto arrancou dos meus pulmões todas as partículas de areia que eu tinha respirado. Comecei a tossir com violência e me perguntei por que não estava morta. O objeto áspero que aparou minha queda estava agora enrolado à minha volta, me sufocando. Então ele falou:

– Pare de se contorcer, Lily. Você está segura.

Imobilizei-me, estiquei as mãos e toquei um peito coberto de areia.

– Asten? – sussurrei.

Dois olhos brilhantes de um tom bronze dourado cintilaram no escuro.

– Estava esperando outra pessoa?

– Não. Ninguém. Na verdade, estava esperando a morte – falei, engasgada.

Asten deu um grunhido.

– Pelo visto, não vai ser hoje. Você se machucou?

– Se eu me machuquei? – repeti, como se não tivesse entendido a pergunta.

– Consegue ficar em pé? – explicou ele devagar.

Pisquei os olhos.

– Ah. Sim. Acho que sim.

– Ótimo. – Ele me pôs de pé. – Agora que você chegou, pode me ajudar com Hassan.

– O doutor Hassan está aqui? – arquejei.

– Está. O corpo dele pesa mais do que o seu, então ele caiu mais rápido que você.

Asten se afastou e fui cambaleando atrás dele, com os braços esticados na frente do corpo.

– Ah, esqueci que você não consegue ver no escuro.

Asten acendeu o próprio corpo e nos rodeou com uma bolha de luz branca suave. Tirando o chão de terra batida sob nossos pés e alguns pedregulhos, não havia mais nada.

– Onde estamos? – perguntei.

– Não sei.

Chegamos à forma caída do Dr. Hassan e me ajoelhei ao lado dele, levando os dedos ao seu pescoço. Com a outra mão, senti seu peito subir e descer.

– A pulsação dele está forte – falei. – Não parece ter nada quebrado.

– Os membros dele devem estar intactos. Eu o segurei, do mesmo jeito que segurei você.

Ergui os olhos para ele por cima do ombro e perguntei:

– Você não se machucou na queda?

– Não estou preso à Terra da mesma forma que vocês. O poder do íbis estrelado me confere a capacidade de controlar a velocidade com a qual subo e desço.

– Espere aí. Você está me dizendo que pode voar?

– Estou. Você já me viu voando.

– Mas como pássaro. O que eu quis dizer foi: você consegue voar como homem?

Em resposta, Asten ergueu os braços, afastando-os ligeiramente da lateral do corpo, que se ergueu no ar. Sem se mexer, ele pairou a alguns metros do chão e depois desceu devagar.

Balancei a cabeça, impressionada, e tornei a me virar para o Dr. Hassan.

– Mas, se você o segurou, então qual é o problema?

– Não sei. Talvez ele esteja só desacordado.

Dei um tapa de leve no rosto do doutor.

– Osahar? Está me ouvindo? Acorde! – Sacudi seu ombro, mas ele continuou inconsciente. – Você pode carregá-lo? – perguntei, pegando o estimado chapéu fedora do egiptólogo e guardando-o na mochila.

– Posso.

– Por quanto tempo?

– Quanto for necessário.

– Ótimo. Então vamos tentar achar uma saída deste lugar.

Asten se agachou e pegou no colo o Dr. Hassan, jogando-o sobre o ombro como se fosse

um paletó.

– Vou seguir você, Lily. Para onde quer ir?

– Acho que... acho que a gente deveria tentar ir por ali – sugeri e apontei para a frente.

Vagamos pelo que pareceram ser muitas horas, embora eu na verdade não tivesse muita noção do tempo. O único momento de alegria foi ao encontrar minha bolsa. Quando Asten torceu o nariz para a banana amassada que ofereci dividir com ele, dei de ombros e engoli com dificuldade a fruta esmigalhada, feliz por encontrar alguma coisa para encher meu estômago vazio. Enquanto caminhávamos, eu coçava e esfregava a camada de areia que fazia meu corpo pinicar e tentava tirá-la dos cabelos.

Comecei a entrar em desespero. Todos os pedregulhos com que cruzávamos me pareciam iguais, e quando fiz com eles uma pequena pilha parecida com uma flecha apontada na direção que estávamos seguindo, esta já havia desaparecido por completo quando demos meia-volta, poucos segundos depois.

O Dr. Hassan finalmente se mexeu. Ele deu um gemido e Asten o pôs no chão. Despejei um fio de água mineral em sua boca e limpei quanto pude a areia que formava uma crosta sobre o seu rosto.

– Hã... O que aconteceu? – indagou ele. – Onde estamos?

– Não sabemos. – Umedeci um pedaço de tecido que Asten havia arrancado do saiote já excessivamente curto e limpei o rosto do Dr. Hassan. – A gente caiu pela areia movediça até este lugar. Não tem nada aqui a não ser nós três.

Puxei da mochila seu chapéu antes branco, agora imundo e amassado, limpei um pouco da areia grudada na aba e o entreguei a ele, que abriu um sorriso gentil e aceitou.

– Ah... este chapéu me foi dado em homenagem ao meu primeiro achado arqueológico de verdade... uma escultura de pedra muito rara de Bast. – Quando ele tentou dar forma ao chapéu outra vez, a faixa se partiu. – Bem, talvez esteja na hora de deixar o passado para trás e me concentrar no futuro.

– Eu sinto muito, Osahar – falei.

– Não se preocupe com isso. Tivemos sorte de escapar com vida.

– Sim, mas ainda não encontramos uma saída.

– Lily tem razão. Esta masmorra não parece ter fim – disse Asten. – Mas talvez *você* consiga ver alguma coisa que eu não consigo. O que me diz, Hassan?

Os dois trocaram um olhar significativo, mas não consegui entender o que poderiam estar querendo dizer e, para ser bem sincera, estava cansada demais para me importar. Com a ajuda de Asten, o Dr. Hassan se levantou.

– Vou ver o que posso fazer – declarou, enigmático.

Girando em um círculo lento para examinar a escuridão, o Dr. Hassan murmurou algo distraidamente para si mesmo. Após alguns instantes, eu já tinha começado a me perguntar se ele havia batido com a cabeça em alguma pedra e estava delirando quando ele se virou para nós e disse:

– Receio que estejamos presos em uma *oubliette*.

– Ubli o quê?

– *Oubliette*... uma masmorra sem outra saída que não o caminho pelo qual se entra. É uma palavra francesa e significa “lugar de esquecimento”.

– O senhor quer dizer um lugar onde as pessoas jogam você para que seja esquecido ou um lugar tão escuro e vazio que você enlouquece e esquece quem é?

– Um pouco dos dois, eu acho.

– Então, se só existe uma entrada e a gente veio pela areia movediça, a única saída...

– Seria voltar pela areia movediça.

– E isso é possível? – indaguei e virei-me para Asten.

– Eu posso voar e nos levar até a areia, mas ela estava impregnada de magia, e nem mesmo eu consigo atravessar essa barreira.

– Ou seja, estamos presos.

– Por enquanto – disse o Dr. Hassan em voz baixa.

– Está dizendo que sabe de uma saída?

– O simples fato de não haver uma saída alternativa perceptível não significa que não exista saída. Acredito que talvez tenhamos outro jeito de escapar, sim.

– Então vamos!

Tenho certeza de que, mesmo à luz mortiça, a animação era visível no meu rosto. Já havia ficado presa em muitos lugares claustrofóbicos nas minhas aventuras com Amon e não apreciava nem um pouco a ideia de permanecer confinada em uma *oubliette* por mais tempo do que o necessário. A única coisa que me impedia de entrar em pânico e hiperventilar era a preocupação com Amon.

Segurei o Dr. Hassan pelo braço e o puxei alguns passos à frente antes de ele me deter. Com um tapinha na minha mão, ele disse:

– Talvez seja melhor libertar Ahmose antes de irmos embora.

– Li-libertar Ahmose? – gaguejei.

– Meu irmão está aqui? – indagou Asten.

– Está. Ou melhor, o sarcófago dele está aqui.

– Mas onde? – perguntei. – A gente não viu nada. Como o senhor sabe?

O Dr. Hassan hesitou antes de dizer:

– Não está muito longe. Venham.

Nós o seguimos por alguns instantes e ele então pareceu sumir no ar. Gelei.

– Doutor Hassan? – chamei, nervosa.

– Estou aqui, Lily.

– Aqui onde?

– Aqui. Segure a minha mão. Talvez ajude.

De repente, ele tornou a surgir na minha frente e estendeu a mão. Após dois passos, ergueu a perna, pisou no vazio, virou-se e sorriu.

– Confie em mim.

Asten segurou minha outra mão e devagar subimos atrás do doutor. O lugar no qual entramos era diferente daquele do qual tínhamos saído. Continuávamos rodeados pela escuridão, mas agora o chão estava coberto por grandes pedras. A *oubliette* estava pregando peças na minha mente, e as sombras nos limites da luz emitida por Asten projetavam desenhos sinistros nas pedras à nossa volta. Várias vezes me virei abruptamente, pensando que os rochedos na verdade eram gigantescos crânios rindo de nós e rangendo os dentes de seixos.

O Dr. Hassan seguiu direto até onde sua bolsa estava.

– Ah, olhem ela aí.

Enquanto ele limpava o objeto, perguntei:

– Onde estamos? Como entramos aqui?

– Ainda estamos na *oubliette*, mas em um setor diferente. Vocês dois estavam presos em uma ilusão de ótica.

– Não estou entendendo – falei.

– Já ouviu falar na escadaria impossível?

– Já. Estudei isso na aula de artes da escola. Espere aí. Está dizendo que estamos presos em uma escadaria impossível?

– Algo desse tipo. Se tivéssemos ficado lá, teríamos passado a eternidade andando em círculos.

– Existem muitas escadas assim no Egito? – perguntei. – Foi assim que o senhor descobriu?

– Não exatamente. – O Dr. Hassan pareceu pouco à vontade. – Ah! – exclamou ele. – Ali está. Já estou sentindo o calor do corpo de Ahmose. Ele está bem ali.

– Mas e os vasos canópicos dele?

O Dr. Hassan sorriu.

– Se ninguém tiver aberto as tampas, deve estar tudo bem.

– Mas...

– Afaste-se.

Com delicadeza, Asten me empurrou para longe do Dr. Hassan antes de eu conseguir terminar a pergunta. Levantou os braços e a tampa do sarcófago se ergueu no ar.

Assim como nós, o sarcófago estava imundo, coberto de terra e lama. Mesmo assim, pequenos pontos de madeira encerada ainda eram visíveis. Depois que a tampa caiu no chão e Asten confirmou que o corpo lá dentro era de fato o de seu amado irmão, começou a entoar um cântico.

O Dr. Hassan se ajoelhou ao pé do sarcófago, pegou na bolsa uma garrafa d’água cheia pela metade e um pacote esmigalhado de biscoitos salgados e os dispôs sobre uma pedra. Então me dirigiu um sorriso encabulado.

– Sei que não é necessário, mas sou um homem de tradições.

– Tenho certeza que ele vai gostar – sussurrei, oferecendo-lhe um leve sorriso.

Ficamos sentados em silêncio, vendo Asten entoar seu encantamento. Agora que eu sabia o que esperar, a ideia de ressuscitar uma múmia não me assustava tanto quanto da primeira vez. Asten murmurou:

A LUA NÃO ENCHE NEM MÍNGUA. A LUA É FRIA COMO A MORTE.
COMO VOCÊ, IRMÃO.
AHMOSE, PERSONIFICAÇÃO DA LUA,
ESTÁ NA HORA DO RENASCIMENTO. DA RENOVAÇÃO. DA RECRIAÇÃO.
SEM VOCÊ, A LUA FICA ECLIPSADA. OS RAIOS DO SOL NÃO TÊM ESPELHO.
O REINO CELESTIAL PRECISA DA SUA GLÓRIA RESPLANDECENTE.
VENHA, IRMÃO. PEGUE SEU MACHADO E SUA MAÇA.
JUNTE-SE A MIM OUTRA VEZ EM NOSSO DESTINO COMUM.
CHEGOU A HORA DE CUMPRIR NOSSO OBJETIVO.
MEUS INIMIGOS SERÃO OS SEUS INIMIGOS.
MEUS ALIADOS SERÃO OS SEUS ALIADOS.
JUNTOS POREMOS ORDEM NO CAOS
E FORTALECEREMOS OS LAÇOS QUE SUSTENTAM O UNIVERSO.
QUANDO EU VIVO, VOCÊ TAMBÉM VIVE, POIS COM VOCÊ COMPARTILHO MINHA EXISTÊNCIA.
QUANDO EU RESPIRO, VOCÊ TAMBÉM RESPIRA, POIS COM VOCÊ COMPARTILHO O AR.
SOU ASTEN, GUARDIÃO DAS ESTRELAS.

Ele fez uma breve pausa e olhou para mim e para o Dr. Hassan.

COM O OLHO DE HÓRUS NÓS O PROCURAMOS.
VOCÊ VAGA PELA ESCURIDÃO, DESORIENTADO E PERDIDO,
MAS NÓS VAMOS ILUMINAR SEU CAMINHO.

Pensei que os olhos de Asten fossem acender um caminho parecido com o que Amon havia acendido, mas em vez disso fomos rodeados por uma névoa repleta de faíscas de eletricidade, que estalava e zumbia feito uma lâmpada fluorescente prestes a queimar; uma hora a luz ficava bem forte, na outra escurecia. O Dr. Hassan grunhiu.

– O que houve? – perguntei, virando-me na sua direção.

Ele me dispensou com um aceno, mas suas mãos tremiam quando ele abaixou a cabeça, apoiando-a nelas, e começou a se balançar para a frente e para trás.

– Asten? – exclamei. – Tem alguma coisa errada.

– Preciso me concentrar, Lily. Hassan vai ficar bem.

SEU CORPO É PÓ, DESINTEGRADO PELO VENTO,
MAS O VENTO ME OBEDECE, E O PÓ ESCUTA.

EU O CHAMO DA TERRA DOS MORTOS.
VENHA, AHMOSE! ATENDA AO MEU CHAMADO.
VOLTE À FORMA DO HOMEM QUE FOI OUTRORA.
EU INVOCO OS QUATRO VENTOS PARA ME DAR PODER,
E POR MEIO DELES LHE INSTILO O HÁLITO DA VIDA...

Mais uma vez, ruídos de uma respiração pesada nos rodearam. O Dr. Hassan levantou a cabeça.

– Você tem que abrir os vasos canópicos, Lily – disse ele. – Tem um escondido em cada canto do sarcófago. Encontre o botão que fica no fundo de cada canto e aperte. Isso vai abrir a caixa forrada e revelar o vaso que está lá dentro. Rápido!

O primeiro vento me atingiu bem na cara. Levantei-me, avancei contra ele e espiei dentro do sarcófago, onde tive uma visão bem de perto dos restos mortais de Ahmose. Como no caso de Asten, pedaços de ataduras esfarrapadas pareciam aderir às cascas ocas que eram seus braços e pernas, mas o corpo de Ahmose estava muito mais decomposto e danificado.

O segundo vento bateu e me arremessou com força contra o sarcófago. O corpo lá dentro não descansava na posição de repouso que certamente fora prevista para ele. Ossos quebrados estavam espalhados por toda parte, provável resultado da queda do caixão pela areia movediça. O sarcófago já tinha visto dias melhores. Uma grossa camada de lama e detritos cobria tanto a parte interna quanto a externa.

Rezei para os vasos não estarem quebrados. Seria um milagre se não estivessem, e precisávamos muito de um milagre. Já era difícil demais ter Amon ligado aos meus órgãos. Aquele nível de intimidade era demais para se ter com um semideus egípcio, quanto mais com dois.

Engoli em seco e senti o terceiro vento me empurrar. Era como tentar ficar em pé no meio de um furacão. Segurei-me no sarcófago para manter o equilíbrio; os cabelos fustigavam meu rosto e o pescoço, fazendo-os arder.

Na expectativa de que os ossos fossem se erguer no ar a qualquer momento, apressei-me em cumprir minha tarefa e não demorei para encontrar o botão. Apertei-o, e um painel de madeira se destacou. Escondido atrás deste, dentro de um nicho muito bem forrado, estava o primeiro jarro. Felizmente, era feito de pedra e estava inteiro, o que me deixou otimista em relação à possibilidade de encontrar os outros também intactos.

– Tem o rosto do faraó pintado neste aqui! Faz diferença qual deles eu abro primeiro? – gritei.

– Abra e pronto. Depressa! – berrou o Dr. Hassan antes de trincar os dentes de dor e cerrar as mãos trêmulas.

Algo com certeza estava errado, e eu sabia que devia ser mais do que a simples força do vento. Ele parecia estar tendo uma convulsão, mas, quando andei na sua direção, balançou a cabeça com veemência em uma negativa.

Tomando um pouco menos de cuidado com o jarro do que deveria, arranquei a tampa e nem sequer parei para observar a luz branca que saiu lá de dentro antes de começar a procurar outro.

O acesso ao segundo canto estava bloqueado pelos pés enfaixados da múmia, cujas pernas não estavam mais presas ao quadril. Com os dedos tremendo, empurrei de lado um dos pés expostos, encontrei o botão e peguei o vaso canópico. A luz branca que saiu dele foi se juntar à primeira e ambas ficaram rodopiando no ar logo acima de mim.

Encontrar o terceiro vaso foi complicado, pois ele não estava guardado no canto em que deveria. Vasculhei o espaço vazio e estiquei a mão até onde consegui alcançar, mas nada encontrei. Desesperada, ergui os olhos e reparei em algo cinza por baixo das ataduras que cobriam o tronco da múmia.

Engoli em seco, retesei o corpo e afastei algumas das ataduras. O vaso estava aninhado no espaço vazio onde antes ficava parte da caixa torácica da múmia.

O quarto vaso canópico foi o mais difícil de alcançar. O último canto do sarcófago estava tomado por uma pilha de ossos, no meio da qual o crânio se destacava.

Minhas mãos tremiam quando as enfiei no meio do bolo de lama, roupas e ossos que ocupava aquele espaço. Mudei os pedaços de posição do modo mais respeitoso e rápido que fui capaz, deixando o crânio por último.

As órbitas vazias dos olhos de Ahmose pareciam me observar enquanto eu trabalhava. Com um pedido rápido de desculpas, peguei seu crânio, pus ao lado do fêmur, encontrei o último botão e arranquei do nicho o quarto vaso. Como minhas mãos escorregavam por causa da lama e dos restos fossilizados que haviam sobrado de Ahmose, precisei de várias tentativas, mas por fim consegui tirar a tampa, e a luz branca que havia lá dentro se ergueu e começou a rodopiar acima de nós.

Depois de limpar as mãos na borda do sarcófago e desejar, não pela primeira vez, ter uma mala inteira cheia de lenços umedecidos, tornei a me juntar ao Dr. Hassan e meneei a cabeça para Asten.

Aos poucos, como se lutassem contra uma força tremenda, pequenos fragmentos do corpo de Ahmose, até os ossinhos mais diminutos, começaram a se erguer da pilha de restos dentro do sarcófago e a se agitar em círculos no ar. Logo foram seguidos por ossos maiores. Estavam quase todos limpos e livraram-se com facilidade dos pedaços remanescentes de atadura. O corpo inteiro de Ahmose parecia girar dentro de um liquidificador.

GROU – DÊ ASAS AO SEU ESPÍRITO
E FACILITE SUA PASSAGEM.

A névoa carregada de eletricidade inchou e se tornou cinza e revolta. Minúsculos raios irromperam no meio das nuvens até uma violenta tempestade se desencadear e as nuvens

explodirem, deixando em seu rastro apenas um pontinho de luz branca. A luz se moveu, passeando sem rumo pelos espaços escuros que a luz de Asten não conseguia alcançar.

– Não, irmão. Você tem que voltar para mim! – gritou Asten.

A personificação das estrelas ergueu as mãos e acenou para chamar a luz. Perto dele, o Dr. Hassan tremia, e aproximei meu corpo um pouco mais do seu para oferecer ajuda, mas ele não parecia consciente da minha presença. Após alguns instantes, Asten, que exibia uma expressão preocupada, deu um suspiro de alívio quando a pequena semente de luz por fim voltou e começou a inchar até assumir a forma de um pássaro prateado.

A criatura prateada, mais parecida com o íbis estrelado de Asten do que com o falcão dourado de Amon, começou a voar em círculos ao redor de Asten.

– Venha, irmão. Chegou a hora.

Com um grito retumbante, a ave planou até o sarcófago, onde as quatro luzes dos jarros se fundiram com ela. O animal foi logo cercado pelo redemoinho e acabou se desintegrando com uma explosão de luz prateada que foi absorvida pelas órbitas vazias do crânio da múmia.

A forma humana foi se montando feito um quebra-cabeça. Braços se uniram aos ombros, pernas ao quadril. As vértebras se encaixaram nos lugares certos. A mão direita tremeu várias vezes e então escutei um súbito estalo de madeira quando dois ossos dos dedos, antes bem presos à lateral quebrada do sarcófago, se ergueram no ar e encaixaram no lugar.

Raios brilhantes desceram pelos braços e pernas do esqueleto flutuante e a criatura, que poderia muito bem ter passado por um enfeite de Halloween ou decoração de consultório médico, começou a se contorcer. Veias recém-formadas se encheram de um sangue que parecia mercúrio, e músculos lustrosos se formaram sobre ossos reluzentes ao mesmo tempo que um coração começava a bater. Uma luz irrompeu das órbitas em dois fachos que caíram sobre mim, depois sobre o Dr. Hassan, e perguntei-me se o irmão de Asten já conseguia ver antes mesmo de os olhos voltarem a se materializar.

Asten concluiu o encantamento:

QUANDO VOCÊ ATRAVESSAR ESSE ÚLTIMO PORTAL DA MORTE,
GRITOS DE ALEGRIA IRÃO RECEBÊ-LO,
BANQUETES LHE DARÃO AS BOAS-VINDAS,
SEU CORAÇÃO TORNARÁ A BATER,
SEUS MEMBROS TORNARÃO A SALTAR,
SUA VOZ SERÁ OUVIDA OUTRA VEZ.
TUDO O QUE FOI PERDIDO RETORNARÁ.
VENHA, AHMOSE, E CUMPRA O SEU DESTINO!

Protegi os olhos até a luz diminuir, satisfeita por não ter desmaiado dessa vez. O irmão de Asten pairava acima de nós, resplandecente e luminoso. O saiote que usava era

imaculado como se houvesse acabado de ser fabricado, e o corpo, limpo e radiante como o de um recém-nascido, deixou envergonhados todos nós, cobertos de sujeira como estávamos.

Aos poucos, ele baixou os braços e desceu até o chão ao lado do sarcófago. Dirigiu-se em voz baixa a Asten, em seguida se aproximou de mim e do Dr. Hassan. No início, pensei que o Dr. Hassan tivesse caído no chão outra vez em sinal de deferência ao deus da lua, mas quando olhei mais de perto constatei que ele estava inconsciente.

Preocupado, Ahmose se ajoelhou e virou o Dr. Hassan de costas. Perguntou-me alguma coisa, mas foi em egípcio. Tentei explicar que não estava entendendo, mas ele sorriu com gentileza e chegou mais perto do Dr. Hassan. Assim como Asten e Amon, Ahmose havia despertado nu a não ser pelo saiote branco. Da mesma forma que os irmãos, era muito bonito, só que mais corpulento, e tinha os ombros e braços revestidos por uma forte musculatura.

Ahmose começou a lançar um encantamento sobre o Dr. Hassan. Quando passei para o outro lado do egiptólogo e segurei sua mão, não pude evitar estudar aquele terceiro irmão.

Era fácil ver por que motivo aquele semideus preferia o machado ao arco e flecha. Apesar disso, ele tratou o egiptólogo com todo o cuidado; os grossos dedos lhe apertaram os ombros de modo muito suave. Não era algo que eu esperasse de um homem daquele tamanho.

Ao concluir o encantamento, os olhos de Ahmose encontraram os meus novamente e me senti capturada naquele olhar cinza-prateado. O Dr. Hassan se recobrou e se levantou para falar com os dois irmãos por alguns instantes antes de aceitar a água mineral que lhe ofereci. Eu havia planejado cumprimentar Ahmose com um aperto de mão ao me erguer, mas mudei de ideia ao constatar quanto estava suja.

– Bom, seja bem-vindo ao mundo – falei. – Meu nome é Lily.

Ahmose inclinou a cabeça para mim e estreitou os olhos cinzentos, em seguida olhou para o irmão, que lhe disse algo em egípcio. Ahmose assentiu e disse algo parecido com “Ah” antes de murmurar um curto encantamento.

– Eu sou Ahmose, personificação da lua – anunciou, com um sorriso caloroso.

– Muito prazer, Ahmose. O homem que você ajudou é o seu vizir, doutor Hassan.

– O prazer é todo meu. Em conhecer os dois – observou ele, educado.

– Sim... Então, Asten, temos algo mais a fazer, ou podemos ir andando? Estou preocupada com Amon – expliquei, enquanto o terceiro irmão me observava com um olhar perscrutador.

– Sim. – Ele olhou em volta. – Onde está Amon?

– Precisamos encontrá-lo depressa. Neste exato momento, ele está nas garras do assecla do Obscuro. Temo que nos reste pouco tempo – explicou Asten.

– Então vamos resgatá-lo, irmão.

Ahmose deu uns tapinhas no ombro de Asten.

Nós três tínhamos acabado de nos virar para o Dr. Hassan, que explicava sua ideia de

como sair da *oubliette*, quando de repente os dois irmãos deram um grito e caíram de joelhos no chão. A última coisa que vi antes de a luz de Asten se apagar foi os dois protegendo os próprios olhos com as mãos em concha e o sangue escorrendo por entre seus dedos.

PARTE III

Quando raios do sol explodiram no horizonte, o deus Anúbis apareceu. Não veio na forma que eles esperavam, uma divindade com cabeça de chacal e corpo de homem, mas sim como humano. Anúbis era lindo por qualquer padrão de beleza. Parecia um deus benevolente – de temperamento reservado, mas ainda assim bondoso. Ao seu lado estava um companheiro fiel, um cão de grande porte, negro malhado de marrom. A musculatura e o aspecto nobre do animal condiziam com os de Anúbis. Sentado junto ao dono, obediente, com as orelhas pontudas empinadas, o cão ganiu baixinho, dando voz ao sentimento das pessoas à sua volta.

Anúbis fez um gesto para os reis se levantarem e, embora se dirigisse sobretudo a eles, falou para a multidão:

– Povo do Egito, sua grande perda é também a nossa. Seth causou grandes danos no dia de hoje e, embora não possamos desfazer o que foi feito, podemos lhes oferecer o seguinte. – Ele fez uma pausa, e correu os olhos pelas pessoas reunidas. – Protegeremos os jovens do Egito mantendo o Obscuro afastado por meio de uma cerimônia que deverá ser repetida a cada mil anos. Como seus jovens filhos de sangue real se dispuseram a sacrificar a própria vida em nome do seu povo, vamos honrá-los. Em vez de passar a eternidade servindo a Seth, eles se dedicarão a proteger aqueles que amam: uma causa suficientemente nobre para alegrar o coração de qualquer mortal, acredito.

Todos o escutavam, atentos. Ele prosseguiu:

– Embora estejam mortos, eles serão chamados de volta uma vez a cada milênio, e gozarão de uma breve trégua do além para poderem continuar a fazer o trabalho divino até a hora em que os deuses... – ele executou um leve floreio com a mão – ... e o Egito, naturalmente, não precisarem mais dos seus serviços.

Os reis e rainhas se prostraram aos pés de Anúbis e choraram de gratidão. Os corpos dos três rapazes foram levados até ele. Aproximando-se do primeiro, ele falou:

– Príncipe de Asyut, filho de Khalfani; eu, Anúbis, deus das estrelas, atendi ao grito da sua gente e, para protegê-la, concedo a você parte do meu poder. Você agora será escriba, mediador, mágico celeste, sonhador cósmico e orador. Daqui em diante, seu nome será Asten, que significa "estrela que acaba de acender".

Anúbis uniu as mãos em concha e, ao afastá-las, pequeninas estrelas se agitavam entre elas. O deus soprou as mãos e as estrelas correram na direção do príncipe morto, pousando sobre ele como uma delicada chuva de pétalas de dente-de-leão antes de afundar na pele, deixando em seu rastro pequenos pontos de luz pulsante que por fim se apagaram.

O deus egípcio então passou ao segundo irmão.

– Príncipe de Waset, filho do rei Nassor; Khonsu, deus da lua, lhe concedeu parte do seu poder. Você agora será curandeiro, senhor dos animais, abre-caminhos e mestre das tempestades. Daqui em diante, seu nome será Ahmose, que significa "lua crescente".

Depois de falar, Anúbis uniu os pulsos, e no espaço entre as palmas de suas mãos e os dedos foi surgindo uma suave luz prateada que formou uma meia-lua. Quando considerou o objeto suficientemente sólido, ele o segurou entre os dedos e lhe deu um peteleco. A pequenina meia-lua partiu rodopiando pelo ar feito um disco até bater na testa do filho de Nassor. Sobre sua pele, tornou-se mais brilhante até que, como as estrelas, nela também afundou, e a luz foi diminuindo e desapareceu.

Por fim, Anúbis se postou diante do filho de Heru. Quando o rei o encarou, preocupado, o deus fez uma pausa e pousou uma das mãos em seu ombro.

– Tanto o grande deus Amon-Rá quanto seu filho Hórus desejam presentear seu príncipe. – Anúbis se dirigiu à rainha: – A prece especial que a senhora fez pelo seu filho vai ser atendida, mas isso acontecerá na hora que melhor nos aprouver, em um lugar diferente deste aqui. A senhora concorda?

Novas lágrimas escorreram pelas faces da mulher, e ela meneou a cabeça.

– Sim, Magnífico.

– Muito bem. Príncipe de Itjtawy, filho de Heru; Amon-Rá, deus do sol, lhe concedeu parte de seu poder. Você agora será revelador de segredos, protetor dos aflitos, senhor da luz, caçador da verdade e protetor do Olho de Hórus, e adotará o nome do próprio deus-sol. Daqui em diante, seu nome será Amon.

Anúbis ergueu as mãos para o sol da manhã, palmas para cima, recolheu os raios dourados e, quando a luz começou a vazar de suas mãos, lançou-a na direção do corpo do terceiro filho real. A luz jorrou de suas mãos no formato de um arco e foi cair sobre o peito do rapaz, que inspirou e abriu os olhos.

A luz do sol ricocheteou em seu peito na direção dos dois outros príncipes mortos e, quando seus peitos se inflaram de ar, eles também se sentaram. Uma vez absorvidos os últimos raios de luz, todos os três se levantaram e abraçaram os pais.

– Hoje à noite vocês irão banquetear-se – disse Anúbis. – Passem esse precioso tempo com aqueles que mais amam, pois mais tarde precisaremos concluir a cerimônia de alinhamento do sol, da lua e das estrelas, para que os filhos do Egito fiquem a salvo do caos do Obscuro.

O povo celebrou com um banquete, mas sua felicidade durou pouco. Embora Anúbis houvesse de fato ressuscitado os príncipes mortos, seu tempo como mortais foi curto. Naquela mesma noite, o deus voltou para concluir a cerimônia e, quando chegou a hora, levou consigo os três príncipes reais, deixando para trás três famílias enlutadas, uma lenda que seria transmitida de geração em geração e três múmias com um objetivo especial a cumprir – um destino que as faria despertar outra vez.

No olho de quem vê

– O que está acontecendo? – gritei. – Alguma coisa deu errado quando despertamos Ahmose?

Às cegas, estendi a mão e segurei a manga da camisa do Dr. Hassan. A respiração pesada e os arquejos cruciantes dos irmãos de Amon eram uma agonia. Fui até eles, agachei-me e subi as mãos por um par de braços fortes até tocar um rosto de homem. Era Ahmose.

Um sangue pegajoso cobria suas faces, e tentei limpá-lo com o polegar.

– Me diga – pedi. – É muito sério?

– Não é... não somos nós.

– Não estou entendendo. Como assim, não são vocês?

Asten estendeu a mão e tocou meu ombro.

– Ele está querendo dizer que estamos bem. É um ataque contra nós, mas vamos nos curar de...

Ahmose interrompeu Asten:

– Não foi isso que eu quis dizer. A coisa que nos feriu...

– Não precisamos falar sobre isso agora – insistiu Asten. – Só vai causar preocupação desnecessária. Confie em mim quanto a isso, irmão, e não diga mais nada.

Ahmose fez uma pausa antes de falar:

– Muito bem. Vou confiar no seu julgamento.

– Algum de vocês dois está bem o suficiente para nos proporcionar um pouco de luz? – perguntei.

– Talvez, se puder me curar, irmão.

Ahmose grunhiu:

– Sim, claro. Me dê aqui sua mão.

Recuei um pouco para que Asten pudesse assumir meu lugar, e a voz grave de Ahmose entoou um encantamento para o irmão. O que quer que tenha sido, terminou depressa, pois o corpo de Asten se acendeu por dentro outra vez. A luz começou bem fraca, mais ou menos como uma lâmpada de emergência, mas depois aumentou de intensidade.

Sem se virar para mim, Asten perguntou:

– Você tem água suficiente para molhar um pano?

– Claro. Só um instante – falei. O Dr. Hassan me estendeu um lenço e usei o pouco de água que restava para molhá-lo. – Tome – eu disse, entregando o pano para Asten.

Sempre de costas para mim, ele o pegou. Ouvi um barulho de tecido sendo rasgado e os dois rapazes começaram a limpar o rosto. No de Asten, ainda coberto de sujeira e lama, as trilhas de sangue não eram tão visíveis, mas Ahmose agora tinha marcas inconfundíveis na pele nova e imaculada. Lágrimas cintilavam em seus olhos cinzentos, que no entanto não pareciam feridos.

– E então? Algum de vocês dois quer me explicar o que acabou de acontecer?

Ahmose olhou para Asten, que respondeu com toda a calma, como se sangrar pelos olhos fosse algo que acontecesse todos os dias:

– Foi apenas um dos sinais de que estamos chegando perto da hora da lua cheia.

Olhei para ele como quem diz "Não acredito em uma palavra do que você está dizendo" e virei-me para ver o que o Dr. Hassan achava daquilo, mas o egiptólogo se recusou a fazer contato visual comigo, sinal de que também estava me escondendo alguma coisa.

– Não acredito nisso nem por um segundo – declarei por fim. – Vocês acham que eu sou só uma mocinha submissa do seu século, que acredita em qualquer coisa que um homem diz?

Ahmose inclinou a cabeça e sorriu.

– Nunca conheci nenhuma mulher, qualquer que seja o século, que leve a palavra de um homem ao pé da letra. Na minha experiência, as mulheres em geral têm mais discernimento e é mais difícil enganá-las do que aos homens.

Sacudi o dedo para ele.

– Viu? Você está virando rapidamente meu irmão preferido. Como tal, com certeza vai querer me contar a verdade.

Ahmose deu de ombros e disse:

– Preciso respeitar a avaliação de Asten sobre a situação. Ele despertou antes de mim.

– Sim, menos de um dia antes!

Virando-se para Asten, cuja boca estava contraída em uma expressão de teimosia, Ahmose disse:

– Talvez ela precise saber.

Asten cruzou os braços diante do peito e suspirou.

– Ela vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Temo que o choque a enfraqueça mais ainda.

– Eu não estou fraca.

– Está mais fraca do que imagina.

– Doutor Hassan, por favor, diga a eles que estou bem.

O Dr. Hassan deu um passo à frente e segurou minha mão.

– Calma, calma. Vai ficar tudo bem. Quem sabe possamos continuar esta conversa depois de encontrarmos Amon?

Amon era praticamente a única coisa capaz de me distrair.

– Sim – concordei, lembrando que tínhamos deixado Amon nas mãos de um sacerdote do mal. – Vamos sair daqui e resgatar Amon, depois vocês três vão ter algumas explicações a dar.

Girei nos calcanhares, recolhi minha bolsa, dei o braço ao Dr. Hassan e esperei que ele nos guiasse até a saída. Enquanto ele começava a avançar, ouvi Ahmose sussurrar para Asten:

– Gostei dela.

– Eu também – respondeu Asten. Então falou mais alto: – Apesar de ela ser uma devota bem ruinzinha, e ter o péssimo hábito de não desfalecer aos meus pés como faria qualquer mulher em sã consciência.

– Nesse caso, gosto ainda mais dela.

Os dois irmãos nos seguiram.

– Pare – ordenou Ahmose.

– O que houve? Você viu alguma coisa? – perguntei.

– Você está ferida.

– Estou. Uns demônios *biloko* me atacaram.

– *Biloko?* – Ahmose trocou olhares com o irmão, em seguida se ajoelhou para examinar minha perna. – Isto aqui eu posso curar, mas o outro precisa esperar até estarmos os três juntos. E mesmo assim...

– Que outro?

Asten se intrometeu:

– Ahmose, faça logo o que puder com a perna e o braço dela.

– Muito bem. – Ahmose aquiesceu. – Lily, segure a minha mão, por favor.

Ele tinha uma voz muito agradável, grave e reconfortante. Pus a mão na sua e ele a envolveu com seus dedos grandes, pousando a outra mão por cima. Um calor penetrou minhas veias, enquanto pequenas pulsações de luz prateada acendiam sua pele.

O alívio se propagou até o ferimento no meu braço, depois desceu até a perna, e uma sensação que era um misto de coceira e cócegas se apoderou dos meus membros feridos. Arquejei quando a queimação da mordida desapareceu e foi substituída por um formigamento cálido e agradável, como se eu tivesse acabado de fazer shiatsu na perna e no braço.

Ahmose abriu os olhos.

– Pronto. Como está se sentindo?

– Incrível! Obrigada!

– Foi uma pequena gentileza para lhe retribuir o sacrifício que está fazendo ao nos ajudar.

– Sim, ela fez muita coisa.

Asten se aproximou depressa, me segurou pelo braço e me guiou para longe do irmão,

que nos seguiu bem-humorado.

Enquanto serpenteávamos entre os rochedos fantasmagóricos, olhei para trás e me perguntei por que motivo Asten estava tentando manter o irmão distante de mim. Mesmo que eu não fosse uma grande observadora de pessoas, os seus subterfúgios eram evidentes.

O Dr. Hassan, que seguia na frente, parou de repente e encarou fixamente o vazio diante de nós. Estendendo a mão, apalpou o ar e correu os dedos por linhas invisíveis até eu ouvir um clique.

– Achei! – exclamou com um sorriso. Segurando um pedaço de algo imperceptível aos meus olhos, ele puxou e em seguida projetou as mãos para a frente. Uma parte grande do espaço diante de nós deslizou para o lado e revelou um túnel comprido com degraus no fim. – Este portal é a nossa saída – anunciou, apontando para o buraco que havia criado.

– Como? Como o senhor fez isso? – perguntei.

– Ah. – Ele suspirou e coçou a cabeça. – Bom, é difícil explicar.

– Não temos tempo, doutor. Amon está esperando – lembrou-lhe Asten.

– Sim, sim. Vá na frente, querida.

Com cuidado, passei pela porta oculta e entrei no túnel. Mais uma vez tivemos que usar a luz gerada por Asten e Ahmose para avançar. Correntes escuras com algemas pendiam de ganchos de metal. Lá no alto, vi restos de pedras talhadas que antes eram arcos cruzados. Alcovas abrigavam estátuas de deuses egípcios com expressões torturadas.

– Que lugar é este? – indaguei, me encolhendo ao ouvir minha voz ecoar pelos corredores vazios.

– Acho que é um local secreto de reunião dos asseclas de Seth – sussurrou o Dr. Hassan.

Passamos por um recinto grande no qual havia uma estátua do deus com cara de cavalo que ia do chão até o teto. Grandes poças de líquido escuro se acumulavam nas rachaduras e reentrâncias do piso de pedra.

– Isso é... sangue? – perguntei, hesitante.

O Dr. Hassan manteve os olhos fixos à frente e passou um braço pelo meu ombro para me impedir de ver.

– É melhor não pensar nessas coisas – sugeriu ele depois de passarmos. – Basta dizer que tenho certeza de que o deus do caos foi cultuado aqui.

Subimos a escada do corredor comprido e deparamos com uma série de portas e túneis.

– Para que lado? – perguntei.

– Sigam-me – disse o Dr. Hassan.

Nem Asten nem Ahmose protestaram quanto à liderança de Osahar, e guardei essa informação no fundo da mente, acrescentando-a à lista de coisas estranhas que diziam respeito à relação entre os irmãos e seu grão-vizir. Apesar de estar com a mente transbordando de perguntas, como sempre, continuei em frente sem fazer mais nenhuma. Algo com certeza estava acontecendo entre o Dr. Hassan e Asten, e eu não me espantaria se

descobrisse que Ahmose, apesar de recém-despertado, também tinha participação. Estava ficando louca de tanto pensar no motivo de precisarem esconder coisas de mim.

Quando o Dr. Hassan achou a porta que queria, seu rosto se acendeu como se ele houvesse acabado de desvendar o segredo do universo. Finalmente chegamos a uma última escada, e ele anunciou:

– Estamos livres.

No fim dos degraus, uma pesada porta de madeira estava trancada pelo lado de fora. Nós quatro a empurramos, mas grossas correntes que chacoalharam do outro lado a tornavam praticamente impossível de abrir.

– Vizir, se o senhor puder ficar de olho na garota de Amon, vou tentar abrir esta porta – disse Ahmose.

– Espere um instante, quem disse a você que eu era...?

Olhei para Asten, que me abriu um sorriso encantador e deu de ombros.

– Bom, vocês estão enganados. Os dois. Amon é só meu amigo.

Ahmose já tinha apoiado as duas manzorras na porta. Depois de firmá-las ali, virou-se para me olhar com seus olhos cinzentos como aço.

– Vocês estão ligados um ao outro. Como irmão dele, posso sentir isso, mesmo sem os comentários de mulherzinha de Asten.

Agora com o cenho franzido, Asten rebateu:

– Nada é certo por enquanto. Além do mais, por que sou obrigado a aguentar suas zombarias insuportáveis século após século? Só porque sou mais bonito do que você e meu corpo não está coberto com tanto pelo a ponto de competir com um chacal, isso não é motivo para me chamar de mulherzinha. A sua inveja não é digna de você.

– Sim, Asten, você é muito bonito. Na maior parte do tempo. Agora não, claro, já que está coberto de sujeira. É uma pena esta masmorra não ter um espelho para você poder verificar a própria aparência. Sei quanto se orgulha dela. Tenho certeza de que ficaria arrasado se visse o seu estado atual.

– Ora! Talvez fosse melhor termos deixado você dormir um pouco mais seu sono eterno. De tão mal-humorado, parece uma mulher de peixeiro enrugada. Isso tem a ver com o que aconteceu com aquelas devotas no nosso último despertar? A culpa não foi de todo minha, você sabe.

– Ah, Asten. Você não consegue evitar chamar a atenção toda para si.

Ahmose correu os dedos pelas frestas da porta. Não tive certeza do que ele estava procurando, mas apenas metade da sua atenção parecia focada na discussão com o irmão.

– Para conquistar a atenção de uma mulher, tudo o que se precisa fazer é escutá-la – afirmou Asten.

– Eu escuto. Só não fui abençoado, como você, com a capacidade de enfeitiçar as mulheres com as minhas palavras. Somando isso ao seu belo rosto, nenhuma mulher jamais repara na minha presença.

– Eu repararia – falei, casualmente. – E acho os dois muito bonitos. Uma garota teria sorte de conquistar o interesse de qualquer um de vocês.

Asten sorriu.

– Sua beleza só é ofuscada pelo seu raro grau de sabedoria.

Ahmose balançou a cabeça e continuou:

– Está vendo como ele usa a língua para adular desavergonhadamente as mulheres? Por favor, tranquilize-me e diga que não vai cair nesses truques baratos.

– Hã... – Ahmose tinha se posicionado do outro lado da porta e, enquanto eu falava, começou a examinar cada saliência nodosa da madeira. – Se não se importar, prefiro não falar sobre como Asten usa a língua.

Asten me deu uma piscadela e Ahmose se imobilizou. Seu rosto ficou muito vermelho e ele disse:

– Desculpe. Não pensei que as minhas palavras pudessem ser mal interpretadas.

– Sem problema.

Achei uma graça o jeito como ele ficou encabulado. Aquilo era um sopro de ar fresco, sobretudo em um homem tão grande e seguro de si. Quando ele me encarou, todo envergonhado, abri-lhe um largo sorriso, o que pareceu fazê-lo relaxar um pouco. Ele tornou a se virar para a porta.

– Ah, achei o caminho – anunciou. – Agora, se tiverem a bondade de dar um passo para trás, vou ver se consigo abrir um espaço para fugirmos. Eu pediria sua ajuda, Asten, mas não quero que você bagunce os cabelos.

Asten cruzou os braços.

– Eu não tenho cabelo. Nem você, aliás. Seu crânio está pelado feito um ovo de ganso, mas para você está tudo bem, já que o seu cabelo nunca foi mesmo tão bonito quanto o meu – disse ele.

Era óbvio que não queria encerrar aquele divertido diálogo.

Ahmose deu um suspiro, mas foi com um sorriso que disse para mim:

– É verdade. Ele é o mais bonito de nós, o que é um milagre, levando-se em conta o número de vezes que soquei a cara desse encantador de cobras metido a besta. – Por cima do ombro, completou: – Depois que resgatarmos Amon, vou lhe dar sua surra milenar de boas-vindas ao mundo dos vivos.

– Mal posso esperar – disse Asten, rindo largamente. – Agora abra essa porta.

– Sim, irmão.

Ahmose sussurrou um encantamento em egípcio e encostou a parte carnuda do polegar em uma nódoa circular da porta de madeira. Uma luz prateada passou de seu polegar para a madeira, deixando sobre a superfície trilhas reluzentes de tamanhos diversos, como estradas em um mapa.

A luz foi ficando cada vez mais forte e a porta começou a tremer. Ahmose deu um passo para trás, envolveu-me com um dos braços e virou meu rosto na direção de seu peito.

– Cubra os olhos – instruiu.

Obedeci, mas fiquei espiando pelas frestas entre os dedos.

O tremor tornou-se mais intenso e então a porta explodiu, fazendo voar pelos ares pedaços fragmentados que pareciam peças de quebra-cabeça. Quando acabou, perguntei:

– Como você fez isso?

Ahmose inclinou a cabeça.

– Eu sou o abre-caminhos – respondeu apenas.

– Mas isso não é um caminho. É uma porta.

– Sim. Eu encontrei o caminho da fraqueza na porta.

– Incrível! – exclamou o Dr. Hassan.

Passamos pela porta e saímos de um prédio abandonado a alguns quarteirões do templo. De repente eu me senti tonta, pela falta de sono, o fato de ter quase morrido, de não comer direito há dias, ou uma combinação das três coisas. Tropecei em um pedaço da porta e Asten me amparou.

– Ahmose, podemos fazer alguma coisa para sustentar as forças dela? – perguntou.

Os irmãos trocaram um olhar pleno de significado.

– Só quando encontrarmos Amon – respondeu Ahmose.

– Tudo bem. Com certeza é a glicose no sangue que está baixa – afirmei. – Assim que salvarmos Amon, vamos comer alguma coisa.

Não pude evitar perceber que os dois irmãos não paravam de olhar para mim enquanto andávamos, e que estendiam os braços para me amparar mesmo quando não era necessário.

Logo chegamos ao templo, e dessa vez entramos por uma porta dos fundos no lado dedicado a Hórus. Ainda estava escuro, mas o dia iria raiar em breve.

Eu não tinha tanta consciência do espaço à minha volta quanto deveria e a princípio nem sequer reparei que era eu quem estava fazendo barulho quando ouvi cacos de vidro espalhados pelo chão estalarem. Todo mundo tinha dado a volta, evitando pisar no vidro, menos eu.

– Desculpe – eu disse, e parei onde estava.

– Que pena – murmurou o Dr. Hassan. – Alguém roubou os instrumentos médicos antigos que estavam expostos aqui e quebrou a tabuleta com imagens que provavam que os meus antepassados egípcios realizavam cirurgias complexas.

– Argh... isso...

Um grito me distraiu e não me deixou completar a frase sobre a cena grotesca que acabara de imaginar graças à descrição do Dr. Hassan.

– Amon! – gritei, enquanto Ahmose me suspendia rapidamente por cima dos cacos de vidro e corríamos em direção ao som. Antes de eu conseguir dar dois passos no recinto contíguo, Ahmose me reteve.

Com as mãos grandes pousadas nos meus braços, ele me encarou e disse:

– Vamos juntos.

Aquiesci, desesperada para fazer alguma coisa, e fiquei me apoiando ora num pé, ora no outro, aflita, enquanto Ahmose e Asten fabricavam suas armas. Eles estenderam as mãos e começaram a murmurar baixinho enquanto minúsculos grãos de areia iam se erguendo no ar, vindo de todos os cantos do ambiente. Como a areia reunida não foi suficiente para formar uma arma, foi incrementada por um filete regular vindo de fora até uma bola suficientemente grande se materializar diante de cada um dos irmãos.

A areia de Asten se alongou e adquiriu a forma de seu arco e de uma aljava cheia de flechas com ponta de diamante, mas as partículas de Ahmose se separaram e formaram duas bolas de tamanho igual. Uma delas se solidificou e se tornou um reluzente machado de prata. O fio duplo reluzia, afiado, e a superfície era coberta por hieróglifos entalhados.

A segunda arma parecia um martelo, só que vários centímetros mais comprido. Em vez de uma unha para retirar pregos, uma das extremidades era formada por uma ponta grossa, enquanto a outra tinha uma chapa do tamanho da minha mão cravejada com vários dardos de aspecto perigoso. Uma farpa na parte de cima completava a arma mortal, que o Dr. Hassan me disse ser uma maça.

– Fique bem atrás de nós – ordenou Ahmose, girando a arma para testar seu equilíbrio. – Se tudo estiver seguro, sua tarefa será libertar Amon. Entendeu?

– Entendi – sussurrei.

O Dr. Hassan pegou na bolsa algumas ferramentas de escavar e me passou uma pá de pedreiro coberta de lama endurecida, ficando com duas limas pontiagudas para si mesmo. Ajeitamos nossas bolsas nos ombros e fizemos um gesto de cabeça para os dois guerreiros egípcios a postos na nossa frente.

A adrenalina corria pelas minhas veias quando mudei de posição e examinei minha pá de pedreiro de aspecto frágil. Asten me dirigiu um breve sorriso e falou:

– Vamos em frente.

Sem fazer barulho, os dois irmãos avançaram na direção dos gritos e, quando assinalaram um para o outro que a área estava livre, o Dr. Hassan e eu também avançamos. Já tínhamos passado por três cômodos quando finalmente topamos com guardas.

Havia algo de... antinatural neles. Durante a breve visão que consegui ter, reparei que seus corpos não apresentavam as proporções corretas e que seus olhos exibiam um brilho branco espectral. O Dr. Hassan colou as costas na parede ao meu lado. Parecia nervoso, o que me deu mais medo do que as criaturas postadas entre nós e Amon.

– Eles são Masaw Haput... os nascidos da morte – sussurrou ele. – Você certamente os chamaria de zumbis.

– Zumbis? Está falando sério?

– Mais uma prova de que estamos lidando com um talentoso necromante.

– Mas então como vamos enfrentá-los? Se já estão mortos, como podemos matá-los?

– Não se pode... matá-los – interrompeu Ahmose. – *Você* vai ficar escondida. E eles vão

voltar ao estado do qual foram despertados quando dermos cabo do ser maligno que os invocou.

– O que fazemos agora? – perguntei ao Dr. Hassan.

– Ficamos aqui, eu acho.

Olhei para os guerreiros zumbis, imóveis como estátuas. A pele cinza encovada e os ossos estavam cobertos por tiras de couro preto. Os ossos expostos, que já não conseguiam mais se articular usando ligamentos, estavam unidos de alguma forma com arame, e as juntas conectadas por grampos compridos. Alguns membros podres deviam se manter no lugar pela armadura presa a seus corpos; tirando esse fim, na minha opinião, a armadura zumbi parecia meio supérflua.

Amon tornou a gritar, dessa vez mais alto.

– Temos que salvá-lo! – sibilei, tentando manter a voz baixa. Uma forte explosão de energia do outro lado da porta fechada fez as paredes tremerem, e um pedaço de rocha desabou perto de nós, levantando uma cascata de poeira.

As sobrancelhas arqueadas do Dr. Hassan traduziram o tamanho do deslizamento.

– Lily! – gritou ele. – Abaixe-se!

Eu me atirei ao chão ao mesmo tempo que o Dr. Hassan cravava suas duas limas bem fundo no peito de um dos guerreiros zumbis. A criatura apenas nos encarou, respirando irregularmente. Então, erguendo a espada acima da cabeça, soltou um grito sobrenatural, com a mandíbula escancarada, presa apenas por um grampo de metal ao crânio.

Bem na hora em que a espada ia baixar sobre nós, o machado de prata de Ahmose a aparou. O deus da lua desviou a arma do zumbi ao mesmo tempo que erguia a sua e decepava a cabeça da criatura com um golpe poderoso.

– Vamos, Lily – disse ele, estendendo a mão.

Empunhando o arco, Asten estava em pé do outro lado do recinto. Quando ele disparou uma flecha reluzente com ponta de diamante, mais uns dez guardas surgiram na esquina, como bestas-feras sentindo cheiro de carne fresca. A flecha atingiu o guarda ainda postado junto à porta, cravando-se no espaço entre seus olhos, e a criatura explodiu. Na mesma hora, Asten puxou outra flecha da aljava.

– Lily! Aqui! – gritou ele.

O Dr. Hassan me seguiu de perto quando fui até Asten. Depois de todos os zumbis serem neutralizados, Ahmose juntou-se a nós. Estávamos prestes a passar pela porta quando esta se abriu e mais guerreiros mortos-vivos apareceram.

Enquanto Asten e Ahmose combatiam a nova horda, olhei para trás de mim. Os guerreiros caídos estavam se levantando outra vez. Na verdade, aquele que Ahmose tinha decepado havia encontrado a cabeça e tornado a colocá-la sobre os ombros, ainda que meio torta. Dali a segundos, ele nos alcançaria.

– Só podemos fazer o encantamento quando Amon for solto! – exclamou Asten.

Por entre a massa de corpos no vão da porta, vi uma bruma vermelha e um homem em

pé no meio dela. Eu sabia que era o necromante.

Agarrei a mão do Dr. Hassan.

– Precisamos passar e soltar Amon!

– Mas eles disseram para esperar uma oportunidade.

– Vamos ter que criar nossa própria oportunidade!

Corremos entre os corpos caídos e conseguimos evitar ser pegos, exceto pelo braço de um dos zumbis sem cabeça que agarrou minha perna. Dei um chute tão forte que ele me soltou, então me abaixei e segui em frente. O braço de Ahmose pendia flácido junto ao seu corpo, e Asten tinha um ferimento fundo na coxa. Ambos exibiam várias marcas de mordidas, o que não era um bom sinal, considerando que estavam lutando com mortos-vivos.

Mesmo sem saber se o Dr. Hassan ainda estava atrás de mim ou não, corri na direção de Amon. Ele estava amarrado a uma cadeira de frente para a névoa rubra que ocultava os traços do homem atrás dela. Ignorei a névoa e comecei a cortar as cordas que prendiam os braços de Amon. Minha frágil pá de pedreiro não estava adiantando muito.

– Ah, Lily – disse a sombra espectral. – Estávamos esperando você.

A voz soava familiar, mas não consegui identificar onde a tinha escutado antes.

– Então que bom que eu não decepcionei vocês – declarei, sem deixar nada me distrair da tarefa de soltar Amon.

A cabeça dele estava caída junto ao peito, mas ao ouvir minha voz ele a levantou, e suas palavras soaram cheias de dor.

– Jovem Lily? – arquejou ele.

– Sim, sou eu. Aguente firme. Viemos resgatar você.

– Temo que a sua tentativa de resgate seja inútil. Como vê, eu queria que você viesse – respondeu a voz suave e sinistra do meio da bruma.

– É mesmo? Foi por isso que nos jogou na areia movediça? – perguntei.

– Nada disso. Nessa vocês caíram por conta própria. Como conseguiram sair, aliás? Estou curioso.

– Não vou compartilhar informações com o lado do mal, muito obrigada. – Uma das cordas que prendiam Amon finalmente se partiu. Comecei a cortar a segunda. – Mas se *você* quiser compartilhar alguma informação *conosco*, eu não faço objeção – eu disse para a sombra. – Por exemplo, por que não vem até aqui e se apresenta direito? Quero dizer, a menos que prefira ser chamado de Necromante Assecla Obscuro de Seth, que é como eu venho chamando você.

Uma risada ecoou pelo recinto.

– Vou gostar de conhecer você melhor, Lilliana Young.

Consegui cortar a segunda corda.

– Ai, que sinistro... Não fazia ideia de que o assecla obscuro sabia o meu nome.

Arrisquei uma olhada na direção da porta para ver como Asten e Ahmose se saíam. No

entanto, assim que restaram apenas uns poucos guardas zumbis, o senhor das sombras lançou um jorro de névoa rubra na direção deles.

– Lily! Onde você está? – gritaram eles.

– Aqui! – respondi, mas os olhos deles reluziam no meio da névoa como refletores em uma noite nublada.

– Eles não conseguem vê-la nem ouvi-la agora, o que torna o nosso diálogo ainda mais íntimo. Amon, é claro, está tão incapacitado que vou lhe permitir escutar. Isso me causa imenso deleite, sabe?

A sombra se aproximou e, embora o seu semblante ainda estivesse escondido, ficou evidente que era um homem, e muito diferente dos monstros zumbis que havia criado.

Ouvi um cântico grave ecoar dentro da nuvem vermelha, e um homem de capa se adiantou e me segurou pelo braço. A boca era o único traço visível de seu rosto, e tinha agora os cantos virados para cima em um sugestivo sorriso de lascívia.

A última corda estava presa só por alguns fios. Se Amon tivesse ainda alguma força, poderia tê-la arrebentado, mas ele continuou ali sentado, de costas para mim, afundado na cadeira.

O sacerdote necromante me puxou com violência na sua direção e esticou os dedos compridos para acariciar meu rosto.

– Desde que os meus demônios *biloko* provaram da sua carne, devo confessar que ando pensando na ideia de saboreá-la eu mesmo.

Estreitando os olhos, encarei-o com meu mais mortífero olhar de socialite, do tipo “Tire essas mãos de mim”, e minha mais sarcástica expressão de menina rica.

– Acho que, se tivesse escolha, preferiria os demônios *biloko*.

Quando abri um sorriso zombeteiro, ele me sacudiu.

– Você não diria isso se soubesse quem eu sou. Em que me transformei.

– Está falando sério? Eu sou de Nova York. Nada me espanta.

– Talvez a convivência com os filhos do Egito tenha deixado você... anestesiada. Mesmo assim, pretendo impressioná-la... – ele sorriu – ... de uma forma ou de outra. Sabe, fui recriado como muito mais do que o homem que era antes. O poder de alguém morto há bastante tempo me preencheu. Eu sou... – ele fez uma pausa para aumentar o efeito – ... Apófis. – E prolongou o final do nome, sibilando.

Torcendo o nariz como se tivesse sentido um cheiro desagradável, retruquei:

– Eu já imaginava. Então o cheiro está explicado. Pensando bem, estou mais impressionada com os filhos do Egito. Você é só a imitação barata de um aspirante a deus devasso com fetiche por crocodilos. Não me impressiona nem um pouco.

– Eu sou muito mais do que isso! – gritou ele, lançando-me do outro lado do recinto. Quando aterrissei, saí rolando até bater na parede com um baque. Meu corpo já exausto não queria se levantar. Lentamente, rolei de lado a tempo de ver o assecla de Seth com sua capa

avançar na minha direção a passos largos, mas ele foi detido pelo som de um cântico que encheu o ar.

– Não! – berrou ele, girando nos calcanhares. O Dr. Hassan, trêmulo, estava em pé atrás de Amon segurando a última corda partida em uma das mãos e um pequeno objeto prateado na outra. – Seu tolo! Por acaso sabe o que fez?

Pontinhos de luz tomaram conta do ambiente, lembrando-me a fumaça de vaga-lumes de Asten. Centelhas rodopiantes douradas, prateadas e brancas colidiram e aumentaram de tamanho. Então cercaram o assecla de capa e começaram a rodear seu corpo cada vez mais depressa. Ele gritou e, quando arqueou as costas, o capuz que cobria sua cabeça caiu.

Arquejei e o Dr. Hassan deu um passo à frente, sem acreditar.

– Sebak? – exclamou ele. – Você me traiu! Por quê? – Seu rosto ficou muito vermelho. – Você jurou defender a ordem!

Encurralado, o Dr. Sebak Dagher, agora a encarnação de Apófis, retrucou com crueldade:

– Você é uma relíquia caquética, indigno e incapaz de tomar o poder que está à sua disposição. Eu o teria matado há muito tempo se tivesse confiado em mim o suficiente para revelar a localização dos vasos canópicos de Amon.

As luzes o apertaram com mais força.

– O Obscuro está despertando, e não há nada que vocês possam fazer para detê-lo! – Agora desesperado, Dagher continuou feito um fanático: – Sua mão não poderá ser contida. Ele construirá seu trono com os ossos daqueles que se opuserem. Não se enganem: os poderes do Obscuro *vão* prevalecer.

– Sebak, ainda há tempo! – gritou o Dr. Hassan. – Você precisa parar com isso! Não tem a menor chance de vencer.

Ignorando Osahar, Sebak virou-se para mim e disse:

– Estou ansioso pela oportunidade de admirar seus lindos *olhos* outra vez.

Ele projetou os braços para a frente, e uma luz vermelha jorrou de seus dedos e saiu pela porta. Então juntou as mãos e desapareceu ao som de uma trovoada.

A névoa vermelha que cercava Asten e Ahmose se dissipou e os dois irmãos logo usaram seus poderes para atirar longe os corpos dos zumbis que coalhavam o chão e aqueles que ainda se precipitavam na direção da porta.

Ahmose veio correndo até mim, enquanto Asten disparou até Amon. Ferida de novo, manquei até o Dr. Hassan, que parecia totalmente atarantado com a traição de seu assistente. Depois de apertar sua mão, tentando confortá-lo, me aproximei de Amon. No chão, aos seus pés, havia uma bandeja de instrumentos antigos, certamente os mesmos roubados da vitrine.

Uma poça de sangue pegajoso rodeava a bandeja. Chutei-a longe com violência, ajoelhei-me aos pés de Amon e segurei sua mão. Filetes de sangue haviam secado nos seus braços;

crostas escuras marcavam o espaço entre seus dedos. Havia talhos profundos em vários pontos da coxa, e feias punhaladas eram visíveis entre os farrapos do que restava da camisa.

Subi as mãos por seu braço cuidadosamente.

– Amon? Você consegue me ouvir? Estamos aqui – falei. – Acabou.

Ele se sobressaltou, os cabelos pendendo inertes sobre o rosto abaixado.

– Lily? – perguntou, com a voz embargada.

– Sim, sou eu. Seus irmãos estão aqui. Você está livre agora.

As mãos de Amon agarraram as laterais da cadeira e os tendões de seu braço saltaram quando ele tremeu. Por fim, respirou fundo e ergueu a cabeça.

A visão de seu rosto me encheu de horror.

Um soluço alto, seguido por arquejos desesperados, ecoou pelo recinto, e levei alguns instantes para entender que vinham de mim.

O lindo deus do sol dourado, o homem por quem eu agora admitia estar me apaixonando, ergueu a cabeça e estendeu a mão à frente, às cegas.

Seus antes lindos olhos cor de avelã – agora duas órbitas escuras, ensanguentadas e vazias, uma verdadeira visão de pesadelo – voltaram-se na minha direção.

Lágrimas de crocodilo

– Amon?

Afastei os cabelos da sua testa e me encolhi ao sentir sua pele fria e ao ver a terrível mutilação da qual ele fora vítima. Os brilhantes olhos cor de avelã de Amon tinham sumido, e meu coração estava tão partido e vazio quanto o homem sentado na minha frente.

Seus lábios estavam rachados e secos, e o ar chiava no seu peito como se ele fosse um velho acometido de pneumonia. Lágrimas amargas fizeram arder meus olhos e escorreram pelas minhas faces. Não conseguia mais olhar para ele, então pousei o rosto em seu joelho.

A ironia era que, mesmo gravemente ferido, Amon sentia necessidade de me consolar. Ele começou a acariciar delicadamente os meus cabelos.

– Calma, Nehabet. Vai ficar tudo bem – disse ele, a voz áspera.

Então começou a tossir com tanta violência que levantei a cabeça, pus as mãos em seu pescoço e fiquei murmurando no seu ouvido até a crise passar. Quando ele afastou as próprias mãos da boca, estavam molhadas de sangue vivo.

Determinada, me levantei, só que depressa demais, o que me fez cambalear. Consegui me firmar, livrei-me das mãos dos irmãos de Amon que tentavam me amparar e virei-me para Ahmose.

– Minha energia pode ajudar a curá-lo?

– Não!

Essa surpreendente explosão pareceu esgotar tudo o que restava de forças a Amon. Algo dentro dele se partiu e ele desabou na cadeira, desacordado.

– O seu vínculo permite a transferência de energia, sim, mas duvido que a força que lhe resta baste para curá-lo – disse Ahmose em voz baixa.

– De toda forma, ele não iria querer pôr você em risco – acrescentou Asten. – O fato de ter absorvido toda a dor que lhe infligiram sem compartilhar nada mostra a intensidade da preocupação dele com você.

– Como assim? Está dizendo que ele evitou usar minha energia de propósito? Que ele bloqueou nossa conexão?

– As vezes em que você cambaleou ou se sentiu fraca foram momentos em que ele perdeu o controle, mas já faz algum tempo que está se privando da sua força.

– Que bobagem dele se permitir ficar tão fraco – comentou Ahmose.
– Você não teria feito o mesmo se sentisse o que ele sente? – rebateu Asten.
Ahmose resmungou e cruzou os braços diante do peito.
– Ao escolher esse caminho, ele está fechando suas possibilidades futuras.
– Talvez a possibilidade que resta seja a que o destino escolheu para ele.
Ahmose ignorou o comentário de Asten e explicou:
– Sem os seus três outros vasos canópicos, os poderes de Amon diminuíram de modo significativo. A esta altura, ele é quase tão mortal quanto você. Não fosse a força do falcão, é provável que a encarnação de Apófis o tivesse destruído. Não posso viajar ao passado para assegurar seu bem-estar, mas vou emprestar a ele toda a energia que puder agora, e torço para que seja suficiente. Você, Lily, por ser mortal, já está com sua energia perigosamente comprometida. Não me atrevo a usar mais nada.
– Eu me importo. Somando sua capacidade de curar e o que me resta de energia, quanto podemos devolver a ele?
Ahmose deu um suspiro, coçando o maxilar enquanto fitava minha expressão decidida.
– Eu talvez consiga curar o que está destruído dentro do corpo dele o suficiente para fazê-lo voltar a funcionar, mas os olhos são outra história.
– Posso contribuir de alguma forma? – quis saber o Dr. Hassan.
Ahmose fez que não com a cabeça.
– Somente quem está ligado a ele pode transferir energia. Nem que Asten se juntasse a mim e sugássemos toda sua energia, Lily, isso não bastaria para restituir os olhos de Amon *e* revigorá-lo o suficiente para executar a cerimônia. Restaurar o que foi arrancado de nossos corpos é extremamente complexo.
– O mais importante é a cerimônia – afirmou Asten. – Amon ainda tem seu terceiro olho. Isso irá sustentá-lo até Seth ser novamente contido.
– Terceiro olho? O Olho de Hórus, você quer dizer?
– Isso – respondeu Asten. Após um breve olhar na direção do Dr. Hassan, ele prosseguiu: – É provável que o Olho de Hórus tenha sido o motivo que levou Sebak a atacar os olhos de Amon.
– Ele queria o poder para si – especulei.
– Sim, mas Amon tomou alguns cuidados antes de se render – disse o deus das estrelas. – Infelizmente, o tiro parece ter saído pela culatra.
– Que cuidados? Como assim?
Com um suspiro, Asten passou a mão pelo crânio calvo.
– Sabíamos que o sacerdote do mal tentaria pegar o Olho, então nós o transferimos.
– Como? Quer dizer que ele está com vocês?
– Não. Temo que o atual guardião do Olho seja eu. – O Dr. Hassan deu um passo à frente. – Amon me transformou em receptáculo provisório para que eu o guardasse. Foi assim que consegui encontrar lugares ocultos na *oubliette* e achar uma saída.

– Sim – disse Ahmose. – Mas um mortal só é capaz de sustentar o Olho por um tempo curto. Se não conseguirmos transferi-lo de volta para Amon logo, o seu doutor vai começar a ter pensamentos irracionais, que levarão a alucinações e, depois de algum tempo, à loucura. Minha alma quase se perdeu porque o Olho não estava focado.

– Quando o despertamos, é isso? – perguntei.

– Sim. O Olho nos guia quando somos chamados do além, e sem a correta orientação de Hassan, eu poderia ter me perdido nos lugares escuros entre os dois mundos.

Arquivei essa informação e disse:

– Então, contanto que a gente devolva o Olho rapidamente, vai ficar tudo bem, certo? Que parte do plano deu errado?

– Esconder o Olho cumpriu nosso objetivo de que Sebak não o roubasse e usasse o seu poder, mas ele agora sabe que o Olho está em outra pessoa – explicou Asten.

– E vai vir atrás do doutor Hassan?

– Não. Ele acha que *você* está com o Olho – disse Ahmose.

O Dr. Hassan retorceu as mãos.

– Sebak é *mesmo* um pouco obsessivo.

Cruzei os braços.

– Isso é no mínimo um eufemismo.

– Pois é. Infelizmente, acho que desde o início ele a escolheu como alvo, pois sabia que você era a maior fraqueza de Amon – disse o egiptólogo. – E agora que acredita que você está com o Olho...

– Virá atrás de mim com mais vontade ainda.

– Além disso, agora que ele conseguiu canalizar a encarnação de Apófis, o que antes era uma obsessão vai se transformar em uma fome inquestionável – afirmou Ahmose.

– Ele não vai descansar enquanto não a tiver capturado, Lily.

A expressão normalmente jovial de Asten estava séria, o que me deu uma boa indicação de quanto minha situação era grave.

– Ah.

Descobrir que eu era o alvo de um deus-crocodilo do mal reencarnado não só em um sentido, mas em dois, não era exatamente o desfecho que eu esperava para minha aventura egípcia.

– Pelo menos agora nós sabemos como o sacerdote obscuro obteve seu poder – disse Ahmose.

– Sabemos? Eu perdi alguma parte? – perguntei.

– Ele roubou o poder contido nos três outros vasos canópicos de Amon – explicou Asten.

– Só que esse poder não foi previsto para um mortal, nem mesmo um mortal apoiado por Seth. O poder arruinou Sebak, arruinou sua mente – completou Ahmose.

– Veja bem, cada um de nós recebeu dons dos deuses – continuou Asten. – A exceção

foi Amon, que recebeu um quinto dom: o Olho de Hórus. Os outros quatro ficam guardados nos vasos canópicos, e nós os absorvemos quando despertamos.

– Quais são os quatro poderes que Sebak roubou?

– Amon recebeu os nomes Revelador de Segredos, Protetor dos Aflitos, Senhor da Luz e Caçador da Verdade.

– E por que exatamente esses nomes são considerados poderes? – indaguei.

– Ser o Senhor da Luz lhe permite invocar o falcão dourado.

– Ok, então esse poder ele ainda tem. E os três outros?

Os irmãos de Amon se entreolharam, em seguida olharam para mim.

– Nem mesmo *nós* conhecemos a extensão total de nossos poderes – disse Asten. – É raro termos que usá-los para outro fim que não a realização da cerimônia.

– Mas usá-los é instintivo, e podemos sentir quando um dos outros está usando seu poder – disse Ahmose. – Sebak estava utilizando o poder de Amon, mas de modo deformado, distorcido, quase como se o poder estivesse sendo empregado da maneira oposta àquela para a qual foi concebido.

– Então... em vez de ser o protetor dos aflitos, Sebak é o defensor daquele que *causa* aflição?

– Exatamente.

– E vocês conseguem sentir o poder dele?

– Sim – continuou Asten. – Sebak usou o poder de Amon para descobrir encantamentos perdidos e distorcer outros, como aquele usado para nos despertar. Ele o subverteu para invocar os mortos, guerreiros sem raciocínio próprio condenados a um sofrimento eterno e corpos desfigurados. Devolvê-los ao além seria um gesto de bondade.

Pigarreei.

– Então eu vou fazer uma pergunta maluca: a gente consegue recuperar os poderes de Amon?

– Talvez – respondeu Ahmose. – Mas vai ser preciso convencer Sebak a abrir mão deles.

– Improvável – interveio Asten. – Para abrir mão dos poderes, ele precisa deixá-los de lado voluntariamente. A maioria dos homens não consegue ou não deseja fazer esse sacrifício.

Nessa hora, o Dr. Hassan, que havia passado os últimos minutos calado, se pronunciou:

– Talvez eu possa tentar convencê-lo.

Asten e Ahmose se entreolharam com uma expressão de dúvida.

– O objetivo de Sebak vai ser impedir a cerimônia – disse Asten. – Se ele conseguir atrapalhar o ritual, talvez possa juntar poder suficiente para despertar o deus do caos. Seth vai estar com sua força máxima logo antes da lua cheia.

– Quando vai ser isso? – perguntei.

– Amanhã à noite – respondeu Ahmose. – As estrelas vão estar alinhadas e o portal que impede o Obscuro de voltar à Terra vai ficar aberto por um curto período. Nossa tarefa é

construir uma barreira poderosa o suficiente para impedi-lo de atravessar durante esse intervalo.

– Agora é de manhã cedo – disse o Dr. Hassan. – Ou seja, temos mais ou menos quarenta horas. Mas será que é possível detê-lo?

– Com Amon, sim – respondeu Asten.

Durante toda essa conversa, não saí de perto de Amon. Ele permaneceu inconsciente, mas eu mantive a mão em volta do seu braço na esperança de sentir um débil filete da minha energia sair do meu corpo para fortificá-lo. Nada aconteceu, porém, nenhum sinal de vida a não ser sua respiração superficial.

– Vamos curá-lo, então – falei, pronta para fazer o sacrifício necessário.

– Aqui não. – Ahmose deu um passo à frente, pegou Amon no colo e o pôs no ombro. – Precisamos de um lugar para descansar, e todos teremos que nos banquetear para estarmos fortes amanhã à noite.

– Podemos voltar para a minha casa – sugeriu Osahar.

Asten fez que não com a cabeça.

– Imagino que seu assistente saiba onde o senhor mora.

– Sim – respondeu Osahar com tristeza.

– Então precisamos de outro lugar – disse Asten.

Esfreguei meus braços pegajosos. Pensar em um banquete, uma ducha e um longo cochilo era incrivelmente convidativo.

– Não passamos por um hotel a caminho do...?

Meu comentário foi interrompido por um chacoalhar grave e um sibilo. Alguma coisa havia perturbado os zumbis mais ainda do que já estavam perturbados, e de repente me lembrei do arco de poder que Sebak havia lançado logo antes de sumir. O ruído inconfundível de garras arranhando a pedra e o clangor de membros cobertos por armaduras ecoaram no ar.

– Parece que os *biloko* voltaram. Será que conseguimos sair daqui em uma tempestade de areia? Ou quem sabe usando aquela nuvem de vaga-lumes que Asten sabe fazer? – perguntei, depois de correr os olhos pelo ambiente e constatar que não havia nenhuma outra porta.

– Precisamos poupar nossa energia para a cerimônia e para curar Amon – respondeu Asten. – No estado em que ele está, eu gostaria de evitar qualquer gasto desnecessário de poder. Se não tivermos outra escolha, faremos o que for preciso, mas por enquanto sugiro sairmos daqui lutando. Lily, fique atrás de Ahmose. Eu vou na frente. Doutor Hassan, o senhor virá do meu lado, e Ahmose e Lily nos seguirão. Entendeu?

Assenti com a cabeça, estendi a mão e peguei a única arma que consegui encontrar – um dos bisturis provavelmente usados para arrancar os olhos de Amon – e tentei ignorar as manchas de sangue no instrumento.

Como ainda estava armado, Asten ergueu o arco e mirou uma cintilante flecha com

ponta de diamante na porta, já vergada com o peso de muitas criaturas tentando entrar. Com o Dr. Hassan segurando o cabo de prata do machado de Ahmose, e este com a maça em uma das mãos e o outro braço amparando Amon, preparamo-nos para tentar passar correndo.

A porta se abriu com um estrondo e uma penca de mortos-vivos se despejou para dentro do recinto à nossa procura.

Asten neutralizou três deles em rápida sucessão enquanto Ahmose bateu com tanta força em dois outros que eles rodopiaram e tombaram para um lado em uma pilha disforme de braços e pernas. Agarrando o Dr. Hassan, Asten o empurrou adiante. Ansiosa para sair daquele lugar cheio de zumbis, colei em Ahmose e o segui, os cabelos de Amon fazendo cócegas no meu rosto.

Ahmose fechou a porta com força e, arriscando-se a usar um pouco de seu poder, correu o polegar pelo batente.

– Agora eles não vão escapar – explicou.

Quando ele finalmente mudou de posição e me permitiu ver o que havia à nossa frente, gelei.

Eu estava esperando demônios *biloko* invisíveis. Suas mordidas doíam, mas não conseguir vê-los ajudava um pouco. No entanto, o que nos aguardava decididamente *não* eram demônios *biloko*, e tampouco soldados zumbis.

O que se aproximava sem fazer ruído era uma horda de crocodilos abrindo e fechando as bocarras. E mais: metade parecia estar com algum pedaço faltando. Alguns até usavam ataduras.

– É sério isso? Múmias de crocodilo? – gritei.

– Não acho que sejam todos múmias – disse o Dr. Hassan, agitando o machado de prata para a frente e para trás na cara de um dos bichos e se preparando para cortar sua pata.

Ele tinha razão. Alguns dos animais pareciam vivos, enquanto outros obviamente eram mortos-vivos.

– São muitos! – exclamei. – Como vamos sair daqui?

Quando uma das flechas de Asten ricocheteou na cabeça escamosa de um crocodilo gigante, ele gritou:

– Hassan! Suba nas minhas costas. – O Dr. Hassan trepou em Asten da melhor maneira que conseguiu, passando um braço em volta do seu pescoço, e estendeu a outra mão com o machado. – Lily! Segure a minha mão. Ahmose, pegue a outra mão dela.

Estava ladeada pelos irmãos, que fecharam os olhos e levantaram voo. Um crocodilo agressivo se esticou para cima na tentativa de morder uma das minhas pernas, mas Ahmose viu que eu estava em perigo e me puxou mais para o alto.

O movimento me soltou de Asten e, como Ahmose estava sustentando o meu peso somado ao de Amon, fiquei dependurada e caí, indo aterrissar nas costas de uma múmia de crocodilo que não gostou de a pata traseira que lhe restava ter quebrado com o impacto. O

bicho se virou depressa e tentou me morder, agarrando minha camiseta. Então puxou com violência, lançando-me pela lateral de suas costas.

Infelizmente, uma segunda múmia de crocodilo estava me esperando do outro lado. Esse segundo crocodilo chegou mais perto e me acertou com sua pesada cabeça, imobilizando-me e estalando as mandíbulas sem dentes, enquanto um terceiro abocanhava minha bolsa. As garras rasgaram facilmente meu jeans. Desesperada, tentei me livrar das criaturas, mas o primeiro crocodilo mordia minha camiseta com força de mais para eu conseguir escapar.

– Lily! Segure-se em mim!

Ahmose, que havia descido até a altura das mandíbulas, passou o braço pela minha cintura. Segurei-o bem firme, com um braço em volta de suas costas musculosas e o outro agarrando Amon. Ahmose subiu pelos ares, levando conosco a múmia teimosa.

Asten aproximou-se e ergueu o braço. Com um gesto rápido, cravou uma flecha no olho do crocodilo, cujo corpo inteiro estremeceu antes de explodir em uma chuva de partículas de poeira cintilante.

Sem o peso extra, Ahmose pareceu se recobrar um pouco, embora eu tenha percebido que carregar duas pessoas exigia muito dele. Flutuamos acima do rio de crocodilos e saímos para o céu da aurora.

Ahmose e Asten seguiram na direção de um pequeno arvoredo do outro lado de uma duna, e mais uma vez me senti grata pelo fato de câmeras não conseguirem detectá-los. Depois de pôr o Dr. Hassan, Amon e eu no chão, ambos estavam ofegantes. Como não nos encontrávamos muito longe da estrada, eu disse:

– Que tal eu tomar a frente agora? Já volto.

Como qualquer garota de Nova York que se preze, eu estava acostumada a apresentar minha melhor cara mesmo durante as tragédias mais terríveis, e essa não estava muito longe disso. Depois de amarrar a camiseta em frangalhos na cintura e arregaçar a bainha do jeans rasgado, enrolei os cabelos incrustados de lama até formar o que torci para passar por *dreadlocks* e desci a rua até um cruzamento importante, incorporando a ideia de que era apenas uma adolescente mochileira em busca de aventura que tivera um pouco de má sorte.

Em quinze minutos, já havia encontrado um táxi grande o suficiente para comportar nós cinco e conseguido convencer o motorista a esperar depois de lhe prometer uma gorjeta bem generosa.

Embora o taxista tenha estranhado a falta de roupa de Asten e Ahmose, o que realmente o deixou preocupado foi Amon. O Dr. Hassan havia amarrado um lenço em volta de sua cabeça para esconder as órbitas vazias, mas o sangue não era tão fácil assim de disfarçar.

Quando o motorista protestou, eu disse:

– Está tudo bem. O sangue é cenográfico. Tivemos que reencenar um sacrifício no templo para um trabalho da aula de cinema da faculdade. Ele passou a noite em claro.

Eu não sabia se existia uma faculdade em Kom Ombo, e, mesmo que existisse, tinha

quase certeza de que não seria permitido filmar ou reencenar qualquer coisa em templos históricos.

O homem nos olhou com cara de quem duvida e não parou de nos observar pelo retrovisor durante todo o trajeto até o hotel. Quando eu estava me preparando para sair, perguntou pela gigantesca gorjeta que eu tinha prometido.

– Só um instante – eu disse, e pus a cabeça para fora do carro para falar com Asten.

– Você consegue hipnotizar o motorista?

– O quê? O que é hipnotizar?

– Você sabe, convencê-lo de que ele já foi pago.

O motorista, que falava inglês suficiente para entender o teor da nossa conversa, começou a armar um escarcéu e a dizer que estávamos passando a perna nele, mas Asten rapidamente ergueu a mão e o fez mergulhar num transe. Após algumas palavras murmuradas, o sujeito foi embora sem criar caso e nos deixou com nossos problemas.

Depois de mais um pouco de hipnose, chegamos a um belo quarto com varanda.

– Muito bem. Agora vamos curar Amon – falei, e me ajoelhei ao seu lado no chão, onde Ahmose o havia acomodado.

Estava preocupada, pois não conseguia detectar sequer um fiapo da conexão entre nós. Quando o toquei, não senti calor nenhum. Não conseguia captar as emoções dele, e as minhas tinham ficado relativamente estáveis nos últimos tempos.

Ahmose estava debruçado sobre o irmão, com as mãos pressionadas sobre seu peito.

– Ainda não, Lily. Eu o curei o suficiente para garantir que sobreviva, mas transferir a sua energia vai ser um processo delicado. Se eu cometer algum erro, você pode morrer, então preciso que esteja o mais forte possível antes de operarmos a transferência.

Suspirei.

– Ok. O que você quer que eu faça, então?

– Coma – respondeu ele, direto. – Descanse. Tome um banho. Faça o que tiver que fazer para relaxar a mente, alimentar o corpo e preparar a alma.

– Você faz parecer que essa vai ser minha última refeição.

– Vou fazer tudo para garantir que não seja.

Mordi o lábio e estendi a mão para acariciar os cabelos de Amon.

– Tem certeza de que ele vai ficar bem enquanto recupero as energias?

– Pode deixar tudo em nossas mãos – respondeu Asten. – A vida inteira cuidamos uns dos outros, e vamos continuar fazendo isso.

– Está bem. – Quando dei um beijo na testa de Amon, senti meu próprio cheiro e disse: – Vou tomar um banho. Doutor Hassan, o senhor pode pedir um banquete para o serviço de quarto?

– Claro.

Nossos quartos eram interligados, então deixei os homens em um, passei pela porta que separava os dois e entrei no segundo. Foi preciso quase meia hora para a água que escorria

por meu couro cabeludo e meu corpo sair limpa. Quando terminei, estava tão cansada que me sentia eu própria um zumbi. Mesmo assim, limpei o vapor do espelho, passei loção hidratante generosamente em cada pedacinho de pele exposto, examinei os diversos arranhões e cicatrizes novos e penteei os cabelos.

Como não tinha roupas limpas para vestir, enrolei-me em um roupão e fui procurar os homens para avisar que o chuveiro estava liberado. Quando entrei no quarto, só encontrei Ahmose e Amon. Ahmose estava sentado no chão ao lado do irmão deitado, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça enterrada nas mãos.

– Tirando uma soneca? – perguntei.

– Não, eu...

Ele ergueu a cabeça e arquejou quase inaudivelmente. O brilho de alguma coisa perpassou em seus olhos cinzentos, mas ele os fechou depressa e virou a cabeça.

– Asten e o doutor foram procurar umas roupas para você.

– Ah. Que gentil. Eu só queria avisar que o chuveiro está livre.

– Eu tomo banho depois que Asten voltar.

Ahmose continuava sem olhar para mim.

– Estou deixando você encabulado, não é? – comentei. – Você não deve estar acostumado a ver uma mulher só de roupão.

– Estou respeitando o limite que existe entre nós.

– Limite? Que limite?

– Não é certo olhar a mulher do meu irmão quando ele não pode ver. Sobretudo quando a mulher é linda como você.

Sorri.

– E eu pensando que Asten fosse o rei da lábia. – Levei as mãos ao quadril antes de continuar. – Não tenho certeza se o sentimento de Amon por mim é tão forte quanto você acha, mas mesmo assim vou deixar você em paz.

– Lily – chamou Ahmose quando eu estava prestes a fechar a porta. – Se Amon não se sentir assim, ele é um bobo.

A sinceridade da sua voz fez um leve arrepio descer pela minha espinha.

– Obrigada, Ahmose – respondi por cima do ombro antes de sair.

Sem conseguir dormir, com Amon daquele jeito, sentei-me em uma cadeira com o roupão em volta do corpo e deixei o silêncio me sedar. Sem precisar correr para salvar minha vida e sem a distração de um sacerdote do mal, tive tempo para me concentrar realmente em como me sentia. E eu nunca tinha me sentido pior em toda minha vida. Ahmose me chamara de linda, mas quando eu olhava no espelho tudo o que via era feiura e exaustão.

Minha pele, que em geral era macia, estava ressecada e cheia de hematomas; os pontos roxos, verdes e amarelos ainda doíam quando eu os apertava. Embora tivesse lavado o cabelo e passado condicionador várias vezes, havia perdido tufos no chuveiro, e a escova, que eu

havia limpado de forma meticulosa, tinha tantos fios presos entre as cerdas que eu poderia ter recheado uma almofada.

Nenhuma quantidade de hidratante labial era capaz de curar meus lábios rachados. Eu certamente havia perdido alguns quilos, o bastante para as costelas saltarem. De modo geral, meu aspecto era o de alguém que precisava ser hospitalizado. Para tentar me reidratar, bebi vários copos d'água, embora, pelo gosto, esta parecesse saída diretamente do Nilo.

Por fim, alguém bateu de leve na porta. Do outro lado, deparei com o Dr. Hassan segurando uma sacola que ele empurrou para os meus braços.

– Fizemos o melhor possível. Espero que você encontre alguma coisa aí dentro com a qual possa ficar confortável.

– Obrigada – falei, apertando a sacola junto ao peito.

– A comida vai chegar a qualquer momento. Acho que vou aproveitar e tomar um banho também.

– Quer usar o chuveiro daqui? – ofereci.

Ele fez que não com a cabeça.

– Vou dividir o segundo quarto com os outros.

Com um breve sorriso e um cumprimento de cabeça, ele fechou a porta atrás de si. As compras que tinha feito com Asten não estavam nada más, e percebi que o deus das estrelas provavelmente tinha mais experiência com roupas femininas do que Amon. Pensar isso me fez sorrir, mas o sorriso logo desapareceu quando pensei em Amon.

Vesti uma calça de algodão cáqui com um cordão na cintura. Ficou meio grande, mas bastou apertar o cordão. Então vesti uma bata, e achei um par de sandálias que me serviu perfeitamente. Depois de prender os cabelos agora ralos com um lenço, saí do quarto para ir ver o que os outros estavam fazendo.

Asten já estava escolhendo a comida que acabara de chegar. Ao me ver, falou:

– Isso, sim, é o que eu chamo de banquete – disse ele, erguendo um prato de carne assada. Levou o prato até o quarto em que Ahmose o aguardava com Amon e em seguida voltou, de cenho franzido. – O que está fazendo aí parada? Encha essa barriga, Lily. Não precisa esperar autorização.

Por hábito, pus algumas folhas de salada em um prato e servi uma colherada de legumes grelhados. Asten me observou com uma expressão incrédula enquanto eu me sentava à mesa.

– É só isso que você vai comer? Precisa de mais. Comer carne vai deixá-la forte. Tome.

Ele pôs um pedaço gigante e perfumado de cordeiro no meu prato e trouxe vários outros pratos mais para perto.

Com um suspiro, olhei para o prato abarrotado e me perguntei se todos os homens egípcios alimentavam as mulheres daquele jeito ou se eram só os príncipes antigos. Enquanto comia, sentado na minha frente, Asten observava cada bocado que eu punha na boca.

Empurrei a comida de um lado para outro do prato e finalmente ergui os olhos para seu rosto contrariado.

– Não parece certo comer sem Amon – comentei. – Foi ele quem me ensinou tudo sobre banquetes.

A expressão severa de Asten se abrandou.

– Entendo, mas pense que você deve fortalecer seu corpo para poder fortalecer Amon.

– Está tentando me dizer que devo comer por dois? – brinquei.

– Não entendo o que você quer dizer.

– Deixe para lá. Prometo que vou tentar comer mais.

De banho recém-tomado, o Dr. Hassan entrou no quarto. Havia conseguido encontrar uma calça, um colete cargo e até mesmo um chapéu novo, só que marrom em vez de branco.

– Muito bem – disse Asten. – Agora quem vai tomar banho sou eu, e quando voltar quero que pelo menos metade dessa comida tenha sumido.

Comi até não conseguir engolir mais nada e em seguida fui render Ahmose para ele poder tomar banho. Usando uma toalha molhada com água quente e sabão, lavei o rosto de Amon e limpei com cuidado os ferimentos de seu peito e dos braços. A água logo ficou vermelha com seu sangue. Quando Ahmose voltou, eu já tinha esvaziado a bacia seis vezes.

Não reconheci Ahmose e Asten no primeiro instante. Eles estavam totalmente diferentes vestidos com roupas modernas e, como Amon, tinham feito os cabelos crescerem. Ahmose tinha cabelos escuros e curtos, enquanto os de Asten eram mais compridos que os de Amon e estavam penteados para trás. Ambos pareciam modelos de passarela.

– Não é que vocês não estejam bonitos – comecei –, mas fazer crescer os cabelos não consome parte do seu poder?

– O poder necessário para isso foi mínimo comparado com o que precisamos – respondeu Ahmose.

– Além do mais, esperamos conseguir poupar energia e ir até o local da cerimônia como mortais – completou Asten.

– Até as pirâmides, vocês querem dizer. – Quando eles fizeram cara de surpresa, acenei com a mão e expliquei: – Amon me contou.

– Ah – entoaram os dois. Ambos ficaram se remexendo para a frente e para trás, constrangidos, até o Dr. Hassan entrar no quarto.

– Está pronta, Lily? – perguntou Ahmose.

– Estou.

– Queria que tivesse descansado mais – censurou ele, ajoelhando-se ao meu lado.

Quando dei de ombros, Asten se aproximou e me dirigiu um leve sorriso.

– Não se preocupe demais. Ahmose é um curandeiro muito habilidoso. Se existe alguém capaz de guiar Amon no caminho de volta para nós, essa pessoa é ele.

Asten meneou a cabeça e pôs minha mão dentro da mão imensa de Ahmose.

– Canalize o máximo de energia que conseguir, irmão – instruiu Ahmose.

Então fechou os olhos e pôs a mão na testa de Amon. Começou a entoar um cântico em egípcio, e arquejei quando pulsações de luz prateada surgiram sob a minha pele. A luz se fundiu, descendo pelo meu braço até a mão, e então pulou de mim para Ahmose.

A energia prateada acendeu a mão de Ahmose, em seguida se acumulou por um breve instante na testa de Amon antes de penetrar sua pele. Seu peito se ergueu quando ele deu um suspiro profundo. Meus braços tremeram, e de repente percebi que não conseguia engolir. Completamente exaurida, desabei sobre o braço de Ahmose. Asten estava postado do outro lado de Amon. De olhos fechados, tinha os braços esticados para a frente com as palmas viradas para cima, em postura de meditação.

Uma névoa branca começou a escorrer das pontas dos seus dedos, e parte dela jorrou na minha direção enquanto outra atingia Ahmose em cheio no peito. Inspirei, me sintonizando cada vez mais com os irmãos de Amon. Senti um gosto que parecia sal gelado, e entendi que era um sabor que pertencia somente a Asten: o sabor das estrelas. Quando expirei, pude ver que meu hálito e meus lábios estavam congelados. A névoa branca que exalei flutuou para baixo e se transformou em um segundo canal entre mim e Ahmose.

O triângulo que interligava nós três me permitiu sentir os desejos mais recônditos tanto de um quanto de outro. Asten ansiava por explorar tudo o que havia perdido ao passar séculos preso na vida após a morte. Ahmose queria trabalhar com as mãos, e secretamente desejava uma família. Então senti outra presença em nosso círculo – uma que identifiquei na mesma hora: Amon.

Senti quando ele reconheceu os irmãos e se alegrou por tê-los junto de si, até que percebeu que eu estava ali. Dentro da minha mente, eu o ouvi dizer: *Lily? Não! Lily! O que ela está fazendo aqui? Ela não pode fazer isso! Se fizer, vai consolidar o vínculo!*

Foi Ahmose quem respondeu: *O vínculo é essencial, irmão.*

Não! Eu não vou permitir.

Amon começou a resistir a Asten e Ahmose, sem querer aceitar sua ajuda e ao mesmo tempo aflitivamente necessitado dela. Sua raiva e seu desespero fizeram com que eu me retraísse. Eu me senti uma intrusa. Era claro que Amon não tinha a menor vontade de estar comigo, mesmo que isso garantisse sua sobrevivência.

Ao longe, ouvi Ahmose dizer em voz alta:

– Ele está rejeitando a transferência.

– Ele não vai ter forças para concluir a cerimônia – alertou Asten.

Meu ser etéreo foi empurrado à força de volta para dentro do meu corpo, então pisquei os olhos e os abri. A névoa que interligava Asten, Ahmose e a mim se dissipou, e os dois homens deram um solavanco para trás antes de se endireitarem.

– O que foi isso? O que aconteceu? – indaguei.

– Ele não me deixa canalizar sua energia.

– Por quê?

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu sabia que estava mais uma vez esgotada e

abalada emocionalmente, mas meu cansaço era tanto que não consegui me controlar.

– Por que ele está sendo tão teimoso? – urrei. – Por acaso me despreza tanto assim a ponto de se arriscar a deixar a escuridão dominar o mundo?

– Ele não... ele não despreza você, Lily – retrucou Asten.

– Olhe aqui, não precisa defender seu irmão – falei, enxugando furiosamente as lágrimas. – Ele já é um deus egípcio bem grandinho, capaz de tomar as próprias decisões.

Tentei me levantar, mas constatei que minhas pernas não se moviam.

– A transferência de energia enfraqueceu você – explicou Ahmose.

– Mas eu pensei...

– Eu consegui canalizar um pouco da sua energia, mas não sei se vai ser suficiente. Enquanto isso... – ele se levantou e me pegou no colo sem dificuldade – ... você precisa dormir.

Magoada com a rejeição de Amon, não protestei, nem disse nada quando Ahmose me pôs na cama no quarto ao lado. Quando ele fechou a porta, eu não tinha certeza se conseguiria descansar, mas o sono me pegou imediatamente. Dormi dezesseis horas seguidas. Quando acordei, duas coisas me deixaram em alerta na mesma hora. A primeira foi a luz da lua quase cheia que iluminava a cama, o que significava que tínhamos menos de 24 horas para salvar o mundo. A segunda foi que alguém me observava. Sentado em uma cadeira no canto do quarto, usando roupas limpas e óculos escuros, as longas pernas esticadas e cruzadas nos tornozelos, estava Amon.

Pirâmides

– Amon? – sussurrei no quarto banhado de luar. – Como está se sentindo?

– Nada mau para as circunstâncias – respondeu ele.

– Os seus irmãos...

– Estão descansando. O doutor Hassan também.

– Ah.

Eu não sabia o que dizer. O trauma pelo qual tínhamos passado e a perspectiva daquilo que ainda precisávamos superar era demais, e a pontada de incerteza, real demais para que eu me sentisse completamente à vontade com ele.

– Como estão seus olhos? – foi minha pergunta tola.

Ele abriu um sorriso que era metade sarcasmo, metade careta.

– Não saberia dizer, já que eles não estão comigo no momento.

– Desculpe – balbuciei. – Foi uma pergunta insensível.

– Não precisa se desculpar. Quem precisa pedir desculpas sou eu. Meus irmãos me disseram que estão preocupados com você.

– Ah, é?

– Sim. Parece haver uma certa confusão em relação ao nosso vínculo.

Umedeci os lábios e senti o coração bater com força dentro do peito. O que ele estava prestes a dizer iria partir meu coração ou então juntar seus pedaços.

– O que você disse a eles?

– A verdade. Que não tenho o menor desejo de consolidar esse vínculo com você e que não vou mais usar sua essência vital. Na verdade, gostaria de expressar meu arrependimento pelo que você teve que suportar até aqui.

– Entendo.

– Meus irmãos acham que não vou conseguir completar a cerimônia sem você.

– Eles estão certos?

Amon contraiu os músculos do maxilar antes de responder:

– Não. O doutor Hassan tem uma ideia que deve manter Sebak afastado por tempo suficiente para nós três completarmos a cerimônia. Meus irmãos concordaram com esse plano acreditando que você ficará do meu lado até eu voltar para o além.

– Eu posso fazer isso.

Amon se inclinou para a frente e uniu as mãos.

– Jovem Lily – ele deu um suspiro –, o *meu* desejo é que você vá para casa. Agora. *Antes* de tudo isso acontecer.

– Mas parece que os seus irmãos acreditam que você vai precisar de mim.

Amon deu uma risada breve e sem alegria.

– Não do jeito que eles imaginam. – Ele fez uma pausa e esfregou a mão no maxilar. – Eu acho que ainda tenho energia suficiente para fazer o que fui chamado a fazer.

– E se não tiver?

– Então que seja.

Amon se recostou na cadeira, como se a nossa conversa o tivesse exaurido por completo. O rapaz ferido ali no meu quarto era uma sombra do homem que eu conhecera. Ele não falava de amor, nem dizia que iria sentir saudade, nem mesmo se mostrava agradecido pelo tempo, para não falar na energia, que eu havia lhe dedicado. Mais perturbador ainda era o fato de que ele agora parecia não ter fé no seu objetivo.

O deus do sol estava despedaçado. Fora traído pelo próprio corpo. Era um ser eterno sem esperança. O desespero e o sentimento de perda que irradiava eram evidentes, mesmo com ele bloqueando nossa conexão. Não havia mais o sorriso caloroso, nem o encantamento ao descobrir o mundo à sua volta, nem a crença de poder superar qualquer obstáculo para cumprir seu dever. Aquela com certeza não era a pessoa que eu conhecera e pela qual havia me apaixonado.

– Amon? Ainda existe uma saída. Tem que existir.

– Não, Lily. Não existe.

– Conte para mim. É mais do que os seus olhos, eu sinto. Não precisa esconder nada de mim. Eu posso ajudar.

Amon soltou um suspiro lento e comprido. Quando levantou a cabeça, sua expressão era inescrutável.

– Você é fraca, Lilliana. É mortal. Se eu quisesse, poderia reduzi-la a pó apenas com a mente. Não existe lugar para você ao meu lado. Está na hora de você aceitar isso.

Fiquei sem ar por alguns segundos. Embora reconhecesse a verdade nas suas palavras, o que ele disse me magoou. Eu era *mesmo* fraca e mortal. Além disso, como dizia Asten, era uma péssima devota. Mas o pior não era ser chamada de fraca nem ouvir que ele não me queria ao seu lado – isso eu talvez conseguisse superar. Não tinha ilusão nenhuma em relação às minhas forças e fraquezas.

Não, o pior foi ouvir meu nome inteiro – Lilliana – sair de sua boca. Ele nunca havia me chamado assim antes, e o modo formal como o pronunciou fez com que eu me lembrasse quem era de verdade. Lilliana. O nome que meu pai usava com sua voz tolerante porém severa. O nome pelo qual minha mãe me chamava quando queria ter certeza de que eu havia escutado suas instruções, ou quando me apresentava nas festas.

Até então, Amon nunca tinha me chamado assim.

Lily era o nome de uma garota que partia rumo a aventuras fantásticas. No fundo, porém, eu era Lilliana, comportada e certinha, com um grande futuro pela frente, querendo ou não. A sensação era de que o próprio Amon tinha batido a porta da gaiola dourada por cujas grades eu me atrevera a olhar.

Com Amon, eu tinha jogado a cautela para o alto. Deveria ter pensado melhor antes de fazer isso. *Lilliana* teria pensado melhor.

Com o corpo rígido, joguei a coberta longe, sem me importar com o fato de que Amon estava no quarto. Em algum momento durante a noite, tinha ficado só de calcinha e sutiã, e minhas roupas novas estavam sobre a mesinha de cabeceira. Mas, enfim, Amon não podia me ver, o que era uma boa coisa: lágrimas quentes de raiva tinham começado a escorrer pelo meu rosto.

Estava enfiando a bata pela cabeça com movimentos bruscos quando Amon pigarreou.

– É bom você saber que eu posso vê-la.

– O quê? – falei, girando nos calcanhares e apertando a calça na frente do corpo. – Como é possível?

– Hassan devolveu o Olho de Hórus.

– Mas eu pensei que o Olho fosse uma coisa para ler mentes... um jeito de encontrar caminhos.

– O Olho é muitas coisas, e parece ser capaz de fazer ainda mais do que imaginávamos.

– Bem, então desligue isso para eu poder terminar de me vestir.

– A imagem desapareceu. Pode se vestir agora.

Embora ele tenha me garantido que não estava espiando, um leve sorriso levantava os cantos de sua boca. Decidindo que o pudor era a menor das minhas preocupações, vesti depressa a calça e comecei a vasculhar embaixo da cama em busca das sandálias.

– Mas como você configurou o Olho para ver?

– Você não entendeu. Eu não consigo ver. O Olho só me mostrou uma imagem como aquela que você mostrou para mim no seu... telefone.

– Bem, parabéns pelo striptease de despedida. Se me der licença, vou ver se sobrou alguma comida.

– *Lily*.

O modo como ele disse meu nome me fez estacar. Amon se levantou e estendeu a mão até tocar a parede. Tateando, chegou até mim. Quando estava a menos de meio metro, suas narinas se inflaram e ele parou.

Hesitante, esticou os dedos até eles entrarem em contato com meus cabelos.

– Não foi minha intenção constranger você nem lhe causar desconforto – murmurou. – O Olho responde aos desejos da pessoa que o possui. Era por isso que o doutor Hassan de repente sabia as respostas para as muitas perguntas que tinha na mente.

– Então você desejava...

Amon correu os dedos pelos meus cabelos e uma luz dourada se espalhou pelos fios e acrescentou novos reflexos às minhas mechas castanho-escuras.

Ele deu um passo para trás e suspirou.

– Ver você de novo antes de ir embora deste mundo.

Aguardei alguns segundos, dando-lhe tempo de acrescentar mais alguma coisa, mas ele não o fez. Lily e Lilliana travavam uma guerra dentro da minha mente. No final, não sei qual das duas ganhou. Meu lado fraco, que queria consertar a situação e perdoar, ou meu lado forte? Será que Lily tinha assuntos pendentes com Amon ou era Lilliana que se agarrava desesperadamente à esperança de poder ser algo mais, significar algo mais para alguém como ele?

Fosse como fosse, decidi deixá-lo em paz. Afinal de contas, ele *estava* salvando o mundo. O mínimo que eu podia fazer era não assediá-lo como uma típica adolescente.

– Posso ver? Os seus olhos?

Ele pensou por alguns instantes, então fez que não com a cabeça.

– Não é a imagem de mim da qual quero que se lembre.

– Acha que eu não vou aguentar?

– Você ficou impressionada quando Asten despertou.

– Bom, é verdade. Foi minha primeira ressurreição de múmia, você sabe. Devia ter me visto quando Ahmose despertou. Eu me saí bem melhor.

Amon sorriu, e senti que ele também não queria se despedir de um jeito ruim.

– Por que não me conta como foi?

– Você já comeu?

– Esperava poder desfrutar de um banquete com você uma última vez – respondeu ele.

– Acho que é o mínimo que posso fazer. Vamos ligar para o serviço de quarto e pedir um banquete de despedida. Será que eles servem café da manhã a esta hora?

– Você acha que podem ter aqueles pãezinhos redondos e doces, recheados de frutas cristalizadas?

– Vou ver.

Voltamos ao modo "apenas bons amigos", mas uma tensão velada perdurava entre nós. Eu analisava exaustivamente cada palavra em busca de um duplo significado oculto. Cada toque dele queimava minha pele como se eu tivesse encostado nela um atiçador de lareira em brasa. Minhas emoções estavam todas ali, à flor da pele, expostas, cruas e sensíveis.

Quando a comida chegou, Amon pareceu se animar. Comemos juntos; ele não parava de empurrar pratos e mais pratos na minha direção, e muitas vezes inclinava a cabeça para ouvir se eu estava mesmo comendo, enquanto eu lhe contava sobre a areia movediça e como tínhamos encontrado o sarcófago de Ahmose. Quando já não conseguia comer mais nada, afastei o prato e beberiquei um copo de água com gás.

– Parece que comi um rinoceronte – falei, gemendo.

– Impossível – disse Amon, pegando o último pão doce e cortando-o ao meio para me

oferecer um pedaço. – Se tivesse comido um rinoceronte, teria um chifre saindo de você.

Minha risada foi um pouco menos descontraída do que antes, pois eu agora sabia que a nossa separação era iminente.

– Como você sabe que não tem? – perguntei.

Na mesma hora me arrependi de fazer uma pergunta daquelas para alguém que acabara de perder os olhos.

Mas Amon levou o comentário na esportiva:

– Eu posso não saber, mas tenho como descobrir.

– Ah, é? Como? – Olhei para ele, desconfiada.

Ele estendeu a mão, segurou meu braço, me fez ficar em pé e subiu a mão lentamente pelo meu braço. Parando no cotovelo, ele o esfregou com os dedos.

– Humm, esta parte é rugosa como um rinoceronte, mas um chifre seria bem mais pontudo.

Sorri, pensando que não poderia me esquecer de pôr na mala um frasco de hidratante bem caro na próxima vez que fosse passar férias no Egito. Amon correu as mãos pelos meus ombros e subiu pelo pescoço. Demorou-se alguns instantes apertando minhas bochechas e beliscando o nariz, e ambos rimos. Então ficou sério outra vez e desceu as mãos pelas minhas costas.

Quando chegou à cintura, seus dedos encontraram a fenda lateral da bata e acariciaram minha pele nua. Os polegares traçaram pequenos círculos e então seus dedos percorreram minha barriga trêmula até o umbigo.

Pequenas ondas de calor se irradiavam pelo meu ventre.

– Como é macia – sussurrou ele, movendo as mãos outra vez para minhas costas e me puxando mais para perto.

Deslizei as mãos pelo seu peito e enlacei seu pescoço.

Enquanto me deliciava com a sensação dos seus braços, olhei para o seu rosto acima de mim. Levei um susto quando, em vez dos lindos olhos cor de avelã, deparei com os óculos escuros e meu próprio reflexo me encarando. Embora eu tenha erguido o rosto, esperando o beijo que havia tanto tempo eu imaginava, o que ele fez foi encostar os lábios na minha testa.

– Vou sentir saudade de você, Lily.

Algo se partiu dentro de mim. Aquelas palavras doces tinham mais poder do que todas as coisas incríveis que eu o vira fazer. O gracioso presente daquelas seis palavras era uma gentileza da qual eu precisava muito. Até aquele instante, porém, não sabia quanto.

– Eu também – respondi, com os olhos marejados.

Naquela última semana, eu estivera mais propensa ao choro do que em toda a minha vida. Não era de espantar que houvesse tantas canções de amor no mundo. O que eu tinha vivido com Amon daria uma música e tanto.

Ele deve ter me ouvido fungar, pois segurou meu rosto e limpou as lágrimas com os polegares, substituindo as trilhas úmidas por seu calor dourado.

– Lily?

– Sim? – respondi, piscando os olhos para clarear a visão.

– Sinto informar que não existe rigorosamente nenhuma prova de que você comeu um rinoceronte.

Eu ri, depois chorei mais ainda. Amon sorriu.

– Está na hora de acordar meus irmãos. O doutor Hassan vai levar você para o aeroporto e nos encontrar nas pirâmides depois de providenciar nosso transporte. Sinto muito não poder mandar você de volta pela tempestade de areia, como prometi. Se tivesse mais poder à minha disposição, juntaria as semanas para os seus pais não perceberem sua ausência.

– Tudo bem. Eu entendo – falei, meneando a cabeça.

– O doutor Hassan disse que você precisaria de documentos, é isso?

– Não se preocupe. Eu ligo para os meus pais. Eles vão cuidar de tudo.

– Vão ficar bravos com você?

– Digamos apenas que esta situação é a crise de adolescência mais incrível que alguém poderia ter. – Quando ele inclinou a cabeça, sem entender, arrematei: – Vão. Mas vou sobreviver.

– Ótimo. Ficarei mais tranquilo sabendo que você está segura. Me desculpe, jovem Lily, por tudo. Não queria envolver você na nossa causa de forma tão completa.

– Não precisa se desculpar. – Atrevendo-me a tocá-lo pela última vez, levei a mão ao seu rosto, descendo pelo ombro devagar e apertando. – Apesar do meu estado emocional confuso, esta foi a maior aventura da minha vida. – Ele pegou minha mão e a levou aos lábios. Quando pousou um beijo cálido no meu pulso, pigarreei. – Agora vamos acordar seus irmãos.

Entrelaçando os dedos nos dele, eu o guiei até o outro quarto. Já acordado, Asten estava entretido em uma conversa séria com o Dr. Hassan. Deixei Amon com eles enquanto ia procurar Ahmose.

A encarnação da lua dormia com a bochecha encostada na mão. Como o outro quarto era paralelo ao meu, os raios da lua quase cheia batiam em seu rosto e emprestavam à sua pele um brilho prateado.

– Ahmose? – chamei baixinho. – Hora de acordar.

Piscando, o homenzarrão se mexeu enquanto os olhos brilhantes e prateados encontravam os meus. Ele sorriu.

– Você parece mais disposta, Lily.

Torcendo as pontas da bata, respondi:

– Graças à sua cura e a muitas, muitas horas de sono. – Ele se apoiou em um dos cotovelos, e o lençol escorregou até sua cintura. Embora eu já o tivesse visto sem camisa, por algum motivo agora me pareceu mais íntimo. Abaixei a cabeça e concluí: – Esperamos você lá fora.

Saí do quarto depressa e fui me sentar ao lado de Asten. Ele me olhou demoradamente,

depois moveu os olhos na direção de Amon.

– Como está se sentindo? – perguntou.

– Bem. Na verdade, estou mais preocupada com vocês três.

– Ah, é? Por quê?

– Bom, o fato de Amon me mandar embora significa que eu não vou saber se vocês conseguiram realizar a cerimônia. Imagino que vá saber se não for esse o caso, porque o mundo vai terminar, a escuridão vai reinar, etc. Mesmo assim, seria legal saber se vocês, bem, sobreviveram para voltar algum dia, digamos assim.

Asten franziu a testa, como se estivesse tentando compreender o meu discurso, então olhou para Amon, que estava sentado com os óculos escuros fitando o nada. Seu irmão exibia uma expressão inflexível e tinha o maxilar contraído.

– Entendo – disse Asten, devagar. – Pensei que tivéssemos conversado sobre isso.

– Lily está sob os meus cuidados – afirmou Amon. – Quem decide o nível de risco aceitável sou eu. Ela vai voltar para a vida dela em Nova York. Assunto encerrado.

– Que assunto está encerrado? – perguntou Ahmose, entrando no quarto e tentando passar pela cabeça uma camiseta com os dizeres EU ❤ EGITO.

Abafando uma risada que fez todos os três irmãos se virarem na minha direção, fiquei sentada sem dizer nada, curiosa para ouvir o que Amon tinha a dizer.

– Eu estava dizendo a Asten que meu desejo é mandar Lily para casa – explicou Amon.

Ahmose deu um suspiro.

– Você sabe que as probabilidades não estão a nosso favor.

– Pouco importa. Não vou pôr a vida dela em risco.

– Ela não deveria poder avaliar os riscos segundo seus próprios critérios? – insistiu Ahmose.

– Não é justo usá-la para o nosso benefício. Lily vai embora.

Asten se intrometeu:

– Irmão, não estamos dizendo que desejamos mal a ela. Pelo contrário: nós também queremos protegê-la dos perigos do nosso mundo, mas se houver necessidade...

– Se houver necessidade? – repetiu Amon, irado. – Faz milênios que nós servimos aos deuses, e já nos sacrificamos a eles inúmeras vezes! Quem sabe, ao ver que fracassamos, eles se dignem a resolver os próprios problemas, para variar um pouco. Eu, de minha parte, me recuso a comprometer essa mortal inocente só para dar mais vida boa àqueles que passaram tanto tempo calados.

– Os deuses nos abençoaram – começou Ahmose.

– Eles nos *amaldiçoaram*, isso sim! – contrapôs Amon. – Abusaram de nós. Nos sangraram até a última gota. E para quê? Para solucionar um problema que eles mesmos deixaram supurar. Por que devemos continuar a agir como seus guardiões cósmicos?

Mordi o lábio. Pelo visto, a informação que o Dr. Hassan tinha compartilhado comigo sobre os deuses terem protegido os três irmãos da ira de Seth não era senso comum. O Olho

tinha lhe revelado muitas coisas. Senti uma pontada de inveja por não ter tido acesso a ele também.

Como seria bom ter respostas instantâneas para qualquer pergunta. Olhei para o Dr. Hassan e o vi balançar a cabeça muito de leve. Era óbvio que o egiptólogo não queria dividir aquela informação com eles por enquanto. Resolvi aguardar e questioná-lo a respeito depois, antes de mencionar o assunto com os outros três.

– Irmãos – prosseguiu Amon –, nós concordamos com este arranjo para agradar aos nossos antepassados, mas eles já partiram para o além há muito tempo. Protegemos o mundo, mas o mundo nos teme, ou pior, não se importa conosco. Nós existimos, mas não temos vida. Cumprimos nosso dever, mas sem alegria, pelo menos no meu caso. Não vou roubar de Lily a preciosa oportunidade de viver, de ser mortal e livre. Ela merece mais. Não vou tirar dela o que foi tirado de nós.

Fez-se silêncio e por fim Ahmose estendeu a mão e a pousou no ombro do irmão.

– Está bem. Vamos respeitar a sua decisão.

– Mas... – começou Asten, porém parou quando Amon levantou a cabeça. Então ele murmurou, infeliz: – Vamos respeitar sua decisão.

– Ótimo – disse Amon, levantando-se. – Agora vamos acabar com isso. Doutor Hassan? – Osahar se levantou depressa e foi até Amon, que pôs a mão no ombro do vizir. – Leve-nos ao aeroporto.

– Sim, Mestre.

Dessa vez, Amon não reclamou do tratamento.

Em questão de segundos, o Dr. Hassan e eu recolhemos nossos poucos pertences e antes de o dia nascer já estávamos a bordo de um táxi com destino ao aeroporto. Quando chegamos, o Dr. Hassan comprou passagens para os três irmãos em um ônibus turístico com destino às pirâmides de Gizé. Disse-lhes que se juntaria a eles o mais rápido possível.

Ahmose e Asten me abraçaram forte na despedida, desejando-me felicidades. Amon apenas me segurou pelos ombros e deu um beijo fraterno no meu rosto.

– Adeus, Lily – disse, rígido.

– Isso é o melhor que você pode fazer? – provoquei, embora a dor de saber que nunca mais iria vê-lo fosse evidente.

Ele não entendeu meu comentário; ou talvez tenha entendido.

– Farei o possível para não precisar de você – respondeu.

Sem dizer nada, aquiesci, e, antes de conseguir formular outro motivo para fazê-lo se demorar mais um instante comigo, ele já estava embarcando no ônibus. Ahmose e Asten acenaram por uma janela aberta, mas Amon, que foi se sentar logo atrás deles, manteve os olhos fixos à frente, uma expressão indecifrável colada no rosto. Não senti emoção alguma vindo dele, e entendi que ele devia ter cortado por completo a nossa conexão com a mesma facilidade com que havia me dispensado da sua vida.

Respirei fundo, abalada, e me virei para o Dr. Hassan enquanto o ônibus dobrava a

esquina e desaparecia em meio ao tráfego.

– Certo. Acho que a primeira coisa a fazer é ligar para os meus pais.

– Não vai ser necessário.

– Não? – estranhei, confusa. – Eles precisam saber que estou bem e me mandar os documentos de que preciso para ir embora.

– Sim, sim. Vamos ligar para eles, só que não hoje.

– Por que não?

Seus olhos brilharam quando respondeu:

– Porque você não vai para casa ainda, Lilliana Young. Você vem comigo. – Correndo os olhos à nossa volta, ele leu uma placa no alto. – Sim. É por aqui mesmo.

A passos largos, serpenteamos entre as muitas pessoas à nossa volta em direção a um guichê de passagens.

– Para onde estamos indo? – perguntei quando ele terminou de falar com o atendente em sua língua materna.

– Para as pirâmides.

– Hein?

Osahar parou por um instante para explicar:

– Apesar de Amon insistir que a sua presença não é necessária, tanto Asten quanto eu acreditamos que o destino do Egito, ou melhor, do mundo, pode estar nas suas mãos. A pergunta que preciso fazer agora é: o que você estaria disposta a sacrificar para garantir a sobrevivência de Amon?

Não havia muitas pessoas no mundo pelas quais eu abriria mão de qualquer coisa.

Nos meus desenhos, as pessoas realmente apaixonadas só tinham olhos umas para as outras. Dava para ver na cara delas. Eram capazes de morrer umas pelas outras. Preferiam sofrer em vez de presenciar o sofrimento do ser amado.

Minha vida não tinha essa profundidade emocional. Com exceção da minha avó, eu não tinha certeza de que alguém estaria disposto a morrer por mim, de que me amasse tanto assim. Mais do que qualquer outra coisa, eu ansiava por uma conexão profunda com outra pessoa.

Ao conhecer Amon, pensara ter finalmente encontrado isso. Havia alguém no mundo que entendia o significado de sacrificar alguma coisa por outra pessoa. Agora eu sabia exatamente qual era o meu tipo de homem. Não tinha nada a ver com a cor dos olhos, nem com ser alto ou musculoso. O que importava era aquela qualidade fugidia, tão difícil de capturar. Eu queria alguém que me amasse tanto a ponto de estar disposto a morrer por mim.

Acreditava que Amon fosse essa pessoa. Pelo menos pelo mundo ele estava disposto a morrer. Além disso, embora tivesse me rejeitado, eu ainda tinha quase certeza de que sacrificaria qualquer coisa em nome da minha segurança. Talvez o que o estivesse fazendo manter distância fosse o seu senso de dever. Talvez ele quisesse morrer e acabar com aquela

vocação celeste. Ou talvez simplesmente não estivesse tão interessado em mim quanto eu estava nele.

De um jeito ou de outro, decidi que, mesmo os meus sentimentos por Amon não sendo mútuos, ele merecia o meu apoio. Era um homem digno de amor, e, se eu quisesse um dia ser o tipo de pessoa que merecesse a atenção correspondida de alguém – embora não acreditasse que um dia fosse encontrar alguém como ele –, então precisava estar disposta a me sacrificar por algo que não fossem as minhas próprias necessidades e desejos.

Eu precisava dar um salto no escuro e ver aonde este iria me levar.

– Qualquer coisa – respondi, após suspirar longamente. – Eu sacrificaria qualquer coisa para ajudá-lo.

– Excelente. É tudo o que eu preciso saber. Temos que nos apressar para chegar antes deles. Não deve ser muito complicado. De ônibus eles vão chegar a tempo, mas nós dois estaremos lá primeiro.

– Como?

Ele sorriu ao mesmo tempo que o atendente lhe entregava um molho de chaves.

– Vamos de carro.

Em geral, o trajeto de Kom Ombo até Gizé de carro levava dez horas, mas o Dr. Hassan o completou em oito, parando apenas quando eu insistia que era absolutamente necessário. Quando entramos no Cairo, em vez de prosseguir até as pirâmides, ele me pediu que esperasse no carro enquanto entrava em um mercado ao ar livre. Vinte minutos depois, voltava com os braços carregados de sacolas, que jogou de qualquer maneira no banco de trás.

– Para que tudo isso? – perguntei.

– Você vai ver.

Durante todo o trajeto, ele manteve o mistério em relação a seu plano ultrassecreto de vizir e se esquivou com desenvoltura das minhas muitas perguntas. Eu só sabia que era uma parte importante do seu plano e que ele havia combinado tudo com Asten.

Quando comentei o desejo de Amon de que eu deixasse o Egito, Osahar disse que, se tudo corresse conforme planejado, ele jamais saberia que eu estive presente, o que para mim era até bom. Quem sabe meu coração rejeitado se curasse, nem que fosse um pouquinho, se eu soubesse que havia ajudado a salvar o mundo, e melhor ainda se, de quebra, eu conseguisse evitar levar mais um fora de Amon.

As pirâmides não demoraram muito a surgir. O Dr. Hassan serpenteou pelas ruas movimentadas e cheias de gente até chegar às portas do complexo arqueológico. Vários ônibus de turismo se enfileiravam na areia compacta. Alguns homens de camisa branca e chapéu policiavam a área montados em camelos. Eu estava surpresa com a quantidade de turistas.

– O sítio não é protegido? – perguntei.

O Dr. Hassan agitou a mão no ar.

– Não incentive um arqueólogo a falar sobre preservação de sítios históricos. Eu poderia passar semanas discorrendo sobre isso, mas, para ser bem sincero, estou sem tempo agora.

– Ok, mas como vamos conseguir fazer alguma coisa com esses turistas todos?

– Ah, os turistas e comerciantes vão embora assim que os irmãos chegarem.

– Como? – Quando ele sorriu, arrematei: – Espere. Não precisa me falar. Eu vou ver, certo?

– Certo.

Ele estacionou o carro, pegamos as muitas sacolas e seguimos em direção à Grande Esfinge. Pelo menos o monumento ao qual chegamos estava isolado por cordas para que ninguém pudesse tocá-lo. Depois de mostrar o crachá para um segurança que impedia a entrada de dezenas de turistas, o Dr. Hassan abriu um portão e acenou para que eu fosse atrás dele.

Fui seguindo as pegadas que seus pés deixavam na areia e ergui os olhos quando chegamos em frente à Esfinge. Era difícil acreditar que estava realmente ali. De tão absorta no ambiente à minha volta, sobressaltei-me quando o Dr. Hassan tocou meu braço.

– Por aqui – disse ele.

Depois de me conduzir até uma antiga estrutura de pedra que parecia uma série de câmaras vazias, ele pôs a mão atrás de um tijolo um pouco saliente nos fundos do recinto e empurrou alguma coisa. Um ronco mecânico estremeceu a área em que estávamos e fez uma cascata de areia cair sobre a entrada. A parede dos fundos então se afastou para o lado e revelou degraus que desciam rumo à escuridão.

– Esconderijo de arqueólogo ou segredo de grão-vizir? – perguntei, apontando para a abertura.

– Grão-vizir – balbuciou ele enquanto recolhia seus pertences. – Vamos.

Fui cambaleando atrás dele, descendo sem parar até a porta se fechar e nos vermos rodeados por um breu total.

– Doutor Hassan? – sussurrei, aflita.

– Espere um instante.

Meus olhos começaram a se acostumar com a escuridão e notei uma série de pedras grandes dentro de alcovas. Todas reluziam como a que Asten tinha me dado no Oásis das Pedras Sagradas.

– Foi Asten quem fez essas pedras? – indaguei.

Osahar fez que não com a cabeça e recomeçou a descer os degraus.

– Talvez, em algum momento no passado. Tudo o que sei é que elas se regeneram toda vez que a cerimônia é concluída. A luz perdeu força ao longo dos últimos mil anos, mas, quando a nossa tarefa estiver concluída, ficará tão claro aqui dentro que vai fazer parecer que um sol particular brilha nesse lugar. Minha teoria é que, de alguma forma, as pirâmides geram a energia.

– Interessante. – A bolsa pesada bateu na minha perna. – Então, agora vai me dizer para

que servem essas tralhas todas?

– Eu vou fazer uma efígie.

– Como um boneco vodu?

– Em escala bem maior.

– Para quê?

– Existe um encantamento capaz de enfraquecer Apófis, ou até destruí-lo.

– E o senhor espera que funcione com Sebak?

– Sim. Vou precisar da sua ajuda para fabricar o boneco.

Chegamos ao pé da escada e paramos diante de uma pesada porta. Osahar pegou uma chave pendurada em uma corrente em seu pescoço e a encaixou na fechadura antiquíssima. Quase tive medo de a chave não girar, tão velha era a fechadura, mas funcionou, e a porta se abriu sem emitir um rangido sequer. Dentro do amplo recinto havia uma mesa de trabalho e uma enorme pedra reluzente do tamanho de uma cômoda.

Pousei as mãos sobre a pedra e constatei que estava quente, mas não a ponto de queimar. Pude sentir que um zumbido de energia emanava dela. Velhos pergaminhos e livros ocupavam prateleiras feitas à mão, e ferramentas variadas, tanto modernas quanto antigas, pendiam de pregos na parede.

– Foi o senhor quem criou este espaço?

O Dr. Hassan fez que não.

– Acrescentei algumas coisas ao longo dos anos, mas isto existe desde a época em que Amon nasceu. – Ele apontou para um túnel, depois para outro situado em um canto diferente. – Essas passagens subterrâneas conectam as pirâmides e chegam até debaixo da Esfinge. É assim que os vizires resgatam os corpos dos irmãos quando seu tempo na Terra se esgota – concluiu ele em voz baixa.

– Ah.

Embora eu soubesse que Amon precisava morrer para poder despertar de novo, pensar que o seu corpo seria resgatado e meticulosamente preservado me perturbou. Tive o súbito impulso de sair correndo até seu ônibus de turismo e lhe implorar que não fizesse aquilo. Em vez de ceder às emoções, porém, lembrei a mim mesma que era apenas uma garota mortal que havia passado um tempo, ainda que breve, na companhia de deuses encarnados. Quem era eu para julgar se a sua tarefa era digna ou se os sacrifícios que eles faziam eram justificáveis?

Ainda não sabia o que Osahar tinha previsto para mim, mas, se havia algo que eu pudesse fazer para aliviar o fardo de Amon, estava disposta a ir até o fim.

– O que o senhor precisa que eu faça? – indaguei.

– Pegue essas sacolas e forme um corpo.

– Como um espantalho?

– Exatamente.

Enfiei as mãos nas sacolas e encontrei uma calça, um pedaço de corda, uma faca e várias

almofadas de diversos tamanhos. Enquanto enfiava as menores dentro das pernas da calça, o Dr. Hassan abriu um buraco na maior e pôs uma ferramenta e um pente lá dentro.

– Esse objetos pertenciam a Sebak – explicou.

Depois de vestirmos o espantalho improvisado, o Dr. Hassan me passou uma jaqueta de pele de crocodilo bem chamativa.

– Isso é de verdade? – perguntei.

– Ele agora é parte crocodilo. Para minimizar seu poder, precisamos destruir todas as suas partes.

– E qual é o encantamento? – indaguei enquanto o Dr. Hassan terminava de preparar uma poção.

– É mais um ritual do que um encantamento. A efígie está pronta?

– Acho que sim. É que havia outras roupas e um chapéu dentro das sacolas. O senhor acha que preciso pôr mais camadas?

– Não. Essas coisas são para depois. Por favor, traga a sacola que sobrou. Eu carrego o boneco.

O Dr. Hassan pegou uma pequena marreta e uma vara de metal de aspecto pesado e em seguida recolheu o boneco. Então me conduziu por vários túneis compridos. Por fim, subimos mais um lance de degraus que parecia não acabar nunca. Quando alcançamos o topo, nos vimos no alto de uma antiga estrutura. O sol havia acabado de se pôr e o céu alaranjado aos poucos ia ficando roxo.

– Aonde foi todo mundo? – indaguei, surpresa ao ver que o vale antes lotado estava tão deserto quanto uma igreja na segunda-feira.

– Eles chegaram – disse o Dr. Hassan. – Como eu disse, quando os filhos do Egito pisam o solo em torno das pirâmides, as pessoas nos arredores vão embora na mesma hora. Ficam distraídas de repente, ou então se lembram de que precisam estar em outro lugar. Tenho uma teoria de que é por causa da energia que os irmãos irradiam. – Ele suspirou. – Há tantas perguntas que eu gostaria de fazer... Quem dera tivesse tempo para isso... O cientista em mim lamenta o pouco tempo que passarei na companhia deles, mas o meu lado vizir se sente grato por ter tido ao menos isso.

Eu me identificava com os sentimentos contraditórios do doutor.

Estreitando os olhos por causa da pouca luz, distingui três pontinhos pretos em pé junto à Esfinge.

– Estou conseguindo vê-los!

Um dos irmãos deu alguns passos à frente e passou pela Esfinge no exato instante em que um sibilo, parecendo areia escorrendo por uma ampulheta, encheu o ar. O barulho foi aumentando de volume até se tornar insuportável.

– O que houve? – berrei, pressionando as mãos nos ouvidos.

– É o sacerdote maligno de Seth – respondeu o Dr. Hassan.

Com gestos rápidos, ele pegou a vara de metal e bateu nela com a marreta até cravá-la no

telhado. Corri para ajudá-lo a prender o boneco na vara. Bem na hora em que terminamos, o silvo cessou e um silêncio sinistro se espalhou pela paisagem.

Uma brisa afastou meus cabelos do pescoço e eu me virei devagar. Amon, Asten e Ahmose encontravam-se em um ponto no qual uma trêmula massa escura agora surgia entre eles e as pirâmides.

– O que é aquilo? – arquejei.

– Aquilo, querida, é um exército de mortos.

Olho por olho

Não pude evitar o calafrio que me desceu pela espinha. Havia literalmente milhares de zumbis entre os irmãos e as pirâmides. A massa negra parecia uma praga arrepiante e desoladora, à espera para cravar os dentes nos três suculentos semideuses. Ahmose e Asten tinham doado tanto de sua força para sustentar Amon que agora estavam quase tão esgotados quanto ele. Mesmo que decidissem combater, Amon teria literalmente que lutar às cegas.

– Precisamos ajudá-los! – gritei.

– E vamos fazer isso. Só precisamos esperar que todos os lutadores entrem na arena.

Assim que o Dr. Hassan disse essas palavras, um ronco sacudiu o chão e uma fissura se abriu no meio da massa de zumbis. Uma luz forte jorrou da abertura, acompanhada por uma névoa. Mesmo de longe, pude distinguir a gigantesca garra de crocodilo que emergiu da rachadura na terra. Ela se esticou e se cravou fundo no chão antes de um corpo descomunal surgir atrás dela. Era um monstro horrendo: metade homem, metade Godzilla, com um rabo comprido de crocodilo.

– Aquilo... aquilo é Sebak? – perguntei, incrédula.

– Temo que sim – foi a resposta do Dr. Hassan.

A lua despontou no horizonte e iluminou a paisagem com sua forte luz prateada. Corajosos, os três irmãos mantinham-se de pé diante da criatura, cuja proporção e altura superavam as da Esfinge. Como se fossem um só, ergueram as mãos no ar. O encantamento que começaram a entoar ecoou tão alto que não tive a menor dificuldade para escutar, embora não compreendesse as palavras.

Uma luz borbulhou ao seu redor – uma turbilhonante massa prateada, dourada e branca. A bolha tremeluzente foi aumentando de tamanho até explodir feito uma supernova, espalhando luz em todas as direções antes de baixar até o chão e cercar as pirâmides. Então, aos poucos, a luz começou a subir, formando uma parede que cresceu até se curvar acima de nossas cabeças, criando uma cúpula transparente e iridescente.

O Dr. Hassan soltou um grunhido satisfeito.

– Pronto. Agora não podemos ser vistos de fora. Para todos os efeitos, os cidadãos do Cairo verão apenas uma imensa nuvem de tempestade cobrindo as pirâmides. Não

conseguirão ver nem ouvir nada que acontecer dentro da esfera de luz. Todos os interessados em visitar as pirâmides hoje à noite darão meia-volta e até esquecerão que tentaram vir aqui.

Eu não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou ruim. Mas sem dúvida, se o povo do Egito soubesse que seus deuses estavam lutando para manter afastada a energia do mal e impedir a ascensão do deus do caos, no mínimo ficariam preocupados.

Nas histórias em quadrinhos, os cidadãos comuns muitas vezes acorrem em defesa de seus heróis. Sim, também acabam atrapalhando e muitas vezes precisam ser salvos da morte, mas naquele caso a distração dos mortais talvez ajudasse a impedir o avanço dos zumbis. É claro que, com a sorte que tínhamos, eles provavelmente seriam mordidos e iriam engrossar as fileiras dos mortos-vivos.

– Agora? – perguntei, virando-me para o Dr. Hassan.

– Sim. Chegou a hora.

Ele pegou um livro antigo e correu o dedo por uma das páginas até encontrar o que procurava.

A voz de Asten soou de dentro da nuvem, tão clara quanto se ele estivesse ao nosso lado.

AS ESTRELAS SUSSURRAM A VONTADE DO COSMOS.

Um silvo, como a espuma do mar lambendo a areia, ecoou à nossa volta, e um movimento mais acima atraiu meu olhar. Do outro lado da cúpula cintilante, as estrelas brilhavam mais do que eu jamais tinha visto, algo que não seria possível tão perto de uma cidade grande.

Todas pulsavam com força, as constelações conhecidas parecendo próximas o bastante para eu tocá-las. As mais distantes também pareciam estar mais perto e, quando olhei para cima, me senti leve, como se pudesse flutuar na direção do céu noturno e me perder no universo.

Eu conseguia distinguir as cores das estrelas a olho nu, algo que sabia ser impossível. Identifiquei os anéis de Saturno, uma estrela binária e uma galáxia distante. Então, de repente, o mundo se modificou.

As estrelas caíram.

Ou melhor, elas estavam se movendo, e o céu noturno pôs-se a girar feito um pião, cada estrela deixando atrás de si um rastro de luz. Tonta, estendi a mão para segurar a do Dr. Hassan, e o firmamento desacelerou até parar. O desenho das estrelas lá em cima já não era conhecido. Era quase como se eu estivesse vendo o céu da perspectiva de outro ponto na galáxia.

Ahmose falou em seguida, sua voz grave ecoando dentro da minha cabeça:

A lua preenche o ar com um poder vibrante.

A luminosa lua cheia, que só havia despontado pela metade acima do horizonte, começou a brilhar cada vez mais forte. Sua luz prateada se derramou sobre a paisagem quase como um líquido, banhando toda a área das pirâmides com um brilho cor de prata. A lua acelerou até ficar quase na vertical acima do topo dos templos, então parou.

Gelei quando a voz profunda de Amon me envolveu. Apesar do poder que emanava dela, ainda pude sentir um leve tremor, um quê resignado de tristeza, e me perguntei se seria possível ele estar arrependido por ter me mandado embora. Ou estar sentindo a minha falta tanto quanto eu sentia a dele.

O sol revela todos os caminhos ocultos
E expõe tudo o que é secreto e sombrio.

Quando ele pronunciou a última palavra, uma luz brilhante jorrou e se irradiou dos três servos dos deuses de pé diante da escuridão. A luz subiu até envolver tudo dentro da cúpula, ardendo com tanta intensidade que o mundo visível tornou-se branco. Foram necessários vários instantes para que eu pudesse identificar até mesmo formas. Uma sombra próxima falou comigo:

– Está me vendo, Lily? Eu devia ter avisado para você não olhar.

O borrão na minha frente entrava e saía de foco.

– Não. Está tudo borrado.

Tornei a ouvir a voz de Amon, e suas palavras me deram coragem:

Fiquem firmes, irmãos.
Fortaleçam seus corações.
Vamos atacá-los como o falcão, o íbis e o grou.
Vamos matá-los e destruí-los,
Devolvendo-os ao pó de onde vieram.

O Dr. Hassan deu tapinhas na minha mão.

– A batalha começou. Preciso fazer meu encantamento. Quando chegar a hora, você tem que me passar o objeto certo.

Ele me entregou uma caixa na qual havia colocado vários objetos. Um deles cortou meu dedo quando tateei lá dentro e percebi que era uma pequena faca. Havia também um isqueiro, uma vara de metal mais ou menos do tamanho de um taco de beisebol infantil, um

pedaço de corrente grossa, um frasco de líquido tampado e um objeto pesado coberto com plástico. Era algum tipo de ferramenta, mas apenas pelo tato não pude distinguir exatamente qual. O Dr. Hassan fez outra pergunta, mas eu estava distraída com os sons do embate. Preocupava-me o fato de Amon ter que lutar cego. Agora que eu também não conseguia enxergar, pensar que estava cercada por mortos-vivos invisíveis e por um demônio crocodilo gigante pronto para me engolir era aterrorizante. O Dr. Hassan limpou a garganta com um pigarro.

– Lily, vou começar.

Virei o rosto na sua direção, pronta para ajudar.

Com uma voz ribombante, ele gritou:

Eu, o grão-vizir, guardião dos três pontos
do Triângulo Impossível,
Invoco o além para que empreste sua força.

Era a primeira vez que ele mencionava o tal triângulo impossível. Perguntei-me o que seria. Mentalmente, fiz algumas anotações e acrescentei essa expressão a uma longa lista de perguntas sem resposta. *Será que ele estava de posse de algum objeto mágico triangular? Por que era o guardião dos três pontos, e que pontos eram esses? Será que o além era o mesmo que o mundo dos mortos?*

O Dr. Hassan prosseguiu:

Nós defendemos o caminho entre
A terra, o céu e os lugares mais além,
Mas o nosso inimigo veio para o meio de nós.

Ele se virou na direção dos ruídos da batalha e ergueu os dois braços no ar. Sua imagem havia começado a entrar em foco, mas tudo continuava meio borrado.

Ó Traiçoeiro, estamos lhe avisando: recue!
Não tente nos enfrentar.
Você agarra-se à escuridão e abomina a luz.
Busca a amizade com o mal, e portanto
receberá a recompensa daquilo que abraça.
Você se prendeu com grilhões ao caos.

Imaginando que essa fosse a minha deixa, enrolei a corrente no braço, pressionando os dedos nos outros objetos da caixa para poder pegá-los depressa.

Seu veneno é forte como o de mil víboras.

Ouvi um silvo e percebi que o barulho vinha do espantalho que tínhamos feito. Minha pele se arrepiou inteira e me afastei dele, cambaleando. Não sabia se as cobras que estava ouvindo eram de verdade, se eram representações de Sebak ou apenas uma peça que minha mente estava me pregando – nada naquele mundo maluco parecia impossível –, mas, em todo caso, me afastei o máximo que me atrevi, ainda sem conseguir ver exatamente onde o terraço acabava.

Você transformou seus dentes em facas.

Ouvi outro som monstruoso, e dessa vez soube o que era: crocodilos. Com um arquejo apavorado, mudei de posição, nervosa, mas não havia nenhum corpo comprido ou forma escura vindo na minha direção. O boneco se contorceu e tentou se soltar da fita adesiva que tínhamos usado para prendê-lo à vara.

Nós, seus inimigos, o condenamos.

O Dr. Hassan se aproximou do boneco que representava Sebak e cuspiu nele. O espantalho amarrado projetou a cabeça para a frente e para trás freneticamente, sua forma agora muito diferente daquela que havíamos criado.

Nós, que desejamos diminuir seu poder, o atacamos.

– Agora, Lily! – balbuciou o Dr. Hassan, e tateei desesperadamente os objetos até por fim escolher a vara de metal.

Com um grito, o doutor acertou o boneco três vezes, e ouvi um estalo seco como o de ossos se partindo. Um berro raivoso ecoou, mas não veio do boneco, e sim da criatura gigante perto das pirâmides. Semicerrei os olhos e concentrei o olhar no caos de cores lá embaixo.

A primeira coisa que consegui distinguir foi o monstruoso crocodilo em que Sebak tinha se transformado. Ele havia escalado a imensa pirâmide e estava agora mais ou menos na metade da subida, mas sua pata dianteira esquerda pendia sem vida junto ao corpo, e uma das traseiras parecia ter perdido a força. Ele se agarrava à pirâmide com uma das patas imensas, tentando se equilibrar. Pedaços de pedra se soltavam da construção e se espatifavam ao atingir os níveis mais baixos.

Ahmose, o corpo prateado e cintilante, ergueu no ar sua maça e a desferiu contra a outra pata do monstro, espatifando o osso. O príncipe então se transformou em um grou prateado.

Era a primeira vez que eu o via em forma de pássaro. O grou saltou da pirâmide e começou a voar em círculos no céu, à procura dos irmãos. Lá embaixo, a horda de zumbis havia se reunido em dois pontos, e com dificuldade pude distinguir duas centelhas, uma dourada e outra branca, no centro de cada grupo. Tínhamos que nos apressar.

Nós, que desejamos provocar medo em seu coração, o transpassamos.

Meus olhos enfim se acostumaram à luz e entreguei depressa ao Dr. Hassan um canivete. O boneco que se contorcia na nossa frente era quase tão monstruoso quanto a criatura lá embaixo. Ele gritou: um som terrível, de gelar o sangue. Tomado por espasmos, debateu-se de um lado para outro e acabou rasgando a fita adesiva que prendia seu tronco. Então se jogou para a frente e quase me agarrou, mas o Dr. Hassan me puxou, tirando-me do seu alcance no último segundo.

A única coisa que agora prendia o boneco à estaca era a fita adesiva em torno de seus tornozelos.

– Lilliana, você voltou – disse a criatura. – Venha, deixe-me admirar seus olhos tão lindos – sibilou, esticando os esses com um movimento da língua.

– Não adianta – respondi, com o máximo de coragem de que fui capaz. – Eu não tenho o que você está procurando.

– Tem, sim – afirmou o monstro.

– Não. Amon não deu o Olho para mim. O Olho nunca esteve comigo.

Ele riu, e aquele som fez todos os nervos do meu corpo se eriçarem.

– Eu não sou bobo. Sei que você não está com o Olho. Mas isso não importa. A encarnação do deus do sol fará qualquer coisa por você. Inclusive me dar o poder que desejo.

– Você está errado – respondi, reunindo toda a coragem de que era capaz. – Ele me deixou para trás. Nem sabe que estou aqui.

Um clique escapou da garganta da criatura, como uma zombeteira expressão de empatia.

– Então talvez devesse saber – disse o boneco, com um olhar lascivo e perigoso.

Quando ele falou, seus olhos se reviraram para trás e uma névoa vermelha começou a girar em volta de seu corpo.

– Não! – berrou o Dr. Hassan. – Não!

O corpo do boneco se sacudiu em fortes convulsões, como se estivesse sendo eletrocutado, e então desabou, vazio e sem vida. Quando a névoa vermelha clareou, o boneco havia voltado a seu aspecto original; a única diferença era que agora as roupas e almofadas estavam todas rasgadas.

– O que houve? O que acabou de acontecer? – exclamei.

– Rápido, Lily, a corrente!

Aproximando-se do boneco, o Dr. Hassan o envolveu com a corrente, passou-a a mim

novamente e eu a devolvi. Fizemos isso várias vezes, até termos enrolado com muitas voltas a corrente no boneco. Então o Dr. Hassan bradou:

Nós, que desejamos vê-lo preso, o acorrentamos.

Nada aconteceu. O egiptólogo olhou pela borda do edifício em direção à pirâmide distante onde a criatura que era Sebak estava se recuperando.

Ele tornou a gritar:

Nós, que desejamos vê-lo preso, o acorrentamos!

– Por que não está dando certo? – perguntei.

– É tarde demais. Ele invocou sua essência.

– Mas a gente não pode... sei lá, invocar de volta?

O Dr. Hassan fez que não com a cabeça.

– A cerimônia precisa ser concluída. Teremos que ir até a própria criatura.

– Está falando sério? Não temos tempo! Eles mal estão conseguindo conter os zumbis agora.

– Precisamos ir! Rápido, vista isto!

O Dr. Hassan abriu com violência a última sacola, que continha roupas que a princípio eu pensara serem para o boneco. Não havia tempo para perguntar por que ele queria que eu vestisse uma calça e um colete de brim, e as peças eram grandes o bastante para que eu as vestisse com facilidade por cima das minhas. Quando o Dr. Hassan se aproximou de mim, com a corrente enrolada em volta do pulso, pegou a caixa, pôs no bolso do colete um isqueiro e o que eu então reconheci como um pequeno machado e enfiou na minha cabeça o chapéu que eu havia tirado da sacola.

Com as mãos nos meus ombros, fitou-me firme nos olhos e disse:

– Quando chegar a hora, você precisa fingir que sou eu e conduzir Amon até o alto da grande pirâmide. Não fale com ele. Use estas luvas para que ele não sinta a delicadeza de suas mãos. Aqui, pegue minha jaqueta também.

Ele enfiou meus braços nas mangas da jaqueta e a puxou até meus ombros enquanto eu tentava amarrar o cadarço da calça cargo.

– Isso é muito importante, Lily! – insistiu. – Se ele souber que é você, não vai concluir a cerimônia. Sei que é uma coisa difícil de pedir, mas, quando você sentir que ele está puxando a sua energia, tem que se abrir para isso. Permita que Amon pegue o que precisar, entendeu? Me diga que entendeu!

Anestesiada, assenti. Um milhão de perguntas passavam pela minha cabeça, mas eu não conseguia me concentrar em nenhuma. Em pé na beirada do edifício, o Dr. Hassan gritou

algo em egípcio e, lá embaixo, um tremor sacudiu um dos grupos de zumbis e os atirou para longe do ponto no qual estavam concentrados, como se uma bomba houvesse sido detonada. O íbis estrelado alçou voo, batendo as asas vigorosamente, e veio na nossa direção.

Ao aterrissar, retomou sua forma humana.

– Asten?

Dei um passo em sua direção. Ele estava sangrando muito e apresentava diversos hematomas. Cortes e talhos fundos faziam riachos vermelhos escorrerem por seus braços e peito; a camisa estava em farrapos. Os cabelos escuros dos quais ele tanto parecera se orgulhar estavam encharcados de suor e mechas caíam sobre os olhos.

Respirando fundo e estremecendo, Asten olhou para mim e em seguida se virou para o Dr. Hassan.

– Ela sabe o que fazer? – indagou, a exaustão irradiando de seu corpo inteiro.

– Sabe. Ela está pronta.

– Então subam nas minhas costas. A batalha vai ser dura, Hassan.

O homem mais velho lhe deu tapinhas no ombro.

– O ritual está quase concluído. Surgiu apenas uma pequena complicação.

Eu estava a ponto de comentar que a complicação na verdade não era tão pequena assim, mas então olhei para Asten e não consegui. Em vez disso, falei:

– Cuide-se, Asten.

Ele me abriu um sorriso débil.

– Minha avaliação inicial sobre você estava inteiramente errada – declarou ele.

– Ah, é?

– Sim. – Erguendo os dedos, ele tocou minha face e minha pele formigou. – Nunca conheci uma devota mais dedicada – disse ele. – Adeus, Lily.

Ele baixou a mão e, com uma explosão de luz, transformou-se no íbis estrelado.

Depois de o Dr. Hassan e eu montarmos em suas costas, Asten levantou voo. Senti o vento no rosto quando ele seguiu direto para a mais alta das pirâmides, onde o grande deus-crocodilo que era Sebak pairava, assistindo com monstruoso deleite a seu exército de zumbis impedir os filhos do Egito de concluir seu trabalho.

A lua estava tão grande e próxima que eu tinha a sensação de que estávamos voando direto para dentro dela. Não podia ter certeza, mas ela me parecia posicionada exatamente acima da pirâmide. Era possível que a posição não fosse assim tão exata, mas eu sabia que, se os três irmãos não concluíssem a cerimônia antes de a lua passar por cima da pirâmide, seria tarde demais.

O íbis deu um grito e Sebak virou a cabeça na nossa direção. Com um urro, lançou-se para cima e rasgou a asa branca de Asten com uma das garras cheias de escamas. A asa se partiu com um estalo e despencamos. Asten aparou nossa queda com o próprio corpo. Caímos do outro lado da pirâmide, Asten se transformou novamente em humano e ficou segurando o braço, ofegante.

– Vão! Vão! – ordenou ele.

Sorriu de leve para mim quando o Dr. Hassan me agarrou pelo braço, me levando para o outro lado da pirâmide. Antes de virarmos a esquina, vi Asten correr, saltar da pirâmide, dar uma cambalhota no ar e aterrissar no meio da horda de zumbis com uma flecha em cada mão, apesar do braço quebrado. Ele cravou as flechas nos olhos de dois mortos-vivos e ambos explodiram em uma nuvem de poeira.

O Dr. Hassan me fez descer a pirâmide, o tempo todo meus pés escorregando quando eu tropeçava em pedras soltas. Antes de chegarmos ao chão, uma garra horrível se cravou na lateral da pirâmide bem na nossa frente. O corpo transformado de Sebak surgiu pela esquina. A visão daquele sorriso medonho era o bastante para me fazer parar e sair correndo na outra direção, mas o Dr. Hassan hesitou apenas um instante, depois continuou a correr e me deixou para trás.

– Doutor Hassan, espere! – chamei, enquanto tentava ir atrás dele.

– Ah, Lilliana – disse a criatura, passando uma língua gigante por dentes afiados do tamanho de estalactites. – Pensei que fosse precisar procurar você. Que bom ter aparecido na minha frente por livre e espontânea vontade.

O Dr. Hassan havia sumido, e eu estava no meio da lateral de uma pirâmide, cara a cara com um demônio crocodilo, sozinha. Não tinha arma nenhuma. Plano nenhum. Poder nenhum. Então entendi que a obsessão de Sebak por mim fora o que havia possibilitado a fuga do Dr. Hassan. Se eu conseguisse distraí-lo por tempo suficiente, talvez os irmãos pudessem concluir a cerimônia.

– Deve ter sido muito difícil para você aceitar ser o assistente de outra pessoa – falei. – É um desperdício um homem com a sua capacidade ter que ficar bajulando outro menos talentoso.

Piscando os olhos, a criatura abaixou a cabeçorra e fechou as mandíbulas a menos de 30 centímetros de onde eu estava.

– Como ela se assusta fácil – disse ele, rindo.

– Não estou assustada – menti. – Na verdade, a maior emoção que sinto por você é pena.

– Pena? – cuspiu ele. – Você sente pena *de mim*? Eu sou a criatura mais poderosa que o mundo já conheceu! Nem mesmo o seu patético deus do sol é capaz de me superar.

– É. – Fiz que sim com a cabeça. – Isso é verdade. Mas será que você não entende? Você trocou um chefe por outro. Não pode negar que os seus anseios e poderes lhe foram dados por Apófis.

– Falando em anseios – a nova cabeça de Sebak chegou mais perto, sua língua se projetando para fora e lambendo o ar em volta do meu corpo para sentir seu gosto –, há dias estou me negando a oportunidade de provar você. Os demônios *biloko* me deixaram... com fome.

A língua carnuda encostou no meu braço, felizmente coberto por tantas camadas de roupa que não senti, mas então tocou meu rosto.

A sensação não era muito diferente de ser lambida por um cachorro – isto é, se o cachorro na verdade fosse uma sucuri cuja saliva ardesse feito minúsculas facas. Tive a impressão de que minha bochecha havia sido esfregada com uma gilete. Passei a mão enluvada ali e ela ficou suja de sangue.

– Ah, querida, que delícia você é. Vou adorar tê-la só para mim depois que me livrar dos outros.

– Na verdade não é você quem está falando, entende? É Apófis. Agora mesmo ele está influenciando você. É ele quem está provocando esses sentimentos.

O monstro chegou ainda mais perto.

– Apófis não me deu nada. Fui eu que roubei o poder deles.

– Mesmo que isso seja verdade, quando você permitir que o portal se abra, Seth vai aparecer.

– E daí?

– E daí você vai ficar outra vez subordinado a alguém mais poderoso. Acho que não entendo mesmo por que iria querer uma coisa dessas. Você quer que o mundo o veja como alguém inferior? Como um deus menor?

– Seth vai me recompensar. Eu serei grande como ele. Juntos vamos escurecer a força do sol, fazer as estrelas desaparecerem do céu e deixar a lua vermelha como sangue. Quando derrotarmos os outros deuses, eu vou roubar o poder de Seth também. Vou dominar tudo.

– Para ser bem sincera, duvido. Quantos homens você conhece que estão no poder e desistem dessa posição? Eles precisam ser destituídos à força.

– Então eu vou destituí-lo.

– Não seria mais fácil deixar os irmãos fazerem o seu trabalho? Impedir a vinda de Seth? Aí eles vão embora e só você vai restar.

Sebak piscou, como se estivesse refletindo sobre as palavras que eu acabara de dizer, mas logo as descartou:

– Isso não vai ter a menor importância depois que o todo-poderoso Olho estiver comigo. Falando nisso...

Aproximando o corpanzil do meu, Sebak passou uma das patas por cima de mim e cravou a garra na lateral da pirâmide, efetivamente me aprisionando.

– Encarnação do sol! – gritou ele então, e sua voz se espalhou pela noite do deserto. – Se quiser ver sua namorada outra vez, sugiro que me traga o que estou buscando!

Após alguns instantes de tensão, ouvi a voz de Amon gritar de volta lá de baixo:

– Você não me engana, vil criatura! Lily está segura a caminho de casa. Venha até aqui e lute, para eu poder lhe retribuir o favor que você me fez recentemente!

Por fim, vi Osahar. Enquanto eu mantinha Sebak ocupado, o doutor conseguira prender a corrente em volta da pata traseira do monstro. Com um grito, ele pulou da pirâmide segurando a corrente e seu corpo voou por cima da pata pendente. O monstruoso crocodilo

rugiu e se virou para ver o que estava acontecendo. Dependurado na ponta da corrente, o Dr. Hassan entoou:

Nós, que desejamos vê-lo preso, o acorrentamos!

Sebak gritou e se debateu contra a lateral da pirâmide, então se imobilizou, prendendo-me onde eu estava. Ao mesmo tempo, o exército de zumbis congelou. Com uma explosão de luz prateada, corpos saíram voando em todas as direções. O grou prateado levantou voo e seguiu na direção do topo da segunda pirâmide. Vi a forma humana de Asten correr em direção à menor das pirâmides. O Dr. Hassan soltou a corrente e se deixou cair, rolando, até parar vários níveis abaixo de mim. Com uma careta, pôs-se de pé e começou a subir até onde eu estava.

Os olhos de Sebak nos acompanharam, mas seu corpo continuou imóvel. Quando o Dr. Hassan chegou à minha altura, tentou em vão me libertar das garras do monstro. Como não conseguiu, subiu mais um pouco até poder alcançar sua cabeça.

– Sebak, não jogue fora sua vida deste jeito – disse ele. – Você é o arqueólogo mais talentoso com quem já trabalhei. Desista do poder que roubou e nós pouparemos sua vida.

– Se você compreendesse mesmo o que é o poder, saberia que eu preferiria morrer mil mortes a abrir mão dele – replicou o monstro. – Não. O deus do sol está enfraquecido. Ele não vai conseguir completar a cerimônia. O deus do caos virá, e, quando vier, vai me despertar e reconstruir o corpo que vocês estragaram, e eu voltarei para me vingar de vocês – ele fez uma pausa e me abriu um sorriso de crocodilo – e dela.

– Sinto muito, meu colega, muito mesmo. Sinto que você tenha sido tão ludibriado e que a sua ânsia de poder tenha resultado em tamanha devastação e na perda de uma mente brilhante. Adeus, Sebak.

O Dr. Hassan inspirou fundo e gritou:

Nós, que desejamos derrotá-lo, corrompemos seu corpo!

Tirando o machado de dentro da jaqueta, ele o ergueu acima da cabeça, pronto para desferi-lo contra o olho demoníaco de Sebak, e foi então que escutei uma voz dolorosamente conhecida:

– Pare!

Às cegas, Amon escalava a lateral da pirâmide em nossa direção. Arquejei e pressionei a mão livre sobre a boca para conter um soluço. Nos lugares em que não estava sangrando, sua pele exibia um tom acinzentado, e os óculos escuros que antes cobriam seus olhos tinham sumido. As órbitas vazias onde deveriam estar seus olhos faziam meu coração doer. Em uma

de suas mãos faltavam alguns dedos, e seus ombros, rosto e pescoço estavam cobertos de mordidas.

– Hassan? – chamou ele.

– Estou aqui, Mestre – gritou o Dr. Hassan. – O que foi? Por que está querendo que eu pare?

– Ele estava...? Ele está falando a verdade? Lily está aqui? Ela foi capturada?

– É claro que ela está aqui – provocou Sebak. – E nem danificada está... pelo menos não muito.

Houve uma pausa e então o Dr. Hassan se dirigiu a Amon:

– Deve acreditar em mim quando digo que Lily está segura. Sebak enlouqueceu.

Amon abaixou a cabeça por alguns instantes, mas então os músculos de seu braço se contraíram.

– Muito bem. – Ele estendeu uma das mãos e Osahar a segurou e puxou para ajudá-lo a subir os últimos degraus. Agarrando o ombro do cientista, Amon perguntou: – O senhor permite que eu mate esse monstro vil?

O Dr. Hassan examinou seu rosto.

– Claro – disse, interpretando a linguagem não verbal do rapaz, e lhe entregou o machado. – Precisa que eu o guie até lá?

Amon fez que não com a cabeça.

– Não. Vou usar o Olho.

Ao ver Amon se aproximar, Sebak falou, ofegante:

– Ela *está* aqui! Estou dizendo a verdade!

– Como você roubou o poder contido nos meus jarros da morte, não posso medir a verdade nas suas palavras. Assim sendo, acredito que o meu grão-vizir não me enganaria – disse Amon em voz baixa.

O Dr. Hassan abaixou a cabeça, pesaroso, e Sebak riu.

– Ah, estou vendo que prefere se fazer de cego diante da situação. Muito apropriado. – Amon apertou mais o machado. – Acho que não importa se você acredita em mim ou não. Você *vai* fracassar, e eu vou me reerguer. Servi bem ao meu mestre e serei recompensado generosamente pelo meu esforço.

Inclinando a cabeça na direção do monstro gigante como se estivesse olhando diretamente para ele, Amon chegou mais perto da criatura imobilizada e disse, sério:

– Falando em se fazer de cego, acho que devo retribuir o favor. – Com um sorriso ameaçador, Amon ergueu o machado, pulou sobre a cabeça do crocodilo e cravou a arma no seu olho, que piscava. Depois de fazer o mesmo com o outro olho amarelo, largou o machado ensanguentado. – Desejo que este despertar chegue ao fim.

– Sim – concordou o Dr. Hassan. – Logo estarei com você.

Com cuidado, Amon se afastou, indo sentar em um dos degraus da pirâmide, a poucos

metros de onde eu estava imobilizada. Apoiando os cotovelos nos joelhos, segurou a cabeça com as mãos, seu corpo inteiro tremendo.

Aquela experiência toda devia estar sendo terrível para ele. Tudo o que eu queria fazer era reconfortá-lo. Pôr sua cabeça sobre o meu colo e afagar seus cabelos. Tentar fazê-lo esquecer a dor e o sofrimento pelos quais tinha passado. Se pudesse, eu o teria roubado daquele seu horrível dever, daquela cruel responsabilidade que ele insistia em honrar. Mas eu não podia nem sequer deixá-lo saber que estava ali.

O Dr. Hassan pôs fogo no corpo inerte de Sebak e então concluiu o ritual:

Nós, que desejamos vê-lo arder, o queimamos.

Um grito de mil mortes encheu o ar enquanto o corpo gigantesco de Sebak, a encarnação de Apófis, era queimado vivo.

Nobres são os filhos do Egito.
Os deuses do sol, da lua e das estrelas estão firmes.
Os pontos do Triângulo Impossível estão imbuídos de poder.
Você não pode nos derrotar,
Pois não seremos demovidos.
Vá embora, Apófis,
Seu crocodilo maldito!

Com essa última frase, o corpo de Sebak estremeceu, fazendo a área em torno das pirâmides rugir. Vapores rançosos de fumaça negra emanaram do corpo à medida que o fogo ardia cada vez mais forte, até Sebak inteirinho ser consumido em um clarão vermelho.

Quando seu corpo desapareceu, as cinzas sendo levadas por uma leve brisa, levantei-me, testei a firmeza de pernas e braços e suspirei de alívio ao constatar que ainda estava inteira. Dando um passo à frente, olhei para o vale mais abaixo e vi uma névoa vermelha se dissipando, único indício de que ali houvera uma grande batalha entre zumbis e múmias.

Com um movimento cansado, Amon se levantou de onde estava sentado e disse:

– Venha, Hassan. Está na hora de concluir este trabalho.

– Sim, Mestre. Eu agora o levarei até o alto do templo e, quando a cerimônia estiver concluída, recolherei seus corpos.

Amon não respondeu nada, o rosto virado para longe das pirâmides, como se procurasse algo ao longe.

– Como quiser – falou baixinho.

O Dr. Hassan acenou para que eu me aproximasse de Amon e levou um dedo aos lábios para garantir que eu não dissesse nada. Quando me vi diante de Amon, o grão-vizir disse:

– Se puser a mão no meu ombro, vou conduzi-lo.

Amon estendeu o braço e roçou a mão no chapéu antes de tocar meu ombro. Então fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Estou pronto.

O Dr. Hassan acenou para que eu avançasse. Eu não sabia por quanto tempo conseguiria manter a farsa e tinha quase certeza de que Amon perceberia que eu não era o Dr. Hassan, mas ele não disse nada. Apenas me seguiu até chegarmos ao topo da pirâmide. Andei bem devagar, temendo que ele caísse.

O sangue de sua mão mutilada respingou na frente da minha jaqueta. Ao ver isso, uma lágrima escorreu pelo meu rosto em resposta. Quando parei, segurei a mão de Amon, triste pelo fato de a grossa luva me impedir de sentir seu toque uma última vez, e a pousei sobre a pedra lisa acima de nós.

– Espere aqui – disse Amon, e assumiu posição, com os dois pés bem plantados no templo.

Erguendo os braços no ar, ele começou a entoar um cântico e sua pele se acendeu um pouco, embora fosse claro que o seu poder estava muito diminuído e seus braços tremessem. A lua cheia encontrava-se exatamente acima de nós e de onde eu estava Amon parecia segurá-la com as duas mãos.

Os corpos de Asten e Ahmose ardiam qual fogueiras acesas em seus respectivos templos, mas o de Amon continuava mortiço. Enquanto os três prosseguiam com o cântico, vi uma luz prateada se acumular em volta da lua e ser projetada na direção de Ahmose. As estrelas cintilantes perderam um pouco do brilho e um raio de sua luz rodopiou em volta de Asten.

As pirâmides de Asten e Ahmose brilhavam com intensidade na noite, branca e prateada, mas aquela sobre a qual eu estava em pé com Amon continuava escura. A energia girava feito um redemoinho no céu noturno e acendia o firmamento como uma aurora boreal. Raios de luz prateada e branca vieram na nossa direção. Os braços de Amon pararam de tremer e seu corpo se acendeu mais um pouco.

Os irmãos entoaram seu encantamento e uma névoa de luz das estrelas veio na minha direção. Para minha surpresa, ela me envolveu e arquejei quando os pontinhos de luz fizeram minha pele formigar e então a penetraram. Senti um puxão. Sabia que aquela era a maneira de Asten canalizar minha energia para Amon. Instintivamente, resisti, mas então vi uma luz dourada rodear Amon e lembrei-me de ter, voluntariamente, me oferecido, e a minha energia, para aquilo dar certo.

Fechei os olhos e imaginei que estava oferecendo tudo a Amon – meu coração, minha mente, minha alma e meu corpo. A corrente ficou mais forte e a dor me fez arquejar entre dentes. Caí para trás quando algo se partiu dentro de mim e comecei a flutuar – sem dor, como em um sonho, plena de uma forma como nunca havia me sentido.

Deitada de costas, ergui os olhos para o cosmos. Pulsações de energia lambiam meu corpo como ondas, começando pela cabeça e descendo até os dedos dos pés antes de subir

outra vez. Um zumbido preencheu minha mente ao mesmo tempo que uma luz dourada explodia à minha volta.

Uma névoa dourada se inclinou acima de mim, flutuando para o alto e afastando-se, indo penetrar a pele de Amon. Seu efeito foi revigorá-lo, e o brilho de seu corpo aumentou. Ocorreu-me que, se eu tivesse que morrer, aquela seria a melhor maneira possível. Não sentia as pedras pressionando minhas costas nem a perda emocional provocada por deixar a vida para trás. Tudo o que sentia era a maravilha do universo e a percepção do pedacinho pequeno dele que eu representava.

Lá em cima, a explosão de luzes se separou em três pontos. Acompanhei-os no céu com os olhos: um branco, outro prateado, o terceiro dourado. Os três haviam formado uma constelação. Era uma coisa linda de se ver. Nesse momento, porém, algo se abriu no céu acima dela – uma fenda escura –, com um mal terrível a atravessando. Parecia uma tempestade iridescente, mas eu sabia que era bem mais do que isso.

O céu trovejou e se agitou; o medo me invadiu e soltei um gemido, sem conseguir me controlar. Um rosto sinistro, malévolo e ameaçador surgiu, e eu sabia que faltavam apenas segundos para sermos todos consumidos por ele.

Grandes pedras de granizo começaram a cair, fustigando meu corpo enfraquecido, mas eu mal as sentia. Ao chegar perto da aura dourada de Amon, as pedras se desintegravam, mas eu estava fora desse círculo de proteção. Uma pedra gelada me acertou na têmpora e senti a umidade do sangue. A pedra estava fria. Não, *eu* estava fria. Tremendo, tentei mudar de posição, ávida por me esconder da coisa que parecia estar me observando, mas constatei que não conseguia nem mesmo erguer pernas ou braços.

Desesperada para fugir e incapaz de fazê-lo, senti meus olhos se encherem de lágrimas. A paz que sentira segundos antes havia sumido. Eu soube então que era tarde demais. Seth tinha chegado e estava vindo atrás de nós. Eu não iria só morrer; seria descriada, apagada. Minha família sequer se lembraria de que eu um dia havia existido. Pior ainda: Amon iria me esquecer por completo. Por alguma razão, esse pensamento me parecia o mais trágico dos dois.

Então os três pontos de luz jorraram formando um arco, feito estrelas cadentes, e as luzes irmãs convergiram rodopiando. Em seguida, começaram a descer velozmente na direção das pirâmides. Os raios disparavam pelos dutos das construções até saírem do outro lado. Seus rastros formaram uma série de triângulos que conectaram tudo. *É o Triângulo Impossível*, pensei, assombrada.

O centro foi preenchido por arabescos brancos, dourados e prateados, que foram ficando cada vez mais brilhantes até se fundirem para formar uma grossa coluna apontada diretamente para a fenda que se abrira no universo. Um fluxo de luz atingiu a nuvem de tempestade e a consumiu, e, com uma derradeira explosão de energia, a fenda se fechou e desapareceu em uma tempestade fulgurante de luz branca, dourada e prateada.

Aos poucos, a luz foi ficando mais fraca e os rastros que formavam o Triângulo

Impossível foram reabsorvidos. A bola de luz branca disparou na direção de Asten, a prateada flutuou preguiçosamente em frente à lua e foi se acomodar nos ombros de Ahmose e a dourada voltou para Amon, que a segurou na mão. A luz penetrou seu corpo e ele cambaleou para trás.

– Está feito – disse ele. – Venha, Hassan. Vou levá-lo comigo.

Eu não conseguia me mexer. Não conseguia dizer nada.

– Hassan? O que houve? Onde você está? – Amon desceu um ou dois degraus até seu pé tocar meu ombro. – Hassan? – Agachando-se ao meu lado, levantou meu braço e tentou me fazer falar. Tirou meu chapéu e deu alguns tapas de leve no meu rosto, então parou de repente quando seus dedos tocaram meus cabelos. Ele correu as mãos pelo meu rosto e pescoço. – Lily? – perguntou, arfando. – Não. – Ele arrancou do meu corpo a pesada jaqueta, pegou-me no colo e afundou o rosto no meu pescoço. – Não! – gritou.

Amon achava que eu estivesse morta, percebi. Só que eu não estava. Pelo menos, achava que não. Mas ele não tinha como saber. Nem mesmo eu podia dizer com certeza se estava respirando. Talvez tivesse *mesmo* morrido e estivesse tendo uma experiência fora do corpo. Amon pressionava os lábios no meu rosto e na minha testa, seus braços tremiam, sua respiração estava entrecortada. Se ele ainda tivesse olhos, provavelmente estaria chorando. *Que tristeza não poder chorar*, pensei.

Abraçando-me com força, com a voz embargada, Amon começou a entoar um encantamento. O alto da pirâmide se liquefez e afundamos em uma escuridão que se fechou acima de nossas cabeças.

Escaravelho do coração

Atravessamos várias camadas de pedra como se fossem água, até pararmos no interior da pirâmide. Grandes rochedos, como os que havia dentro dos túneis subterrâneos de Osahar, posicionados nos cantos, iluminavam o ambiente. Os pés de Amon tocaram o chão pedregoso e ele cambaleou, mas continuou a me abraçar firme, segurando meu corpo com a maior delicadeza de que era capaz. Minha cabeça pendeu de seu braço quando ele estendeu a mão para sentir onde estava. Após trombar em uma plataforma de pedra elevada que se parecia de forma bem suspeita com um altar, pousou-me cuidadosamente sobre ela.

Amon então afastou meus cabelos da testa e cruzou meus braços sobre o peito como se eu fosse Cleópatra em seu leito de morte. Minha vontade era gritar, berrar que estava viva, mas eu era prisioneira do meu próprio corpo. Ele se ajoelhou ao meu lado e tremores o sacudiram de cima a baixo quando encostou a testa na minha barriga; meu maior desejo era reconfortá-lo.

– Eu sinto tanto, Lily – murmurou ele. – Não desejava isso para você. Como fui ingênuo ao pensar que havia gerado poder suficiente sozinho. Eu deveria ter sabido que meus irmãos iriam me enganar. Eles não entenderam por que mandei você para casa, por que corri o risco de permitir que o caos reinasse, por que contrariei a própria razão da nossa existência. Agora, o que eu mais temia aconteceu. Como é possível eu não ter sentido que a doce energia penetrando minha alma era sua?

Ele pegou uma das minhas mãos e a apertou, acariciando os nós dos dedos com o polegar. Leves pulsações de luz do sol percorreram meu corpo: com certeza isso era um bom sinal, ou pelo menos um sinal de que eu não estava realmente morta.

Amon continuou a falar:

– O único consolo que tive ao deixá-la para trás foi acreditar que você tinha uma chance de viver, de exercer o direito que todas as pessoas nascidas nesta Terra têm e não valorizam: o de encontrar a felicidade. Agora você foi embora, deixou este mundo em busca do próximo. Meu maior e único desejo é segui-la, mas o meu caminho não é o mesmo que o seu. Meu destino me chama para outro lugar.

Ele baixou a testa até encostar na minha mão antes de acrescentar:

– Me perdoe, Lily. Me perdoe por tirá-la da sua casa, pelos fardos que lhe impus, por

causar esta tragédia, e, acima de tudo, me perdoe pelas coisas que não me permiti dizer.

Uma luz se formou poucos metros atrás dele e um homem bonito acompanhado por um cachorro apareceu. Se eu não estivesse quase morta, teria adorado desenhá-lo. Seu tronco muito musculoso estava nu e ele usava um saiote plissado preto em vez de branco. Tinha os cabelos pretos e lustrosos.

O homem parecia ter mais ou menos a mesma idade do meu pai, mas tinha aquela beleza atemporal capaz de atrair qualquer mulher.

– Amon? O que está acontecendo? – indagou ele.

Amon ergueu a cabeça.

– Anúbis – falou. – Esta é Lily. Uma mortal. Fui forçado a depender da energia dela durante este meu despertar, e isso resultou na sua morte.

– Que... interessante. – Anúbis deu um passo mais para perto. Inclinando-se para me ver melhor, reparou que meus olhos estavam abertos e o observavam. Ao se aprumar, me deu uma piscadela, e eu concluí que gostava daquele homem, mas não confiava cem por cento nele. – Me conte como isso aconteceu – pediu ele a Amon.

A encarnação do deus do sol se levantou sem largar minha mão e se virou para o deus ao seu lado, o rosto voltado para um ponto atrás dele.

– Apófis e Seth emprestaram parte de seu poder a um mortal, o mesmo que arrancou meus olhos e roubou três dos meus vasos canópicos, absorvendo assim meus poderes. Foi por isso que precisei de Lily.

– Entendo. Esse mortal foi derrotado?

– Sim. E Seth foi impedido de voltar por mais mil anos.

– Então você cumpriu seu dever de modo admirável. Está preparado para abrir mão de seus poderes de modo que possam ser guardados para uso futuro?

– Estou. Embora só me reste agora um único poder.

– Eu não teria tanta certeza disso.

Amon inclinou a cabeça.

– Não estou entendendo. O *shabti* do mal de Sebak abriu meus três jarros e o mestre dele absorveu a energia que eles continham.

– Sim, mas, como muitas vezes acontece, existem algumas... substituições possíveis.

– Que substituições?

– Nunca se deve subestimar um sacrifício voluntário. Lembra-se de quando Seth pediu aos seus pais que sacrificassem vocês três, tempos atrás? Vocês disseram ao seu povo que estavam dispostos a aceitar isso.

– Sim, eu me lembro.

– Quando uma pessoa se oferece para proteger aqueles que ama, isso gera imenso poder. Foi por esse motivo que os deuses o imbuíram de sua energia.

– Mas o que isso tem a ver com a minha situação?

– Ao se doar assim tão livremente, esta jovem restaurou o que foi tirado.

– Quer dizer que a morte de Lily restituiu todos os meus poderes?

– Não, a morte não. O amor dela. O sacrifício de Lily por você foi tão poderoso quanto o que você fez pelo seu povo. Os deuses não podem fechar os olhos a uma abnegação dessas, e em troca concederam uma grande dádiva. O amor dela por você restaurou aquilo que foi roubado. Você ainda precisará devolver seus poderes, claro, até a hora do seu próximo despertar, mas nessa ocasião eles serão completamente restituídos.

Amon virou as costas para o deus e se afastou alguns passos.

Anúbis lhe lançou um olhar incisivo.

– Não está grato por essa dádiva?

– Eu estou... triste por ela ter sido necessária.

– Ah. Entendo.

– Você... – começou Amon. – Sei que ela não é uma de nós, mas será que você consideraria a possibilidade de facilitar a jornada dela até o além como faz para mim e meus irmãos?

Anúbis esfregou o queixo, olhou rapidamente para mim e sorriu.

– Eu poderia fazer isso. Se ela estivesse de fato morta.

– O quê? – Amon girou nos calcanhares e tateou de volta até o altar. Pegou minha mão inerte e a acariciou. – Ela ainda está viva? Então por que não consegue falar nem se mexer? Por que não consigo senti-la?

– A energia dela foi exaurida até quase a morte.

– Tem algo que eu possa fazer por ela? Posso trazê-la de volta?

– Sim, e acho que no fundo você sabe que isso deve acontecer.

Pude ver o instante em que Amon entendeu o que seria necessário.

– Não existe outro jeito?

– Não que eu saiba. Você terá que anular tudo quando acabar, claro. Caso contrário...

– Eu entendo as consequências. – Amon apertou minha mão, e eu mal senti a pressão. – E se ela não conseguir?

– Estarei aqui para ajudá-la de todas as formas que puder. – Ao ver que Amon hesitava, Anúbis tornou a falar: – Se preferir deixá-la aqui e permitir que a ordem natural das coisas decida o desfecho, essa também é uma alternativa.

Amon deu um suspiro profundo antes de endireitar os ombros.

– Não. Eu vou fazer.

– Você deve saber que é apenas uma formalidade – disse Anúbis. – Por mais que você tenha tentado evitar que isso acontecesse, aconteceu. Agora é só uma questão de pronunciar as palavras.

– Estava torcendo para que não fosse assim.

– É mesmo? – indagou Anúbis, sorrindo ao cruzar os braços diante do peito. – Se eu fosse você, hesitaria em deixar de lado uma coisa dessas... quero dizer, até não haver outro jeito.

– Eu esperava poder poupá-la da dor.

– A dor dos mortais é passageira.

As palavras do deus me fizeram franzir o cenho mentalmente e pensei: *Isso é você quem está dizendo.*

– Enquanto o *seu* sofrimento dura muito, muito tempo – prosseguiu Anúbis. – Uma boa lembrança poderia tornar seu isolamento suportável.

– Talvez, na realidade, eu quisesse poupar nós dois – disse Amon.

– Ah, bem, é uma boa lição sobre a qual refletir até seu próximo despertar.

– Sim, Anúbis – respondeu Amon baixinho.

Não tive certeza de ter entendido grande coisa daquela conversa, mas, fosse qual fosse o assunto, Amon não estava satisfeito, e não pude evitar rememorar o diálogo e contar as vezes em que a palavra *dor* tinha sido pronunciada. O que estava prestes a acontecer não seria bom.

Acompanhado pelo fiel cachorro, Anúbis recuou, e na mesma hora Amon começou a entoar um cântico que reconheci. Era o encantamento que ele havia usado para criar nosso vínculo, mas dessa vez as palavras estavam um pouco diferentes. Embora estivéssemos isolados dentro da pirâmide, um vento agitou meus cabelos.

Com o poder da minha boca,
O poder do meu coração,
Lanço este encantamento.
Assim como nossas formas estão ligadas hoje,
Nossas vidas também o serão.
Incansável, ela me serviu,
Como eu servi ao Egito.
Torne leves nossas plumas,
Velozes nossas asas,
Firmes nossos corações.
Combinamos a força de nossos corpos
E, ao fazê-lo,
Prometemos renovar um ao outro.
Onde ela for desconhecida, eu comparecerei.
Onde ela estiver sozinha, eu estarei.
Quando ela estiver fraca, eu a sustentarei,
Até mesmo na morte.
Nossos corações são firmes,
Nossas almas, triunfantes,

Nosso vínculo, inabalável.

Ao terminar o cântico, Amon estava debruçado sobre mim, me mantendo no lugar enquanto um vento forte ameaçava me derrubar da plataforma de pedra. Nosso vínculo anterior me deixara exaurida e doente, mas o que ele havia acabado de criar fez exatamente o contrário.

Respirei fundo quando uma sensação de fogo percorreu minhas veias. Senti calor, mas não dor. Meu corpo inteiro reluziu com um brilho dourado. De repente, tomei consciência da presença de Amon. A força do corpo dele era também a minha força. A dor no lugar onde seus olhos deveriam estar fez os meus arderem e se embaçarem com lágrimas. O peso no coração dele quase me fez chorar.

– Amon? – falei, a voz fraca, e ele estendeu os braços, me puxou em direção ao peito e enterrou o rosto no meu pescoço.

– Lily – suspirou ele.

– O que... o que acabou de acontecer?

Ele se aprumou e abaixou a cabeça para eu não ter que olhar suas órbitas vazias.

– Eu selei o vínculo entre nós – respondeu suavemente.

– Não estou entendendo. O que isso significa? Nós já não tínhamos um vínculo?

– Era temporário. Era isso que eu estava tentando evitar. O que existe entre nós agora é praticamente impossível de mudar.

– Por quê? Por que você queria evitar isso?

Enxuguei as lágrimas do rosto, irritada por estarem caindo.

– *Lily*. – Amon correu a mão pelo meu ombro e segurou meu pescoço. – Não é pelo motivo que você está pensando. Abra sua mente para mim e compreenda.

Pisquei os olhos rapidamente, funguei e tentei fazer o que ele dizia, mas não consegui me desvencilhar da ideia de que ele estava me rejeitando outra vez. Amon segurou meu ombro e me sacudiu de leve.

– Feche os olhos e tente sentir o que estou sentindo.

Fechei os olhos e me concentrei nele. Senti sua pulsação, ouvi sua respiração suave. As batidas do seu coração me distraíram por um instante, e então vi através dos seus olhos. Não dos seus olhos de verdade, mas pude ver o que ele tinha visto. Fui arrebatada por uma visão através do que agora percebia ser o Olho de Hórus.

E de repente entendi... tudo.

– Amon? – Levei a mão ao seu rosto. – Eu não sabia o que você sentia. Pensei que não quisesse ficar comigo.

– Eu não podia sequer me permitir considerar essa possibilidade. Mas eu queria. Mais do que jamais quis qualquer coisa.

Anúbis pigarreou e Amon me soltou e se virou na direção do deus, as costas rígidas.

– Talvez a idade esteja me deixando mole – disse o deus –, mas vou lhes dar alguns

instantes a sós. E, ah, Amon? Você fica me devendo uma.

O belo deus me dirigiu uma última piscadela antes de agitar as duas mãos no ar. A um gesto dos seus dedos, as nuvens de fumaça cinza que se adensavam em torno delas foram empurradas na direção da cabeça de Amon, ocultando sua expressão. Ele gritou e levou a palma das mãos às órbitas oculares.

A fumaça chiou e então se afastou, formando novos dedos em sua mão mutilada, curando as mordidas, os cortes e os hematomas em sua pele e na perna. Quando a fumaça sumiu, ele abaixou as mãos e piscou. Seus olhos tinham voltado. Com um grunhido satisfeito e um latido discreto do cão, Anúbis desapareceu em meio a um clarão de luz.

Na mesma hora, os olhos cor de avelã de Amon marejaram, e ele estendeu a mão para tocar meu rosto. Seu calor solar desceu pelo meu maxilar.

– Você está... está me vendo? – indaguei.

– Estou.

– Está doendo?

Ele abriu um sorriso suave.

– Quase mais do que consigo aguentar.

Dei-lhe a mão.

– Você ainda pretende me abandonar, não é? – perguntei baixinho, no fundo sem querer uma resposta.

– Não tenho outra escolha.

– Tem certeza?

– Lily, se houvesse algum jeito de ficarmos juntos, eu faria qualquer coisa para isso acontecer. Será que você não entende isso?

– Agora entendo. – Subi a mão pelo seu rosto até os cabelos. Ele fechou os olhos, e na verdade pude sentir quanto ansiava por estar comigo. – Quanto tempo temos? – sussurrei.

– Anúbis só vai nos dar alguns instantes – respondeu ele, afastando-se de mim com relutância para ir até a extremidade da câmara. Fui atrás dele, mas parei ao reparar em um duto aberto.

– Vou ter que sair por ali? – perguntei.

– Não. O calor canalizado nas pirâmides durante a cerimônia derreteu as pedras dentro do duto. Seria um sofrimento horrível se você tentasse entrar aí.

– Ah.

Eu não sabia o que fazer nem o que dizer. Nunca tinha perdido ninguém antes. Nem mesmo um animal de estimação. Podia sentir a determinação dele para fazer o que era certo, mas por algum motivo o que era certo me parecia errado.

Amon passou uma das mãos pelos cabelos e pareceu tomar uma decisão. Dando a volta no altar, aproximou-se de mim.

– Agora não precisa se preocupar com sua ida para casa. Tenho poder suficiente para manipular o tempo e devolver você ao momento em que saiu de Nova York.

– Quer dizer... que vai ser como se nada disso tivesse acontecido? – perguntei, a voz débil.

Ele deu mais um passo na minha direção e segurou meu pescoço, minhas costas imprensadas contra a parede da pirâmide.

– Com o tempo, você vai me esquecer – disse ele, olhando fundo nos meus olhos.

– Não. – Balancei a cabeça. – Eu nunca poderia esquecer você.

– Talvez não. – Amon deu um sorriso desolado e brincou com as mechas de cabelos no meu ombro. – Anúbis estava certo em relação a uma coisa, sabia?

– O quê?

Ele pressionou as mãos na parede, de um lado e outro da minha cabeça, e murmurou:

– A eternidade é um tempo longo demais para não se ter alguma coisa para lembrar.

E então seus lábios encontraram os meus.

Eu tinha esperado muito por aquele beijo, mas ele foi muito mais, muito melhor do que eu me atrevera a imaginar. Uma luz dourada explodiu atrás das minhas pálpebras fechadas e eu e o sol nos fundimos em um só ser.

As mãos de Amon me puxaram contra seu corpo e eu me dissolvi nele, meus braços e pernas formigando, quentes. Sua boca se movia devagar sobre a minha, como se ele pudesse fazer o beijo durar para sempre.

Um calor preencheu meu corpo e desabrochei como uma flor rara que floresce por um único dia antes de ser consumida pelo fogo do sol. Um rubor rosado tingiu minhas faces, à medida que os lábios de Amon iam lentamente traçando rastros em cada uma delas. Pulsações cálidas de energia percorreram minha espinha quando ele correu os dedos por toda a extensão das minhas costas, até finalmente parar na curva da lombar.

Amon.

Não sei bem se disse o nome dele em voz alta ou só pensei, mas a ideia de usar a boca para outra coisa que não beijá-lo de repente me parecia impossível. Meu corpo inteiro estava ao mesmo tempo encharcado de sol e chamuscado pelo astro-rei.

O sangue que corria em minhas veias parecia lava e meu mundo estava derretido, inflamável, em chamas. O calor da paixão que ardia entre nós seria capaz de fornecer energia a mais de dez cidades. Eu queria me afogar na luz dele. Amon parecia a areia movediça que quase havia me consumido – uma areia movediça líquida, quente, poderosa –, e eu estava entregue.

Quando ele por fim se afastou, ambos ofegávamos. Meus lábios estavam inchados e quentes, e minhas pernas, trêmulas. A pele inteira do meu corpo havia se iluminado. Amon encontrou um fio solto de cabelo, correu os dedos por sua extensão e sorriu quando a luz dourada o tornou ainda mais brilhante.

– Linda – disse ele. – Você é linda de um jeito perfeito, magnífico. O sofrimento de todas as duras provas que precisarei enfrentar ao longo de mil anos vai se abrandar se eu puder recordar o sabor dos seus lábios doces.

Enlaçando-o pela cintura, enterrei o rosto em seu peito e perguntei:

– Você precisa mesmo ir?

Ele me abraçou e eu o senti beijar meus cabelos. Em vez de responder, ele falou:

– Quero te dar uma coisa.

Então se afastou e retorceu os dedos. A areia se ergueu até formar um montinho em sua palma. Ele pôs a outra mão por cima, sussurrou um curto encantamento e uma luz começou a brilhar entre os seus dedos. Quando esta diminuiu, ele fez sinal para que eu me aproximasse.

Na palma da sua mão havia uma joia em formato de escaravelho. A carapaça era feita de esmeraldas verdes do mesmo tom que os olhos de Amon quando brilhavam no escuro. Pequenas lascas douradas e minúsculos diamantes destacavam o contorno das asas e da cabeça.

Ele pôs a joia na minha mão.

– É pesada – comentei.

– Isto aqui é... *Amset* – sussurrou ele. – O meu coração.

– Como assim, seu coração?

– O que você sabe sobre mumificação?

– Hã, pouca coisa. Sei que o seu corpo fica preservado e envolto em ataduras, e que os seus órgãos são colocados dentro de vasos canópicos.

– Na maioria dos casos é assim. Mas nem todos os órgãos são retirados do corpo. O coração é deixado.

– Ah, é? Por quê?

– "O coração é a sede do intelecto, e a língua fala para torná-lo real" – murmurou Amon. – Quando entramos na outra vida, nossos corações são pesados na balança do juízo e, se somos considerados dignos, somos envoltos nas vestes da glória. Se nosso coração não passa no teste, um demônio nos devora.

– Bom, e você não vai precisar do seu?

– Em todo o tempo que passei no além, nunca vi a balança do juízo. Acho que nunca vou ver. Só se eu morrer de verdade. – Amon passou os polegares pelas minhas sobrancelhas e me beijou de leve no canto da boca. – De todo modo, como posso ficar com meu coração? Ele não me pertence mais. – Depois de uma breve pausa, arrematou: – Talvez seja errado eu pedir isso, mas, ao lhe dar este presente, torço para que você olhe para ele de vez em quando e pense em mim.

– É claro que eu vou pensar. Guardarei sua lembrança no meu coração para sempre.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu não as deixei rolar. Não queria desperdiçar nossos últimos e preciosos minutos com ele tentando me consolar. Se Amon precisava mesmo ir, eu queria me mostrar o mais forte possível.

Ele sorriu.

– Quando nosso vínculo se romper, você talvez não sinta a mesma coisa. Talvez deseje

esquecer. Mesmo assim, sou grato por termos tido esse tempo juntos.

– Espere. – Afastei-me dele. – Você disse quando o nosso vínculo *se romper*?

– Sim. Ele precisa ser desfeito antes de eu deixar esta vida.

– Como assim, desfeito? Eu não quero romper nosso vínculo. Você sabe o que sinto por você.

– Se não encerrarmos nossa conexão, você nunca vai ter nenhum instante de felicidade. Não vai amar nenhum outro homem enquanto viver. Sua mente vai passear comigo na outra vida quando você sonhar. Isso vai levá-la à loucura, Lily. Vai destruir você.

Cruzei os braços.

– Era sobre isso que Anúbis estava falando? Era essa a dor que ele mencionou?

– Sim. Foi por esse motivo que mantive distância de você.

– Foi por isso que não quis me beijar antes, não foi?

Ele assentiu.

– Se eu tivesse te beijado, isso teria selado o vínculo. Quanto mais tempo dura a conexão, mais difícil é rompê-la. Até mesmo no nosso caso, com nosso vínculo formal só tendo durado um brevíssimo tempo, ainda haverá ecos, momentos em que chamaremos um ao outro de dimensões diferentes, mas, quanto antes rompermos o vínculo, melhor será para você.

– Então, supondo que eu concordasse, como romperíamos o vínculo?

– Você precisa me matar.

Ele ficou parado com os braços ao longo do corpo e os punhos cerrados, me encarando com aqueles olhos lindos e querendo que eu o encarasse de volta. Virei-lhe as costas e desabei no chão.

– Isso só pode ser uma brincadeira de mau gosto. Você não está me pedindo para sacrificá-lo de verdade, está? – esbravejei.

– É a única maneira de romper o vínculo – disse ele baixinho. – Quando uma conexão entre um de nós e um mortal é selada, a única maneira de rompê-la...

– É literalmente cortar você da minha vida.

Ele se agachou ao meu lado e apertou meu ombro.

– Você tem que matar quem fez o encantamento. Eu queria poupar você disso, mas era o único jeito de curar seu corpo.

O que ele disse me fez erguer os olhos.

– Anúbis falou alguma coisa sobre o encantamento ser só uma formalidade. O que ele quis dizer com isso?

– Ele quis dizer... – Amon fez uma pausa. – Quis dizer que o meu coração já tinha tomado a decisão muito antes de eu me dispor a admitir isso.

– Bom, não vai dar. Isso eu não consigo fazer. Não vou matar você, Amon. Se Anúbis quiser isso, vai ter que pôr a mão na massa. Eu não vou poder estar presente, e com certeza não vou poder fazer eu mesma.

– Você *tem* que fazer, Lily. Se fracassarmos, as consequências serão desastrosas para você.

– Não. – Balancei a cabeça, e as lágrimas que finalmente rolaram me cegaram. – Não! – repeti mais alto.

Suspirando e correndo a mão pelos cabelos, Amon sentou-se ao meu lado e me puxou para o seu colo. Solucei, molhando o pescoço dele com minhas lágrimas.

– Shhh, Nehabet – tranquilizou-me ele enquanto acariciava minhas costas, preenchendo meu corpo com um calor que eu queria rejeitar, mas que em vez disso absorvi como se nunca mais fosse senti-lo outra vez.

Por mais luz do sol que ele compartilhasse comigo, porém, dentro da minha barriga o frio continuava.

– Você sabe que a minha morte, de qualquer modo, é inevitável – murmurou ele baixinho.

Assenti com a cabeça junto ao seu peito.

– Mesmo que o nosso vínculo se rompa, eu vou pensar em você – prometeu ele suavemente. – Meu amor por você não vai diminuir. A cada noite que passar terei sua imagem em minha mente. Você é minha... minha Nehabet... uma rara flor do deserto que brota nas águas do oásis. À medida que os dias e anos da sua vida forem passando, eu vou protegê-la, e, quando sua flor fechar as pétalas e por fim se render à noite, encontrarei você na aurora de sua nova existência e serei seu guia na vida após a morte.

Fungando, eu disse:

– Não sei se sua vida após a morte e a minha são iguais.

Ele cerrou os dentes e retrucou:

– Não importa. Eu vou encontrá-la. Acredita em mim?

– Acredito – respondi baixinho.

Ele tornou a me beijar, bem de leve, e com seus lábios encostados nos meus pude sentir o sal das minhas próprias lágrimas. Até que fomos interrompidos pelo ganido de um cão.

Amon levantou a cabeça.

– Anúbis.

– Desculpe não ter escolhido um momento melhor para aparecer, mas já cuidei dos seus irmãos e não posso aguardar mais. – Ele olhou para nós e franziu o cenho. – Você explicou para ela o que precisa ser feito?

– Expliquei – respondeu Amon. – Mas é uma coisa difícil de pedir.

Anúbis acenou com a mão.

– Estarei aqui para ajudá-la.

– Quando tudo acabar, ela deve ser devolvida ao tempo e lugar em que me encontrou pela primeira vez.

– Sim, sim. Vou providenciar isso. Agora vamos, Amon, está na hora.

Amon me ajudou a me levantar e me deu um último abraço enquanto punha o escaravelho de esmeraldas no bolso da minha calça. Ao se afastar, balançou a cabeça de leve

para indicar que aquilo era um segredo entre nós e em seguida segurou minha mão e me guiou até o altar de pedra.

Após me dar um último beijo despudorado e eletrizante, apesar de não estarmos sozinhos, Amon acariciou meu rosto, evidentemente relutante em me deixar. Por fim, ele se deitou sobre o altar. Prendi a respiração e meu coração disparou. *Eu não posso fazer isso.*

Anúbis agitou a mão no ar e quatro vasos canópicos surgiram em cima de um tablado próximo.

– Amon – disse ele, em tom autoritário –, você cede voluntariamente os poderes que lhe foram concedidos pelo grande deus Amon-Rá?

– Sim – respondeu Amon.

Mordi o lábio e torci as mãos, imaginando que Anúbis fosse agora sacar ferramentas enferrujadas e arrancar os órgãos de Amon. Em vez disso, porém, ele abriu as mãos e uma bola de luz dourada se ergueu do peito de Amon e disparou na direção do belo deus. Bem depressa, Anúbis afastou a luz de si e esta entrou em um dos jarros. Uma tampa se materializou da areia na forma de uma cabeça de esfinge, em seguida se colou à abertura e a lacrou com um facho de luz.

A mesma coisa se repetiu mais três vezes. Uma das tampas se transformou na cabeça de um babuíno. A outra virou a cara de um chacal. A última luz não emanou do corpo de Amon em forma de bola, mas sim como uma etérea criatura alada. Era o seu falcão dourado. A ave voou em círculos acima de nós, espiando-me com um olho dourado, e as pontas de suas asas roçaram minha face quando ela passou. O falcão deslizou em direção à fileira de vasos canópicos e pairou acima do último. Na forma de um jorro de luz, voou para dentro do jarro, que foi lacrado por uma última tampa com cabeça de falcão.

– E o poder do Olho? – perguntei. – Você vai tirá-lo também?

– O Olho de Hórus vai ficar com ele durante sua temporada – respondeu Anúbis, paciente. – Agora – ele sacou do ar uma linda faca cravejada de pedras preciosas, a lâmina curva reluzindo, ameaçadora, afiada, mortal – o resto é com você.

Ele me entregou aquela arma odiosa e eu, relutante, segurei-a, entorpecida.

– Não consigo – falei, aos soluços. – Por favor, não me obrigue a fazer isso.

Anúbis suspirou.

– Foi um erro. Ela tão tem estofo para ver além de si mesma.

– Ela vai fazer – retrucou Amon. – É mais forte do que você imagina. – Amon segurou minha mão que não estava com a faca e me puxou mais para perto. Sua pele não reluzia mais, agora que seus poderes haviam sido tirados. – Lily – começou ele –, não pense no que vai ser perdido. Pense no que foi ganho.

– Nada foi ganho – retruquei, debruçada sobre ele.

Grossas lágrimas gotejavam do meu rosto sobre o peito dele.

– Nós derrotamos Sebak. Impedimos Seth de despertar. Isso não é um triunfo?

– Não é a sensação que tenho.

– Então saiba que você conquistou meu coração. – Delicadamente, ele levou minha mão ao seu peito, abrindo meus dedos ali. Pegou a mão que segurava a faca, levou-a até junto da outra e a ponta da lâmina tocou a pele logo acima do seu coração. Uma vez minhas mãos trêmulas corretamente posicionadas, ele ergueu a sua e acompanhou com os dedos o contorno do meu maxilar. Então sorriu: um sorriso lindo, solar, de partir o coração. – Eu te amo.

Um choramingo de protesto escapou da minha garganta quando ele se levantou para me beijar, mas o beijo foi breve. Amon tornou a se deitar, os olhos arregalados, enquanto um filete de sangue escorria do canto de sua boca. Em pânico, recuei um pouco e, para meu horror, vi que a lâmina afiada estava cravada no peito dele até o cabo.

– Não – sussurrei. – Amon? Não! – gritei, puxando a faca do seu peito. O sangue brotou do corte profundo e começou a escorrer pela lateral de seu corpo. – O que foi que aconteceu? – gritei.

Anúbis veio examinar Amon.

– Eu lhe dei um empurrãozinho para apressar as coisas.

– Você fez... *o quê?*

Anúbis olhou para Amon, então se virou e me encarou.

– *Eu* ajudei. Disse a ele que ajudaria. Hum... é melhor se despedirem agora. Ele só tem mais alguns segundos.

– Amon? – Debrucei-me sobre ele. – Eu sinto muito. – Não conseguia vê-lo através das lágrimas. Com raiva, enxuguei o rosto e beijei sua testa, suas bochechas e os lábios. Tentei em vão estancar o sangue que parecia brotar incessantemente de seu peito. – Não era isso que eu queria – sussurrei.

Amon arquejou, o líquido gorgolejando em seus pulmões. Seu corpo então se convulsionou e os lindos olhos cor de avelã, que me fitavam, ficaram vidrados e não piscaram mais. Aos poucos, o ar que ele acabara de inspirar escapou de sua boca e ele se foi.

Segurei seu rosto com as duas mãos e afastei-lhe os cabelos da testa. Com os olhos cheios de lágrimas e as mãos tremendo, sussurrei com a voz embargada:

– Eu também te amo.

Fiz uma prece silenciosa para que, onde estivesse, ele me escutasse e soubesse como era profundo o meu sentimento.

Anúbis deu um grunhido de satisfação. Com raiva, girei nos calcanhares e levantei o dedo para ele, sem ligar a mínima para o fato de ele ser um deus poderoso.

– Ainda não estávamos prontos! – acusei.

Ele sorriu.

– É bom ver que você tem mais fogo no coração do que pensei de início. Mas sejamos honestos: vocês nunca estariam prontos.

– Você não tem como saber isso.

– Pois saiba você, minha jovem, que sou um excelente juiz de caráter. Na verdade, julgar

o caráter das pessoas é meu ponto forte, digamos assim.

– Não estou nem aí para *o que* você faz dos seus dias. Poderia ter sido mais paciente. Mais compreensivo.

– Que diferença faz? Você vai ficar com o coração partido. Ele vai ficar com o coração partido, embora no caso dele o termo se aplique tanto no sentido literal quanto no figurado. Prolongar seu tempo juntos não iria diminuir a dor. Só serviria para tornar a separação mais difícil de suportar.

Trinquei os dentes. Uma indignação incandescente tomou conta de mim e disparei:

– Sabe de uma coisa? Você não merece que Amon seja seu servo. Você... você é *indigno* do sacrifício dele.

Anúbis parou de sorrir; seus olhos se estreitaram e ele deu um passo em minha direção.

– Como eu sou uma divindade todo-poderosa muito clemente, e como sei que você agora está sob o jugo das próprias emoções, vou tentar esquecer sua falta de respeito. Mas um aviso: no futuro, preste mais atenção nas suas palavras antes de decidir pronunciá-las.

Ele fez uma pausa e então continuou:

– Agora, se ficar em silêncio, eu a deixarei assistir enquanto preparo sua amada encarnação do deus do sol para a vida após a morte.

Com um gesto do pulso, Anúbis materializou uma grossa pilha de ataduras e limpou o sangue do peito de Amon. Enquanto fazia isso, falou comigo:

– Você sabe qual é o verdadeiro objetivo de uma pirâmide?

Ergui os olhos para o deus, sabendo que aquilo era uma tentativa de me distrair do que estava acontecendo. O cão de Anúbis encostou o focinho na minha mão e me encarou com olhos tristes enquanto seu dono repetia a pergunta.

– O quê? Não. Acho que não – respondi.

– É um lugar de ascensão. Chama-se também casa da natureza, casa da energia e casa da alma. – Anúbis levantou as mãos e o corpo de Amon se ergueu da plataforma de pedra. Ele havia cruzado as mãos do rapaz sobre o peito, no estilo mais usual para as múmias. Enquanto eu continuava observando, Anúbis girou o pulso em um círculo, a areia se levantou do chão e ele criou longas tiras de tecido que se enrolaram em torno dos pés de Amon e começaram a envolver-lhe todo o corpo.

Anúbis seguiu falando:

– Um corpo é bem parecido com uma pirâmide, sabe? Pode canalizar grandes quantidades de energia. É capaz de abrigar uma alma, mas, apesar disso, é feito com materiais naturais que acabam voltando ao pó de onde vieram. Fabricar uma múmia, porém, é criar um corpo imorredouro, um corpo forte o suficiente para que o *ka*, ou a alma, que o deixar possa ocupá-lo novamente. Para isso, determinadas coisas precisam ser feitas quando uma pessoa morre. A primeira é preservar o corpo, como estou fazendo agora.

As ataduras haviam chegado ao pescoço de Amon, e não consegui mais segurar as

lágrimas quando o tecido completou o processo e cobriu sua cabeça. Anúbis me espiou por baixo do corpo flutuante de Amon e disse:

– Estou tentando reconfortá-la. Preste atenção, por favor.

Fuzilei o deus com o olhar, mas ele me ignorou e retomou alegremente seu trabalho macabro.

Com a areia, fabricou um lindo sarcófago, um caixão de madeira encerada decorado com ricos relevos que retratavam a recente batalha de Amon contra Sebak e seu exército de mortos-vivos. Arquejei ao ver uma representação minha em pé sobre a pirâmide ao lado de Amon.

– Que... que coisa mais linda – comentei, admirada, e estendi a mão para tocar o sarcófago.

Com a ponta dos dedos, acompanhei a forma de uma jovem com os cabelos riscados de luz e os braços em volta de um homem iluminado com os raios cintilantes do sol.

– Gostou? A arte dos sarcófagos é uma das minhas especialidades. – Anúbis limpou a garganta com um pigarro e dei um passo para trás quando o corpo envolto em ataduras de Amon flutuou na direção do caixão e em seguida se acomodou lá dentro. – Como eu estava dizendo, para criar uma múmia, três coisas precisam acontecer.

– Preservar o corpo – sussurrei, parada para ver o que Anúbis estava fazendo.

O deus estava curvado sobre Amon. Usou areia para criar lindos broches cravejados de joias, que então dispôs um por um dentro do sarcófago com Amon.

– Muito bem – disse o deus da mumificação. – Você prestou atenção.

– O que são essas joias?

– Amuletos protetores. Para repelir quem quiser fazer o mal enquanto o corpo de Amon estiver adormecido. Embora o grão-vizir atual esteja vindo agora mesmo pelos túneis e logo vá chegar para levar os irmãos até um local escondido, sinto que é imperativo tomar todas as precauções. Eu não achava que os amuletos fossem necessários antes, mas o fato de o corpo de Amon ter sido subtraído aos cuidados do vizir neste milênio prova que nenhuma proteção deve ser ignorada. Agora... – Anúbis ergueu a mão para reunir mais areia, só que nada apareceu. – Que estranho.

– O que houve?

– A última joia é a que fica em cima do coração. Tem a forma de um escaravelho.

– Um escaravelho do coração? – perguntei.

– Sim. – Anúbis estreitou os olhos para mim. – Você sabe onde ele está?

Senti a garganta se contrair, e em vez de responder fiz outra pergunta:

– O que acontece se você não o encontrar?

Anúbis coçou a orelha.

– Nada, eu acho. O escaravelho do coração só ajuda o *ka* errante a encontrar seu corpo, mas Amon não deverá ter dificuldade com isso.

– Ótimo.

Nessa hora, decidi guardar segredo em relação ao escaravelho do coração. Se o fato de eu ficar com ele não fosse causar nenhum problema, eu o queria. Era o único pedaço de Amon que eu poderia ter quando tudo aquilo acabasse.

– Pronto. O corpo está terminado.

– Mas qual é a terceira coisa?

– Terceira? Eu ainda nem fiz a segunda.

– Ah. Pensei que os amuletos fossem a segunda.

– Não. A segunda parte é dar vigor ao corpo, provendo-o de substância.

– Mas a comida não vai... sei lá, apodrecer depois de alguns dias?

– Sim, mas eu não disse que iria provê-lo de alimento. A palavra que usei foi "substância".

Franzi o cenho e cruzei os braços.

– Creio que tenho certa familiaridade com essa palavra.

– Muitas pessoas a compreendem de forma equivocada – continuou ele, ignorando o que eu dissera. – Quando digo prover de substância, estou me referindo a prover o corpo de energia suficiente para ele se sustentar durante pelo menos um milênio, talvez um pouco mais. A força necessária para manter o corpo de Amon quando ele despertar está contida nos seus vasos canópicos.

– E foi por isso que ele precisou de mim quando não conseguiu encontrá-los.

– Sim.

– Mas, se você compartilhar sua energia, não vai ficar esgotado?

– Como eu sou um deus, minhas reservas são grandes o suficiente para prover de energia os três filhos do Egito durante esse tempo todo, sem me prejudicar.

Ele se inclinou acima da forma deitada de Amon e o tocou no ombro. Cheguei a ver a energia em forma de luz brotar dos ombros de Anúbis e descer por seus braços em ondas até entrar em Amon. Quando acabou, ele deu um passo para trás.

– Pronto. E agora, a última coisa. – Ele foi até a cabeceira do sarcófago e fez um gesto impaciente com o braço para que eu me aproximasse. – Venha. Você pode se juntar a mim neste último ato.

– O que tenho que fazer? – sussurrei.

– Precisamos recitar um encantamento do Livro dos Mortos e celebrar o nome dele enquanto o fizermos. Ao nomeá-lo, vinculamos seu corpo, o *ka*, sua alma, o *ba*, seu caráter, e o *shuwt*, sua sombra. O nome é a quinta peça que liga as outras quatro.

Guardiães do céu, da terra e de mais além,
A barca sagrada iniciou sua jornada
Levando consigo o querido filho do Egito.
Seu nome lhe foi dado pelo grande deus Amon-Rá.
Ele será tomado de volta. Será recuperado.

Ponham uma guirlanda de merecimento em seu pescoço,
Pois ele superou seus trabalhos terrenos.
Deem paz à sua alma e, quando chegar a hora,
Permitam que ele encontre o caminho de volta ao seu corpo.
O Olho de Hórus será seu guia.
Nós somos aqueles que lembramos seu nome após a morte.
Somos aqueles que gravaram seu nome no sarcófago.
Somos aqueles que gravaram seu nome em nossos corações.
Ele é AMON, daqui em diante e para sempre.
Invocamos seu poder, sua alma, seu corpo e sua sombra, e damos esse nome a cada um destes.
Que seu corpo fique protegido,
Para ele poder ascender em glória mais uma vez.
Vá agora, Amon, para um lugar de repouso,
Até a hora de nosso reencontro.

Ao final do encantamento, Anúbis ergueu as mãos, com as palmas para cima, e uma nuvem rodopiante de areia se solidificou até tomar a forma de uma tampa esculpida com motivos elaborados. Esta desceu com um baque decidido, encaixando-se no lugar, e tive a sensação de que o meu coração estava sendo trancado no sarcófago junto com Amon.

Um peso grave se abateu sobre mim, e de repente eu não podia mais respirar. Estava sufocando. Apoiei uma das mãos trêmulas sobre a superfície de madeira encerada, a escuridão foi se espalhando pela periferia do meu campo de visão e a última coisa de que me lembro é de desabar no chão.

Quando recobrei os sentidos, o calor das pirâmides havia desaparecido. Eu me vi rodeada por relíquias egípcias, mas algo estava diferente. Pus a mão sobre um piso frio de cerâmica branca e ergui o corpo até me sentar.

Um barulho próximo fez com que eu me virasse. Nas sombras, um homem grande e bonito estava apoiado na parede; a seus pés havia a estátua de um cão sentado, as orelhas pontudas espetando o ar.

– Anúbis? – arquejei.

Ele estava de terno e gravata, em traje de executivo.

Deu um passo à frente.

– Vou deixá-la no lugar em que encontrou Amon pela primeira vez. Adeus, Lilliana.

Com um piscar de olhos, Anúbis desapareceu junto com a estátua do cão.

– Espere! – chamei, mas não obtive resposta.

Levantei-me, atrapalhada, e reparei, irritada, que estava novamente usando minha camisa de grife, a calça capri e as sandálias de couro italianas. Minha bolsa, da qual o caderno despontava, encontrava-se encostada em uma parede, os folhetos das universidades dispostos em um semicírculo bem arrumado perto dela.

– Amon? – chamei, e corri em direção à parte interditada da exposição sobre o Egito.

Além do plástico, encontrei o mesmo espelho de cobre, as mesmas ferramentas, as mesmas caixas e a mesma serragem, mas nenhuma pegada. Nenhum sarcófago. Nenhum caixote grande com os escritos MÚMIA DESCONHECIDA DO VALE DOS REIS. Amon havia sumido. Era como se ele jamais houvesse feito parte da minha vida. Jamais houvesse existido.

Um brilho dourado atraiu meu olhar; esperançosa, fui até lá, mas tudo o que encontrei foi a estátua de ouro de um falcão: *Hórus, o Dourado*. Encostei as mãos na vitrine; lágrimas escorriam dos meus olhos. Por um breve instante, enganei minha mente e tentei me convencer de que ele estava ali, junto comigo. Só que não estava. Amon tinha ido embora.

Suspirei, trêmula, enxuguei o rosto e, com a bolsa na mão, deixei a galeria do museu. Anestesiada, caminhei em direção à entrada e fiquei surpresa ao sentir a mão de alguém tocar meu braço.

– Senhorita Lilliana? Está tudo bem?

Respirei fundo e tentei sorrir, mas não sei se os meus lábios conseguiram formar muito mais que uma careta.

– Oi, Tony – falei. – Estou bem, sim. É que tive um dia muito, muito longo.

– Ah, então tenha uma boa noite, senhorita Young.

– Vou ter, sim. Ah, e Tony? – Ele se virou. – Por favor, me chame de Lily.

Ele abriu um sorriso caloroso.

– Claro, senhorita Lily.

Quando saí do museu, os cheiros, imagens e sons da cidade de Nova York me esmagaram. Eram conhecidos, mas não eram mais o que eu amava.

Como esquecer as paisagens de areia varrida pelo vento, os oásis no deserto, as pirâmides antigas e as múmias ressuscitadas e voltar à vida que eu conhecia antes? Minha temporada com Amon havia me transformado por completo. Não era certo ficarmos separados. Eu não podia sequer pôr flores no seu túmulo.

Mesmo assim, sentia-me grata por saber que ele existia em algum lugar e que continuaria a existir muito tempo depois de eu desaparecer. Reconfortei-me um pouco pensando na sua promessa de me proteger de onde estivesse; no fundo do coração, sabia que ele estaria sempre comigo.

Amon tinha dito que um vínculo como o nosso significava que nos veríamos em sonho. Eu sabia que matá-lo devia ter rompido esse vínculo, mas ele não me parecia tão distante assim. Fechei os olhos, ergui o rosto para o sol, senti a pele se aquecer e imaginei que fosse

Amon acariciando meu rosto. O calor desceu pelos meus ombros e pelo tronco antes de se concentrar no coração.

Senti um ardor, e sorri ao perceber meu coração batendo. Então baixei os olhos, intrigada, quando notei algo se mexer no bolso da blusa. Pus a mão lá dentro e encontrei o escaravelho do coração de Amon. No fim das contas, aquilo não era o meu coração batendo. Era a pedra marcando um ritmo lento, uma cadência reconfortante, cálida e viva na palma da minha mão. Embora os obstáculos parecessem insuperáveis, o coração de Amon era um pequeno milagre que me dava esperança.

Com um sorrisinho secreto, envolvi o escaravelho do coração com os dedos e ergui a outra mão para chamar um táxi.

EPÍLOGO

Balança do Juízo

– Faça-o se aproximar – ordenou a deusa Maat.

– Não entendo por que isso é necessário. Nunca foi antes – protestou o rapaz.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Anúbis ao entrar.

– Este rapaz precisa pôr o coração na balança do juízo – explicou a deusa, paciente.

Aliviado por ter tirado as roupas modernas, Anúbis passou uma das mãos pelos cabelos.

– Mas ele na verdade não está morto. O juízo dele está suspenso até que seja liberado de seu dever.

– Nesse caso, ele precisa ser avaliado. Vinculou-se a uma mortal e foi morto por ela. Para que a morte da união deles seja definitiva, é preciso uma avaliação.

– Mas a morte dele não é definitiva.

– Não faz diferença. Todas as coisas precisam ser equilibradas. – Ela apontou para a balança de ouro à sua frente. – O coração dele deve ser pesado para determinar se os seus atos na Terra foram dignos.

– Foram, sim – garantiu Anúbis.

– Acima de tudo, nossa incumbência é respeitar as leis do cosmos – repreendeu Maat.

Anúbis deu um grunhido.

– Certo. Então ande logo com isso.

A linda deusa tirou do arranjo de cabeça uma pena de avestruz e a depositou sobre o prato mais próximo da balança, então sorriu com benevolência para o rapaz em pé ao lado de Anúbis. Os deuses o encararam com ar de expectativa. Amon ficou parado sem dizer nada, a cabeça baixa e os punhos cerrados.

Após alguns instantes de silêncio, Maat falou:

– Você sabe o que deve fazer, não sabe? Anúbis, talvez seja melhor você explicar.

O rapaz respondeu com um brilho decidido nos olhos.

– Eu sei o que devo fazer.

– Então pode prosseguir – instruiu a deusa, com um pequeno gesto em direção à balança.

E, com um brilho secreto nos olhos, o jovem agitou o pulso e desapareceu.

Agradecimentos

Como em todos os meus livros, as primeiras pessoas a quem preciso agradecer são Brad, meu marido – sempre disposto a comer sanduíches e me oferecer seu apoio incansável em tudo –, e minha mãe, que se mudou para nossa casa enquanto eu estava escrevendo este romance. Ela é ao mesmo tempo uma ajuda e uma distração constante, o que mantém minha vida sempre interessante.

Também gostaria de expressar minha profunda gratidão a minhas irmãs Shara, Tonnie e Linda, e minha cunhada, Suki, a quem apelidei, de brincadeira, Assistente nº 1, Assistente nº 2, etc. Elas carregam sacolas, livros, laptops, cartazes, malas e uma quantidade cada vez maior das coisas de que preciso em eventos e conferências. Sorriem nas fotos, arrumam meu cabelo, retocam minha maquiagem, me mandam beber água e distraem meus fãs enquanto vou ao banheiro. Estão sempre animadas com o meu trabalho e cheias de conselhos que só escuto durante metade do tempo, embora sejam sempre bons.

Também sou grata a meus irmãos, Mel, Andrew e Jared, que neste ano compareceram a lançamentos dos meus livros e conseguiram não revirar os olhos enquanto eu falava sobre beijos. Sempre que preciso escrever sobre o que torna um homem um cara legal, não preciso pensar muito.

Meu primeiro grupo de leitores é formado em grande parte por meus irmãos e irmãs, mas inclui também algumas pessoas muito especiais: Linda, que defende meus livros desde o início; Neal, seu marido, que cria todos os meus divertidos cartazes, adesivos e materiais de divulgação; e Fred, um bom amigo que verificou minhas referências ao Egito, e sua mulher, Liz, que lê em voz alta para ele todos os meus capítulos, já que ele na verdade não gosta de ler. Imaginem só!

Meu agente, Alex Glass, mostrou-se sempre disposto a se atrelar ao mesmo vagão que eu e me ajudar a empurrá-lo. Seus conselhos são inestimáveis. A equipe do Trident Media Group trabalha com ele de maneira muito afinada, e, embora eu quisesse poder citar o nome de todo mundo, tenho medo de deixar várias pessoas de fora. Basta dizer que são todos incríveis, um exemplo na sua profissão.

Desta vez, tenho uma nova equipe editorial à qual agradecer, que inclui Tamar Schwartz, Angela Carlino, Heather Lockwood Hughes e, sobretudo Beverly Horowitz e Krista Vitola, que se dispuseram a apostar em mim e a me acolher de braços abertos, junto com as minhas

múmias, na família da Delacorte Press. Sinto-me abençoada por poder contar com essa equipe que tanto me apoia.

Aos meus fãs: não tenho nem palavras. Vocês são tão dedicados a mim e a meus tigres que, embora tenham tido que esperar pelo último volume dos tigres, tiveram a generosidade de abrir espaço em seus corações para minhas múmias. A vocês, toda a minha gratidão!

Por último, gostaria de agradecer ao meu pai. Ele faleceu enquanto eu estava escrevendo este livro; é o primeiro que concluo sem sua leitura. Foi um caminho difícil sem ele, mas sei que sentiria imenso orgulho e que, se pudesse, estaria se gabando para todos os conhecidos e lhes empurrando exemplares recém-lançados do romance. Um grande homem, que fará imensa falta a todos os que o conheceram.

Sobre a autora

Colleen Houck é uma leitora voraz que adora títulos de ação, aventura, temas paranormais, ficção científica e romance. Ela entrou para a lista de livros mais vendidos do *The New York Times* com a sua primeira série, *A maldição do tigre*, que já vendeu mais de 500 mil exemplares no Brasil. A obra teve os direitos adquiridos pela Paramount Pictures e deve chegar ao cinema em breve. Colleen estudou na Universidade do Arizona e trabalhou como intérprete de língua de sinais durante 17 anos. Ela mora em Salem, no Oregon, com o marido e uma imensa coleção de tigres de pelúcia.

colleenhouck.com.

LEIA UM TRECHO DE *O CORAÇÃO DA ESFINGE*,

PRÓXIMO VOLUME DA SÉRIE

Trégua

– Amon!

Acordei sobressaltada, com a pulsação disparada, e o pesadelo aos poucos foi se dissipando. Como os horrores que dominavam meus sonhos continuavam a assombrar o quarto escuro quando eu acordava, eu passara a deixar uma lâmpada de tomada sempre acesa perto da cama. Alguma criatura terrível havia encurralado Amon. Soltara um guincho, satisfeita, fazendo meu nariz arder com seu hálito pútrido, e espichara a língua para lamber o sangue de um corte no ombro dele. Tudo parecera muito real.

Tremendo, envolvi o corpo com os braços, deslizei para fora da cama e fui até meu lugar preferido, a varanda com vista para o Central Park. Uma vez ali, alisei a cabeça da estátua de falcão que encimava o guarda-corpo.

A ave me fazia lembrar de Amon em sua forma de falcão dourado, e, quando o sol a aquecia, o calor armazenado no objeto de metal parecia perdurar até as altas horas da noite em que eu andava de um lado para outro do quarto, sem conseguir dormir. A estátua me acalmava quando eu a tocava, e eu podia visualizar Amon como o havia deixado, e não como o homem machucado e cheio de dores que ele agora era nos meus sonhos.

Amon estava perdido para mim. Eu sabia disso. Admitia que precisava tocar a vida. Talvez pudesse tentar namorar outra pessoa, mas a lembrança do meu príncipe do sol egípcio encarnado era difícil de superar. Amon não era perfeito, mas chegava bem perto. Até mesmo agora, ainda era fácil vê-lo em pé ao meu lado, com a pele dourada aquecida pelo sol, os olhos cor de avelã a brilhar e aquele sorriso secreto escondido atrás dos lábios bem desenhados e altamente beijáveis.

Suspirando, debrucei-me no guarda-corpo e olhei para o parque. Estava apaixonada por um cara com séculos de idade, que atualmente mofava dentro de um sarcófago decorado com desenhos complexos fabricado pelo próprio Anúbis. Sua metade espírito, a metade que deveria estar no paraíso enquanto ele aguardava a próxima vez em que seus serviços seriam necessários, assombrava meus sonhos.

Das duas, uma: ou ele estava gravemente encrencado ou então eu estava com algum problema sério desde que voltara do Egito. Mesmo assim, as criaturas que via em meus sonhos eram bem mais horríveis do que quaisquer outras que eu pudesse ter imaginado. Eu não era tão criativa assim. Pior ainda do que as minhas suspeitas de que Amon corria perigo era o fato de eu não poder falar com ninguém a respeito. Ninguém sequer sabia da sua existência.

Bem, isso não era de todo verdade. O Dr. Hassan sabia, mas morava do outro lado do mundo. Eu lhe escrevera depois de voltar para casa, e dizer que ele estava feliz por eu continuar viva seria um eufemismo, embora eu tivesse certeza de que ele já havia entendido isso quando não conseguira encontrar meu corpo na pirâmide depois de Amon e seus irmãos terem salvado o mundo. Eu estava bem orgulhosa por ter participado da coisa toda, embora enganar Amon para fazê-lo usar minha energia quase tivesse me matado.

Levei um mês para receber a resposta do Dr. Hassan; todos os dias, verificava feito doida a caixa postal que havia alugado para nossa correspondência secreta. Ele disse que eu não me preocupasse, que Amon gozava da proteção dos deuses, que ele havia escondido bem os três irmãos e que eu deveria me orgulhar dos sacrifícios que tinha feito para garantir a segurança do mundo.

Suas cartas se resumiram mais ou menos a isso. Com o passar do tempo, foram ficando cada vez mais curtas. Era como se ele também quisesse que eu simplesmente esquecesse tudo que havia acontecido e seguisse com a minha vida. Mas como eu poderia fazer isso? Amon assombrava meus sonhos. Não que eu não ficasse feliz em vê-lo. Eu ficava, sim. Mas os horrores que ele era obrigado a enfrentar bastariam para fazer qualquer garota, mesmo uma que tivesse visto as coisas que eu vira, sair correndo até o hospício mais próximo.

Meus pais estavam preocupados. Embora eu tentasse agir como se estivesse levando uma vida normal, minha insônia começava a ficar perceptível. Eles não faziam ideia de que eu tinha quase morrido e me apaixonado por uma múmia linda de morrer – trocadilho acidental – que voltara à vida, nem que havia passado uma temporada no Egito. O fato de eu ter conseguido chegar ao final do ano letivo sem que minhas notas caíssem já era uma conquista e tanto.

Eles não sabiam quanto a experiência com Amon no Egito havia me transformado. Eu mesma não sabia como havia mudado até chegar em casa. Pensava que tudo fosse transparecer no meu rosto, toda a emoção, todo o trauma, toda a… morte, mas meus pais só repararam nos meus cabelos. Antes castanhos e lisos, sem nada de especial, os fios estavam agora cheios de mechas louras em diferentes tons. Nenhum dos dois gostou.

A primeira coisa que minha mãe disse foi: “Onde você estava com a cabeça?” Na mesma hora, pegou o telefone e deu uma bronca no nosso cabeleireiro, que não tinha nada a ver com a história, mas na mesma hora abriu lugar na agenda para consertar o “estrago”. Com uma voz baixa, mas séria, informei à minha mãe que gostava das mechas e pretendia mantê-las. Dizer que meus pais ficaram chocados com esse meu pequeno ato de rebeldia é pouco.

Por mais que meus pais tenham protestado em relação à minha decisão de manter as mechas louras, recusaram com veemência meu pedido para me chamarem de Lily em vez de Lilliana. Consequentemente, comecei a me sentir uma estranha na minha própria casa. Para ter paz, disse que iria para a faculdade que eles escolhessem, contanto que pudesse passar o verão na fazenda de minha avó em Spring Lake, no Iowa. A faculdade em que eu iria estudar não tinha mais importância, pensei, e esse arranjo contribuiu muito para aliviar os temores suscitados por meu novo estilo.

Depois que chegou a carta de aceitação, meus pais deram uma trégua e me deixaram em paz, ou seja, pude lamentar a perda de Amon sem ninguém perceber. Os meses foram passando, até que veio o dia da minha formatura.

Ao me encarar no espelho na manhã da colação de grau, fiquei arrasada ao notar que os reflexos dourados, a última prova tangível que tinha do toque dele, estavam desbotando. Àquele ritmo, no Natal já teriam sumido. Chorei um bocado antes de tomar um banho e me vestir para a cerimônia.

Se minha mãe reparou em meus olhos demasiado brilhantes, deve ter atribuído isso ao fato de eu estar abalada por deixar a escola. A verdade era que eu não estava nem aí para a escola. Não estava nem aí para a faculdade, nem para os outros meninos. Não estava mais aí para nada.

Logo chegou a hora de viajar para passar o verão, e fiquei surpresa quando meus pais quiseram me levar ao aeroporto. Talvez eles reparassem em mais coisas do que eu pensava, ou talvez estivessem apenas sentindo nostalgia por eu ter crescido e estar saindo de casa. Seja como for, o clima durante o trajeto foi meio esquisito.

Fiquei olhando para meu reflexo na janela do carro.

Meus olhos estavam grandes e sem brilho; meus cabelos, presos em um coque apertado e perfeito na nuca; e meus lábios, esticados em uma linha fina e dura, rígida feito uma régua escolar. Na verdade era isso que eu parecia: uma severa professora de escola. Um sorriso de ironia ergueu o canto da minha boca quando imaginei quanto Amon iria odiar meus cabelos daquele jeito. Ele os preferia soltos, desarrumados.

Após algumas despedidas em voz baixa e abraços tensos, meus pais me deixaram no caos do aeroporto. Ali, fui atingida de uma vez só por uma profusão de emoções. Lembrei-me de estar naquele mesmo aeroporto com Amon poucos meses antes, e de como, com um aceno e um sorriso cheio de charme, ele conseguira que qualquer um fizesse o que desejava.

Embarquei no avião e me acomodei na poltrona, lembrando-me de como até mesmo os gestos mais banais, como afivelar o cinto de segurança, eram totalmente novos e estranhos para Amon. Embora eu na verdade tentasse não pensar nele, essa parecia ser a única coisa de

que era capaz de fazer, e quando fechei os olhos, ninada pelo barulho do avião, vi-me outra vez no seu mundo.

Dessa vez ele não estava lutando com um monstro, o que foi um alívio, mas exibia um machucado feio na coxa, o sangue escorrendo na roupa. Com um arquejo, arrancou o tecido em volta da perna e envolveu o corte com as ataduras que havia criado a partir da areia. Ao seu lado, uma espécie de armadura estava largada no chão. Amon despiu a túnica, molhou-a em uma pequena bacia de água e esfregou os braços e o pescoço. Torci para que as preciosas gotas que escorriam pela lateral de um rochedo fossem bastar tanto para saciar sua sede quanto para limpar a ferida. O ambiente em volta era extremamente desolado e seco.

Embora vê-lo sem camisa tenha me deixado distraída, o que mais chamou minha atenção foi a expressão no seu rosto. Ele estava exausto e com muita dor, e não era só dor física. Perguntei-me se estaria sentindo tanto a minha falta quanto eu a sua.

– Amon? – sussurrei, sem querer.

No sonho, ele se imobilizou e olhou em volta; seus olhos brilharam no escuro com uma luz verde iridescente. Embora ele nunca tivesse conseguido me escutar antes, eu sempre tentava. Um dia talvez escutasse. Após alguns instantes, a tensão em seus ombros relaxou, ele se acomodou com as costas apoiadas em uma pedra e fechou os olhos. Seu peito nu começou a subir e descer em um ritmo regular que foi diminuindo com o passar dos minutos, e então algo mudou.

Enquanto seu corpo continuava dormindo, uma suave pressão me envolveu.

– Lily? – Ouvi aquela voz conhecida e abafei um soluço.

– Amon? Você consegue me ouvir? – perguntei à escuridão etérea.

– Sim, Nehabet. Consigo ouvir você.

– Isso está acontecendo mesmo?

Ele não respondeu na hora, mas depois de algum tempo falou:

– Gostaria que não estivesse.

– O que está acontecendo com você? – indaguei, desesperada. – Por que está sofrendo tanto? Pensei que você estivesse na vida após a morte. Achei que estivesse em paz. Por que você vive atormentado, noite após noite?

– Eu não tenho mais a proteção dos deuses. Abri mão da minha condição.

– Não estou entendendo. Como assim?

– Prefiro sofrer do que continuar a fazer o que eles mandam.

– Mas se você não salvar o mundo, quem vai salvar?

– Eles vão encontrar outro para me substituir.

– Ainda não estou entendendo. Eles estão punindo você?

Além de escutar seu suspiro, pude senti-lo.

– Não foram eles quem escolheram isso para mim. Fui eu quem decidi seguir por este caminho.

– É um caminho bem difícil, Amon. Seus irmãos não podem ajudá-lo?

– Nós estamos separados. Não há nada que eles possam fazer por mim agora.

– Detesto ver você desse jeito.

– Eu sei. Sinto muito por lhe causar dor. Não pensei que nosso vínculo fosse ser tão forte. – Ele fez uma curta pausa antes de completar. – Você também está sofrendo, jovem Lily.

– Não tanto quanto você – declarei, amargurada e com a voz trêmula.

– Não. Não tanto quanto eu. Mas mesmo assim está sofrendo. A culpa é minha. Foi a minha solidão que causou isso.

– Não foi seu desejo por uma conexão humana que causou isso. Foram os deuses. Eles não entendem. Todo mundo precisa ser amado. É totalmente natural.

Ele deu uma risada irônica.

– Eu já fui humano um dia, Lily. Mas agora sou algo totalmente diferente. Abri mão da humanidade em nome de um bem maior.

Uma trovoada rugiu no céu acima de sua forma imóvel, e nuvens revoltas se agitaram feito um oceano raivoso. Um raio brilhou, e seu corpo despertou com um tranco. Senti a perda da sua presença como se um cobertor quentinho houvesse sido arrancado de cima de mim. O chão estremeceu e ele se levantou cambaleando, cansado, e atraiu para si a armadura de areia até esta envolver seu corpo. Então ergueu o rosto para o vento, fechou os olhos e disse:

– Eu te amo, Lily. Mas está na hora de você acordar.

Amon então saiu correndo rumo à escuridão para enfrentar quaisquer que fossem os monstros que o aguardavam ali, deixando suas palavras a ecoar dentro da minha cabeça. "Eu também te amo", sussurrei, embora soubesse que ele não podia mais me ouvir.

Senti um cutucão no ombro, e alguém disse:

– Acorde, senhorita. O avião já pousou.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br